

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Matheus Lock Santos

**COMUNICAÇÕES TRANSVERSAIS: cruzamentos e confrontos de opiniões nas
redes digitais sobre o preconceito pós-eleitoral**

Porto Alegre - RS

2012

Matheus Lock Santos

**COMUNICAÇÕES TRANSVERSAIS: cruzamentos e confrontos de opiniões nas
redes digitais sobre o preconceito pós-eleitoral**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientador: Prof. Dr. Rudimar Baldissera

Porto Alegre

2012

Matheus Lock Satos

**COMUNICAÇÕES TRANSVERSAIS: cruzamentos e confrontos de opiniões nas
redes digitais sobre o preconceito pós-eleitoral**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Prof. Dr. Rudimar Baldissera (orientador)

Prof. Dra. Maria Helena Weber (UFRGS)

Prof. Dra. Suely Fragoso (UFRGS)

Profa. Dra. Cláudia Peixoto de Moura (PUCRS)

Porto Alegre, 23 de março de 2012.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao professor Dr. Rudimar Baldissera por toda sua dedicação, esforço, paciência e incentivo durante todo o processo de construção desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa de estudo que viabilizou minha dedicação completa para que esta pesquisa fosse realizada.

À Renata Pepl, por toda compreensão, carinho, atenção e amor dedicados em todos os momentos.

Um agradecimento especial à Sheyla e Mariana, por me apoiarem e estimularem incondicionalmente.

Aos familiares e amigos queridos por estarem presentes na minha vida e me ajudarem a chegar até aqui.

RESUMO

A sociedade contemporânea, atravessada por tecnologias digitais de comunicação e informação (TDCI), experimenta um período de constantes mudanças nas suas formas de estruturação, organização e também nas suas materialidades, práticas e saberes. Parece haver uma complexificação da dinâmica das disputas simbólicas políticas, implicando em alterações de várias ordens, principalmente nas relações existentes entre campo político, esfera midiática e sociedade, introduzindo novos processos, sociabilidades, atores, grupos etc. Em função disso, este trabalho tem por objetivo compreender como se estabelecem – nas esferas conversacionais dos blogs – as interações simbólicas, e como circulam, nas redes sociais digitais, as opiniões formadas nos embates opinativos e orientadas para a disputa na e pela opinião pública. Para tanto, por meio dos procedimentos metodológicos de análise de conteúdo e de análise de redes sociais, estudamos o episódio de racismo na internet contra os nordestinos, deflagrados pelos comentários da estudante Mayara Petruso logo após as Eleições Presidenciais do Brasil, publicados no dia 1º de novembro de 2010, tanto na plataforma Twitter, quanto no seu perfil do Facebook. Os resultados obtidos pelas análises demonstram uma série de potencialidades de ação proporcionadas pelas TDCI aos indivíduos, que possibilitam redimensionamentos dos capitais simbólicos, da esfera de visibilidade pública, do *common*, dos *habitus* individuais/coletivos e também da instância da opinião pública.

Palavras-chaves: Comunicação. Interações simbólicas. Esfera de visibilidade pública. Opinião Pública. Episódio Mayra Petruso. Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação.

ABSTRACT

Given a context extremely surrounded by digital technologies of communication and information (DTCI), contemporary society is undergoing constant changes in its forms of structuring, organizing, and also in its materiality, practices and knowledge. From this, there seems to be a complexification of the dynamics of symbolic political disputes, resulting in changes of several orders, especially in the relations between the political field, media sphere and society, introducing into it new processes, sociability, actors, groups etc. As a result, this study aims to understand how the symbolic interactions are settled within the blog's conversational sphere and how opinions formed within blogs circulate in digital social networks, leading to the symbolic dispute of public opinion. To achieve that, methods of content analysis and social networks were applied to study the episode of racism on the Internet against the Northeast Brazilian people, triggered by comments made on the 1st of November of 2010 - both on Twitter and Facebook - by the student Mayara Petruso, right after the presidential elections in Brazil. The results obtained by the analysis show a series of potential actions offered by DTCI to individuals, which enable the resizing of their symbolic capital and also on the realm of public visibility, in the common, in the individual/collective habitus and in the instance of public opinion.

Keywords: Communication. Symbolic Interaction. Sphere of Public Visibility. Public Opinion. Mayara Petruso Episode. Digital Technologies of Communication and Information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Twitter de Mayara Petruso.....	91
Figura 2 - Facebook Mayara.....	92
Figura 3 - Comentário racista nº 2 de Mayara no seu Twitter.....	92
Figura 4 - Comentário Sergio Abreu.....	93
Figura 5 - Comentário @kewenpantcho.....	93
Figura 6 - Comentário nickescheffer.....	94
Figura 7 - Comentário @fabiocampa.....	94
Figura 8 - Comentário @vgiovanna.....	94
Figura 9 - Comentários Felupi, OooCrítico e GabrielHogan.....	95
Figura 10 - Comentário PatrickLazare.....	95
Figura 11- Comentário @iuri95.....	95
Figura 12 - Comentário @raaulduarte – Paraná.....	96
Figura 13 - Comentário Daniella Lindner – Santa Catarina.....	96
Figura 14 - Comentário @Sou_PSDB.....	97
Figura 15 - Comentário purityart.....	97
Figura 16 - Comentário @mmonarin.....	97
Figura 17 - Comunidade EU SOU PAULISTA! (com orgulho).....	99
Figura 18 - Mapa Brasil pós-eleições Folha Online.....	103
Figura 19 - Comentário @morroida.....	104
Figura 20 - comentário de HCCG.....	113
Figura 21 - Comentário de Bárbara.....	121
Figura 22 - Comentário PTista Pilantra.....	122
Figura 23 - Comentário do interagente Não Sou Cego.....	125
Figura 24 - comentário de Francisco Francizete Paulino.....	126
Figura 25 - Comentário com recursos legitimadores.....	128
Figura 26 - comentário de indignação no blog Edhy Ghellen.....	133
Figura 27 - Comentário veloz964.....	134
Figura 28 - Comentário raulsenna.....	134
Figura 29 - Comentário PÍFIA.....	134
Figura 30 - Comentário Sara Carvalho.....	134
Figura 31 - Comentário Hugo Albuquerque.....	138
Figura 32 - Comentário Marcello Alexander e Dezesestado.....	147
Figura 33 - Comentário Caitz vlog.....	148
Gráfico 1 - Rede emergente a partir da publicação de Edhy Ghellen.....	152
Gráfico 2 - Rede emergente a partir da publicação de Idelber Avelar.....	152
Gráfico 3 - Rede emergente a partir da publicação de Ricardo Noblat.....	153
Gráfico 4 - Rede Híbrida: blog do Edhy Ghellen e do twiteiro Leandro de Paula.....	154
Gráfico 5 - Rede Híbrida do Biscoito Fino e a Massa e o perfil do Twitter de Thayz.....	155
Gráfico 6 - Rede de Filiação do Twitter de Edhy Ghellen.....	156
Gráfico 7 - Rede de Filiação do Twitter de Idelber Avelar.....	156
Gráfico 8 - Rede de Filiação do Twitter do Blog do Noblat.....	157
Gráfico 9 - Rede de Compartilhamento Edhy Ghellen e twiteiros.....	160
Gráfico 10 - Rede de Compartilhamento Idelber Avelar e twiteiros.....	161
Gráfico 11 - Rede de Compartilhamento Blog do Noblat e twiteiros.....	161

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Amostra dos blogs a serem analisado.....	84
Quadro 2 - Categorias de análise dos comentários e tweets.....	86/87/88
Quadro 3 - Cartografia do episódio Mayara Petruso.....	106/107
Quadro 4 - Indicativos sobre os atores e seus capitais adquiridos.....	112
Quadro 5 - Post e seus conteúdos.....	116
Quadro 6 - Opinião em Tweets - entre Tweets e Retweets.....	166/167
Tabela 1 - Características dos comentários realizados.....	117
Tabela 2 - Formas de apresentação dos interagentes.....	119
Tabela 3 - Diferentes formas de apresentação dos agentes.....	120
Tabela 4 - Tipos de opiniões publicadas nos blogs.....	123
Tabela 5 - As opiniões publicadas e suas relações com o caso Mayara Petruso/racismo.....	132
Tabela 6 - As opiniões restritas ao episódio Mayara Petruso.....	132
Tabela 7 - Posicionamento dos agentes em relação ao post e/ou aos comentários de outros agentes.....	137
Tabela 8 - Linguagem usada nas conversações.....	139
Tabela 9 - Acionamento de manifestações religiosas.....	140
Tabela 10 - Acionamento de manifestações regionais e de raça.....	141
Tabela 11 - Acionamento de capitais adquiridos.....	141
Tabela 12 - Acionamento de capitais de terceiros.....	142
Tabela 13 - Posicionamento dos agentes em relação ao post e/ou aos comentários de outros agentes.....	145
Tabela 14 - As manifestações relacionadas ao campo/contexto político.....	147
Tabela 15 - As manifestações que apresentaram construções argumentativas na defesa/apresentação de opinião/ideia relacionadas ao campo/contexto político.....	149
Tabela 16 - Tipo de Teewts repassados.....	167
Tabela 17 - Conteúdo dos Teewts circulados.....	169

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A OPINIÃO PÚBLICA EM PERSPECTIVA.....	18
2.1 Domínio Público, Esfera Pública e Opinião Pública.....	18
2.2 Derrocada e refeudalização da Esfera Pública.....	24
2.3 Rumo a um redimensionamento do espaço público e da opinião pública?.....	29
3 JOGO DAS OPINIÕES: UM DUPLO CAMINHO.....	38
3.1 Espaço Público e o Common.....	38
3.2 Habitus, Mercados Simbólicos e Opiniões Políticas.....	41
4 A PERSPECTIVA DA SOCIEDADE EM REDE E ESPAÇO PÚBLICO CONECTADO.....	52
4.1 Espaço Público Conectado: implicações sociais das TDCI.....	57
5 EXCLUSÃO E DIFERENÇA: O RACISMO E O EPISÓDIO MAYARA PETRUSO EM PERSPECTIVA.....	67
5.1 Racismo em construção.....	67
5.2 Racismo no Brasil e a diferença São Paulo/Nordeste.....	71
6 METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO.....	79
6.1 Procedimentos Metodológicos.....	79
6.1.1 <i>Corpus</i>	81
6.1.2 <i>Pesquisa Ex-Post Facto</i>	84
6.1.3 <i>Análise de Conteúdo</i>	85
6.1.4 <i>Análise de Redes Sociais Digitais</i>	88
6.2 Objeto de Estudo: o episódio de racismo pós-eleitoral.....	91
5.3.1 <i>Caso Mayara Petruso: contexto e desdobramentos</i>	97
7 O EPISÓDIO MAYARA PETRUSO EM PERSPECTIVA: A DINÂMICA INTERATIVA E A CIRCULAÇÃO DAS OPINIÕES.....	108
7.1 Blogueiros e seus capitais adquiridos.....	108
7.2 Publicações dos Blogs Edhy Ghellen, Biscoito Fino e a Massa e Blog do Noblat.....	113
7.3 As dinâmicas interativas e suas marcas de linguagem.....	116
7.3.1 <i>As interações e os diálogos em aberto: potencial de ação simbólica e de circulação e visibilidade de opiniões</i>	123
7.3.2 <i>Dinâmicas conversacionais e opiniões entre muros: potencial de aproximação tácita e afastamento diferencial</i>	131
7.3.3 <i>As estratégias de legitimação e a potencialidade performática</i>	136
7.3.4 <i>Opiniões em desalinho: entre o apoio e a oposição</i>	145
7.4 A circulação das opiniões nas redes.....	150

<i>7.4.1 Redes de emergência, híbridas e de filiação: dupla potencialidade na esfera de visibilidade.....</i>	<i>151</i>
<i>7.4.2 Redes de compartilhamento e a possibilidade de redimensionamento na dinâmica de luta simbólica.....</i>	<i>159</i>
<i>7.4.3 Opiniões em jogo: entre interações e fluxos no episódio Mayara Petruso.....</i>	<i>169</i>
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS.....	179
ANEXOS.....	190

1 INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos trinta anos, passamos a presenciar a expansão maciça das tecnologias digitais de comunicação e informação (TDCI) e a conviver com diversas novas possibilidades de interação e apreensão do mundo sensível. Juntamente a essa expansão, o mundo experimentou também, a partir de uma dialética de apropriação e transformação, diversos redimensionamentos e potencializações no seu modo de organização e estruturação, sejam elas relacionadas: aos sistemas de produção e reprodução do capital; ao armazenamento, gerenciamento e desenvolvimento do conhecimento; às formas de relacionamento e sociabilidade; e/ou ao fazer político.

As TDCI vêm sendo utilizadas não somente como plataformas de comunicação, sociabilidade, consumo, mas também como tecnologias de alto valor estratégico para o jogo político e para a articulação de opiniões políticas que não passam necessariamente pela lógica dos meios de comunicação tradicionais (formas alternativas ou complementares à mesma). Com as TDCI, parece complexificar-se a dinâmica do jogo de disputas simbólicas propriamente políticas, implicando em alterações e redimensionamentos de várias ordens, principalmente nas relações existentes entre campo político, esfera midiática e sociedade civil, introduzindo novos processos, práticas, sociabilidades, atores, grupos etc.

Em relação ao debate público e político na internet, as redes sociais digitais ganharam cada vez mais importância e se tornaram objeto de diversas discussões teóricas. Devido às suas características particulares, as plataformas digitais que possibilitam às redes sociais digitais são consideradas não somente artifícios que permitem a expressão individual e coletiva, mas tecnologias estratégicas de luta para a imposição de visões de mundo, tomadas de posição, resistências e articulação de opiniões políticas que escapam (ou ampliam) à lógica e à dinâmica dos meios de comunicação tradicionais (ADAMIC, 2005; ALDÉ, 2006; ARAÚJO, 2009; RECUERO, 2003; WARD, 2007).

O crescente uso das tecnologias midiáticas digitais, principalmente dos blogs e de plataformas como Twitter e Facebook, no debate e conversação política, na expressão de opiniões, na circulação de informações (e contra-informações) pode acarretar uma série de implicações na comunicação e no fazer político. Por um lado, as TDCI parecem possibilitar às pessoas uma forma de comunicação mais direta com o campo político; o contato com diferentes informações e idéias; um maior grau de manifestação, organização e mobilização

política etc. Por outro lado, além de as TDCI possibilitarem aos atores políticos o estabelecimento de contatos sem intermediários com os cidadãos, também parecem se constituir como alternativas para que consigam mais visibilidade pública e financiamentos de campanhas políticas, entre outras coisas. Para o campo midiático tradicional, as TDCI podem representar tanto um potencial de aumento de receita, com novas possibilidades de negócios, quanto novas formas de interação com os consumidores. Nesse sentido, é possível pensar que a partir da apropriação e uso das TDCI – por parte não só dos agentes da sociedade civil, mas também por atores políticos e midiáticos – as tensões entre as esferas de visibilidade, o campo político e a própria sociedade civil poderão ser potencializadas ou redimensionadas em suas dinâmicas de lutas e trocas simbólicas. A própria noção de opinião pública poderá ser relativizada frente à atual configuração comunicacional.

Se antes os indivíduos estavam acostumados a um ambiente midiático, de monopólio dos MCM, que ia de um polo produtor a um receptor (sem que isso significasse passividade no polo da recepção), agora a dinâmica parece se complexificar, com uma grande dispersão de vetores-força. E é nessa nova condição técnica digital que os indivíduos podem (ou não) adaptar seus velhos conhecimentos, ou seu *habitus*¹, e apreender novos esquemas cognitivos. Se os esquemas de percepção se adaptam a novas condições materiais de realidade, essa mudança não se restringe apenas à esfera individual, mas também ao âmbito coletivo. Assim, é possível pensar que a própria *doxa*, ou opinião informal habermasiana², poderá sofrer alterações no seu processo de formação a partir desse contexto, e isso poderá refletir também nas condições de constituição da opinião pública. Em função disso, as TDCI se tornam um terreno fértil para análises a respeito das interações simbólicas estabelecidas entre interagentes, das formas de circulação das opiniões e das possíveis implicações para a instância da opinião pública.

Concordamos com Gomes (2001, p. 2) quando afirma que “o dado irrecusável para [...] a área é que com a presença da internet a discussão sobre o tema da opinião pública encontra o seu terceiro grande momento, de forma que, novamente, as características e propriedades do fenômeno da opinião devem ser reexaminadas à luz dessa perspectiva”. Nesse sentido, pensamos serem relevantes para a área da comunicação trabalhos

¹ A compreensão da noção de *habitus* procede da teorização realizada por Bourdieu e será explicada no item 4.2, do capítulo 4.

² A opinião informal pode ser pensada tanto como senso comum quanto opinião coletiva – razão instintiva humana que liga os sujeitos de um mesmo contexto dando-lhes a sensação de realidade compartilhada. Essa concepção será melhor trabalhada no capítulo 3.

aprofundados que levem em consideração não somente a complexidade do contexto contemporâneo, mas também toda a potencialidade de ação, apropriação e utilização das TDCI por parte dos agentes em relação ao mundo social e político que habitam, e as implicações dessas ações e apropriações cognitivas sobre esses próprios sujeitos.

Diante disso, esta pesquisa tem como tema as formas como as disputas simbólicas, a circulação e as trocas de informações e opiniões se estabelecem, a partir das apropriações das TDCI realizadas por indivíduos comuns nas suas comunicações cotidianas e suas possíveis implicações na opinião pública. Para tanto, analisaremos o episódio de racismo na internet contra os nordestinos, deflagrados pelos comentários da estudante Mayara Petruso, publicados no dia 1º de novembro de 2010, tanto na plataforma Twitter³, quanto no seu perfil do Facebook⁴.

Depois de encerrada a contagem de votos do segundo turno da eleição presidencial brasileira, no dia 31 de outubro de 2010, que teve como vencedora a candidata do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff, assim como os comentários de Mayara Petruso, milhares de mensagens foram publicadas em sites de relacionamento manifestando descontentamento com o resultado e culpando preconceituosamente a população do Nordeste por isso. Esse episódio ganhou grande repercussão nas redes sociais digitais, na mídia tradicional e também no campo político.

Esse fenômeno nos parece muito ilustrativo, pois além de ultrapassar a barreira das redes sociais digitais, repercutindo tanto na mídia tradicional nacional⁵ e internacional⁶, *on e off-line*, envolveu também um grande número de pessoas, organizações civis, grupos de

³ Segundo Boyd, Golder e Lotan (2010) o Twitter é um microblog que possui características tanto de rede soacial quanto de blog, ou seja, uma plataforma onde as pessoas podem se expressar de maneira pública (para os seus seguidores) em apenas 140 caracteres.

⁴ Xiberras (2010) argumenta que o Facebook é uma plataforma relacional, onde pessoas podem criar laços com demais interagentes, se expressar, publicar fotos, trocar arquivos e informações, participar de comunidades e jogar jogos *online*.

⁵ Foram publicadas diversas matérias a respeito desse episódio, como por exemplo: “Estudante de Direito acusada de comentários preconceituosos contra nordestinos no Twitter perde estágio”, publicada no jornal O Globo, no dia 03 de novembro de 2010; e “Após vitória de Dilma, internautas enviam mensagens contra nordestinos pelo Twitter”, publicada no Estadão Online, no dia 01 de novembro de 2010. Ambas as matérias estão disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/11/03/estudante-de-direito-acusada-de-comentarios-preconceituosos-contr-nordestinos-no-twitter-perde-estagio-922941514.asp> e <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2010/11/01/vitoria-de-dilma-rende-xenofobia-no-twitter/>.

⁶ Matéria publicada no portal do jornal britânico The Telegraph no dia 04/11/2010, sob o título de “Brazilian law student faces jail for ‘racist’ Twitter election outburst”. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/southamerica/brazil/8111046/Brazilian-law-student-faces-jail-for-racist-Twitter-election-outburst.html>. O jornal estadunidense Uffington Post republicou essa mesma matéria em seu portal no dia 4 de novembro de 2010 - http://www.huffingtonpost.com/2010/11/04/mayara-petruso-brazilian_n_779162.html

agentes civis informalmente organizados, atores do campo político e midiático, que se manifestaram pró e contra, colocando em prática uma série de processos de interação social, produção, publicação, circulação e consumo de informações e opiniões. Esse acontecimento põe em evidência a participação ativa de diversos agentes (cidadãos dispersos no tecido social e não organizados) na luta para expor e dar visibilidade às suas opiniões e posições em relação ao mundo social em que vivem; agentes esses que outrora, de modo geral, tendiam ficar à margem das lutas simbólicas na esfera da visibilidade e da dinâmica da opinião pública.

Um aspecto importante, em relação à escolha do objeto, diz respeito diretamente ao conteúdo do acontecimento estudado: o racismo. A possível polaridade do debate sobre o episódio de racismo tem como ponto relevante para o trabalho a possibilidade de também visualizarmos as trocas de argumentos e opiniões ocorrendo fora das cercanias do mito da razão ou dos parâmetros dos ideais democráticos ou de uma esfera pública racional. Nesse sentido, a escolha do episódio Mayara Petruso como objeto de estudo, apresenta fertilidade para a compreensão do fazer comunicacional cotidiano mediado pelas TDCI e para verificar como tais trocas simbólicas podem obter níveis relevantes de visibilidade. A partir desse objeto, analisaremos um fenômeno no qual a disputa de opiniões pode revelar assimetrias nas relações de força, marcas culturais, cargas emocionais envolvidas, e também os constrangimentos de várias ordens no desenvolvimento dos debates. E nesse sentido, poderemos notar potenciais efeitos políticos, caso as interações ocorridas por meio das TDCI gerem opiniões com grande poder de adesão/mobilização e força simbólica suficiente para adentrar a instância de disputas da opinião pública.

Nessa direção, a questão norteadora desta pesquisa é: como se estabeleceram as interações simbólicas nas esferas conversacionais dos blogs e como circularam, nas redes sociais digitais, as opiniões formadas nos embates opinativos e orientadas para a disputa na e pela opinião pública, referentes ao episódio de racismo deflagrado pelos comentários de Mayara Petruso, após as eleições presidenciais de 2010?

Tendo em vista o problema traçado, a pesquisa terá por objetivo geral compreender como se estabeleceram as interações simbólicas nas esferas conversacionais dos blogs e como circularam, nas redes sociais digitais, as opiniões referentes ao Caso Mayara, formadas nos embates opinativos e orientadas para a disputa na e pela opinião pública. Além disso, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) Verificar como se configuraram os tensionamentos entre interagentes nos embates simbólicos ocorridos nas redes sociais digitais a partir do caso Mayara Petruso.
- b) Refletir, a partir das TDCI, sobre as implicações do redimensionamento da esfera de visibilidade e das esferas conversacionais para a dinâmica da opinião pública.
- c) Compreender como as TDCI podem influenciar a constituição dos *habitus* individuais/coletivos.

Como lente de análise desta pesquisa, valeremo-nos de conceitos propostos por teóricos como Herbert Blumer, ligado ao Interacionismo Simbólico, e Pierre Bourdieu⁷, pois acreditamos que será possível dar conta dos movimentos de interação que permeiam o fenômeno estudado e a dinâmica da opinião pública, levando em consideração os agentes sociais envolvidos, as relações simbólicas estabelecidas e a ambiente midiático ambiental. Segundo Blumer (1980), o interacionismo compreende a ação simbólica como fundamento de constituição da natureza sociedade – agentes dessa construção estão sempre reelaborando seus atos dentro de um processo contínuo de interação. O Construtivismo Estruturalista (BOURDIEU, 1990) por sua vez, busca dar conta não somente das estruturas objetivas do mundo social (concretas e simbólicas) que existem de forma independente da consciência dos agentes e que servem de balizas para as ações, representações, práticas e comportamentos desses agentes, mas também da própria ação criativa dos agentes sociais sobre os campos estruturados nos quais estão inseridos – uma teoria que compreende o agente dentro de um campo, criado pelo campo, campo esse que está dentro do agente e é criado por ele.

Os procedimentos metodológicos a serem empregados na análise do caso compreendem: pesquisa *ex-post facto*; análise de conteúdo e análise de redes sociais (ARS). A pesquisa *ex-post facto* será utilizada para retratar o Episódio Mayra Petruso de maneira aprofundada, descrevendo tanto o caso em si, quanto o seu contexto social e político. Dessa forma, recuperaremos informações no ambiente *online* sobre o acontecimento, desde a primeira manifestação da estudante Mayara Petruso, até a repercussão do tema entre os ambientes políticos e midiáticos. A análise de conteúdo, por sua vez, será usada para

⁷ Bourdieu define sua produção intelectual como sendo o Construtivismo Estruturalista. Conscientes da dupla crítica feita a sua perspectiva, onde, por um lado, acusam-no de ser determinista, e por outro, de retornar à filosofia do sujeito transcendental (BOURDIEU, 1990; BOURDIEU, WACQUANT, 1995); optamos por trabalhar com seu suporte teórico, juntamente com a vertente de Blumer do interacionismo simbólico, por entender que ambos darão condições necessárias para as análises pretendidas neste trabalho.

compreender como se estabeleceram as interações simbólicas na seção de comentários dos blogs analisados, as estratégias de legitimação de fala, as trocas argumentativas e as apropriações e ressignificações de outras manifestações nas disputas opinativas. Aplicaremos essa técnica em três blogs específicos: Edhy Ghellen, Biscoito Fino e a Massa; e Blog do Noblat. A última técnica usada neste trabalho será a análise de redes sociais. Ela servirá para verificar como circularam as opiniões oriundas dos blogs na plataforma Twitter. O detalhamento da metodologia da pesquisa, os critérios de definição e classificação e o processo de amostragem serão melhor descritos no capítulo 6.

Este trabalho está estruturado em oito capítulos, sendo o primeiro a introdução. No capítulo número dois faremos uma recuperação teórica sobre o conceito de opinião pública, desde sua construção sócio-histórica, até as implicações que essa noção teve na sociedade atual e seus efeitos políticos. Partindo de autores como Arendt (2010), Habermas (1997, 2003), Gomes (2000, 2008b), Foucault (1988), Bourdieu (1990, 2008b) e Champagne (1996), faremos uma discussão a respeito da dinâmica da opinião pública na sociedade contemporânea.

Para auxiliar na compreensão do episódio Mayara Petruso, apresentaremos no terceiro capítulo o suporte teórico que será usado como lente de análise da pesquisa; a saber, o Interacionismo Simbólico e o Construtivismo Estruturalista, baseado nos trabalhos de Blumer (1980) e Bourdieu (1990, 1997, 2003, 2008, 2008b). Assim, faremos a discussão de conceitos como espaço social; *habitus*; capitais adquiridos; poder simbólico; interação simbólica; além de conceitos que nos auxiliam a refletir sobre o tema proposto como, por exemplo, *common*, de Hardt e Negri (2004).

O quarto capítulo será dedicado às reflexões sobre as implicações sociais, econômicas e políticas proporcionadas pela expansão das TDCI. Dessa forma, a partir das discussões realizadas por Castells (1999, 2001, 2006) e Jenkins (2008), abordaremos questões referentes à estruturação da sociedade em rede a partir dos desenvolvimentos tecnológicos. Discutiremos também questões referentes ao espaço público complexificado pelas TDCI. Para tanto, valeremo-nos das teorizações de autores como Benkler (2006), Gomes (2008, 2010), Maia (2008) e Thompson (2008, 2009).

No quinto capítulo faremos uma recuperação conceitual sobre racismo a partir de autores como Bhabha (1998), Bourdieu (1990, 1997 e 2008b), Foucault (1996), Ianni (1978), Nogueira (2007) e Moore (2007). Considerando as especificidades deste estudo, realizaremos

recuperação documental a respeito das construções históricas – por meio das pesquisas de Albuquerque Jr. (2009), Florestan Fernandes (1978), Ianni (1978), entre outros – que contextualizem as diferenças estruturais entre o Estado de São Paulo e os do Nordeste, e com isso compreender o processo de migração entre as duas regiões e também as relações raciais das quais se estabeleceram ao longo desse processo. Além disso, detalharemos o episódio Mayara Petruso e seus desdobramentos.

O sexto capítulo será voltado à descrição da metodologia utilizada para analisar o episódio Mayara Petruso. A partir de Gil (1994), Bardin (1979), Fragoso, Recuero e Amaral (2011), explicaremos como se darão os procedimentos de pesquisa *ex-post facto*, da análise de conteúdo e análise de redes sociais, e também como foram estabelecidos os critérios de seleção da amostra.

No sétimo capítulo apresentaremos e discutiremos as informações obtidas através das análises de conteúdo e de redes sociais para compreender como se estabeleceram as interações simbólicas em blogs e como circularam nas redes sociais as opiniões acerca do episódio Mayara Petruso. A partir disso, discutiremos as potencialidades de uso e ação simbólica, proporcionadas pelas TDCI aos interagentes nos usos cotidianos e suas influências nos *habitus* individuais/coletivos. Além disso, trataremos da possibilidade de redimensionamento da esfera de visibilidade pública e da dinâmica da opinião pública por meio da expansão das TDCI. O oitavo capítulo trará as considerações finais referentes ao estudo realizado.

2 A OPINIÃO PÚBLICA EM PERSPECTIVA

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o episódio Mayara Petruso e visa compreender como se estabeleceram as interações simbólicas e a circulação de opiniões nas redes sociais digitais e suas possíveis implicações na instância da opinião pública. Em função disso, faz-se necessário adotar algumas perspectivas teóricas que nos permitam compreender os fenômenos e conceitos relacionados à noção de opinião pública. Nesse sentido, o quadro teórico a seguir fornecerá os pressupostos sob os quais esta pesquisa se desenvolverá.

2.1 Domínio Público, Esfera Pública e Opinião Pública

Ao trabalharmos com a ideia de opinião pública é importante levarmos em conta, conforme indica Champagne (1996), que esta é uma construção sócio-histórica que sofreu mudanças e desvios de sentido devido às diversas transformações estruturais econômicas, políticas e sociais desde sua primeira formulação. Dessa forma, por mais que seja um conceito iluminista, fruto de uma experiência concreta da esfera pública liberal burguesa, também é relevante compreender algumas concepções sobre as quais está atrelada e que fazem parte de sua construção sócio-histórica, como as concepções de política, domínio público e domínio privado.

As noções de opinião e público já estavam presentes no pensamento grego clássico nas teorizações sobre a *pólis* e sobre a política. Arendt (2010) mostra que a divisão entre o que era considerado privado e o que era público, nas cidades-Estado gregas, estava profundamente arraigada nos domínios da família e da política. A autora afirma que, segundo o pensamento grego, os homens tinham a capacidade de organizar a vida política completamente diferente da vida do lar, possuindo uma espécie de segunda vida à parte da vivida em família, a *bios politikos*, constituída pela ação (*praxis*) e pelo discurso (*lexis*).

O domínio privado era o local da família, onde os homens viviam juntos pela força compulsiva das vontades e necessidades de sobrevivência, e onde se concretizava a condição humana do trabalho – era considerado âmbito pré-político. Arendt (2010) afirma que, no lar grego só existia liberdade para o patriarca, que usava a violência para garantir a ordem e a subsistência. Era o único a ter condições de transcender as necessidades da sobrevivência, ascendendo ao domínio público da *pólis* grega, tornando-se cidadão.

Em contrapartida ao lar, o domínio público (também esfera pública ou *pólis*), era *per se* o local da aparência e emergência das coisas do mundo para um grupo de pessoas. Segundo Arendt (2010), era a partir da existência de um domínio público (que não levava em conta assuntos econômicos da ordem privada), constituído pela aparência e publicidade dos atos, feitos, objetos e discursos, que o mundo sensível ganhava sentido compartilhado entre todos os cidadãos iguais. Habermas (2003) argumenta que era na conversação entre os cidadãos que o mundo aparecia como realidade – por meio desta disputa é que os melhores se destacavam e se glorificavam, buscando a imortalidade da fama. Conforme Gomes (2006), nas disputas argumentativas é que a opinião ganhava grande relevância, sendo qualificada e julgada como verdadeira em função de sua pertinência com o modelo de realidade concebido.

A concepção grega de domínio público, conforme afirma Habermas (2003), passa pela Idade Média sem força normativa, constando apenas conceitualmente nas categorizações do Direito Romano. Ainda, segundo o autor, será com o surgimento do Estado moderno e da esfera civil que a concepção grega passará a ter uma profunda ligação ideológico-normativa com a esfera pública burguesa. A gênese da esfera pública burguesa se configura já no século XIII, com a ascensão do primitivo capitalismo financeiro e mercantil que estabelecia novos elementos no sistema de trocas: a troca de mercadorias e informações. Habermas (2003) apresenta três elementos fundamentais para o surgimento da esfera pública burguesa: 1) a transcendência do privado no público – o desenvolvimento do mercantilismo deu importância pública às questões da produção e trabalho, fazendo com que transcendessem a esfera privada; 2) o redimensionamento do domínio público em esfera do poder – expansão da administração estatal sobre a produção e o trabalho, controlando o que é de interesse público e normatizando a sociedade, excluindo do âmbito do poder as classes produtoras (burguesia); e 3) a emergência da imprensa livre – fonte de informação e ligação entre o domínio social (esfera civil) e Estado moderno.

Se a imprensa nasce como extensão das correspondências mercantis, tendo conteúdo superficial e folhetinesco, - assim como papel político e comercial restrito, com o desenvolvimento do próprio capitalismo –, esta ganhará força e importância aos olhos tanto dos cidadãos, quanto do Estado. Habermas (2003) argumenta que será com a imprensa livre e desvinculada do poder público que as opiniões e juízos individuais de pensadores e intelectuais burgueses ganham contornos públicos ao se tornarem visíveis a um grupo de pessoas privadas de maior amplitude. Thompson (1995), por sua vez, argumenta que, com a

expansão da imprensa, as noções de visibilidade e publicidade que permeavam o domínio público grego foram redimensionadas, pois já não havia mais necessidade da presença física para que as pessoas tomassem conhecimento dos acontecimentos em outras regiões, âmbitos e esferas.

Uma importante questão, em relação a essa imprensa nascente, diz respeito à dupla função que ela exercia: ao mesmo tempo, desempenhava um papel crítico diante do Estado; e também o de fonte de informações e opiniões políticas aos burgueses – segundo Gomes (2008), ela era o lugar, a ocasião e o meio de uma comunicação pública, e a plataforma de emergência da opinião pública. Habermas (2003) afirma que uma das consequências da crescente difusão de informações políticas foi a potencialização das conversações públicas sobre assuntos de interesse comum por parte dos burgueses letrados. A partir destas conversações mediadas pela imprensa livre, da necessidade da existência de uma esfera crítica ao poder público e de representação dos interesses da esfera econômica privada no Estado, nasce, nos salões, clubes e cafés, a esfera pública burguesa. Ainda segundo Habermas (2003), esse novo espaço de conversação civil era uma espécie de ligação entre setor privado – composto pela esfera íntima da pequena família burguesa (local da experimentação individual do mundo, das sensações e sentimentos e da intelectualidade) e pela sociedade civil (setor da troca de mercadorias e trabalho) – e o setor do poder público – constituído pelo Estado (poder normativo e policial) e pela Corte (aristocracia). Esta esfera era composta por pessoas letradas e proprietárias de bens que se reuniam para debater, discursiva e racionalmente, os principais assuntos do dia referente aos interesses comuns. Nesta concepção iluminista, havia alguns requisitos para sua existência: apresentação dos interesses e vontades privadas por meio de argumentos racionais; debate aberto a todos os cidadãos que se dispusessem a argumentar racionalmente; as opiniões e deliberações produzidas lealmente por consenso deveriam ser acessíveis a todos (HABERMAS, 2003; THOMPSON, 2010).

Segundo Champagne (1996), é na esfera pública burguesa que a ideia de opinião pública ganha força e relevância como instrumento ideal de luta e pressão política no projeto de emancipação da burguesia como classe. O autor argumenta ainda que a opinião pública, como idealização de um fenômeno social existente, foi utilizada como conceito-chave na ideologia burguesa para suas disputas de legitimação política e afirmação de suas necessidades e ambições perante a tirania aristocrática. Para Champagne (1996), a opinião pública ideal era fruto e resultado da esfera pública burguesa também idealizada - era mais

uma concepção de um dever ser do que a descrição propriamente dita de um fenômeno social concreto. No entanto, o autor afirma que essa opinião pública burguesa tinha pressupostos concretos e condições objetivas específicas que davam o suporte de realidade prática para que a eficácia simbólica do conceito se realizasse e se tornasse uma verdade observável de fato, fazendo com que a crença em sua existência levasse à sua instituição, e nesse sentido, os pressupostos e condições acabavam por convergir com as reivindicações e lutas. Habermas (2003) explica que a intenção burguesa era fazer com que o sistema político e os governos estatais fossem orientados pela opinião racional do público esclarecido, que, por meio de debates racionais e da publicidade de ideias e atos, chegaria ao poder mais alto da verdade, da justiça e do bem comum. Pela opinião pública, a burguesia buscava sua participação legítima no campo político, um aperfeiçoamento administrativo pelo poder do público e o afastamento do poder absoluto e arbitrário.

De acordo com Habermas (2003), embora, como ideal tanto a esfera quanto a opinião pública tivessem por princípios fundamentais a questão de acesso à informação e ao debate baseado na razão crítica, a concretização de sua prática se configurava de forma muito mais limitada e restrita à apenas uma pequena parcela da população. Aqui podemos retomar Champagne (1996) quando afirma o elitismo da pretensa opinião pública, mostrando que, até a primeira metade do século XVIII, as opiniões oriundas da população eram tidas como fruto de paixões desgarradas e não eram levadas em consideração nos debates dos salões – a opinião era menos a de um público, no sentido amplo, e mais a expressa e publicada pelos intelectuais burgueses legitimados por seus grupos de representação. Ainda segundo Champagne (1996), a noção de opinião pública funcionava como uma ideologia de transformação social nos moldes burgueses e como uma “arma de guerra” na luta por legitimação e poder no jogo político.

Habermas (2003) afirma que, com os intelectuais iluministas e liberais burgueses ao longo dos séculos XV ao XVIII, foi possível a realização de um processo crítico de racionalização da política sob chancela da prática do raciocínio público e da opinião pública, com o intuito positivista de aproximar a política da moral e da razão. De maneira complementar, Vattimo (1992) argumenta que havia uma grande necessidade e vontade, na Era Moderna, de clarificar o mundo e através da racionalização, da vontade de saber e da busca pela verdade, tirá-lo do obscurantismo das trevas Medievais. Vattimo afirma ainda que o ideal de transformação social da modernidade, cristalizado em última instância na opinião

pública, estava guiado pela utopia da absoluta autotransparência. Foi a partir do Iluminismo que os homens passaram a buscar um programa epistemológico radical de transformação social, focado em desvelar analiticamente as coisas do mundo e o próprio homem, que passa a ser seu próprio objeto de estudo nos mais diversos campos. Esse projeto de emancipação iluminista teve, como pressupostos fundantes, noções como a razão e a liberdade de pensamento e expressão, não só porque buscava a liberdade pela necessidade de conhecer o mundo sensível ou de sair do jugo Absolutista-Medieval, mas também porque em uma sociedade livre e racional o homem poderia tomar consciência de si por meio da esfera pública e da opinião pública. Através do ideal da esfera e da opinião pública como chave para o auto-esclarecimento do mundo e da consciência de si, o homem poderia alcançar, por meio da conversação racional e cooperativa, uma utópica sociedade transparente que liquidaria as trevas, as opacidades, os dogmas, os totalitarismos, os preconceitos etc.

Dessa maneira, podemos compreender o ideal de opinião pública como uma forma política de um grupo ou grupos de cidadãos letrados com interesses comuns em explicar e determinar o princípio de realidade e as formas de representação deste mesmo princípio. A forma de racionalização da política, através de uma opinião pública esclarecida, constitui um momento específico da história no qual um grupo estabelece seus princípios e proposições de classificação do mundo sensível, lutando pelo monopólio legítimo de fazer ver, conhecer e reconhecer. Bourdieu (2008) argumenta que a partir do momento em que um grupo social consegue impor uma maneira reconhecidamente autorizada de ver o mundo, essa mesma maneira de perceber irá afetar diretamente o mundo prático/objetivo, exercendo eficácia simbólica no mesmo. Ou seja, o autor afirma que, quando agentes autorizados (intelectuais, filósofos, agentes ricos em capital econômico e cultural, jornalistas e políticos) por grupos determinados obtêm reconhecimento – através de vários mecanismos sociais, inclusive os próprios meios de comunicação – de um grupo mais amplo, acabam por possuir o poder de impor programas de percepção legítimos sobre o sentido do mundo. Assim, quando as noções ideais de esfera e opinião pública tornam-se conhecidas e reconhecidas, passam a fazer acontecer e dar existências concretas a seus princípios de realização no mundo objetivo, criando, a partir de um efeito de teoria (entendido como o efeito das imposições dos programas de percepção existentes em qualquer explicitação objetiva) uma magia⁸ ou

⁸ Bourdieu (2008) compreende magia social como um golpe de força simbólica, um delírio coletivo bem fundado, que possui suas raízes em bases concretas e objetivas. Para Bourdieu (2008, p. 111) o ato de magia social “de tentar dar existência à coisa nomeada será mais bem sucedido quando aquele que o efetua for capaz de

fabulação social. Ainda de acordo com o autor, o efeito de teoria e de magia social será mais eficaz quanto mais suas proposições teóricas/ideais estiverem fundadas no mundo objetivo e nas experiências concretas. Assim, a emergência da opinião pública como conceito ideal e sua eficácia simbólica enquanto teoria assenta-se nas transformações sociais concretas da transcendência do trabalho e do mercado da esfera privada à pública, do redimensionamento do domínio público e da administração pública, e na explicitação do espírito Iluminista e liberal que se guiava pela utopia da autotransparência e da racionalização do mundo.

As consequências ocasionadas por esse efeito de teoria e magia social são relatadas por diversos autores, como o próprio Habermas (2003), Thompson (2009) e Champagne (1996), e vão desde modificações parlamentares, criação e elaboração de leis, regulamentações e normas, até a apropriação pelo sistema político de uma esfera pública institucionalizada. Fazendo uma analogia à análise de Foucault (2009) referente às funções exercidas pelo trabalho na Era Moderna, podemos pensar também nas funções sociais exercidas pela opinião pública. Nesse sentido, a opinião pública idealizada exercia uma tripla função: a simbólica, a produtiva, e a disciplinar. A função simbólica é o que estamos trabalhando até o presente momento, ou seja, a questão da opinião pública possuidora de uma eficácia simbólica tão forte a ponto de produzir um efeito de teoria e magia social que se concretiza nas estruturas sociais objetivadas. A função produtiva diz respeito a toda ação concretizada no mundo sensível que tenha resultados práticos produtivos, como, por exemplo, quando a pressão exercida por um grupo, o qual se afirma como porta-voz da opinião pública legítima, resulta na elaboração de leis, normas ou resoluções que lhe são favoráveis; ou quando, conforme explica Habermas (2003), a esfera pública assume funções políticas e normativas, tornando-se o centro organizatório do Estado de Direito Burguês⁹; ou então o princípio de liberdade de expressão e imprensa livre que se concretizavam constitucionalmente nos países europeus e nos Estados Unidos. A função de disciplina tem um caráter duplo: primeiramente condiciona o campo político e seus atores a se legitimarem perante a entidade abstrata da opinião pública em uma esfera de publicidade e representação mediada, não só pela imprensa e corporações de comunicação nascentes, mas também pela teatralização do debate parlamentar e das campanhas eleitorais; o segundo caráter dessa

fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante [...], qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social: [...] consagrar um novo limite.”

⁹ O exemplo mais concreto desta situação se deu na forma de governo parlamentar do Reino Unido após a *Reform Bill* de 1832. Estes e outros exemplos podem ser encontrados no livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, de Jürgen Habermas (2003), mais especificamente no capítulo III, artigo 11.

terceira função diz respeito ao poder disciplinador do princípio fundante da opinião pública, ou seja, da razão. Através da imposição disciplinar da razão que o homem colocou sobre si e sobre o mundo, acabaram ambos por tornarem-se objetos de análise e estudos, imbuindo-os de um caráter instrumental. Assim, por meio de uma razão transcendental emancipadora, o homem, “consciente de si” em função de uma opinião pública racional, concebe o mundo, o privado, o público e o social de forma pragmática e progressista, e age nesse mundo conforme os preceitos paradigmáticos e delimitações da razão e do que é racional. É a opinião pública como domesticação do homem racional.

2.2 Derrocada e refeudalização da Esfera Pública

Habermas (2003) argumenta que após vários anos as concepções e concretizações simbólicas liberal/iluminista de esfera pública e opinião pública foram sendo alteradas conforme a própria sociedade foi mudando estruturalmente: expansão cada vez maior da industrialização e do capitalismo, da urbanização e do surgimento da sociedade de massa; a emergência de uma indústria cultural; estatização dessa sociedade, com a desintegração ou entrelaçamentos mútuos do privado no público (ascendência da atividade econômica, que era de interesse familiar e privado, ao bem comum) e do público no privado (crescimento da intervenção estatal na normatização do mercado de trocas, criação de contratos e direitos privados e públicos, além da participação do Estado na produção industrial e na prestação de serviços outrora considerados privados).

A partir dessas transformações sociais ocorridas até a Era Contemporânea, Arendt (2010) vê emergir no mundo, principalmente com a massificação da sociedade, o domínio social em detrimento do público. A autora compreende esse domínio como o local da transcendência da condição do trabalho da esfera privada para a pública – essa transformação acaba por criar uma sociedade de trabalhadores¹⁰, de classes, de partidos políticos; todos defendendo seus interesses privados para manter sua sobrevivência. No âmbito social, o trabalho torna-se a mola propulsora do mundo, relegando para outras esferas a condição humana da ação, ou seja, a prática e o discurso que antes faziam parte do domínio público grego ficam marginalizados do social. A autora entende que, se no domínio público grego os

¹⁰ A autora compreende sociedade de trabalhadores não no sentido marxista, mas no de pessoas que consideram tudo o que fazem como essencial para seu sustento (ARENDR, 2010).

homens podiam se diferenciar, seja pelo discurso ou pelos atos, no social não há espaço para isso, apenas para comportamentos disciplinados de uma massa uniforme. Outra questão interessante levantada por Arendt (2010) é que em uma sociedade de massa o princípio de ligação e conexão social parece ou frágil, ou inexistente devido à dificuldade de congregação comunal – no domínio público grego, o princípio de ligação social era baseado na preocupação com a eternidade dos feitos. Na contemporaneidade, essa preocupação se diluiu na emancipação do trabalho em relação ao lar, pois a necessidade de racionalização da sobrevivência e objetivação instrumental do mundo criou um *presenteísmo* consumista – já não há mais um interesse comum que faça a ligação entre os indivíduos dentro de uma massa.

Tendo em vista essa argumentação, é importante também levarmos em consideração a emergência dos meios de comunicação de massa no que diz respeito a uma possível complexificação dos discursos e das práticas. Partindo da complementação e discussão proposta por Thompson (2010) sobre a teorização de Arendt, talvez seja possível pensar que os meios de comunicação de massa funcionaram, de certa forma, como um ponto de ligação social do princípio de realidade coletivo, através da publicidade e visibilidade dos discursos, ou seja, uma forma de elo entre pessoas diluídas na distância e deformidade da massa. Sendo a *praxis* e a *lexis* elementos relevantes constitutivos da *pólis*, das esferas comunicacionais e do próprio agir humano, temos de levar em consideração as transformações possibilitadas pelo surgimento dos meios massivos de comunicação justamente na condição humana da ação, pois esses meios que tinham (e ainda têm) como mote central de prática a representação da ação e dos discursos, além de serem portadores do próprio princípio discursivo no período iluminista na sua ação de publicidade e expansão da visibilidade. Segundo Vattimo (1992), com a imprensa também foi possível a dissolução da hegemonia do ponto de vista único e das grandes narrativas. O autor argumenta ainda que apesar de haver uma lógica de mercado e de entretenimento nos conteúdos midiáticos, com potencialidades de homogeneização cultural, eles também liberam a manifestação de um ilimitado número de vozes e culturas, seja através dos MCM (no jornalismo, documentários, filmes, novelas¹¹, entrevistas etc.), seja pela apropriação destas técnicas por grupos minoritários para a expressão de suas culturas.

Considerando ainda as discussões levantadas por Thompson (2010), podemos perceber outro aspecto relevante que diz respeito à inserção do discurso e das formas simbólicas dos

¹¹ Um bom exemplo da utilização de telenovelas como ferramenta de expressão cultural e de educação social pode ser visto no artigo *Entretenimento-educação e participação: avaliando a estratégia de comunicação de Soul City*, do professor dinamarquês Thomas Tufte, publicado em 2004.

MCM nas esferas privadas e públicas. Temos de atentar para a capacidade de penetração destes produtos comunicacionais em ambos os domínios e como eles podem afetar as interações sociais e a própria organização política. Nesse sentido, o clássico trabalho de Habermas, *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, traz grandes aprofundamentos a respeito da emergência dos meios de comunicação nas sociedades de massa. Contudo, Habermas (2003) também vê uma desintegração da esfera pública liberal a partir de diversas mudanças estruturais que a sociedade moderna e a contemporânea sofreram ao longo dos séculos.

Habermas (2003) cita quatro grandes mudanças sociais que foram fundamentais para a desarticulação da esfera pública existente nos moldes burgueses e para existência de uma esfera pública contemporânea: 1) avanço do Estado nas esferas sociais e privadas; 2) desmantelamento da esfera privada; 3) transformação da esfera pública em local de disputa de interesses; e 4) a monopolização e domínio da esfera pública pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural. O primeiro e o segundo aspectos estão estritamente interligados, pois dizem respeito ao progressivo avanço do Estado na normatização da esfera econômica (regulamentação do mercado e das relações de produção e também da reprodução das relações de produção capitalista) e na esfera privada. Habermas (2003) afirma que nas sociedades contemporâneas a família já não é mais o núcleo produtor do trabalho, ficando assim alheia a esse processo, e o que antes era garantido aos indivíduos pelo núcleo familiar, agora é garantido pelo Estado a partir de políticas de bem-estar social.

O terceiro aspecto relatado por Habermas (2003) versa sobre a ampliação da esfera pública no quesito de acessibilidade ao debate, pois se antes, na esfera burguesa, um dos princípios de entrada estava relacionada aos bens e propriedades dos indivíduos, na esfera pública contemporânea há apenas a necessidade do uso público da razão. Nesse sentido, diversos grupos adentraram na esfera de debate para defender seus interesses, independente se através da razão ou de outras formas de pressão política, fazendo com que a esfera de debate se tornasse palco de lutas e confrontos políticos de interesses privados.

O quarto aspecto diz respeito ao monopólio e domínio da esfera pública pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural. Habermas (2003) afirma que a imprensa passou por uma grande transformação em relação ao seu papel junto à sociedade; deixou de exercer uma publicidade crítica e esclarecida em relação ao governo, passando a ser uma empresa capitalista que necessita conquistar a atenção do público/consumidores, valendo-se de sua publicidade sedutora e persuasiva, para vender produtos e anunciantes: é a

despolitização da imprensa. O autor argumenta que, em consequência disso, o público já não é mais chamado para legitimar criticamente as decisões políticas, mas somente para decidir plebiscitariamente, sem discussão racional, alternativas previamente determinadas. Não há mais espaço para a razão em uma esfera pública dominada pelos MCM, há apenas manipulação de uma população subjugada passivamente pelos produtos comunicacionais das grandes corporações e das organizações políticas profissionais¹². Neste quadro complexo de transformações sociais, Habermas (2003) compreende que a esfera pública foi refeudalizada e a opinião pública no sentido clássico dissolvida, restando apenas uma encenação da mesma.

Para explicar o fenômeno concreto da formação da opinião pública na sociedade contemporânea, Habermas (2003) desenvolveu uma proposição sociológica de esclarecimento. Compreendendo que a sociedade de massas está envolta pela indústria cultural e sua publicidade manipulativa possui muito pouco da publicidade crítica necessária para a formação de uma opinião pública, o autor acredita que não é mais possível a existência da construção liberal da “opinião pública”, ou seja, de uma opinião que seja dividida coletivamente e proveniente de uma cooperação de razões de um público intelectual.

Habermas (2003) vê o mundo das opiniões politicamente relevantes dividido basicamente em dois segmentos: o sistema informal, de opiniões pessoais e não-públicas; e, como contraponto, o sistema formal, das opiniões institucionalmente autorizadas, oficial ou oficiosamente. No sistema informal de opiniões, segundo o autor, existem três níveis comunicacionais que se interpolam na formação das opiniões não-públicas que emergem das massas: aspectos culturais, nos quais ocorrem as transmissões socioculturais (senso comum de realidade); experiências cotidianas; e socializações pautadas pelos meios de comunicação.

A opinião informal, na concepção habermasiana, é o resultado do intercâmbio dos clichês resultantes destes três níveis e serão determinadas basicamente pelas formas coercitivas das opiniões inerentes aos grupos em que as pessoas estão inseridas. A opinião informal, que emerge das relações grupais, é uma opinião que por um lado está presa à tradição e cultura, mas por outro, recebe manipulações dos produtos da indústria cultural, ou seja, essa opinião é flexível e maleável, sendo muito mais adotada pelos indivíduos do que realmente interiorizada e racionalizada. Influenciado pelo modelo “*two-step flow of communication*” de Lazarsfeld, Habermas (2003) compreende que, quando a opinião informal

¹² Essa profissionalização passa desde a criação de agências de publicidade e relações públicas voltadas para os assuntos e campanhas políticas até a criação de pesquisas supostamente científicas para o conhecimento da população e opinião coletiva (HABERMAS, 2003).

não for diretamente (verticalmente) influenciada pelos meios de comunicação de massa, será influenciada por intermediários dentro do público (horizontalmente), ou seja, pelos líderes de opinião. É interessante notar que em todos os níveis de formação e expressão de opinião o autor deixa muito pouca margem para a reflexão, o raciocínio ou para o uso da razão pela massa, seja em âmbito privado ou público.

Já no sistema formal das opiniões, Habermas (2003) aponta a existência de outras duas formas de opinião: a opinião quase-pública e as opiniões publicamente manifestas. A primeira delas diz respeito às esferas oficiais ou oficiosas, institucionalmente reconhecidas como participantes do campo político e administrativo do Estado. Na outra ponta do sistema formal das opiniões, estão os meios de comunicação de massa, que fazem a intermediação e a conexão entre a esfera do campo político, com suas opiniões quase-públicas e a massa, com suas opiniões informais e seus líderes de opinião. Devido à transformação da função crítica da imprensa, Habermas (2003) compreende que a imprensa empresarial passa a ser o centro da informação na sociedade de massa e seus produtos terão sempre o intuito de divertir, seduzir, manipular e vender, influenciando acriticamente toda a sua audiência, seja direta ou indiretamente. Além disso, as opiniões políticas publicamente manifestas são também, salvo raras exceções, meras tentativas de influenciar o público consumidor.

Habermas (2003) argumenta que entre o mundo das opiniões informais e formais existe um constante entrelaçamento. Nesses intercâmbios, as opiniões informais da sociedade civil podem influenciar e serem influenciadas pelos campos políticos e midiáticos. Já os MCM podem exercer influência e pressão no campo político. Esse último, por sua vez, se valerá de estratégias especializadas para a construção de sua imagem, no intuito de influenciar os MCM e a população.

Ainda segundo o autor, seriam esses os problemas em relação à especificação de uma opinião pública *stricto sensu* a partir de uma esfera pública estruturalmente transformada. Mas ele também aponta a existência de tendências sociais para o surgimento, não de uma “opinião pública” no sentido liberal, mas de uma opinião na qual os setores da opinião informal e da opinião quase-pública são colocados em contato por meio de uma publicidade crítica. Essas tendências são cristalizadas nas esferas públicas existentes no interior das associações de cidadãos privados organizados racionalmente para deliberar e participar ativamente da política. O grau do caráter público dessas opiniões vai depender se essa provém da esfera pública interna à organização de um público e também se a esfera interna à organização se

comunica com a esfera de publicidade externa que se constitui no intercâmbio jornalístico-publicitário através das mídias e entre organizações sociais e instituições estatais.

2.3 Rumo a um redimensionamento do espaço público e da opinião pública?

As concepções de Habermas e de Arendt trouxeram grande contribuição teórica, tanto para estudos relacionados às transformações sociais e políticas, quanto aos vinculados a formação das opiniões e vontades, e suas ligações com os sistemas políticos desde a Era Grega à Contemporânea. Nesse sentido, Gomes (2008) salienta que a ideia de Esfera Pública habermasiana se tornou conceito chave para as teorias sociais e estudos sobre política, funcionando como uma noção mediadora entre Estado e Sociedade Civil, possuindo importantes funções nos sistemas democráticos como a de publicidade das ações políticas, legitimação do poder e debate de temas sensíveis à sociedade em geral.

Porém, conforme afirmam Gomes (2008) e Thompson (2009), a compreensão de Habermas sobre a esfera pública nas sociedades contemporâneas se apresentava um tanto crítica. Para Habermas (2003), um dos grandes culpados pelo esvaziamento da discussão na esfera pública era os MCM e sua publicidade despolitizada, sedutora e manipulativa. Em contraposição a essa perspectiva, Gomes (2008) argumenta que, se de fato houve esvaziamento da discussão na esfera pública, isso não se deve somente à ascensão dos MCM, mas também ao êxito do projeto político liberal burguês nas sociedades capitalistas. O autor afirma ainda não haver sacrifício do debate e da discussão pública racional pela emergência dos MCM e que é possível ver na comunicação de massa uma ampliação tanto da publicidade/visibilidade, quanto da discutibilidade.

Em sua discussão sobre as teorizações de Habermas, Thompson (2009) argumenta que, compreender o contexto sócio-político do século XX como uma refeudalização da esfera pública é focar somente a questão da representação manipulativa, relegando ao silêncio questões como acessibilidade a informações diferentes. Outro ponto discutido por Thompson, referente à esfera pública habermasiana, diz respeito ao suposto papel passivo que o receptor exerce diante dos produtos comunicacionais dos meios massivos e a facilidade de manipulação das opiniões. Thompson (2009) argumenta que para além dessa relação manipulativa, existe um novo tipo de fragilidade dos processos políticos possibilitados pelos MCM, como, por exemplo, a vulnerabilidade dos atores políticos no que diz respeito à sua

imagem e seus atos em um contexto no qual as informações estão acessíveis a uma grande parcela da população.

Após trinta anos da publicação de *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (publicado em 1962), Habermas retoma a discussão sobre a noção de Esfera Pública na obra *Direito e Democracia: entre facticidade e validade* (publicado em 1992), apresentando revisões e reformulações na sua anterior concepção. Habermas (1997) considera, em seu novo projeto, a esfera pública como um fenômeno social elementar, um domínio reconhecido, mas não institucionalizado, onde há possibilidade de livre fluxo de informações, opiniões, argumentos, debates etc., que são originários do mundo da vida (vivido tanto privadamente quanto coletivamente) e onde se formam as opiniões e as vontades coletivas e públicas. O autor afirma (1997, p. 92) que a “esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas [...]”.

Habermas aponta ainda que a esfera pública está ancorada no mundo da vida e se produz a partir do agir comunicativo – orientação dos sujeitos para o entendimento mútuo por meio de cooperação. Por ser o domínio social da ação comunicativa, a esfera pública não possui estrutura normativa (apenas comunicacional), especialização ou regras de diferenciação, mas possui diferentes papéis (oradores, atores, público espectador etc.), sendo por isso aberta e livre para todos os cidadãos, funcionando também como uma espécie de caixa de ressonância, na qual os sensores sociais dão conta de trazer à tona (buscando obter visibilidade) questões e temáticas pertinentes aos problemas vivenciados. E diferentemente da concepção anterior, a esfera pública revisada não necessita de um espaço físico para sua existência, podendo se formar de maneira abstrata por um público de leitores, ouvintes ou espectadores. Assim, Habermas proclama a existência de diferentes níveis de esferas públicas devido à densidade comunicacional, a complexidade de sua organização e o seu alcance: esfera pública episódica – encontros presenciais, bares, lojas etc.; esfera pública da presença organizada – eventos, conferências, shows, comícios etc.; e esfera pública abstrata – produzida pelos meios de comunicação social – TV e seus espectadores, rádio e ouvintes etc.

Por ser um local de livre fluxo de informações e manifestações, onde ocorrem conversações e debates em prol do entendimento e da solução dos problemas, a esfera pública do agir comunicativo cristaliza-se como o nascedouro das opiniões públicas. No entanto, Habermas (1997) argumenta que, por mais que não haja limitações normativas na esfera

pública, possibilitando ampla circulação de mensagem e inclusão de participantes, existem determinadas regras para a estruturação da opinião pública. Segundo Habermas, os temas, problemáticas e argumentos levantados pelos sensores, devem ser elaborados de forma “mais ou menos” racional e postos em confronto com outras posições (visando conquistar influência) para assim poder estruturar uma opinião pública qualificada que tenha condições de gerar influência no sistema político. Conforme argumenta Gomes (2008), essa nova opinião pública habermasiana deve estar vinculada diretamente ao mundo da vida: ser resultado da discussão pública livre, racional e baseada na cooperação comunicativa.

Em relação à nova perspectiva da esfera pública habermasiana, Gomes (2008b) apresenta alguns aspectos que podem ser debatidos para melhor compreensão das relações sociais entre sociedade civil, Estado e sistema político. Nesse sentido, Gomes mostra que a construção teórica de Habermas apresenta uma tendência de normatizar e idealizar a esfera pública e, conseqüentemente, também a opinião pública, elaborando um dever ser para ambas, com determinadas regras de valoração para obtenção de êxito qualitativo – além de apresentar apenas suas funções benéficas para a democracia: liberdade, igualdade, cooperação, busca pelo bem comum etc. No entanto, Gomes argumenta que a concepção de esfera pública deve comportar também as competições, estratégias discursivas, exclusões, censuras – e poderíamos acrescentar também os mecanismos de exclusão foucaultianos que Habermas (1997) faz questão de expurgar de sua esfera pública no intuito de justificar o potencial de autotransformação das mesmas. Além disso, Gomes argumenta que seria justo pensar a esfera pública com vetores comunicativos em vários sentidos e não em um único como propõe Habermas – do mundo privado à esfera política. Dessa maneira, é possível compreender a esfera pública com vetores comunicacionais vindos da esfera política, ou dos meios de comunicação, em direção ao mundo da vida (GOMES, 2008b).

Outra questão relevante na argumentação de Habermas, que acreditamos ser necessária uma complexificação, diz respeito a um dos seus pilares fundamentais, formadores e qualificadores das opiniões públicas: a razão. Importa salientar que não compreendemos a opinião pública como um produto da razão ou uma construção baseada nos princípios racionais, pois pensamos que se fosse dessa maneira, estaríamos: a) pressupondo a existência da razão enquanto coisa em si ou entidade que transcende à condição humana, mas fundante dessa mesma condição - como um fenômeno de concretude real, definidor da própria essência do homem, ou seja, uma verdade imutável – para além da razão haveria também uma

moralidade definidora e fundante da humanidade; e/ou b) pressuporíamos a razão como normatividade de pensamento e conduta, um *locus* de julgamento universal, cujos padrões definidores serviriam de paradigma para a compreensão do que venha a ser racional ou não racional em qualquer período histórico. Nesse aspecto, concebemos a razão, assim como a verdade, a vontade, o bom, o mau, como ficções criadas e recriadas de maneira a elaborar e organizar a compreensão do mundo sensível. O pensamento racional é uma interpretação, ou seja, ele não é nada além de uma forma de classificação do mundo a partir de pressupostos tomados como verdade e fundamento, e a razão serve de conceito chave que impõe métodos de compreensão e ferramentas de inteligibilidade de dada situação em dado contexto – propõe disciplina à *léxis* e à *práxis*. A partir disso, pretendemos pensar a opinião pública sob outra ótica, sem um dever ser intrínseco, um imperativo condutor ou uma natureza ôntica. Recolocando a razão como ficção e não como fundamento, teremos condições de pensar a opinião pública como um produto simbólico socialmente construído pelas relações sociais cotidianas, sem *a priori* ou normatividade idealista, mas com força de verdade para se instituir e gerar efeitos políticos e sociais.

Apesar de todo avanço no debate em relação à opinião pública, proporcionado pelas reformulações teóricas de Habermas, é importante visualizarmos construções alternativas e também complementares, no sentido de avanço nas discussões. Assim, Gomes (2000, 2008b) atenta para o fato de que, para além da interpretação habermasiana – desenvolvida sob uma “moldura republicana” e fundada no princípio kantiano de publicidade das razões (baseada no mundo da vida e no agir comunicativo) –, existem outras formas de entendimento e apropriações de sentido que tomaram força ao longo do século XX e hoje colaboram para tornar a concepção de opinião pública mais plural e também mais nebulosa. Essas diferentes formas de entendimento, fundamentadas com outras perspectivas e vieses, podem servir para evidenciar a necessidade de uma revisão teórica da concepção de opinião pública.

Uma das formas de apropriação, a que compreende opinião pública como opinião coletiva oriunda das massas, já vinha sendo utilizada para descrever os fenômenos sociais das manifestações populares desde o século XIX. Champagne (1996) argumenta que essa concepção de opinião pública representa as tomadas de posições políticas de um grande número de cidadãos que se unem em torno de problemáticas para exercer força dentro do jogo político e passou a ser reconhecida enquanto tal no momento em que a massa deixou de significar irracionalidade para a elite política. Gomes (2008b) aponta outra forma de

utilização da ideia de opinião pública: devido ao alto nível de exposição e acessibilidade a um grande público, as opiniões publicadas na esfera de visibilidade social (composta pelos MCM) acabam sendo consideradas como sinônimo de opinião pública. Nesse sentido, a publicidade vira sinônimo de visibilidade e por isso, quanto maior o grau de visibilidade de uma opinião publicada, maior será seu nível de publicidade. Outra compreensão da ideia de opinião pública está vinculada às sondagens de opinião¹³, que buscam descrever e retratar o fenômeno socialmente concreto das opiniões políticas coletivas através da soma das opiniões pessoais. Gomes (2004) ressalta que é importante considerar que essas pesquisas de opinião surgiram como uma espécie de necessidade tanto política quanto “científica” de se conhecer constantemente as predileções da população em relação à política nos sistemas democráticos.

Essa multiplicidade de significados da ideia de opinião pública contemporânea está diretamente associada com a inserção e entrada de novos grupos, instituições, organizações e agentes sociais nas disputas simbólicas dos campos políticos nos sistemas democráticos. Talvez não seja possível descrever o fenômeno concreto da opinião pública devido à complexidade do mundo sensível, seus campos sociais, suas classes, seus agentes com suas formas de perceber a realidade, e a multiplicidade de tomadas de posição e opiniões que se originam dessa complexidade social. Nesse sentido, seguindo a linha de Champagne (1996), talvez seja possível afirmar que a opinião pública não exista em si, como fenômeno social concreto e apreensível, com unicidade funcional de acontecimento, mas apenas como crença e magia social que exerce efeitos bem concretos no mundo objetivo.

A opinião pública existe como realidade política por efeito de crença que se exerce tanto nos campos políticos e midiáticos, quanto na esfera civil e nos diversos grupos de pressão e classes sociais – a ideia de opinião pública faz parte de um sistema simbólico propriamente político, mas que extrapola os limites do seu campo, atingindo todas as áreas e esferas nas sociedades democráticas. Dessa forma, conforme argumenta Gomes (2004), ela entra estrategicamente na conta do jogo político de diversos atores. O campo político a toma,

¹³ Nesse aspecto, importa levarmos em conta as críticas de Bourdieu e Champagne sobre as pesquisas de opinião. Bourdieu (1990) argumenta que, por mais que as sondagens sejam consideradas como a descrição do fenômeno objetivo da opinião do público, é preciso levar em consideração suas relações de interdependência com o campo político, empresarial e midiático. Além disso, tanto Bourdieu (1990, 2008b), quanto Champagne (1996), apontam diversas falhas e dificuldades técnicas que essas pesquisas apresentam na sua formulação, aplicação e análise – nesse sentido, ambos argumentam que as sondagens são muito mais um artifício de utilização política rotulado como a “descrição da opinião pública” ao fazer o somatório de opiniões pré-fabricadas, do que o fenômeno propriamente dito. Para maiores detalhamentos das críticas de Bourdieu (2008b, 1990), ver “A distinção: crítica social do julgamento” e “Coisas ditas”. Em relação à Champagne (1996), ver em “Formar a opinião: o novo jogo político”.

ora como forma de pressão direta de uma massa de pessoas, ora como a entidade abstrata do público de cidadãos do país (em ambos os casos a expressão está diretamente ligada com a questão de votos, representação e representatividade), ou ora como peça de negociações e disputas inerentes ao fazer da política. A esfera de visibilidade (MCM) usa a ideia de opinião pública, ora como arma de pressão sobre o campo político, ora se posicionando como a promotora, advogada, juiz e júri de determinadas causas perante o olhar da “opinião pública”. A esfera civil, por sua vez, a toma, ora através de mobilizações de classe que buscam inserir seus interesses e problemáticas num âmbito de maior publicidade social para estar diante da opinião pública e angariar apoio, ora com a pretensão de ser a própria opinião pública.

Independente do significado utilizado nas apropriações, a ideia de opinião pública sempre traz consigo uma potencialidade permanente que exerce efeitos simbólicos nos mais diferentes campos e esferas sociais. Dessa forma, podemos pensar que, conforme sugerem as teorizações de Bourdieu (1990, 1997, 2003, 2008, 2008b) e Champagne (1996), a opinião pública contemporânea, antes de ser uma opinião oriunda da racionalidade discursiva e argumentativa – uma opinião abstrata de uma população, uma quantificação numa sondagem ou uma opinião de manifestação popular – será uma instância ideológica¹⁴ de luta simbólica pela obtenção da legitimidade de fala e/ou pelo direito de pretender impor as visões e classificações de mundo. Pode ser concebida como uma instância simbólica de disputas de poder – sendo mais uma entre outras espalhadas pelo tecido social – entre diferentes grupos, classes, instituições, partidos, agentes sociais etc., que se enfrentam simbolicamente para fazer ver, conhecer e reconhecer suas problemáticas políticas perante, não somente aos agentes que compõem o jogo político, mas também perante a esfera de visibilidade e a população do país, ou pelo menos, dos concernidos (direta ou indiretamente) em determinados assuntos.

A disputa se dá pela tentativa de universalização dos interesses (individuais ou coletivos, privados ou públicos) a partir da introdução da problemática, das proposições ou

¹⁴ A compreensão de ideologia usada neste trabalho foi tomada de Thompson (2009). O teórico compreende que “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2009, p. 76). Ou seja, ele compreende a ideologia como um sentido que é mobilizado nas formas simbólicas de maneira a manter ou estabelecer relações de dominação e poder. Por meio das trocas simbólicas realizadas cotidianamente nos contextos sociais entre agentes de campos distintos (ou não), com capitais distintos (ou não), com posições e trajetórias distintas, é possível perceber a objetivação da ideologia na mobilização de sentido (forma simbólica como ideia-força), no intuito de produzir e reproduzir relações de força assimétricas estabelecidas no mundo social. Na ótica de Thompson (2009) a ideologia pode operar de diversas maneiras como: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Podemos agregar a operação ideológica de fetichização elaborada por Zizek (2009).

das formas de classificação do real nessa instância de luta simbólica chamada opinião pública, no intuito de obter (re)conhecimento (inserção na extensão do domínio da esfera de visibilidade), adesão e legitimação (na qual a alteridade se enxerga no universal e o toma para si). Nesse sentido, a chancela de “opinião pública” em determinados temas/problemas funciona como potencialização desse tema/problema como ideia-força dentro do jogo político, podendo exercer efeitos concretos no seu funcionamento – caso certo assunto obtenha a glória democrática da intitulação “opinião pública”, ou de estar ligado diretamente a ela, o mesmo poderá obter maior grau de reconhecimento e legitimidade e, conseqüentemente, poderá concretizar sua pretensão de realização devido a sua potencial força de mobilização e pressão.

Por mais que possa haver hegemonias simbólicas na instância da opinião pública, sua dinâmica de lutas não possui uma forma de dominação que seja totalizante ou determinista, pois por se realizar nas relações simbólicas de força nos tecidos sociais, que são assimétricas na sua estruturação (campos sociais diversos com diferentes, e por vezes contraditórias, classificações e visões de mundo), podemos perceber os diferentes vetores de força em conflito e com isso retomar Foucault (1988) quando afirma que onde há dominação e poder, há resistência, ou seja, onde há ideia-força dominante, sempre haverá uma alternativa em oposição, contraste e desafio; caso contrário, a ideia hegemônica entra em outras instâncias simbólicas, como a da ortodoxia, do mito, ou do fundamentalismo.

Por ser uma instância que gera efeitos simbólicos e objetivos nas estruturas do tecido social, a opinião pública apresentará funções específicas e uma dinâmica que lhe é própria. De forma similar ao que já fora argumentado a respeito da opinião pública liberal iluminista, a função social exercida atualmente pela instância simbólica da opinião pública tem também um aspecto triplo: é ao mesmo tempo uma função simbólica, produtiva e disciplinar. A primeira delas produz a eficácia simbólica de concretizar os princípios e fundamentos democráticos nas democracias modernas. A produtiva diz respeito aos resultados práticos e positivos das ações concretizadas pelas pressões políticas. A função disciplinar, além do duplo caráter exposto anteriormente, traz outra face: a disciplina e o condicionamento das disputas simbólicas políticas à dinâmica própria dessa instância formatada pelos atravessamentos da esfera de visibilidade, da indústria cultural e dos MCM.

Conforme Gomes (2004), a dinâmica de disputas simbólicas realizadas na e pela instância da opinião pública coloca em tensões constantes três grandes esferas sociais: campo político, composto por partidos, associações de classes, sindicatos, instituições públicas (e

público/privadas), atores políticos, representantes de interesses privados, profissionais da política de imagem etc.; esfera de visibilidade social, composta pelos MCM, empresas e conglomerados de comunicação, indústria cultural, jornalistas, celebridades, intelectuais da mídia, veículos etc.; e esfera civil, formada pelos cidadãos dispersos no tecido social e não organizados, associações, movimentos sociais, academia, instituições privadas (e público/privadas), mercado, empresas privadas etc. Numa sociedade atravessada pelos meios de comunicação de massa, com sua lógica do espetáculo, a esfera de visibilidade acaba por se tornar não somente uma das maiores fontes de informação política, mas também a grande mediadora entre o campo político e a sociedade civil, fato esse que leva a diversas transformações e variados tipos de tensões entre as instituições, organizações e atores envolvidos. Nesse sentido, Gomes afirma que “o resultado, para a política e para a vida civil, é o grande espetáculo da política gerado cotidianamente para a apreciação das audiências dos telejornais da noite e dos leitores dos jornais da manhã. Também desta forma a política se encena, na tela ou nas páginas dos jornais” (GOMES, 2004, p. 356).

Ao longo das tensões entre campos e esferas sociais na dinâmica interna às lutas simbólicas realizadas na instância da opinião pública, temos, por um lado, uma disputa pelo controle da visibilidade e da publicação da informação política entre campo político e esfera de visibilidade; por outro, temos a questão do acesso às informações pertinentes à sociedade civil e à construção cognitiva de significação. Gomes (2008) vai apontar para um choque entre a esfera pública legitimada, de essência argumentativa, que pretende deliberar sobre a coisa pública, e a de visibilidade, de essência expositiva, que mostra a esfera anterior através de sua lógica de campo e do mercado no qual está inserida.

Segundo afirmam Gomes (2004) e Thompson (1995), nas disputas pelo controle de visibilidade pública nas sociedades democráticas o Estado e a política acabam por ter sua força reduzida perante os MCM. Weber (2006) explica que os atores, instituições e organizações públicas e políticas estão – de certa forma – reféns da lógica do espetáculo circulante nas mídias e, para romper as barreiras mercadológicas e de campo social, necessitam recorrer a uma sofisticada máquina de produção de conteúdo, promoção e relações públicas. O grande desafio é ficar visível aos olhos dos públicos para, assim, poderem propor aos mesmos suas imagens idealizadas (BALDISSERA, 2004) e, com isso, adquirir a credibilidade (capital político) necessária para o jogo político. Nesse sentido, fazendo um paralelo com a afirmação de Weber (2006), quando diz que ser visível nos meios de

comunicação é existir politicamente para o grande público, podemos pensar que ser visível é estar presente e ativo nas disputas simbólicas na instância da opinião pública.

Até meados da década de noventa do século passado, a dinâmica de lutas simbólicas realizadas na e pela opinião pública se desenvolviam segundo as tensões, conflitos e cooperações de toda ordem entre campos, tendo os MCM como um agente ativo e um mediador entre as esferas política e civil. Porém, a partir dos desenvolvimentos tecnológicos relacionados principalmente com a comunicação e a informação, essa dinâmica se vê potencialmente alterada. Quando entramos numa era comunicacional onde a sociedade fica envolta por uma miríade de tecnologias digitais, não são somente as estruturas sociais que são potencializadas; parece que a própria condição humana de ação sofre alterações, pois no momento em que há uma nova condição material de conhecer e perceber o mundo sensível, as práticas e os discursos sobre o mesmo também podem ganhar novos contornos, angulações, apropriações, usos, derivações, ressignificações e efeitos. E com isso, diversas transformações sociais se desencadeiam, possibilitando mudanças que afetam as interações humanas básicas e cotidianas, as formas de consumir informações, o monopólio de produção e difusão de informação e o domínio da esfera pública pelos MCM, as movimentações e manifestações políticas, e pode, até mesmo, potencializar redimensionamentos na dinâmica da instância de lutas simbólicas da opinião pública.

No capítulo a seguir, para auxiliar na reflexão do caso estudado e de suas implicações sociais, e também para complementar o quadro teórico desenvolvido até o momento, articularemos conceitos e teorias do desenvolvidas por Blumer e Bourdieu.

3 JOGO DAS OPINIÕES: UM DUPLO CAMINHO

Ao se realizar uma pesquisa científica, é importante levar em consideração as discussões e teorizações mais proeminentes, e de maior referência para a temática proposta. No caso do presente trabalho, por tratarmos de um tema relacionado à opinião pública, sociedade civil, meios de comunicação e esfera política, é de grande relevância que o conceito da esfera pública seja abordado e discutido, principalmente o elaborado por Habermas.

Porém, no intuito de compreender os possíveis redimensionamentos da dinâmica da opinião pública enquanto instância ideológica de disputas simbólicas e também as práticas sociais de formação das opiniões políticas no mundo sensível, desde as interações simbólicas entre os indivíduos e as relações que estabelecem com as estruturas sociais, ocorridas a partir do episódio de racismo nas redes sociais digitais, optamos por adotar – em função das possibilidades teóricas para avanço na discussão – a concepção de espaço social, ao invés de esfera pública. Essa noção está diretamente vinculada aos conceitos do trabalhados por Blumer e Bourdieu.

3.1 Espaço Público e o Common

A construção teórica do espaço social, desenvolvida por Bourdieu, parte de uma visão na qual o mundo e a realidade se constituem relacionalmente, de forma coletiva e dentro de um processo histórico. Nesse sentido, o autor compreende o espaço social, não como a supressão do espaço (privado e familiar) e da ação (público constituído pela *práxis* e pela *léxis*), mas como o local onde a própria condição de existência humana se concretiza, reunindo tanto o trabalho, quanto a obra e a ação. Esse é o espaço de produção, reprodução e circulação, não apenas das ideias, informações e opiniões individuais e coletivas sobre “as coisas”, mas onde são elaboradas e tensionadas as formas de classificação do mundo sensível (ou mundo da vida habermasiano) e de condicionamento (dar condição a) da *léxis* e *práxis*, no intuito de impor determinada visão sobre a ordem das coisas.

A utilização do conceito espaço social possibilita compreender e abordar de forma distinta, devido sua amplitude e abrangência (sociológica e filosófica), a posição de mediação exercida pela esfera pública entre o mundo da vida e as esferas político-administrativas, a função de ponte entre o privado e o público, nas teorias sociais e políticas, na dicotomia

Estado/Sociedade Civil. Nesse sentido o espaço social é base de sustentação tanto da Sociedade Civil, da esfera privada, dos indivíduos, quanto do Estado, do público, do coletivo. Esse espaço é o que Hardt e Negri (2004) chamam de *common* - aquilo que existe e emerge em comum –, um espaço construído e reconstruído na comunhão social pela e na comunicação, nas relações de troca de sentido acerca desse mesmo comum: é o local da formação e transformação do social, do privado, do público, dos sistemas, das estruturas, das nomenclaturas, classificações e das organizações, onde o sentido é criado, empregado, instituído e transformado.

Partindo das premissas de Blumer e das teorizações de Bourdieu, podemos compreender que é no espaço social que os homens têm condição relacional de apreensão do mundo concreto e simbólico em que estão inseridos: é nele que as aparências exteriores se cruzam e se fazem notar, seja por suas posições e papéis exercidos nas estruturas sociais, seja pelas disposições diferenciadoras adquiridas por esses sujeitos na experimentação prática das posições e papéis. Também é nesse espaço que os sentidos e significados do real são construídos na e pela interação entre os interagentes segundo seus capitais e esquemas perceptivos/interpretativos (BLUMER, 1980; BOURDIEU, 1997). De acordo com Bourdieu (1997, p. 47, tradução nossa):

A noção de espaço contém por si mesma o princípio de apreensão relacional de mundo social: afirma, com efeito, que toda «realidade» que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem. Seres aparentes, diretamente visíveis, sejam indivíduos ou grupos, existem e subsistem na e pela diferença, ou seja, pelas posições relativas que ocupam em um espaço de relações que, embora invisível e sempre difícil de demonstrá-lo empiricamente, é a realidade mais real (o *ens realissimum*, como afirmava a escolástica) e o princípio real do comportamento dos indivíduos e grupos¹⁵.

A partir de Bourdieu (1997), podemos conceber o espaço social como uma estrutura dinâmica de posições coexistentes, direta ou indiretamente conectadas, definidas umas em relação às outras (relações de proximidade ou afastamento e por relações de ordem), distribuídas ao longo do espectro social, possuindo delimitações, limites, práticas, condicionamentos, processos de produção e reprodução que lhe são próprias e que as

¹⁵ La noción de espacio contiene, por sí misma, el principio de una aprehensión relacional del mundo social: afirma en efecto que toda la «realidad» que designa reside en la exterioridad mutua de los elementos que la componen. Los seres aparentes, directamente visibles, trátese de individuos o de grupos, existen y subsisten en y por la diferencia, es decir en tanto que ocupan posiciones relativas en un espacio de relaciones que, aunque invisible y siempre difícil de manifestar empíricamente, es la realidad más real (el *ens realissimum*, como decía la escolástica) y el principio real de los comportamientos de los individuos y de los grupos.

destacam das demais. Este espaço é regido pelo princípio de diferenciação de posições e papéis – pode se concretizar em diversos tipos de capitais acumulados (econômico, cultural, social, político, simbólico etc.) - será este princípio que dará a possibilidade aos indivíduos e grupos de se conhecerem e reconhecerem enquanto pertencentes a uma classe social¹⁶, conhecendo e reconhecendo os elementos de classificação que definem e delimitam, implícita ou explicitamente, os locais de pertença do “eu” e do “outro” dentro do espaço social.

No entanto, é importante ressaltar que, segundo Blumer (1980), esse espaço social de posições interconectadas se estabelece não pela existência de estruturas transcendentais à condição humana, mas pela estruturação e ordenação do mundo sensível estabelecidas nas interações simbólicas entre agentes sociais que as (re)constroem num processo constante de apropriação/interpretação dos significados historicamente constituídos para a adequação de suas linhas de ações neste mesmo espaço social. Conforme salienta o autor, é relevante considerar que o espaço social concebido através dessas estruturas não é algo rijo, fixo e determinista, mas sim um espaço relacional em movimento permanente de elaboração e reelaboração de suas estruturas, sentidos e significados, formado por grupos sociais e agentes com disposições e esquemas interpretativos diversos e que existem (vivem) no mundo em ação contínua.

Bourdieu (1997) argumenta que as posições no espaço social são assimétricas, ora complementares, ora antagônicas, traduzindo-se num campo de relações de forças e poder onde as tomadas de posição dos atores sociais serão elaboradas a partir das posições ocupadas, seus capitais e esquemas cognitivos/interpretativos adquiridos ao longo das experiências vividas e das disposições diferenciadoras apreendidas; esses atores sociais se confrontam “com meios e fins diferenciados segundo sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo deste modo para conservar ou transformar sua estrutura¹⁷” (BOURDIEU, 1997, p. 49, tradução nossa). Ainda segundo o autor (2008b), a distinção e a distribuição dos agentes ao longo das posições nas estruturas dos campos e do tecido social, vão se dar em função de três dimensões articuladas. Num primeiro nível, as diferenças primárias - que classificam pessoas/classes em relação às condições materiais de existência e subsistência - se

¹⁶ Bourdieu não crê na existência da classe de forma concreta e objetiva (um grupo mobilizado de posse de um objetivo comum lutando antagonicamente contra outra classe), mas sim em diferenciações sociais que podem gerar antagonismos e oposições sociais, levando a disputas e crenças na própria existência da classe concreta. As distinções sociais constituem classificações de grupos e classes em potencial, com capacidade ou não de mobilização. (BOURDIEU, 1997; 2008b).

¹⁷ Con medios y fines diferenciados según su posición en la estructura del campo de fuerzas, contribuyendo de este modo a conservar o a transformar su estructura.

localizam no conjunto de recursos disponíveis e utilizáveis por determinados agentes e grupos, ou seja, no volume global de capital adquirido. Esse volume de capital é a quantidade de recursos, materiais, acesso, disposições, habilidades práticas etc., em relação às condições essenciais de vida acumulados por um grupo/agente ao longo do tempo. Cada tipo de acúmulo material caracteriza uma espécie distinta de capital – econômico, se forem bens materiais; escolar, se forem diplomas e títulos; culturais, se forem bens culturais; etc.

O segundo nível, muitas vezes mascarado pela contundência explícita da força do volume do capital global adquirido, diz respeito à estrutura de distribuição e acúmulo de capitais diferentes (BOURDIEU, 2008b). Nesse sentido, podemos ter distinções de grupo que aparentemente possuem um volume igual de capital, mas a estrutura da divisão do mesmo é diferente, gerando, com isso, não somente posições diversas, mas formas de perceber e agir no mundo – existem grupos com grande excedente em capital econômico, mas em contrapartida, a quantidade de capital cultural disponível é menor em comparação com outros de volume semelhante, mas com menos capital econômico e maior capital cultural¹⁸. O terceiro nível proposto por Bourdieu (2008b) diz respeito à evolução no tempo desses capitais. Assim, é possível compreender que, a partir das experiências vividas ao longo do tempo nas trajetórias individuais/grupais, que podem cruzar diversos campos sociais, existem condições de alteração do volume e da estrutura dos capitais adquiridos, e isso pode acarretar implicações nos esquemas cognitivos/interpretativos dos agentes – influenciando a formação dos gostos, estilos, preferências, escolhas, tomadas de posição e opiniões políticas. Será por meio de apropriações realizadas no desenrolar de suas experiências vividas que os agentes irão incorporar as dinâmicas e lógicas de funcionamento de cada um dos campos sociais atravessados, gerando, como resultado das incorporações, disposições de práticas e ações futuras.

3.2 Habitus, Mercados Simbólicos e Opiniões Políticas

É importante ressaltar que cada grupo ou classe social possui, não somente composições volumétricas e estruturais de capital que lhes são próprias (devido às estruturas sociais, o acesso a recursos etc.), mas também disposições diferenciadoras e

¹⁸ Para um melhor detalhamento das diferenças estruturais dos capitais adquiridos, ver *A Distinção: crítica social do julgamento*, de Pierre Bourdieu, (2008b).

esquemas cognitivos de apreensão e percepção do mundo objetivo. Em outras palavras, cada grupo possui seu próprio *habitus*¹⁹ que irá condicionar (no sentido de criar condições para, e não determinações) suas tomadas de posição em relação ao mundo prático. Bourdieu (1997, p 19, tradução nossa) afirma que “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unitário, ou seja, um conjunto unitário de escolhas de pessoas, bens e de práticas”²⁰.

Podemos considerar então o *habitus* como uma noção mediadora, na qual as experiências passadas são acumuladas constantemente como uma espécie de repositório cognitivo conforme são vividas, servindo de matriz referencial perceptiva em todas as situações e que serão o guia das práticas cotidianas – o *habitus* é um capital acumulado que faz do agente um mundo dentro de um mundo. Conforme Bourdieu (2009c), o *habitus* faz a mediação entre o espaço social e as ações a serem realizadas, formando um senso prático que orienta em vista de possíveis lucratividades. Nesse sentido, Bourdieu (2009c, p. 87) afirma que:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Wacquant (2009) explica que o *habitus* não se resume a uma aptidão natural, pois também é socialmente construído e por isso mesmo é variável (ou findável) no tempo conforme o campo social, a situação ou práticas envolvidas e realizadas, mas possui certa

¹⁹ Wacquant (2009) afirma que a noção de *habitus* usada por Bourdieu tem suas raízes no pensamento da filosofia clássica em Aristóteles (hexis). Ainda segundo o autor, esse conceito foi retrabalhado por São Tomás de Aquino na Idade Média e também foi utilizado por teóricos como Émile Durkheim, Marcel Mauss, Max Weber e Thorstein Veblen, mas foi na fenomenologia de Husserl que teve maior destaque, utilizando-o como o repositório das experiências passadas e das ações vindouras que condicionavam a conduta mental. Essa noção Husserliana se assemelha a de hábito do “corpo vivido” utilizada por Maurice Merleau-Ponty (MERLEAU-PONTY, 1945). Bourdieu argumenta (1990, 2009b) que a utilização da ideia de hábito dos filósofos da escola fenomenológica como Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty explicita o entendimento de que o ser tem uma relação de cumplicidade ontológica com o mundo que o cerca.

²⁰ El *habitus* es ese principio generador y unificador que retraduce las características intrínsecas y relacionales de una posición en un estilo de vida unitario, es decir un conjunto unitario de elección de personas, de bienes y de prácticas.

estabilidade e certa autonomia relativa ao meio presente. Por mais que esteja condicionado pelas delimitações estruturais do espaço onde o sujeito está inserido e pelas delimitações associadas à posição ocupada e ao papel exercido nesse mesmo campo, Bourdieu (1990) salienta que o *habitus* não é nem reflexo autômato das variáveis externas, subjugado a um determinismo do mundo, nem essência metafísica inerente a cada indivíduo; é, ao mesmo tempo, um sistema de disposições, percepções e produções práticas que visam organizar o mundo para agir criativamente nele, e é também uma espécie de estado habitual, de estar no mundo, uma tendência ou inclinação. Nessa concepção, o agente não se constitui como autômato ou determinado, mas como um indivíduo criativo habitado pela necessidade histórica e que tem com seu mundo uma relação de cumplicidade ontológica, mundo este que habita com os outros através de estruturas cognitivas e de percepções partilhadas. É interessante perceber que o *habitus* não pode ser visto como pura réplica da estrutura social e nem como totalmente coerente com essa estrutura, porque a configuração do *habitus* individual dependerá das experiências prévias acumuladas, podendo ocorrer, assim, falhas quando esse *habitus* individual não tiver condições de ativar práticas para determinados momentos.

O *habitus* é desenvolvido socialmente e dentro dos espaços e campos sociais nos quais os agentes circulam e interagem – espaços e campos com sistemáticas próprias que são transformadas através de suas relações de poder e força (devido às assimetrias das posições, hierarquizações, classificações e disposições) internas e externas, como práticas de produção, aprendizados, sistemas simbólicos, discursos, saberes, valorações, acúmulos de capitais etc. Através das ativações das práticas do campo e das experiências e capitais adquiridos, os indivíduos vão incorporando e se apropriando da realidade e gerando seu próprio *habitus* em relação ao espaço e ao campo, ou melhor, vão atualizando-os concretamente (BOURDIEU, 2009a). Da mesma forma, o campo social também não será a determinação última do *habitus* ou da cultura, mas estará sugestionando sua elaboração por meio de suas estruturações. No entanto, os espaços sociais também não constituem imobilidades, pois os indivíduos têm condições de agir criativamente dentro deles, transformando-os incessantemente num processo dialético. Na perspectiva dessa inter-relação, Setton (2002, p. 63) dirá que *habitus* é:

[...] concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais

específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

A teoria praxiológica de Bourdieu pressupõe uma dialética entre sujeito e estrutura do espaço social, ou seja, existe um paradoxo de dependência autônoma entre indivíduos e o mundo que habitam. Por isso Bourdieu acredita que as ações e as opiniões dos sujeitos e dos grupos são resultado da relação entre o *habitus* interior e o espaço social numa determinada situação histórica.

A visão de indivíduo criativo de Bourdieu se aproxima muito com a do ser humano como organismo agente proposta por Blumer. O autor (1980) afirma que os homens não se comportam reativamente às causas exteriores, nem são subjugados aos poderes do subconsciente, mas respondem ativamente ao mundo por meio da autoindicação, ou autointeração, e da elaboração de linhas de ação (criação de estratégias). Assim, o homem interage consigo mesmo, com o seu eu-objeto (que é produto das interações sociais onde os outros criam a representação do indivíduo para ele mesmo), e com os significados socialmente estipulados, no intuito de proceder de maneira exitosa. Nesse sentido, podemos dizer que, ao observar a situação em que está inserido, o indivíduo realiza uma autoindicação dos objetos visíveis e imaginados, empregando-lhes significados a partir de suas capacidades cognitivas e interpretativas do *habitus*, que comporão um cenário contextual que servirá de base para a elaboração de uma linha de ação neste mesmo cenário. Poderíamos complementar essa ideia de Blumer com a noção de *performance* desenvolvida por Hardt e Negri (2004). Assim, as estratégias e ações dos indivíduos, baseadas no seu *habitus* e no espaço social de atuação, seriam realizadas nas performances diárias das relações sociais, possibilitando não somente uma (re)produção das interações de força, mas também sua reformulação ou mesmo subversão e superação. Assim, como o *habitus*, as performances estão diretamente relacionadas/condicionadas: às experiências e performances passadas, com as estruturas do espaço social; com o *common*; com os sistemas simbólicos e seus sentidos estabelecidos; com a bagagem cultural; e com as interações passadas e futuras (projetadas e esperadas).

A partir das disposições e incorporações adquiridas, Bourdieu (1990) argumenta que o *habitus* possibilitará sistemas de classificação, diferenciação e percepção do “eu” e do “outro” e é por essa condição que temos capacidade de reconhecer não somente as estruturas objetivas do mundo social, mas também as relações e as representações elaboradas sobre as mesmas – o *habitus* daria a possibilidade de o indivíduo reconhecer seu lugar no mundo e nas relações

com terceiros, ou seja; dá o *sense of one's place* de Goffman²¹. Assim, “através do habitus, temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente” (BOURDIEU, 1990, p. 159). O mundo é tomado como evidente, por um lado, porque o espaço social é composto por agentes que têm predisposições, propriedades, recursos e capitais diferentes, mas que estão sistematicamente interligados na dinâmica de funcionamento imanente desse mesmo espaço; por outro lado, porque ele é absorvido por meio de nossos cinco sentidos, que por sua vez, darão sentido às coisas através de estruturas cognitivas arbitrárias estabelecidas num processo sócio-histórico de relações e disputas.

Podemos entender o *habitus* como uma maneira de estabilizar e equilibrar o caos e multiplicidade do mundo sensível, convertendo-os numa realidade concreta e objetiva, de fácil compreensão e assimilação, na qual a ocorrência de diversos fenômenos são reconhecidos e equalizados em sistemas lógico/classificatórios, conformando verdades, princípios e fundamentos. Por meio do *habitus* temos a tendência de padronizar o mundo sensível, a partir dos sistemas simbólicos (estruturas cognitivas arbitrárias) e dos sentidos socialmente construídos e compartilhados, tornando-o compreensível e verdadeiro para as ações a serem realizadas – é a expressão da vontade de dominação, conhecimento e controle de uma dada situação e condição material em função da própria sobrevivência dos indivíduos. Será através do *habitus*, tanto individual quanto coletivo, que os indivíduos podem realizar apreensões, reflexões, afirmações, julgamentos e ter opiniões a respeito da realidade aparente que emerge e é “enquadrada” nos esquemas de classificação e sistemas de evidências.

As estruturas cognitivas arbitrárias usadas no processo de apreensão do mundo sensível são sistemas materiais estruturados que visam dar condições de inteligibilidade à realidade: as palavras são “como um intermediário estruturado que se deve construir para explicar a relação constante entre o sentido e o som” (BOURDIEU, 2009b, p. 09). Bourdieu (2009b) argumenta que as estruturas estruturadas são também estruturantes das formas de percepção, na medida em que são elas que dão as condições da tradução do sentido imediato das experiências. A visão de mundo dos sujeitos (suas tomadas de posição, opiniões individuais e coletivas, pré-conceitos, crenças etc.) será conformada por meio da incorporação das estruturas estruturantes como a língua, a religião, a arte, os mitos, as disciplinas, os discursos, a cultura etc., e essas, por sua vez, possibilitarão a descrição e a tradução do

²¹ Apesar dessa proximidade, Bourdieu (2008b) critica Goffman por compreender que o autor toma as estratégias de atuação individual e a percepção das posições sociais em dado contexto (que considera ser construções sócio-históricas, vinculadas a estruturas e condições sociais e cognitivas específicas) de maneira universal e totalizante.

mundo. São esses sistemas simbólicos que estabelecem a ordem gnosiológica dos indivíduos e por isso são vistos por Bourdieu (2009b) como um poder simbólico.

Na visão do autor, os sistemas simbólicos funcionam como elementos de integração social, pois são instrumentos de conhecimento e comunicação que auxiliam na formação de consenso sobre ideias, crenças e sobre a própria noção de realidade. Esses sistemas simbólicos são produtos das relações sociais, criados e recriados em comunhão – na e pela comunicação. Assim, ao mesmo tempo em que são estruturantes dos sujeitos, são também estruturadas e transformadas por eles num complexo processo de relação dialética. E nessa relação entre *habitus* individual, espaço social mediada pelas estruturas estruturantes, há um lugar para as incertezas, não determinismos, transformações múltiplas, dúvidas, caos, organização, dependência, subversão, rupturas sistêmicas e acontecimentos radicais.

A partir de Hardt e Negri (2004) podemos pensar os sistemas simbólicos como realidades comuns, ou seja, que fazem parte do que chamam de *common*, e servem de base social cognitiva para o contínuo processo de transformação do mundo sensível. O *common* possui um duplo caráter produtivo: primeiramente, por ser partilhado coletivamente, serve de fundamento para as ações e comunicações dos agentes nos espaços sociais – os espaços e campos sociais são produzidos por meio das bases e princípios compartilhados por todos agentes pertencentes a esses locais; além disso, também é o resultado da produção da comunicação social, ou seja, tudo que é construído relacionalmente pelos agentes torna-se *common* - novas linguagens, símbolos, rituais, códigos comuns etc. -, transformando, complexificando e ampliando suas bases e princípios. Conforme Hardt e Negri (2004, p. 197, tradução nossa) argumentam, essa “relação dual entre produção e o *common* – o *common* é produzido e também é produtivo – é chave para entender as atividades sociais e econômicas”²².

Por meio dessa dupla estruturação o espaço social com sua miríade de campos apresenta um mundo familiar aos agentes sociais, que existirá como representação ou ficção instituída e bem fundada. No entanto, segundo Bourdieu (1990), as formas de classificar o mundo e a constituição dos pontos de vista dependem das posições relativas ocupadas, dos capitais adquiridos, das disposições, das práticas e das representações coletivas realizadas sobre o mundo sensível ao longo das trajetórias dos agentes/grupos. Assim, é possível compreender que existem diversas maneiras de “contar a história” ou de ver “como as coisas

²² This dual relationship between production and the common – the common is produced and it is productive – is key to understanding all social and economic activity.

funcionam” por meio de representações e bens simbólicos produzidos e atualizados dentro dos grupos. E o contexto de interação e comunicação, no qual esses bens circulam e são consumidos, devem ser vistos, conforme afirma Girardi Jr. (2007), como *mercados simbólicos*. Girardi Jr. (2007) argumenta ainda que, é pelo fato de as trocas simbólicas se realizarem em campos de posições desiguais, onde ocorrem lutas de poder e dominação, que irão ocorrer também disputas pela classificação e percepção do mundo, pela imposição de visão legítima e pelo monopólio da “verdade” oficial.

As lutas simbólicas, voltadas para a determinação do sentido do “real”, podem ocorrer em dois níveis distintos: o objetivo e o subjetivo. Segundo Bourdieu (1990), no objetivo, as estratégias de embate se concretizam nas ações de representação individuais e coletivas que visam fazer ver e valer suas realidades e interesses – manifestações grupais, estratégias de apresentação e ação pessoal. Nesse último aspecto, Goffman (2005) argumenta que na relação de interação entre indivíduos, principalmente as ocorridas numa situação de co-presença, as atitudes de uma pessoa (e as informações sobre ela) irão ajudar a definir o contexto e as representações de si para as outras, a partir das transmissões e emissões realizadas e, em função disso, essa pessoa buscará manipular e controlar, na medida do possível (interesses, objetivos, necessidades, habilidades etc.), seus atos expressivos (emissão e expressão) para gerar ou manter impressões favoráveis sobre os demais. Já no nível subjetivo, Bourdieu (1990) afirma que as lutas se dão no sentido de tentar mudar as formas de classificação estabelecidas, as categorias de apreciação do sensível e de impor ou mudar os princípios de realidade social e o senso comum estabelecido.

Por estarem inseridas em campos com posições distintas, as lutas simbólicas não se configuram como disputas igualitárias, nas quais os participantes têm os mesmos recursos e direitos de fala, e por isso, nem todos os juízos, opiniões ou razões terão o mesmo valor ou apreciação. Segundo Bourdieu (1990), atores com maior capital simbólico (espécie de poder adquirido, capital de conhecimento e reconhecimento acumulado que dá maior crédito para obter conhecimento e reconhecimento de sua fala) têm maiores condições de investimento e entrada nas disputas pela produção do senso comum e, quanto maior for o volume e melhor a estrutura desse capital, maiores as possibilidades de lucro. Existem agentes com capital simbólico normatizado e legitimado pelas instituições das quais representam, como, por exemplo, governantes, políticos, membros da academia, especialistas etc., que possuem antecipadamente o poder simbólico de fazer valer de forma abrangente seus princípios (ou os

princípios que representam) de realidade. Mas, dentro das lutas pela imposição da visão legítima, existem outros agentes com diferentes formas de capitais simbólicos que também exercem grande força e eficácia de imposição (força simbólica de realização e crença, não determinista) a um grande número de pessoas/grupos, como, por exemplo, jornalistas, celebridades, intelectuais da mídia, políticos etc. Essa visão mostra que existem conflitos entre poderes simbólicos distintos pelo domínio simbólico e pela compreensão do mundo segundo suas representações, e quanto maior a força do poder simbólico, mais chances de êxito na empreitada.

Segundo Bourdieu (1990), o poder simbólico se constitui basicamente por dois fatores complementares: primeiramente, pelo volume e estrutura do capital simbólico dos agentes/grupos, que possibilita maior capacidade de mobilização por reconhecimento; e em segundo lugar, pela eficácia simbólica (ou efeito de teoria) das visões de mundo em disputa, ou seja, tanto maior será a eficácia de uma forma simbólica, quanto mais alicerçada na realidade ela estiver. Assim, poder simbólico é “o poder de fazer coisas com palavras. É somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas [...] o poder simbólico é um poder de consagração” (BOURDIEU, 1990, p. 167).

Dito isso, importa ressaltar que essas definições de mercados, lutas e poder simbólico, auxiliam-nos a compreender a opinião pública como instância de luta simbólica e os tensionamentos entre esferas que são inerentes à sua dinâmica – uma instância na qual agentes e grupos se enfrentam para tentar fazer valer suas visões e formas de classificação política sobre demais agentes e grupos. Uma instância de luta desigual, com dinâmica própria de confrontos, embates, negociações, colaborações etc., onde nem todos têm capacidades, recursos, habilidades e reconhecimento para atuar, fazer ver e mobilizar grupos e indivíduos. Mas é importante observar que, mesmo na dinâmica até então estabelecida (antes da expansão das TDCI), os agentes com maiores condições de exercer poder simbólico e ter mais força na instância da opinião pública, não exerciam controle ou dominação completa sobre os demais agentes sociais. Importante atentar que essa não é uma instância completamente dominada por uma elite simbólica e hegemônica que sempre consegue impor, de forma determinante, suas visões de mundo nas mais diversas classes. Apesar de haver processos manipulativos de significados para conduzir interpretações, as visões e classificações dispostas nessa esfera estão em situação de confronto/cooperação com posições e opiniões de grupos e classes diferentes e somente obterão sucesso ou adesão (poder de mobilização) caso tenham

condições de representar mais “coerentemente” a realidade percebida. Caso contrário, poderão ocorrer rejeições, oposições, confrontos, mobilizações negativas e desentendimentos simbólicos.

A própria formação das opiniões políticas individuais e coletivas que adentram (ou não) nessa instância, não ocorre de forma determinista e sempre manipulativa, mas num constante processo de elaboração realizado pelo indivíduo através de seus esquemas interpretativos. Segundo Bourdieu (2008), a constituição das opiniões políticas será baseada em dois princípios de produção: o *ethos* de classe e os axiomas políticos. No primeiro, as escolhas, julgamentos e opiniões em relação à política, serão formulados a partir de uma sistematicidade objetiva do agente com o mundo em que vive, ou seja, suas opiniões estarão vinculadas, mesmo que inconscientemente ou implicitamente, aos espaços e campos sociais a que pertencem e às posições ocupadas (papéis e performances realizadas), às práticas e interações simbólicas estabelecidas, ao *habitus* individual e aos capitais adquiridos. Já no segundo, as opiniões dos agentes serão formuladas explicitamente a partir das apropriações que fazem dos princípios axiomáticos de um programa, linha ou partido político – pode ser de maneira consciente, baseadas em conceitos inculcados propriamente políticos, ou por delegação tácita ou explícita a um partido, ator ou programa ao qual se identifiquem. No entanto, a formação de opiniões e escolhas políticas cotidianas nem sempre se constitui de forma clara e explícita, podendo possuir proposições cujas construções variam entre princípios baseados no *ethos* e nos axiomas políticos (BOURDIEU, 2008).

Mesmo baseadas nesses dois princípios de formação, as opiniões políticas dos agentes sociais são fundamentalmente elaboradas através de constantes processos de interpretação. Para formular uma opinião política, um agente social terá que, primeiramente – a partir de seus esquemas cognitivos adquiridos – realizar uma autointeração do mundo sensível, determinando os significados dos objetos (físicos, sociais e abstratos) com que se relaciona para melhor apreender a realidade objetiva na qual se encontra. Em um segundo momento, esse agente irá realizar uma manipulação dos significados (seleção, agrupamento, transformação, adaptação, desvio, rejeição etc.) por meio de seus condicionantes estruturais e capacidades mencionadas anteriormente, de maneira que funcionem como processo formativo e orientador das ações e opiniões dos mesmos perante as situações (BLUMER, 1980; BOURDIEU, 2008). A realidade do processo de interpretação pode ser muito mais dinâmica e flexível do que esse esquema dividido por momentos conforme apresenta Blumer (1980).

Acreditamos que os momentos de interpretação podem ocorrer também simultaneamente, quando há uma reação quase mecânica ou “instintiva” na resposta ou elaboração de uma opinião política, no sentido de que esta possa ser proveniente das disposições do *habitus* e no senso prático do agente.

No processo de formação e elaboração de tomadas de posição e de opiniões políticas, um dos aspectos fundamentais é a negociação de significados e representações estabelecida nas interações simbólicas entre interagentes, que se concretizará segundo o contexto, a bagagem cognitiva de cada um e a relação entre os mesmos. Partindo do princípio de que cada um dos interagentes desse processo é diferente (vivências, trajetórias, *habitus* e esquemas interpretativos distintos), podemos compreender que a interação se estabelecerá na condição de negociação, na qual as trocas de informações se dão no intuito de entender²³ as diferenças existentes para assim poder agir no mundo sensível guiado por esse entendimento. Porém, nem sempre uma interação leva a uma relação de aproximação, pois este jogo envolve aspectos antagônicos como competição de individualidades e cooperação mútua, podendo levar a um afastamento ou desinteresse pela comunicação por parte de um ou de ambos.

Ao nos valermos desse duplo suporte teórico, acreditamos que, ao ver o fenômeno da opinião política pelas interações simbólicas entre agentes possuidores de *habitus* específicos dentro de campos de relações estruturadas e da opinião pública como uma instância ideológica de luta simbólica com uma dinâmica contemporânea própria sob as lentes das teorias de Blumer e Bourdieu, é possível compreender a esfera da opinião informal dispersa e construída na sociedade e os processos de lutas simbólicas (tomadas de posição a partir de apropriações, usos, ressignificações e interpretações) inerentes à mesma.

Tendo em mente essa teorização sociológica a respeito da formação das tomadas de posição política e também as transformações proporcionadas, tanto ambientais, quanto materiais e cognitivas, pelas apropriações e usos das TDCI pela esfera civil, é importante compreender como se configurará o espaço social em correlação aos possíveis redimensionamentos e transformações possibilitadas pelas TDCI e pelo espaço digital. Dessa forma, discutiremos no capítulo a seguir questões referentes às transformações sociais que

²³ Alguns autores como B. Aubrey Fisher (1987) e Alex Primo (2007) compreendem os processos das interações simbólicas como uma negociação estabelecida para a solução das diferenças entre interagentes. No entanto, nos valeremos da noção de entendimento por acreditar que os processos de interação ultrapassem os limites da ideia de “solução de diferença”, compreendendo não só a noção de cooperação dos atos comunicativos, mas também as de conflito e disputas. Para que ocorra entendimento, basta que os participantes de um processo de interação compreendam os códigos e regras envolvidas para o estabelecimento de sentido.

possibilitaram desenvolvimentos nas tecnologias de comunicação e informações e como essas tecnologias impactaram na sociedade contemporânea, transformando-a no que Castells (2001) chama de Sociedade em Rede.

4 A PERSPECTIVA DA SOCIEDADE EM REDE E ESPAÇO PÚBLICO CONECTADO

Desde o final da década de 40, do século XX, conforme argumenta Castells (1999), com o surgimento das primeiras tecnologias digitais e da micro-eletrônica, até a primeira década do século XXI, com a explosão da internet e das tecnologias digitais de comunicação e informação, atravessamos constantes transformações não só no que diz respeito à técnica em si, mas também nas formas de produção e reprodução dos sistemas sociais, dos discursos e saberes, nas formas de classificação e organização dos princípios de verdade e realidade, nas interações sociais, nas formas de percepção e apreensão do mundo, nas relações entre sociedade civil (organizada ou dispersa) e instituições/organizações privadas (mercado) e esferas políticas legalmente instituídas (assembléias, parlamentos, partidos etc.). A partir disso, podemos pensar que até mesmo a condição humana da ação que, segundo Arendt (2010), é essencial para a constituição do domínio público, está sofrendo significativas alterações.

Para compreendermos o impacto social possibilitado pela expansão das TDCI nas interações simbólicas entre interagentes e seus efeitos na dinâmica de disputa da instância da opinião pública, nas relações de força e enfrentamentos nos espaços sociais, importa não apenas olhar o retrato momentâneo dos fatos, ou seja, o episódio Mayara Petruso em si, mas também é necessário levar em consideração as transformações sociais (desde as relações de produção e trabalho até as políticas) proporcionadas pela expansão das TDCI, juntamente com os fazeres, práticas, saberes e discursos que se desenvolveram e entrecruzaram, possibilitando que determinados usos e interações ocorressem. Castells (2001) salienta que as práticas, tecnologias e discursos realizados na web foram constituídos pela participação de quatro “camadas de cultura²⁴”: a cultura da tecnolite (cientistas civis e militares, pesquisadores e acadêmicos focados no desenvolvimento tecnológico e científico); cultura hacker (pessoas altamente especializadas com valores libertários, focados em desenvolver tecnologias

²⁴ Importa ressaltar que a formação das práticas e dos discursos a respeito das tecnologias digitais e da internet não se encerram no formalismo da divisão proposta por Castells, pois as mesmas contam com atravessamentos sociais de diversas ordens envolvendo variados jogos e disputas de poder. Além disso, as próprias camadas devem ser relativizadas: não podem ser consideradas estruturas rígidas, ou núcleos “duros” e imutáveis, pelo contrário, são metáforas usadas para classificar, em um dado momento, um contexto social formado por diversos grupos com padrões de ação e comportamento. É importante levar em conta as influências e a interdependências dessas quatro camadas para assim poder relativizar a formalização usada por Castells. Dito isso, manteremos sua proposição apenas no intuito de tornar o trabalho mais dinâmico.

acessíveis e de código aberto e gratuito, sendo a liberdade de criação, apropriação, expressão e distribuição de conhecimento seu principal mote); a cultura comunitária virtual (baseada na liberdade de comunicação e expressão de opiniões de forma horizontal e na formação autônoma de redes de informação) e a cultura empresarial (CASTELLS, 2001; LEMOS, 2002). As duas primeiras culturas seriam as de desenvolvimento tecnológico e normativo de várias ordens, a terceira seria a que dá a dimensão de sociabilidade e interação simbólica coletiva, já a última é a cultura que reúne todas as potencialidades das demais e as explora de maneira eficaz para transformar a rede em lucro – os empresários formam uma espécie de mola propulsora do desenvolvimento e formatação da internet, devido, principalmente, a suas constantes buscas para a comercialização e obtenção de lucratividade.

Essas culturas existem de maneira sobrepostas, mas interdependentes, atuando conjunta e dispersamente pelo ciberespaço – alguns dos elos que as une dizem respeito à abertura, à alteração dos códigos-fonte dos softwares, das redes de computador e da própria internet e à possibilidade de comunicação e conexão social. Essa liberdade de ação sobre os códigos permite que qualquer pessoa, com capital intelectual e habilidades suficientes, possa desenvolver ou aprimorar programas e tecnologias, gerando assim um constate movimento dialético de apropriação-transformação-reapropriação²⁵. Castells (2001, p. 34) afirma que essas camadas “contribuem para uma ideologia de liberdade que é amplamente disseminada no mundo da Internet. Essa ideologia, no entanto, não é a cultura fundadora, porque não interage diretamente com o desenvolvimento do sistema tecnológico: há muitos usos para a liberdade”. O autor considera que o entrecruzamento dessas quatro camadas forma o que chama de cultura da internet: uma base de práticas e discursos que orientam uma série de usos, construções e interações realizadas atualmente. Castells (2001, p. 53) afirma que:

A cultura da internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levada a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada nas redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia.

As transformações tecnológicas acabaram por suscitar diversas alterações estruturais

²⁵ Castells (2001) argumenta que desde os primórdios da Arpanet seus protocolos bases, TCP/IP, eram abertos e gratuitos.

na sociedade contemporânea como um todo e, segundo Castells (1999), é possível elencar cinco mudanças muito relevantes: a) o fato de a informação ser a matéria-prima da tecnologia, na qual a última age sobre a primeira e não apenas o contrário como em outras revoluções técnicas; b) a penetração social dos efeitos das TDCI, pois como a informação é fundamental para as existências individuais e coletivas, cada alteração referente aos processos informacionais e comunicacionais impactará de forma direta, mas não determinante, a vida das pessoas; c) a lógica estrutural das redes informáticas que se adaptam à crescente complexidade de interação; d) a flexibilidade das redes, na qual os processos são reversíveis, permitindo alterações, conforme a necessidade, sem grandes prejuízos. Porém, o autor observa que a flexibilidade e fluidez podem proporcionar tanto uma condição libertadora, quanto repressiva, dependendo somente da origem e intenção do agente modificador das regras, e, por fim; e) a crescente convergência de mídias e tecnologias para um único sistema, no qual cada novo avanço tecnológico busca avançar, aperfeiçoar ou integrar os anteriores.

Contudo, a convergência não fica restrita à técnica. Perpassa também os conteúdos das mensagens, havendo a migração para um canal único ou múltiplo. Essa convergência de conteúdo agrega tradicionais modelos de mídia ao formato *online* como jornais (New York Times, The Guardian, Zero Hora etc.), os rádios (BBC, Virgin, Ipanema e Gaúcha) e redes de TV (MTV, Globo, CNN etc.). Jenkins (2008) compreende a convergência como um processo de transformação social possibilitado pelas inovações tecnológicas, mas que não diz respeito apenas à interligação entre plataformas, aparelhos e suportes, mas principalmente ao fluxo de conteúdos e informações que atravessam esses mesmos suportes. Segundo o autor (2008, p. 15, tradução nossa), a convergência também “se produz no cérebro dos consumidores individuais e mediante suas interações sociais com outros²⁶”. Nesse sentido, Jenkins percebe que a convergência é muito mais que mudança tecnológica, pois acredita que ela proporciona alterações tanto nas relações mercadológicas, quanto políticas e sociais – esta envolve também mudanças nas formas de produção, reprodução e consumo das formas simbólicas midiáticas, nas quais os “consumidores” têm maior participação nos processos produtivos, assumindo o controle dos meios e suportes.

Jenkins pensa na convergência como um processo de transformação recente da lógica capitalista de produção/recepção, entre consumidores/produtores, cidadãos/políticos proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico e pela expansão das TDCI global e

²⁶ [...] se produce en el cerebro de los consumidores individuales y mediante sus interacciones sociales con otros.

massivamente. Ressalta também a expansão em larga escala dos acontecimentos tanto no plano produtivo, quanto no social, ou seja, as adaptações e transformações pelas quais passam as empresas, e o mercado de uma maneira geral, na adequação de seus produtos à necessidade de lucro num ambiente de extrema competição e também de maior participação dos então consumidores nos processos produtivos; além disso, destaca às transformações no fazer coletivo e nas interações sociais a partir de novas possibilidades e potencializações das ações simbólicas.

No entanto, acreditamos ser possível complementar essa concepção trazendo uma abordagem mais alinhada à perspectiva teórica deste trabalho. Dessa forma, pensamos a convergência enquanto processo social de adaptação das materialidades para expressão, interação e comunicação social. Por essa ótica, esta não se constitui como um processo novo, mas como algo intrínseco à condição humana e que, por conseguinte, sempre existiu²⁷, de uma forma ou outra (com diferentes níveis e graduações, dependendo das formas de organização social, com suas limitações e potencialidades). Cabe ressaltar que convergência de meios e conteúdos para a comunicação, em nossa visão, não é próprio apenas das tecnologias digitais, mas faz parte da própria ação humana para controlar e dominar a realidade que está inserida – um elemento de estabilização, equilíbrio e balanceamento da realidade através das materialidades envolvidas no seu processo de equalização²⁸.

A partir da identificação das cinco mudanças fundamentais nas estruturas sociais, Castells (1999) entende a sociedade contemporânea como sendo uma Sociedade em Rede, pois identifica as tecnologias comunicacionais e a informação como elementos constituintes, não só da produção e reprodução social, mas da própria relação entre sujeitos interconectados

²⁷ As apropriações materiais/simbólicas não são exclusividades do período digital, pois inúmeros casos semelhantes já ocorreram em outros períodos, basta lembrarmos de apropriações realizadas por organizações comerciais/capitalistas de ícones/ideias/representações que serviram de símbolo de resistência e insubordinação para um grande número de movimentos políticos e agentes sociais, para venderem ideias, produtos e serviços nas mais variadas maneiras. Um caso bastante comum, mas ao mesmo tempo curioso, é a utilização da famosa foto de Che Guevara, tirada por Alberto Korda, chamada “El Guerrillero Heroico”, como apelo de venda tanto em campanhas publicitárias, no mundo da moda (a empresa de roupas de banho feminina, Cia Marítima, contratou a modelo Gisele Bündchen para desfilar com biquíni com a estampa da foto de Guevara no São Paulo Fashion Week de 2002) e no comércio de roupas no ambiente *online* (há uma loja chamada Che Store e vende roupas e acessórios com estampas do rosto do guerrilheiro argentino - <http://www.thechestore.com>).

²⁸ Podemos considerar a convergência como ação e capacidade humana de adaptar as formas simbólicas referentes à compreensão do mundo e da realidade, a partir das mais variadas materialidades que dão condição e suporte à própria ação de compreensão e representação. A convergência é um processo de unificação, estabilização e recorrência dos sentidos e significados construídos coletivamente nos espaços sociais – ação de inteligibilidade e interpretação -, por meio de diferentes sistemas estruturados, com lógicas, dinâmicas e discursos próprios, mas entrecruzadas, para compreender, controlar e dominar as variáveis que compõem uma dada situação. Esse processo é baseado no *habitus* e no *common* com vistas a projeções de ação nos espaços sociais, cujos resultados são a própria transformação dos espaços, dos *habitus* e do *common*.

por diversas formas de canais e suportes materiais. Nesse sentido, o autor (2006, p. 20) argumenta que a sociedade em rede “é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes”.

Na perspectiva de uma organização social interligada por redes de computadores, onde as TDCI se expandiram e infiltraram capilarmente em diversos âmbitos e esferas sociais, exercendo papéis fundamentais na estruturação, desenvolvimento social, essas tecnologias passam a ser consideradas como essenciais e mesmo obrigatórias para diversas áreas, como, por exemplo: o comércio (empresas informatizadas otimizando processos e criando canais de vendas on-line); na política (com a digitalização de dados governamentais e de partidos políticos, e busca de canais de comunicação com partidários e possíveis eleitores); na educação (instituições que buscavam o desenvolvimento de pesquisa e a melhoria do ensino); na saúde (sistemas interligados, informações de pacientes, bancos de dados); na segurança (controle, vigilância e rastreamento *on* e *off-line*, e criação de sistemas digitais de proteção); na produção cultural (empresas de entretenimento convergindo conteúdo para a internet, informatização dos sistemas e processo produtivos) etc. O autor considera que o impacto da expansão da internet na economia e nas relações de produção foi tão profundo a ponto de gerar uma nova economia baseada nos princípios da cultura desenvolvida no ambiente digital, afetando, inclusive, as relações de trabalho, gerando desregulamento normativo; novas exigências de práticas e saber; além da necessidade de uma maior autonomia do trabalhador. Segundo salienta Malini (2007), a produção da economia em rede não está baseada somente em produtos físicos, mas principalmente em bens imateriais, ou seja, na prestação de serviço, na construção de saberes, informações, dados, inteligências e no conhecimento.

Importa ressaltar que as transformações estruturais que ocorreram nos últimos cem anos não se devem exclusivamente às inovações tecnológicas, mas também a uma série de fatores que se entrecruzam e que são potencializados pelas transformações das materialidades comunicativas. As tecnologias têm um papel primordial nas transmutações sociais, não como princípio de revolução ou ruptura, mas como um possibilitador e potencializador das mesmas. Conforme Deleuze (1994), o sistema capitalista experimentado atualmente em muito se difere daquele do início do século XX, não só no que concerne às suas estruturas, mas também seus processos. O capitalismo que deu suporte às sociedades industriais/disciplinares era baseado

na concentração de produção e na propriedade. Já o capitalismo financeiro atual, organizado em redes interligadas pelas TDCI, é da ordem do fluxo, da dispersão e conexão, da sobreprodução, da inteligência, do serviço e da informação, no qual o trabalho braçal é relegado à periferia do capitalismo; e a expansão mercadológica é na base da tomada de controle, dos movimentos financeiros.

Na medida em que a Sociedade em Rede tem por base produtiva o conhecimento, que é construído nesse novo paradigma produtivo/comunicacional através das conexões das redes (fundamentadas nas práticas e discursos das quatro camadas culturais descritas anteriormente), das trocas de dados e informações, dos fluxos comunicacionais abertos e acessíveis a uma vasta gama de indivíduos, das especializações, da autonomia interdependente dos trabalhadores, da transformação e reconstrução de saberes e linguagens, e através do *common*, surge um grande paradoxo contemporâneo. A Sociedade em Rede, ao mesmo tempo em que incentiva e reforça (mesmo que indiretamente) os processos coletivos de construção de saber pela sua estruturação em rede e liberação da autonomia do trabalhador, busca também controlar o saber-poder em seu favor e benefício financeiro/político, privatizando e patenteando a propriedade intelectual – tornando rarefeito pela individualização –, ou seja, tornando privado o próprio conhecimento que é produto do coletivo e do *common* – e dessa forma protegendo e limitando a produção coletiva.

4.1 Espaço Público Conectado: implicações sociais das TDCI

Em relação às implicações nas sociedades e nas interações simbólicas que a transformação tecnológica e a expansão das TDCI possibilitam, existem, para Gomes (2001), três fenômenos que devemos levar em consideração. Primeiramente, é preciso vê-las como um ambiente de interligação entre pessoas, ou seja, de uma comunicação mediada que permita aos indivíduos relacionarem-se de forma plural, dinâmica, efêmera e instantânea. No que diz respeito a esse âmbito e espaço social proporcionado pelas tecnologias digitais, Di Felice (2008) afirma que, por meio das práticas interativas, dos fluxos de informação ocorridos no mundo *online* e da possibilidade de conexão de um nó a qualquer outro da rede, a condição de exterioridade das relações e a percepção espacial de lugar têm seus significados socialmente transformados. Dessa forma, acredita que por meio de uma condição de desterritorialização²⁹

²⁹ Em relação à questão da desterritorialização, acreditamos que ela funciona apenas como um efeito de

possibilitada pelas TDCI, surgem os infoterritórios, ou seja, territórios informativos que são um não-lugar físico (de exterioridade geográfica), ou um espaço constituído pelos fluxos de informações e pela dinâmica das interações, mas que não existe em antagonismo com o mundo objetivo, mas sim como um *continuun*. Podemos compreender esse metaterritório (ou ambiente digital), como outra forma de nomear o ciberespaço.

Thompson (2009) explica que com poucos recursos, um sujeito pode exercer diversos papéis, sendo ao mesmo tempo difusor e produtor de conteúdos, ou seja, cada um pode ser um centro de emissão de informações - processo esse que antes estava restrito a poucos grupos de comunicação. Segundo Primo (2006), a partir do advento da web 2.0, que tem seu enfoque na participação coletiva de construção de conteúdos, surgiram mais possibilidades aos usuários para expressarem suas opiniões através de publicações em blogs; criarem e divulgarem vídeos em sites colaborativos como o Youtube; exporem fotos no Flickr ou microblogs como o Tumblr; dividirem informações interessantes no Twitter etc. A construção de conteúdo coletivo se faz presente nas TDCI e na web e cresce em progressão geométrica, através de blogs, sites como Wikipédia (enciclopédia feita coletivamente), sites de relacionamento como Facebook e Myspace, programas de trocas de arquivos e dados como Emule, LimeWire e Torrent. Contudo, hoje há discussões³⁰ sobre novas possibilidades de transformações e atravessamentos de ordem técnica nas TDCI a partir de passagem da web 2.0 para uma terceira geração da internet: a 3.0³¹. A diferença consistiria em que as tecnologias seriam usadas ao mesmo tempo e em sinergia para melhorar a busca de informações para os usuários.

O segundo fenômeno apresentado por Gomes (2001), diz respeito à característica estrutural das TDCI, mais especificamente da internet: funciona como uma espécie de armazém de informações ou uma enciclopédia virtual. Na web, circula incalculável número de dados, informações, programas etc., disseminados pelos computadores em rede que são disponibilizados para intercâmbios e apropriações *online* dessas formas simbólicas, de

percepção que os interagentes podem ter a respeito da internet, das TDCI e todas as suas possibilidades de uso, não o estabelecimento de um fenômeno concreto. Nesse sentido, acreditamos não ser possível considerá-las como possibilitadoras de uma desterritorialização *stritu sensu*, principalmente devido às assimetrias hierárquicas nas lutas de poder no tecido social, onde as relações se desenvolvem: diversas disputas políticas e econômicas, tanto locais quanto globais, que envolvem Estados, Sociedade Civil e setor privado.

³⁰ Para maiores informações sobre questões da web 3.0, ver o artigo “Embracing “Web 3.0””, de Ora Lassila e James Hendler, publicado na *EEE Internet Computing*, vol. 11, na edição de maio/junho de 2007, ou o artigo de Hendler J., intitulado “Web 3.0 Emerging”, também publicado na *EEE Internet Computing*, na edição de nº 42, de janeiro de 2009.

³¹ O termo foi empregado pela primeira vez por John Markoff, em artigo publicado no *New York Times* em 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/11/12/business/12web.html>. Acessado em 11 de agosto de 2011.

maneira simples, acessível e dinâmica. De certa forma, é como se a internet fosse a Biblioteca de Babel descrita por Borges (2005)³², onde, nas suas infinitas galerias hexagonais, informações de todos os tipos e de conteúdos infinitos, são armazenadas e organizadas caótica e dispersamente. Assim como os incontáveis livros das incontáveis prateleiras, as informações versam sobre tudo e todos, passado, presente e futuro, segredos e revelações, e estão ao alcance de qualquer frequentador/usuário, que tiver disponibilidade, conhecimentos e habilidades necessárias para o acesso. Sob esse aspecto, a internet possibilita aos agentes certa liberdade em relação às informações, permitindo que não fiquem mais dependentes dos meios de comunicação tradicionais para se manterem informados sobre o mundo da vida.

Como uma espécie de resultado dos dois fenômenos descritos acima, Gomes (2001) apresenta um terceiro relacionado às novas formas de sociabilidade que florescem dentro do ambiente *online*. A partir de diversas ferramentas comunicacionais proporcionadas pelas TDCI e de infinitas possibilidades de intercâmbio informacional, as pessoas têm condições de fazer uma apropriação e utilização muito mais pessoal. As TDCI podem ser usadas para diversos fins, como, por exemplo, trabalho, entretenimento, ver filmes, ouvir músicas, discutir sobre temas variados, flertar, expressar opinião política, entrar em debates, participar de comunidades, enfim, são diversas as possibilidades e formas de sociabilidade dentro da web.

A esses três fenômenos, poderíamos acrescentar um quarto, seguindo a linha de raciocínio de Di Felice (2008) e pensar também que as transformações possibilitadas a partir do desenvolvimento, expansão e utilização das tecnologias digitais de comunicação e informação, dizem respeito não somente à sociabilidade, à conectividade, à circulação, produção emissão e recepção de informações, mas também à própria condição de apreensão, compreensão e interpretação dos sujeitos – ou seja, seus *habitus*. E, além disso, as TDCI podem, de alguma maneira, afetar a formação da opinião individual e coletiva. Pela presença midiática cada vez mais extensiva nas sociedades contemporâneas, potencializada pela expansão das tecnologias informáticas e móveis, a própria condição cognitiva (com seus esquemas de classificação) de compreensão do mundo sensível pode sofrer alterações e adaptações a uma dinâmica interacional e organizacional nova.

Vattimo (1992) argumenta que, com a grande intensificação da circulação de informações e imagens sobre o mundo e a realidade aparente do mesmo, proporcionada pelos *mass media*, acaba por ocorrer um desgaste do próprio princípio de realidade que norteava as

³² A Biblioteca de Babel, texto de Borges, foi publicado no ano de 1941, no livro Jardim das Veredas que se Bifurcam (BORGES, 2005).

sociedades antes da emergência dos meios de comunicação. Da mesma forma podemos pensar o contexto atual a partir da proliferação das tecnologias digitais no cotidiano social. Nesse sentido, parece que há hoje, não somente uma maior potencialização da troca de informações e imagens sobre o mundo e a “realidade”, mas também uma intensificação da produção dessas representações de mundo e uma multiplicação das formas de interação social e de trocas simbólicas, possibilitando a potencialização da ideia de ruptura dos princípios de realidade (do que se acreditava como realidade) até então estabelecidos, criando condições para a formulação de novos princípios.

A partir desses quatro fenômenos sociais, juntamente com as dinâmicas e estruturas estabelecidas na Sociedade em Rede, é possível compreender a relação dialética da produção e transformação entre os indivíduos e as TDCI, nas quais os primeiros apreendem uma determinada tecnologia para produzir criativamente em coletividade novas formas de expressão cultural, práticas, conhecimentos etc., influenciando, inclusive, na produção de novas e diferentes tecnologias. Nesse sentido, a capacidade transformadora das interações sociais mediadas pelas TDCI possibilitam alterações estruturais nas dinâmicas das relações produtivas que vão afetar diretamente a indústria do entretenimento, o campo jornalístico e a esfera de visibilidade social, a partir do momento em que os indivíduos também têm possibilidade, pelo baixo custo, facilidade de acesso ao conhecimento coletivo e da estruturação das redes, de serem produtores e difusores de informações e bens simbólicos.

Nesse contexto percebe-se uma relação, ao mesmo tempo conflituosa, mas também cooperativa e simbiótica entre grandes meios de comunicação e os indivíduos na rede. Por um lado, conforme relata Castells (2001), as apropriações e usos das tecnologias digitais pelos indivíduos, como o compartilhamento de arquivos de música (em diversos formatos: MP3, MP4 etc.), vídeos, filmes etc., a criação e distribuição de *podcast*, as trocas de informações em redes de relacionamento, as publicação de opiniões sobre fatos e acontecimentos em blogs etc., força as tradicionais empresas midiáticas e de entretenimento (cinema, rádio, TV, jornal etc.) a adaptarem sua funcionalidade e seus bens simbólicos de modo a atraírem e cativarem os “consumidores” digitais, beneficiando-se da dinâmica de interação coletiva e em rede. Por outro lado, as empresas têm de proteger seus interesses a ponto de coibir (ou brigar judicialmente pela coibição normativa) apropriações e usos de seus bens e capital intelectual.

Por meio dessa complicada relação entre indivíduos e meios de comunicação de massa/indústria do entretenimento, segundo articula Primo (2008; 2008b), percebe-se uma

inter-relação, interpenetração e intertextualidade entre diferentes níveis de mídia³³, o que ele chamará de encadeamento midiático. O autor argumenta que o encadeamento midiático se realiza quando há um cruzamento entre os níveis, ou seja: quando um jornal se baseia nos blogs e nas redes sociais digitais como fonte de informação ou de debate; quando os jornalistas acompanham o Facebook ou Twitter para gerar pautas; quando blogs tratam de matérias jornalistas ou de produtos midiáticos (filmes, novelas, músicas etc.), entre outros.

Essa interconexão midiática em potencial ocorre quando são colocados em relação, seja por quais razões forem, diferentes atores, conteúdos, meios de comunicação, práticas e dinâmicas de produção, veiculação, distribuição e interação. Nesse sentido não há somente cooperação, sinergia e conexão entre mídias e atores nas suas práticas comunicativas, mas pode também envolver disputas simbólicas de imposição de sentido e de visão sobre determinado fato – é um embate para a classificação e nomeação da própria realidade, juntamente com as consequências trazidas por essa nomeação. Há uma interligação entre meios para as interações humanas (entre jovens postando no Twitter notícias veiculadas no jornal Folha de São Paulo, ou o contrário), mas há também disputas de sentido, nas quais os conteúdos são postos em circulação em função de diversos fins, estratégias, intenções e objetivos individuais/coletivos (uma pessoa ou grupo pode criar um vídeo sobre um indivíduo/instituição/organização e postá-lo no Youtube, editando-o a partir de conteúdos veiculados nos meios de comunicação de massa [como TV e jornal], para dar uma determinada versão ou opinião sobre os fatos ou sobre o que é considerado enquanto verdade) seja qual for o motivo e o objetivo (difamação, deslegitimação, endosso, apoio etc.). Há um caráter de imprevisibilidade nos atravessamentos midiáticos em potencial.

A acessibilidade tecnológica, o barateamento dos custos de produção e a interconectividade midiática em potencial possibilitam também inúmeras complexificações e redimensionamentos na esfera da visibilidade pública, o que, por conseguinte, pode ocasionar implicações nas dinâmicas da instância da opinião pública. Durante o século XX, período de apogeu dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea, a esfera de visibilidade exercia um papel de propagador de informações, ou de “médium de sociabilidade e exposição” social, conforme argumenta Gomes (2008). Porém, na medida em que as TDCI

³³ Alex Primo (2008b) parte da definição e tipificação de mídia sugerida por Sara Thornton (1996). A autora estabelece três níveis: mídia de massa; mídia de nicho e; micromídia. Os primeiros dois tipos podem ser equivalentes à classificação de *broadcasting* e *narrowcasting*. Já o nível de micromídia diz respeito a meios de baixa circulação para pequenos públicos.

“ganham as ruas” e adentram as residências e escritórios de maneira globalizada e conectada, há uma extensão da capacidade populacional (pelo menos daqueles que têm condições materiais e cognitivas para tal uso) de acesso, disposição, circulação, visibilidade e publicidade dos temas, assuntos e opiniões.

Nesse sentido, Thompson (2008) ressalta que, com a chegada da web e das tecnologias digitais a visibilidade social dos temas sofre redimensionamentos importantes, pois, além das TDCI amplificarem as potencialidades das mídias tradicionais, elas permitem que os usuários possam também ser os criadores e difusores de bens simbólicos, aumentando assim o fluxo de conteúdos e conexões. O autor argumenta ainda que, devido a sua natureza, o controle e exploração desse fluxo são mais complexos de serem realizados do que nos meios convencionais, o que gera grandes modificações, riscos, inversões, possíveis rupturas, recrudescimentos etc., nas relações de poder engendradas no espaço social. Assim, as lutas pela exposição das opiniões, pela visibilidade e pelo controle do conteúdo simbólico na era da comunicação mediada por computadores tornam-se fundamentais na agenda de grupos, indivíduos e instituições/organizações, passando a ser cruciais em suas estratégias de comunicação e articulação política.

Os efeitos das implicações no domínio da visibilidade social podem ser claramente percebidos na forma como o surgimento/difusão dos blogs (e mais recentemente do Twitter) e dos portais de informação e jornalismo alternativo, afetou a relação dos indivíduos com o jornalismo tradicional e vice-versa. Alguns papéis e funções sociais (sejam eles autointitulados ou não) desempenhados/atribuídos pelo/ao jornalismo como de *gatekeeping*³⁴ informacional, de orientador da agenda de conversações públicas e privadas, moderação entre sistema político, empresas e sociedade civil, observador do sistema político/guardião da sociedade e entretenimento populacional, foram, por um lado, ampliados pelas potencialidades comunicacionais das tecnologias digitais, mas, por outro, enfraquecidos pelo crescimento exponencial de novas fontes alternativas de informação e opinião que cumprem (ou pretendem cumprir), em níveis e formas distintas, as funções sociais até então atribuídas ao jornalismo. Estudos como de Adamic e Glance (2005) demonstram, no nível da blogosfera estadunidense, a capacidade de influência informacional (seja por furos de reportagens ou por

³⁴ O papel de *gatekeeping* faz parte do processo de filtragem e seleção de informações que podem ou devem se tornar notícias. Segundo argumenta Hohlfeldt (2001), o *gatekeeping* faz parte de uma atmosfera de condicionamento do próprio campo jornalístico, no que diz respeito à escolha das notícias e estaria ligado a uma série de fatores e perspectivas como: autoridade institucional; fidelidade profissional para com a organização; a transformação da notícia em valor de venda; a cultura profissional; entre outros.

complementações das matérias dos jornais) e agendamento na mídia tradicional que determinados blogs de conteúdo político possuíram num contexto de eleições presidenciais. De outra maneira, estudos como de Aldé, Escobar e Chagas (2007), mostram como blogs de jornalistas e de veículos tradicionais de comunicação se adaptaram às dinâmicas da rede e das TDCI e, em determinados momentos, tornaram-se fóruns de debate e discussão entre leitores.

No entanto, ao mesmo tempo em que multiplicam as possibilidades de redimensionamento da esfera da visibilidade - devido ao acesso à tecnologia, a variadas informações e conhecimentos - com incontáveis agentes civis exercendo vários papéis - atuando, ora como editores/produtores de bens simbólicos, ora como difusores, ora como observadores e fiscalizadores do sistema político e de corporações, ora debatedores, ou ora como comentaristas -, acentuam-se também as movimentações e os investimentos empresariais no sentido de acumulação e concentração da produção intelectual, tanto no que concerne os bens simbólicos quanto à tecnologia. Nesse sentido, Jenkins (2008) e Maia (2008) apontam para duas tendências paradoxais da sociedade em rede. O primeiro mostra a contradição do ambiente midiático, principalmente o estadunidense, que, por mais que as pessoas tenham facilidade de acesso e produção, o que se visualiza é uma concentração de poder midiático na mão de grandes conglomerados. Já a segunda, argumenta que, mesmo que a internet e as TDCI permitam uma comunicação horizontal e múltipla, existe a possibilidade do estabelecimento de hierarquias e controles variados, criando formas autoritárias de conversação.

Tendo em vista a complexidade das transformações sociais possibilitadas com a emergência das TDCI, é importante refletir acerca das implicações ocorridas nos ambientes de ação política dos usuários e sobre as potencialidades de influência e transformação dos esquemas perceptivos e nas disposições de tomada de posição e opinião, tanto individual quanto coletiva. Conforme Di Felice (2008), com a instauração da comunicação todos-todos, da facilitação do acesso às tecnológicas digitais e do aprimoramento das condições cognitivas de uso, surgiram diversas formas de participação e atuação política em vários âmbitos sociais, como por exemplo, a organização de manifestações em Seattle³⁵ contra o neoliberalismo, ou mesmo o recente caso de divulgação de informações secretas de vários Governos

³⁵ No dia 30 de novembro de 1999, ocorreu uma grande manifestação popular (mais de 100 mil entre cidadãos, militantes, ativistas etc.) contra a globalização e o encontro da Organização Mundial do Comércio em Seattle – essa manifestação ficou conhecida como batalha de Seattle. A organização e divulgação da manifestação foram realizadas, em grande parte, através das plataformas e redes digitais. Maiores informações: http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Seattle. Acessado em 12 de agosto de 2011.

(principalmente dos EUA, no caso notoriamente conhecido de *cablegate*) pelo site WikiLeaks³⁶.

A internet, e as TDCI, podem ser consideradas como o *locus* imaterial cujas potencialidades permitem o engajamento de pontos de vistas e argumentos variados em debates referentes a assuntos e temáticas públicas. Maia (2008, p. 283) salienta que a internet possui capacidades de ser uma arena conversacional “onde o espaço se desdobra e novas conversações e discussões políticas podem seguir seu curso”. A autora considera que as redes e as TDCI possibilitam que pessoas, com condições materiais e cognitivas de acesso e prática, troquem informações e compartilhem interesses comuns não apenas de maneira local, para resolver assuntos regionais, mas também num nível mundializado, ultrapassando os limites geográficos e legais dos países, fazendo com que suas problemáticas ganhem maior visibilidade e publicidade perante públicos variados. Entretanto, segundo a autora, a expansão das arenas conversacionais no ambiente digital esbarra no problema do acesso material e cognitivo à tecnologia: parte da população mundial encontra-se parcial ou totalmente excluída do ambiente *online*, seja por causa do alto custo da implantação/compra dessas tecnologias em países com menos recursos, seja por causa do baixo conhecimento do uso das ferramentas.

Em sua análise, Maia (2008) afirma que a internet possui grandes potencialidades estruturais para o estabelecimento de uma comunicação em condições de racionalidade e sem constrangimentos. Nesse sentido, a autora argumenta que, por haver possibilidade de produção e compartilhamento de informações sem coerção, de liberdade de expressão, de associação, de multidirecionalidade da comunicação, da extensão do diálogo, de trocas irrestritas e de anonimato dos interlocutores, existem condições da concretização de uma esfera argumentativa que vise o debate público dentro da perspectiva deliberacionista³⁷. No entanto, a autora (2008b) compreende que as esferas conversacionais existentes no ambiente *online* acabam por apresentar estruturas semelhantes às existentes no mundo *off-line*.

³⁶ WikiLeaks é uma organização sem fins lucrativos, que publica informações confidenciais secretas sobre governos e/ou empresas, referente à assuntos sensíveis. Ganhou grande destaque internacional e midiático depois de publicar documentos sigilosos que vazaram de dentro do governo estadunidense sobre a Guerra no Afeganistão, a Guerra do Iraque e o Cablegate (divulgação de telegramas diplomáticos dos EUA que detalhavam as trocas de dados entre o Departamento de Estado dos EUA e suas embaixadas, contendo informações secretas sobre diversos assuntos de relevância mundial). Maiores informações disponível em: <http://mirror.wikileaks.info/>. Acessado em 12 de agosto de 2011.

³⁷ É interessante salientar que concordamos com a proposição da autora, mas, por partirmos de uma perspectiva teórica diferente, importa mais a compreensão das potencialidades e das condições para as interações simbólico-argumentativas, levando em consideração o contexto, os campos sociais, as posições, as disposições, o *habitus* e a estruturação da própria interação, ao invés de buscar as condições ideais para a troca argumentativa deliberacionista.

De forma semelhante pensa Benkler (2006), quando afirma que, com base em duas características fundamentais da sociedade em rede – a arquitetura das redes e da internet e o baixo custo para expressar opinião e para ser um *speaker* (pessoa capaz de se expressar via TDCI) –, uma esfera pública digitalmente conectada emerge na sociedade contemporânea. Sua concepção não parte da esfera pública do ideal burguês, mas de uma comparação estrutural com a esfera pública que tinha como base os *mass media*. O autor compreende que, com a alteração da dinâmica comunicacional tradicional dos meios massivos, fundada na verticalidade hierárquica de um-para-todos, para a lógica da comunicação em rede, que possibilita várias dinâmicas comunicacionais, como, por exemplo, a todos-todos com múltiplas conexões, e com a facilitação do acesso às tecnologias, os cidadãos terão mais condições de atuar cooperativamente em prol de interesses comuns e de resistir politicamente às ações que lhes forem prejudiciais.

Para Benkler (2006), as redes digitais não são fragmentárias do discurso, não diluem e nem polarizam o debate político, não são centralizadoras (apesar de existirem grandes conglomerados de mídia, não são estes que exercem o controle absoluto desse espaço) e possuem alto potencial para ser suporte de uma esfera pública contemporânea de maior participação civil nos assuntos públicos. Segundo o autor, práticas como compartilhar e repassar links interessantes, da cultura de “ver por si mesmo” os acontecimentos (cultura *see for yourself*), de participar e interagir simbolicamente em conversações e debates, de criação de comunidades de interesses comuns, de filtragem e produção de informações próprias, de reprodução de produtos simbólicos como forma de legitimação (mútua, da forma simbólica e do agente reprodutor), de vigiar e observar atores do campo político e midiático, conjuntamente com as ferramentas de potencialização da publicidade e visibilidade dos fluxos de opiniões e posições e das características de descentralização do controle e do poder, tornam o ciberespaço uma esfera pública mais produtiva e participativa daquela que tinha os MCM como suporte.

A partir do momento em que as TDCI (tendo como principal expoente a rede mundial de computadores) passam a se estenderem globalmente e serem vistas não somente como meras tecnologias, mas como suporte extremamente complexo e eficiente de comunicação e informação, tornam-se essenciais para as disputas econômicas, culturais, sociais e políticas. Isso porque as tecnologias têm um papel primordial nas transmutações sociais, não como princípio de revolução ou ruptura, mas como um possibilitador e potencializador das mesmas.

Dessa forma, as disputas pelo domínio da tecnologia e do que ela implica dá-se na e pela esfera virtual mundializada (noosfera global, ciberespaço, inforterritório etc.). Em função disso, segundo afirma Castells (2001), surge a ideia de *noopolitik*, um constante enfrentamento no qual indivíduos e instituições atuam estrategicamente sobre os fluxos de informação e comunicação em âmbito local, global, *online* e *off-line*, para poderem fazer visíveis suas posições, sejam elas comerciais, políticas ou culturais. Nesse sentido, é possível pensar também num redimensionamento da ideia de espaço público complexificado pela presença das TDCI e, em consequência, diversas potencialidades para influenciar nos processos cognitivos de formação de opinião individual e coletiva.

É a luz desse complexo cenário de transformações tecnológicas, produtivas, econômicas e políticas e suas implicações nas estruturas e campos sociais que poderemos compreender mais detalhadamente o caso Mayara Petruso, as relações e as disputas simbólicas estabelecidas nas redes sociais digitais. Dessa forma, no capítulo que segue, abordaremos o caso em si com seus desdobramentos mais relevantes, além de conceituar teoricamente o racismo e compreender como se estabeleceram as relações raciais no país.

5 EXCLUSÃO E DIFERENÇA: O RACISMO E O EPISÓDIO MAYARA PETRUSO EM PERSPECTIVA

Por estarmos tratando com um acontecimento que envolve racismo, acreditamos ser fundamental, antes mesmo de detalharmos o episódio Mayara Petruso e iniciarmos as análises referentes ao mesmo, realizaremos devido resgate conceitual para delimitar o que se entende por racismo. Da mesma forma, acreditamos ser de grande relevância realizarmos também uma recuperação documental das relações raciais no Brasil para que possamos compreender o Episódio Mayara Petruso em sua complexidade, a partir de sua constituição sócio-histórica, das transformações estruturais pelas quais o país passou e de onde tais relações raciais e preconceitos foram estabelecidos e desenvolvidos. Faremos uma recuperação documental também sobre questões referentes às desigualdades sociais entre São Paulo e Nordeste e a construção do preconceito de uma parcela da população paulista contra os nordestinos.

5.1 Racismo em construção

Partindo das premissas de Bourdieu (1990, 1997 e 2008b) sobre espaços sociais e posições ocupadas por agentes nas estruturações desses espaços, podemos pensar que todas as sociedades, culturas e coletividades humanas possuem formas específicas e dinâmicas de organização, produção e reprodução dos espaços, das maneiras, dos fazeres, dos saberes, das formas de dominação, dos costumes, dos valores e das crenças, e que as relações humanas que se desenvolvem dentro e a partir dessas estruturações tendem a ser condicionadas pelos limites e diferenciações previamente estabelecidas à sua realização. Conforme Ianni (1978), todas as construções sociais produzem formas singulares de hierarquização e classificação social, sejam elas definidas em relação às classes, raças, religiões, estamentos, castas, filiação política etc. Nesse sentido, podemos compreender que as relações se realizam num campo assimétrico de forças a partir de poderosos condicionamentos diferenciadores de agentes devido ao local que ocupam e papel que representam na cadeia das relações sociais, além dos capitais que possuem para realizar suas ações nesses espaços estruturados.

Ao articular ambos os autores, podemos pensar inicialmente o racismo como poderoso artifício de diferenciação social de determinada camada da população de uma dada região, que detém maior acúmulo de bens simbólicos e materiais e por isso tem sobre si a chancela de

dominante sobre outra parcela da população, compreendida como a dominada – essa forma de diferenciação será produzida e reproduzida constantemente ao longo da cadeia de relações sociais. Esse artifício, que se constitui como fenômeno na sua emergência, não se estabelecerá de maneira homogênea em todas as formas sociais, mas pelo contrário, terá as marcas das singularidades estruturais e relacionais de cada elaboração social, ou seja, operará conforme as hierarquizações, instituições, normatizações, diferenciações, valorações, dentre outras coisas. Também não terá uma origem única da qual se desdobrará conforme o movimento histórico. Moore (2007) argumenta que o racismo é um fenômeno “plurigenético” e pode ser encontrado nas suas mais variadas formas ao longo da história; desde as primeiras culturas que se tem registro, até os dias atuais. O autor concebe o racismo não como um acontecimento único que se espalhou e irradiou através das relações dos povos e da história, mas sim como um processo autônomo que ocorreu em diversos momentos e de diversas formas distintas por encontros e choques entre povos e culturas, mas sem um “começo” propriamente dito.

Concordamos com Nogueira (2007, p 292), quando ele considera o racismo como “uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece”. Por ser uma disposição e um artifício de diferenciação socialmente construído, segundo Moore (2007), o racismo, mesmo sendo heterogêneo devido às singularidades sociais que o condicionam, possui, na gênese da sua formação, uma dinâmica própria de funcionamento. O autor aponta três dinâmicas diferentes que são, ao mesmo tempo, autônomas e interdependentes: a) fenotipização das diferenças civilizatórias/culturais; b) estabelecimentos de uma ordem social numa hierarquização raciológica – subordinação política e socioeconômica e; c) simbologização da ordem fenotipizada. A fenotipização das diferenças civilizatórias/culturais diz respeito ao processamento simbólico elaborado por um grupo dominante para dominar, rejeitar ou marginalizar uma alteridade fenotipicamente diferente. A segunda dinâmica está relacionada à organização sistêmica de uma dada sociedade segundo critérios fenotípicos para a gestão dos recursos materiais e simbólicos. Já a terceira se refere à elaboração de estruturas do conhecimento que funcionam para regulamentar e legitimar (subjugando o dominado e elevando o dominador) as relações de dominação racial.

O processo de simbologização, descrito por Moore (2007), é uma forma de fuga simbólica realizada pela humanidade em momentos de extrema angústia referente à desestabilização de sua base simbólica de compreensão de mundo, construída num universo extra-racional, para responder aos medos gerados por esses conflitos existenciais. Essa simbologização, criada em circunstâncias específicas e por meio das relações sociais, perde sua localização/construção histórica concreta e passa a fazer parte de uma “consciência difusa”, cujos sentidos atravessam o tempo sendo reintegrados e atualizados constantemente nas relações racistas como algo determinante e exterior a elas. É um “esquecimento da autoria” humana, uma reificação dos produtos das relações e diferenciações sociais. Moore (2007, p. 250) afirma que “o racismo paira acima do mundo racionalmente consciente, na forma de uma metaconsciência envolvente, altamente plástica e mutante, sempre estruturadora das relações”. Para o autor, o racismo é um fenômeno construído historicamente, mas cujas manifestações simbólicas reificadas se tornaram uma espécie de fantasma atemporal que assombra as relações ao longo da história de uma dada sociedade e se configura, em última instância, como um fenômeno fundamentalmente antinegro.

A construção da dinâmica da gênese do racismo, elaborada por Moore, é de grande relevância para os estudos referentes ao racismo, no entanto essas ideias podem ser complexificadas a partir da visão de outros autores como Bhabha (1998) e Foucault (1996). Primeiramente, importa salientar que não compreendemos o racismo como uma construção extra-racional. Como dito anteriormente, concebemos a razão como ficções, ou magias sociais que são elaboradas para sistematizar a inteligibilidade do mundo sensível. Com isso, não se expurga o racismo das construções racionais – coloca-se a razão como produto da elaboração dos princípios das definições/classificações de realidade, ou seja, um construto simbólico que exerce grande força e condicionamento das condutas e crenças. Essa recolocação da razão como ficção, permite-nos entender, a partir dos estudos de Foucault (1996), como o racismo de Estado e as ciências do final do século XIX e início do XX auxiliaram na construção das biopolíticas da vida e da afirmação do racismo biológico.

Outra questão que nos parece relevante é o deslocamento do negro como centro de referência e ação do racismo. Nesse sentido é importante retomar a ideia de racismo como diferenciação social de um grupo em relação ao outro, de uma raça frente à outra, não necessariamente negra ou de diferente cor de pele. A própria ideia de raça deve ser compreendida como algo que vai além da questão fenotípica ou biológica na diferenciação

social. Ao discorrer sobre a guerra de raças e a genealogia do racismo de Estado, Foucault (1996) argumenta que a concepção da ideia de raça está vinculada a questões referentes ao local/região de origem, a unidades políticas, às construções simbólicas, à linguagem, aos valores, à religião, à história, à cultura etc. A partir dessa perspectiva, a noção de raça pode ser constituída por diversos atravessamentos que poderão influenciar e tensionar as relações sociais de maneira a produzir determinados tipos de racismos, com nuances e matizes variando de uma conjuntura social para outra. A determinação da raça e das suas propriedades e atributos correlativos, segundo Bourdieu (2009, p 113), vão funcionar como arma nas disputas identitárias, étnicas ou regionais e são “um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos”. A partir do momento em que essa visão se impõe perante um grupo e este a aceita como forma de descrição do mundo sensível, gera-se uma crença em relação à existência de uma unidade fundante.

Partindo da perspectiva de Bourdieu (2009), é possível pensar o discurso racista como performático que, ao longo das relações desenvolvidas nos espaços sociais, tenta impor uma determinada visão e compreensão das divisões existentes nesse mesmo campo social – é um discurso que performatiza fronteiras, limites, diferenças e exclusividades. Por se realizar nos espaços sociais que são inerentemente assimétricos nas suas posições constituintes, o discurso racista geralmente se estabelece como ferramenta de subjugação de uma dada raça por outra – daquilo que se institui/define como sendo uma raça. No entanto, sua performance não se limita à afirmação da diferença, mas possui também o seu lado produtivo no momento em que desenvolve conhecimentos sobre a alteridade dominada. É um conhecimento para expandir o campo de dominação de um grupo sobre o outro – o conhecimento que é formulado como subjetivação do outro para a dominação, para o fazer, para o poder – é o poder-saber foucaultiano.

Fazendo um paralelo às análises de Bhabha (1998, p. 111) sobre o discurso do colonialismo, o discurso racista funciona também como um aparato de poder, cuja função estratégica é a criação e determinação “de um espaço para ‘povos sujeitos’ através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer”. É um tipo de discurso que, através da produção de conhecimento tanto do dominador quanto do dominado, na forma dos reconhecimentos e

repúdios das diferenciações, busca a legitimação do sistema de dominação e a criação de uma política da verdade sob a qual se baseia essa sistemática. Para Bhabha (1998), a principal estratégia discursiva para identificação e determinação da alteridade subjugada no discurso colonial é o estereótipo – e da mesma forma podemos pensar o discurso racista. Segundo o autor, o estereótipo faz uma dupla subjetivação, pois ao mesmo tempo serve de demarcação do limite do enunciador (esquecimento das diferenças grupais para afirmação do gênero identitário do enunciador – o desejo de uma originalidade que é de novo ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura) na sua busca por diferenciação e proteção contra a ameaça da alteridade, e também de demarcação do limite do objeto do enunciado ao imprimir no ato do discurso a marca da diferença e das "essências" como forma de subjugação e manutenção das relações de dominação. O estereótipo é o jogo da aproximação pelo afastamento das diferenças. O estereótipo põe em prática os efeitos de poder/saber no momento em que é realizado dentro das relações de força e disputas simbólicas entre dominado-dominador, colonizado-colonizador, nativo-(i)migrante, e onde é utilizado como um saber instituído que necessita reafirmar a diferença e as posições dentro desses enfrentamentos; é uma função mantenedora dessas mesmas relações, sendo a representação antitética do “eu” dominante e da alteridade dominada.

A partir dessa lógica classificatória e diferenciadora, o discurso racial se estabelece como aparato de poder e dominação que se desenvolve diferentemente em cada sociedade devido suas singularidades e transformações estruturais realizadas ao longo das relações sociais e que retornam sobre as mesmas como efeito de condicionamento. Nesse sentido, para que possamos entender o racismo existente no Brasil, principalmente na relação entre paulistas e nordestinos no estado de São Paulo (considerando o objeto de estudo desta dissertação), importa atentar para alguns dos aspectos que fundamentam essas relações de desigualdade racial, desenvolvidas ao longo das transformações sociais, culturais, econômicas, políticas e sociais pelas quais o país passou desde a época da colonização, com o início do tráfico negreiro e da escravidão no país.

5.2 Racismo no Brasil e a diferença São Paulo/Nordeste

A gênese do racismo no Brasil e, conseqüentemente, das relações de preconceitos que se estabelecem hoje – como as materializadas no fenômeno de racismo contra os nordestinos,

ocorrido nas redes sociais digitais após as eleições presidenciais de 2010 – precisam ser compreendidos a partir do ponto chave de diferenciação de categorias raciais imposto desde o princípio da colonização: a escravidão. Segundo Fernandes (1972), o preconceito e a discriminação racial iniciaram no Brasil como contingência inquestionável da escravidão do negro, que serviu de suporte e alavanca à nascente economia de exploração e exportação de matéria-prima para a Europa.

A escravidão como forma de classificação, hierarquização, subjugação e dominação de um grupo/população sobre outro é o ponto máximo da diferenciação, pois o sujeito escravo, além de ser considerado como mercadoria, carrega toda uma série de estereótipos e estigmas associados a sua condição. No Brasil, a escravidão teve início em meados do século XVI, como parte do processo de colonização empreendido por Portugal para ocupar e explorar as terras da nova colônia – momento da organização do território em capitânias e da expansão da exploração de matérias-primas para exportação à Europa. A primeira cultura de maior relevância no cenário pré-capitalista da época foi o açúcar oriundo da cana-de-açúcar, sendo cultivado principalmente na região nordeste do país. Dessa forma, grande parte do comércio de escravos se dirigia para essa região no intuito de servir de mão de obra para as lavouras e canaviais. É importante ressaltar que, por mais que a escravatura brasileira tenha sido marcada pela escravidão do negro africano, também o indígena fez parte da população escrava colonial, principalmente nos períodos iniciais da colonização portuguesa.

Segundo Ianni (1978), após um longo período de intensa comercialização de escravos africanos no país, a escravatura entra em crise, principalmente pela transformação do sistema de acumulação de capital, ou seja, da transição entre o mercantilismo, que tinha por base a mão de obra escrava, e o capitalismo, que tinha a competição e o consumo generalizado como sua mola propulsora. Conforme o autor argumenta, foi esse paradoxo de transformação estrutural – de decadência do servilismo e ascensão da industrialização – que possibilitou uma série de profundas transformações no Brasil, afetando diretamente as relações raciais e o racismo inerente a elas.

Por volta do final do século XVIII e início do XIX, ao mesmo tempo em que o açúcar e o algodão brasileiro perdiam mercado internacional frente a outros concorrentes e o comércio de escravos diminuía constantemente, enfraquecendo economicamente a região nordeste, a região de São Paulo via a ascensão da cafeicultura que era baseada, além do

trabalho escravo, na mão de obra livre oriunda da Europa³⁸. Ianni (1978) argumenta que nesse cenário de transformação estrutural econômica, iniciava-se também uma gradativa influência do pensamento liberal burguês, principalmente o inglês (cujos interesses econômicos e políticos no Brasil aumentavam constantemente), no intuito de terminar o comércio de escravos e a escravidão – que era visto como barreira para o desenvolvimento do capital. A política antiescravista, que vai tomando forma no século XIX, gera consequências fortes no sistema escravocrata: em 1850, pela Lei Eusébio de Queiróz, é suspenso o comércio de escravos; em 1871 é aprovada a Lei do Ventre Livre; em 1885, implantada a Lei dos Sexagenários e; em 1888 é realizada a abolição da escravatura.

Conforme argumenta Fernandes (1972), essa conjuntura aparentemente favorável aos negros não se consolidou nas relações sociais e econômicas, pois o negro continuava marginalizado estrutural e simbolicamente. De acordo com o autor, com a abolição da escravatura e com as mudanças estruturais e econômicas do Brasil, a situação racial pouco se alterou, pois se a hierarquização das castas havia legalmente acabado, na prática o sistema de hierarquia continuava intacto. Por mais que o negro tenha sido liberto, não foram criadas as condições necessárias para a integração desse contingente populacional na sociedade capitalista que se afirmava. Essa condição de marginalização racial ficou clara nas próprias políticas adotadas para a suplementação da mão de obra escrava para a assalariada no momento de ebulição econômica vivida na região de São Paulo no final do século XIX. Durante esse período, houve uma crescente necessidade por mão de obra tanto nos cafezais, quanto na nascente indústria nacional. No entanto, conforme Sales (1997), para atender essa demanda foi adotada uma política do embranquecimento populacional ao se optar por trabalhadores europeus ao invés do negro livre. Essa escolha recai em princípios racistas de eugenia e pureza de raça que se implantava no Estado através da elite política branca³⁹, que via o negro pelos estereótipos remanescentes da escravatura, ou seja, como indolente, bárbaro, burro e não qualificado para o trabalho. Dessa forma, o que se viu foi um aumento exponencial da imigração de trabalhadores europeus entrando no Brasil, fundamentalmente capitaneada por recursos públicos – mas essa migração era voltada basicamente para a região

³⁸ O primeiro ciclo do café no Estado de São Paulo se deu por volta do início do XIX no Vale do Paraíba e a base da mão de obra era escrava. Já o segundo ciclo, ocorreu no Oeste Paulista, em meados do mesmo século e a base trabalhadora era composta por homens livres migrados da Europa (Botelho, 1990; Matos, 1974).

³⁹ Sales (1997) mostra em sua pesquisa que até mesmo Joaquim Nabuco, grande defensor da abolição, mostrava-se temeroso da inserção de outras raças no Brasil que não fossem brancas e oriundas da Europa, consideradas por ele como superiores. Essa visão de Nabuco se apresenta em consonância com o discurso científico e político europeu que fundamentava o racismo de Estado e dava suporte a ideia de superioridade de pureza de raça.

sudeste, como foco maior no Estado de São Paulo, enquanto a região norte e nordeste contou com pouca imigração europeia financiada pelo governo⁴⁰.

A constante imigração europeia, que teve seu apogeu entre 1870 a 1930 e que possibilitou a entrada de mais de quatro milhões de europeus⁴¹, começou a perder relevância a partir do primeiro governo do Getúlio Vargas. Com a ascensão de Getúlio à presidência, após a Revolução de 1930, diversas mudanças sócio-políticas foram implantadas que favoreceram o declínio da imigração europeia e, conseqüentemente, o aumento da migração inter-regional. Segundo Gomes (2002), diversos fatores auxiliaram a fomentar a migração de nordestinos para São Paulo: a) grande desigualdade socioeconômica, na qual uma região estava em franco desenvolvimento agrícola e industrial, enquanto outra estava estagnada economicamente, com grande parte da população desempregada, sofrendo com constantes secas e com relações de trabalho similares ao servilismo; b) grande demanda por mão de obra em São Paulo devido a sua expansão econômica; c) existência de infraestrutura (rodovias e ferrovias) para dar suporte ao deslocamento migratório; d) incentivo da política de Vargas, tanto no que diz respeito à restrição à imigração europeia (limitação do número de trabalhadores estrangeiros nas empresas brasileiras e eliminado o subsídio de viagem), quanto na regulamentação do trabalho (estabelecimento das leis trabalhistas - CLT), possibilitando melhores condições de vida aos trabalhadores; e) desenvolvimento de uma política de incentivo a migração inter-regional, favorecendo o deslocamento de nordestinos para áreas em franca expansão econômica como São Paulo⁴².

De acordo com Gomes (2002) e também Jannuzzi e Oliveira (2005), o principal motivo para a migração dos nordestinos para a região Sudeste estava (e ainda está, mas em condições distintas) fundamentalmente vinculado à questão da busca por trabalho e melhores condições de vida. Os nordestinos migrantes, conforme aponta Ferrari (2005), eram, na sua grande maioria, oriundos de regiões rurais muito pobres (muitas vezes atingidas por constantes secas) e com baixa escolarização – sendo que apenas 25% da população da região

⁴⁰ A imigração de europeus contribuiu para a expansão e complexificação do racismo contra os negros, os mulatos, os índios e todos os não-brancos, pois segundo Gomes (2002), esses imigrantes também traziam na sua bagagem cultural diversos tipos de preconceitos, além de outros que por ventura podem ter sido desenvolvidos no Brasil.

⁴¹ Dados obtidos na pesquisa sobre a formação do mercado de trabalho de São Paulo, realizada por Sales (1997).

⁴² Gomes (2002) afirma que o desenvolvimento dessa política foi uma estratégia do Governo Vargas para acabar ou desestabilizar possíveis movimentos sociais em prol da reforma agrária que já estavam se formando no nordeste devido à pobreza e à falta de terras para a população.

era alfabetizada por volta da década de 1950⁴³. Esses migrantes, ao chegarem à cidade de São Paulo, à região metropolitana, ou mesmo às cidades do interior que também estavam crescendo economicamente, deparavam-se com um universo social completamente distinto, composto por diversas culturas, nacionalidades, hábitos, dinâmicas etc., e sofriam um choque cultural muito intenso, seja no que diz respeito a sua própria adaptação ao novo local, seja no que concerne ao tratamento recebido pela população local. Ferrari (2005) argumenta que, desde o princípio da migração nordestina para o Estado de São Paulo até os dias de hoje, a recepção aos nordestinos foi sempre repleta de preconceitos, estigmatização e discriminação – o nordestino era o “Baiano”, o “Cabeça Chata” etc. O encontro entre diferentes possibilitava o aumento de tensões sociais que se cristalizavam nas diferenciações culturais, fenotípicas, de crenças, nos hábitos etc., impostas por um grupo sobre o outro - um grupo dominante, a elite paulista, impondo sua classificação sobre outro grupo subordinado social e economicamente, ou seja: os nordestinos. Nesse sentido, esse choque gerado pela migração, tornou-se carregado de estereótipos e estigmas referentes aos imigrantes nordestinos, delimitando assim as diferenças e as posições hierárquicas pertencentes a cada grupo social nas relações realizadas na cidade de São Paulo. Os nordestinos, provenientes em grande parte da zona rural, semianalfabetos; de cultura, hábitos e aparência diferentes, eram classificados e rotulados com estereótipos que os sujeitavam à condição marginal.

Conforme mostram os dados do IBGE (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2011), os deslocamentos populacionais no Brasil tiveram seu maior ápice no período entre as décadas de 1960 a 1980, tendo como seu principal eixo de trocas as regiões Nordeste e Sudeste. Nas décadas seguintes esse volume⁴⁴ foi decrescendo, muito devido a políticas em prol do desenvolvimento econômico dos Estados considerados como pertencentes à região Nordeste⁴⁵. Em contrapartida, há o crescimento do fenômeno de retorno de migrantes para sua terra de origem, com grande volume registrado na região Nordeste. Esse grande contingente populacional que se dirigiu a São Paulo e sua região metropolitana ao longo dos últimos 80 anos (1930-2010), nem sempre obteve sucesso na sua busca por trabalho e melhores condições de vida, pois além de enfrentar uma série de obstáculos impostos pelos

⁴³ Ferrari (2005) apresenta dados obtidos no anuário estatístico de 1950.

⁴⁴ A pesquisa do IBGE aponta que o volume da migração inter-regional entre 1995 a 2000 envolveu cerca de 3,3 milhões de pessoas. Já nos anos de 1999 a 2004 e de 2004 a 2009 o volume foi de 2,8 milhões e 2 milhões de pessoas respectivamente, denotando o decréscimo da migração inter-regional no Brasil.

⁴⁵ Mais informações referente ao desenvolvimento econômico da região Nordeste podem ser obtidas na matéria “Nordeste: o mais dinâmico e confiante, em dias de incertezas globais”, da revista online Carta Maior. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=18287.

preconceitos, tinha de enfrentar desafios estruturais, como a competição num mercado em franco desenvolvimento tecnológico e cada vez mais exigente por mão de obra qualificada, além de baixos salários, alto custo de vida etc. Dessa forma, segundo argumenta Gomes (2002), esse cenário causou (e ainda causa) o chamado desemprego estrutural, ou seja, a não inclusão da mão de obra não qualificada para o trabalho especializado. Assim, o migrante nordestino, em grande parte com baixa escolaridade e pouca capacitação laboral para o capitalismo tardio brasileiro, foi posto à margem dessa sistemática, buscando muitas vezes sua fonte de subsistência de modo alternativo no trabalho informal⁴⁶.

Outra questão relevante, referente à marginalização do migrante nordestino, diz respeito ao local de moradia. Devido às imposições estruturais para o acesso ao trabalho e também o alto custo de vida na região metropolitana de São Paulo, os migrantes nordestinos (e também de outras regiões e estados que se encontravam na mesma situação) passaram a se concentrar nas áreas periféricas e pobres da capital paulista, formando os cinturões de favelas. Pasternak (2002) observa que a população das favelas da região metropolitana de São Paulo é constituída, em grande parte (cerca de 70%), por migrantes nordestinos e/ou seus descendentes, sendo que 80% são negros e mulatos⁴⁷. A questão da localização do migrante na região metropolitana de São Paulo contribui intensamente para o reforço do racismo e preconceito social com relação aos nordestinos, pois conforme argumenta Pasternak (2002, p. 13), “a favela, vista pelos olhos das instituições e da classe média, seria por excelência o local da desordem, território urbano dos pobres, tradução espacial da exclusão social”. O fator favelização, no nível de representação social, estigmatiza seus moradores como pertencentes à pobreza, ao caos, à falta de educação, desemprego ou emprego informal, à violência e diversos outros estereótipos relacionados que reforçam as diferenciações, o racismo e a subjugação do migrante frente ao nativo da região.

Os estereótipos vinculados à definição de Nordeste e nordestinos, construídos historicamente a partir de uma forma de classificação e compreensão do mundo social, encontraram nas formas de expressões culturais e artísticas e nos meios de comunicação de massa uma forma de propagação e ressonância. Segundo ressalta Albuquerque Júnior (2009), imagens estereotipadas - como cangaceiro, sertanejo pobre, retirante, paraíba, ignorante, seca,

⁴⁶ A autora aponta que em função dessa nova condição estrutural do capitalismo nacional, há um grande crescimento do emprego informal por parte dos nordestinos migrantes na cidade de São Paulo e no interior do Estado – expressivo aumento de vendedores ambulantes, camelôs (bancas informais de vendas de produtos variados), comércio, serviço e indústrias também informais.

⁴⁷ Dados referentes ao ano de 1996 e baseados no Censo de 2000.

fome, miséria, luta, discriminação, exploração etc., - fizeram parte de um quadro simbólico classificatório de sujeição do migrante e da própria região Nordeste. O autor argumenta que as construções artísticas e culturais tiveram grande importância na construção da noção de “Nordeste” e “nordestino” ao veicularem - cada uma dentro de suas possibilidades e limitações, com objetivos e intenções diversas - concepções classificatórias a respeito da região e do povo que a habita, como por exemplo: a literatura com obras como “Os Sertões” de Euclides da Cunha, “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “Fogo Morto” de José Lins do Rego, “Subterrâneos da liberdade” de Jorge Amado, “O Quinze” de Raquel de Queiroz etc.; as artes plásticas com artistas nordestinos como Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, ou artistas que retrataram a vida no Nordeste como Cândido Portinari e Di Cavalcanti; a música, com diferentes ritmos e melodias vinculadas às diferentes partes do nordeste, como o forró e o baião, tendo como representante máximo Luiz Gonzaga; o teatro, com nomes como Ariano Suassuna (Auto da Compadecida) e Raquel de Queiroz (Lampião); e também o cinema representou diversas vezes o Nordeste e o nordestino, como por exemplo, no filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” de Glauber Rocha.

Para além das representações artístico-culturais, Albuquerque Jr. (2009) argumenta que os meios de comunicação de massa desempenharam um papel fundamental na propagação e instituição das representações e classificações estereotipadas a respeito do “Nordeste” e do “nordestino”. O autor acredita que as informações veiculadas nos MCM, desde as primeiras grandes secas registradas midiaticamente, ainda no século XIX, até as reportagens atuais, podem servir como estratégia de afirmação da diferença pelo estereótipo estabelecido. Ou seja, auxiliam na produção e na reprodução das relações de dominação e poder, estabelecendo o que deve ser entendido como Nordeste, nordestino e também como região Sudeste, São Paulo, paulista etc. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Penna (1992) apresenta em sua pesquisa, diversos acontecimentos xenófobos, além de matérias e artigos veiculados nos jornais paulistas, que comprovam o racismo e preconceito social dos paulistanos contra os nordestinos, manifestados após a vitória de Luiza Erundina, uma nordestina, nas eleições para a prefeitura de São Paulo em 1988.

A partir desses dois autores, é possível entender que muitas vezes as formas simbólicas elaboradas e veiculadas nos meios de comunicação de massa colaboram para o reforço simbólico das significações estereotipadas previamente elaboradas e circulantes não só no discurso racista, mas também, de certa forma, enraizadas no senso comum a respeito do

Nordeste e do nordestino – mantendo a ideia de flagelo, sofrimento, miséria e migração vinculada a uma identificação estabelecida. Essas formas simbólicas auxiliam na manutenção de uma ideia de submissão e inferioridade sistêmica e estrutural do nordestino migrante perante o nativo de outras regiões, principalmente São Paulo. Neste sentido, esses estereótipos auxiliam na reprodução e manutenção das relações sociais assimétricas que são estabelecidas cotidianamente nos espaços sociais em que os nordestinos (migrantes) estão inseridos, perpetuando assim relações raciais de dominação, nas quais o racismo continua funcionando como ponto de diferenciação, controle e subjugação de um grupo/raça sobre outro. Além disso, em função da construção sócio-histórica do Brasil como um país de fortes marcas da colonização europeia, da escravidão, da imigração também europeia, da exploração, das violências e submissões, há, nas construções discursivas do preconceito racial e social, resquícios de uma estética do discurso de colonização, que se faz presente (por vezes de forma latente ou então explícita) nas enunciações da vida cotidiana e midiáticas.

As construções discursivas dos preconceitos atuais, ao articularem estigmas e estereótipos referentes aos nordestinos, mobilizam sentidos que atravessam a história das disputas materiais e simbólicas entre dominador e dominado, colonizador e colonizado, sul e norte, e que são inseparáveis da própria construção social do Brasil. Essa construção sócio-histórica de sentido se atualiza na enunciação do estereótipo, não de forma circular, repetindo-se a si mesma, mas de forma espiral, transformando-se e atualizando-se conforme contextos e utilizações.

É nesse complexo quadro de relações sociais desenvolvidas ao longo da história do Brasil, das suas transformações sociais, políticas e econômicas, das diferenças estruturais entre regiões e populações, que será possível compreender de maneira mais clara o caso de estudo proposto neste trabalho. Assim, as interações simbólicas estabelecidas nas redes sociais digitais e as opiniões circulantes nessas mesmas redes referentes ao caso Mayara Petruso, poderão ser pensadas levando-se em consideração os atravessamentos socioculturais carregados de significados historicamente constituídos.

6 METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO

O objeto de pesquisa deste trabalho compreende as marcas das interações simbólicas e embates opinativos concretizados nas esferas conversacionais dos blogs e nas redes sociais digitais, como o Twitter, por agentes da esfera civil (não organizados politicamente *strictu sensu*) referentes aos comentários racistas realizados por Mayara Petruso, logo após a confirmação da vitória da candidata Dilma Rousseff à presidência. No entanto, antes de abordarmos o caso propriamente dito, seu contexto e suas implicações, é necessário evidenciarmos a metodologia de análise que será empregada neste trabalho.

6.1 Procedimentos Metodológicos

A metodologia proposta procura dar conta dos movimentos de interação e compreensão de mundo que permeiam o episódio Mayara Petruso e também a dinâmica da opinião pública, além dos processos que envolvem sua constituição, levando em consideração os agentes sociais envolvidos, as relações simbólicas estabelecidas e a ecologia midiática ambiental. Para tanto, usaremos como lentes para a análise as teorias desenvolvidas por Blumer e vinculadas ao interacionismo simbólico.

Blumer (1980) argumenta que o interacionismo simbólico parte de algumas premissas básicas para poder compreender a relação homem-mundo. A primeira sustenta que todas as ações que os homens realizam no mundo estão baseadas nos significados que esses vão lhes propor, compreendendo tudo o que é possível de se observar, desde objetos físicos (casas, roupas, seres humanos etc.), até objetos abstratos (conceitos, valores, ideias etc.). A segunda⁴⁸ premissa defende que os significados não são imanentes aos objetos, mas estabelecidos e desenvolvidos através das interações sociais entre os indivíduos. A última premissa diz respeito à manipulação dos significados pelos homens, pois o interacionismo simbólico compreende que estes são apreendidos pelos interagentes dentro de um processo de interpretação durante as relações estabelecidas entre os mesmos e o mundo sensível (BLUMER, 1980).

⁴⁸ Segundo França (2008) essa premissa aprofunda a ideia de interação (em vez de ação) que é adotada no interacionismo, pois com ela é possível ver que nunca é uma ação isolada, mas sempre compartilhada, conjunta, recíproca, referenciada.

Segundo Blumer (1980), esse processo interpretativo se dá através de duas fases ou etapas, sendo que a primeira consiste na autodeterminação que o agente faz em relação aos elementos do mundo sensível para poder se relacionar com os mesmos, ou seja, terá de especificar para si os significados presentes – essas designações são parte de um processo social de interiorização do mundo objetivado. Na segunda etapa, o agente trabalha sobre esses significados conforme a situação ou contexto que está envolvido – em outras palavras, os interagentes se apropriam dos significados modificando-os no intuito de orientar suas ações.

Dessa forma, ainda segundo Blumer (1980), o interacionismo compreenderá que a própria natureza da sociedade se constitui pela ação, pela constante transformação simbólica e pelo movimento, nos quais os agentes envolvidos estarão sempre reordenando seus atos e estratégias dentro de um processo social contínuo de interação. E nesse sentido, a natureza da ação humana está enraizada nos processos interpretativos que os agentes realizam, pois todo e qualquer ato consiste na capacidade de dar atenção e interpretar os elementos de determinada situação para, a partir disso, desenhar sua estratégia de comportamento. Os atos interpretativos levam em consideração as construções simbólicas existentes que contextualizam dada ação, mas essas não determinam os comportamentos, apenas situam significados que são reatualizados pelos agentes nas suas orientações de conduta. Segundo o autor, “um novo tipo de ação jamais se origina separadamente das experiências passadas. Os participantes envolvidos na formação de novo comportamento trazem ao mesmo o universo de objetos, os conjuntos significativos e as sistematizações de interpretação que já possuem” (BLUMER, 1980, p. 139).

Mesmo compreendendo que, para estudar fenômenos sociais de toda ordem é importante levar em consideração a forma como os agentes/sujeitos constroem e dão sentido a esses próprios fenômenos e como estes podem interferir na visão e percepção de mundo dos agentes, temos de levar em consideração algumas limitações do método do interacionismo simbólico de Blumer perante nosso objeto de estudo. Como a análise do objeto será realizada após a emergência do acontecimento, buscaremos compreender o fenômeno a partir das marcas de linguagem presente no ambiente digital onde ocorreram as interações e trocas de informação/opinião. Ou seja: observaremos, por meios das marcas de linguagem, as proposições de sentido realizadas pelos interagentes e também algumas das apropriações realizadas pela alteridade. No entanto, apesar das limitações, utilizaremos as concepções teóricas de Blumer como lente, por compreendermos as potencialidades de análise inerentes

as suas proposições.

Dessa forma, a partir das marcas de linguagem das interações simbólicas, será possível visualizar como as TDCI proporcionam condições de interação simbólica entre agentes de capitais e campos distintos, não somente no que diz respeito à transformação das disputas pelo significado do mundo social e das lutas políticas, mas também das questões inerentes a essas lutas como a produção, apropriação, circulação, difusão, visibilidade de informações e opiniões de cunho político. Nesse sentido, para aprofundar o entendimento a respeito das construções humanas e seus efeitos nos agentes sociais, iremos nos valer dos procedimentos metodológicos direcionados ao mundo empírico, possibilitados, segundo Haguette (1992), pelo interacionismo simbólico, como as técnicas de pesquisa exploratória, com foco na pesquisa *ex-post facto* e documental, realizada de forma retrospectiva para compreender os acontecimentos ocorridos nas redes sociais digitais e meios de comunicação *online*. De forma complementar, valeremo-nos também da Análise de Conteúdo e da Análise de Redes Sociais⁴⁹ (ARS) para aprofundar a leitura dos documentos.

Levando em consideração o fato de esta pesquisa dizer respeito ao estudo do episódio Mayara Petruso, o recorte do objeto compreenderá três distintos aspectos: a) o enunciado de Mayara, realizado no dia 01 de novembro de 2010, juntamente com seus desdobramentos e implicações de maior visibilidade/relevância – pesquisa *ex-post facto*; b) a análise das interações e trocas de opiniões realizadas entre agentes na seção de comentários de blogs, para compreender como se estabeleceram as interações simbólicas nas plataformas digitais através das marcas dessas interações (armazenadas digitalmente nos próprios blogs) – Análise de Conteúdo; e c) análise da circulação de opiniões e informações, oriundas dos debates e interações realizadas nos blogs previamente estudados, no Twitter – Análise de Redes Sociais. Convém ressaltar que, por mais que haja divisão de fases ou momentos, estas são muito mais de cunho didático do que determinações rígidas dos limites de utilização de cada uma delas.

6.1.1 Corpus

Antes mesmo de prosseguirmos com descrição das técnicas de pesquisa empregadas neste trabalho, é de grande relevância definirmos o corpus sobre o qual as mesmas serão

⁴⁹ A ARS, conforme argumentam Fragoso, Recuero e Amaral (2011), consiste na verificação das estruturas das interações, do conhecimento de como se estabeleceu a dinâmica das mesmas e da compreensão de seus elementos constituintes.

empregadas. A delimitação do corpus para ambas as técnicas de análise partiu dos pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam a investigação, elaborando e seguindo critérios de seleção que correspondam, tanto a teoria quanto aos objetivos propostos. Nesse sentido, para dar conta da dinâmica das interações simbólicas nas seções conversacionais dos blogs e da circulação das opiniões, escolhemos os blogs baseados em duas regras propostas por Bardin (1979) para se eleger documentos: regra da representatividade e da homogeneidade. A primeira regra diz respeito à formação de um corpus que represente o fenômeno ocorrido de forma genérica e que esteja diretamente vinculada ao quadro teórico e aos objetivos propostos. Já a segunda regra estabelece que os elementos do corpus devam possuir características semelhantes que os enquadrem dentro dos critérios estabelecidos e não apresentem demasiadas singularidades que impossibilite o agrupamento.

Tendo em consideração a teorização desenvolvida por Bardin (1979), estabelecemos que ambas as regras funcionassem como critérios de seleção para formação da amostra de blogs. O primeiro critério diz respeito à questão da representatividade. Por concebermos a opinião pública como uma instância de disputas simbólicas de diversos atores e grupos de atores, estabelecemos quatro classificações que representariam genericamente os grupos em embate. Tais classificações são: blogs de atores da sociedade (interagente aparentemente não participante de organizações, instituições políticas e campo político, além de não estar vinculado aos MCM tradicionais); de atores da esfera midiática (jornalistas ou celebridades midiáticas); de atores do meio acadêmico (membro da área acadêmica com alto capital cultural e legitimidade de fala); e atores políticos. Considerando as particularidades da pesquisa (quantidade de informações e desdobramentos dos comentários atualizados nos blogs) e a suficiência de material para atingir os objetivos, acreditamos que o estudo de um blog de cada categoria seja o mais adequado. Já o segundo critério diz respeito à questão da homogeneidade: os blogs selecionados para a amostra deveriam, além de tratar da mesma temática, apresentar ao menos um post a respeito do episódio Mayara Petruso.

Definidos os dois critérios de recorte e seleção, iniciamos a busca do material de análise por meio de uma exploração no ambiente online - fóruns de debate, redes sociais digitais, revistas e jornais eletrônicos etc. A pesquisa realizada, com base nos dois critérios de seleção, defrontou-se com a seguinte dificuldade: muitos desses blogs não possuíam qualquer marca de interação simbólica. Em função disso, estabelecemos um terceiro critério que

auxiliasse na seleção de blogs com marcas de interações simbólicas na seção de comentários. Esse critério estaria vinculado à intensidade de informações, ou seja, à riqueza de elementos que correspondam à intenção da pesquisa e deem suporte a um estudo em profundidade: os blogs deveriam apresentar dados suficientes para a realização da análise. Para definir o que seria a intensidade, instituímos que o número mínimo de comentários deveria ser 50 e o máximo 500, com participação de, pelo menos, dez interagentes – as medidas foram baseadas nos critérios de seleção e nas limitações do trabalho, visando evitar excesso de material diante das possibilidades da pesquisa.

Por tratarmos também da circulação das opiniões, oriunda das conversações estabelecidas nos blogs e nas redes sociais digitais, definimos um quarto critério de seleção que respondesse essa questão: os blogs, para fazerem parte do corpus, deveriam ter tido seu post sobre o tema publicado no perfil do Twitter de seu proprietário ou de um dos interagentes do post. Para tornar o trabalho de busca mais objetivo, adotamos um último critério: emergência. Dessa maneira, os primeiros blogs que respondiam perfeitamente aos quatro critérios de seleção foram tomados como corpus.

Portanto, ficaram instituídos os seguintes critérios de seleção da amostra:

- 1) Representatividade Categorical;
- 2) Homogeneidade Temática;
- 3) Intensidade interacional;
- 4) Circulação da Informação;
- 5) Emergência.

Considerando os critérios de seleção, foram encontrados dados suficientes para preencher somente três das classificações elaboradas. A de ator político ou do campo político não obteve nenhum representante produtivo⁵⁰. Diante disso, após avaliação, verificou-se que a análise poderia ser realizada com os três blogs selecionados, pois os mesmos apresentavam informações suficientes para responder aos objetivos desta pesquisa. Desse modo, os três blogs a serem analisados estão descritos no quadro 1:

⁵⁰ Ao longo das buscas foram encontrados poucos blogs de políticos e nenhum deles fazia qualquer menção ao caso Mayara. Isso pode denotar um não envolvimento de atores político a respeito do caso dentro do ambiente online.

Quadro 1: amostra dos blogs a serem analisados

Blog	Tema	Título do Post	Autor	Classificações	Nº Comentários
Edhy Ghellen ⁵¹	Variado	O preconceito ainda vive.	Edhy Ghellen	Ator da Sociedade (webdesigner)	261
Blog do Ricardo Noblat ⁵²	Jornalismo – foco em política	Intolerância na rede.	Ricardo Noblat	Ator Midiático (jornalista do jornal O Globo)	72
Biscoito Fino e a Massa ⁵³	Variado, mas com foco em política, cultura, ciência, literatura, música e futebol.	A vitória da Dilma e a falsa tese do país dividido.	Idelber Avelar	Ator Acadêmico (professor universitário de literatura nos EUA)	113

Fonte: dados de pesquisa observados nos três blogs analisados

Nos três subitens a seguir iremos apresentar com maiores detalhes as técnicas de análise a serem empregadas no trabalho.

6.1.2 Pesquisa Ex-Post Facto

Com a pesquisa *ex-post facto* é possível, através de procedimentos sistemáticos, descrever qualitativamente o caso estudado (GIL, 1994), no sentido de entender o contexto, implicações e repercussões dos comentários racistas. Conforme Maria Immacolata (1994), com essa técnica, a informação observada se torna dado na medida em que a realidade social é apreendida conforme a problemática e o quadro teórico científico utilizado. Assim, com o dado, poderemos transcender o senso comum e o domínio da *doxa*, passando para a abstração do espaço epistêmico, buscando uma maior compreensão do objeto e do fenômeno social estudado.

⁵¹ Blog “Edlhy Ghellen”: <http://edhyghellen.wordpress.com/2010/11/01/o-preconceito-ainda-vive/> . Acessado em 16 de dezembro de 2010.

⁵² Blog do Ricardo Noblat - O Globo online: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/11/04/intolerancia-na-rede-editorial-338018.asp>. Acessado em 16 de dezembro de 2010.

⁵³ O Biscoito Fino e a Massa: http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/a_vitoria_de_dilma_e_a_falsa_tese_do_pais_dividido.php#comments. Acessado em 16 de dezembro de 2010.

Para tal descrição e análise, realizamos a recuperação de informações do acontecimento e como este se estabeleceu - as formas de ação empregadas, a produção e difusão das opiniões e tomadas de posição, as formas de interação social e de circulação de informação. Nesse sentido, observamos no ambiente *online* o fenômeno desde sua primeira manifestação de impacto (a publicação de um comentário racista da estudante Mayara Petruso no seu perfil nas plataformas digitais no dia 1º de novembro de 2010), a propagação de comentários racistas por outros internautas em diversos locais da web, as reações contra o racismo e a xenofobia, até a repercussão do tema entre atores políticos e midiáticos.

O recorte temporal das pesquisas exploratória *ex-post facto* e documental compreenderá o período de aproximadamente sessenta dias após a publicação do comentário da Mayara Petruso em seus perfis da Facebook e no Twitter – ou seja, dados entre os dias 01 de novembro a 31 de dezembro de 2010⁵⁴. Esse recorte se deve, primeiramente, à data de publicação do comentário racista da Mayara e, em segundo lugar, ao fato de que o episódio teve maior impacto e repercussão, não só nos MCM nacionais e internacionais, mas também nas redes sociais digitais, durante as primeiras semanas após os primeiros comentários racistas publicados na internet.

6.1.3 Análise de Conteúdo

No que concerne às marcas de linguagem das interações simbólicas, realizaremos uma análise na seção de comentários dos blogs selecionados como amostra a partir do caso Mayara Petruso, para compreender as formas de apropriação⁵⁵ e circulação de opiniões dos atores e também a dinâmica da interação simbólica (no nível individual e coletivo). Além disso, realizaremos também uma análise das formas de apropriação das opiniões dos autores dos blogs em seus posts e que foram republicadas no Twitter por determinados agentes sociais. Para tanto, entendemos ser necessária a utilização da técnica de Análise de Conteúdo. Essa metodologia, segundo Bardin (1979), é um conjunto de técnicas de análise de documentos de comunicação realizadas de maneira sistemática para descrever os conteúdos das mensagens a ponto de permitir assunções e inferência referente ao objeto estudado.

⁵⁴ No entanto, para contextualizarmos o episódio em si, poderá ser necessária a recuperação de materiais e informações anteriores ao recorte estabelecido.

⁵⁵ Neste trabalho, entenderemos por apropriação a forma como os agentes utilizam as formas simbólicas de outros agentes nas interações simbólicas que estabelecem através das TDCI.

Importa ressaltar que, ao desenvolvermos a análise das interações e dinâmicas internas às conversações nos blogs e às apropriações de opinião/informação no Twitter, não pretendemos realizar uma heurística das formas simbólicas ou encontrar textos por trás do texto, muito menos uma análise semiótica, ou então um estudo da estruturação da narrativa de opinião. A intenção é compreender a dinâmica de uma luta simbólica de opiniões e visões de classificação de mundo – originada a partir do episódio Mayara Petruso -, aberta a um grande número de cidadãos (não vinculados à esfera política, midiática ou organizações sociais mobilizadas para atuar no campo político) e que é realizada por meio de plataformas digitais.

Além disso, ao realizarmos a exploração documental, recorreremos novamente à Análise de Conteúdo para qualificar a organização dessas categorias que emergiam. Por meio desta técnica, seria possível verificar sistemática e rigorosamente os comentários realizados, seus conteúdos, o ator da fala, as opiniões circulantes e as relações estabelecidas. Na perspectiva do que afirma Bardin (1979), o sistema adotado neste trabalho seria o chamado procedimento por milha, pois as categorias não foram fornecidas anteriormente, mas sim desenvolvidas ao longo da própria exploração

Por adotarmos o procedimento por milha, a elaboração e construção das categorias (tanto para a análise dos comentários quanto dos tweets) foram realizadas constante e progressivamente durante a leitura flutuante dos dados brutos, cujo princípio de classificação foi temático, ou seja, a agregação das informações se deu a partir do eixo de semânticos pertinentes aos objetivos e ao quadro teórico. Em função disso, elaboramos cinco categorias primárias para os comentários nos blogs, sendo que cada uma delas possui um conjunto de subcategorias de análise, e duas para os tweets. O quadro 2 apresenta o sistema de categorias que servirá como base constitutiva da simplificação, organização e codificação dos dados brutos analisados na amostra de blogs e dos tweets:

Quadro 2: Categorias de análise dos comentários e tweets

Classificação dos Comentários		
Categoria	Subcategorias	Critério de agrupamento
1) Tipos de opinião	1.a) Manifestações de opinião	Manifestações onde os agentes expressam suas opiniões de maneira simples.
	1.b) Respostas a manifestações de opinião	Respostas diretas e simples às manifestações simples onde os agentes expressam suas opiniões de maneira simples.

	1.c) Respostas com dados/informações a manifestações de opinião	Respostas diretas contendo dados/informações para contextualizar ou corroborar a opinião elaborada referente aos comentários/respostas simples – podem conter textos, notícias, acontecimentos, fatos históricos, teorias, fala de outros autores, links para outros portais etc.
	1.d) Manifestações de opinião com referências externas	Manifestações contendo dados/informações para contextualizar ou corroborar a opinião elaborada – podem conter textos, notícias, acontecimentos, fatos históricos, teorias, fala de outros autores, links para outros portais etc.
	1.e) Respostas a manifestações de opinião com referências externas	Respostas diretas e simples aos comentários e/ou respostas que contenham referências externas.
	1.f) Respostas com referências externas a manifestações de opinião com referências externas	Respostas diretas contendo dados/informações para contextualizar ou corroborar a opinião elaborada referente aos comentários/respostas que contenham referências externas – podem conter textos, notícias, acontecimentos, fatos históricos, teorias, fala de outros autores, links para outros portais etc.
2) As opiniões e o episódio Mayara Petruso	2.a) Manifestações restritas ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo	Manifestações que fazem menção/referência explícita ao caso Mayara Petruso ou ao racismo.
	2.b) Manifestações ampliadas em relação ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo	Manifestações que não apresentam referências explícitas ao caso Mayara Petruso ou ao racismo, mas são desdobramentos do mesmo.
2.a) Manifestações restritas ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo – posicionamento	2.a.1) Opiniões de oposição/indignação	Manifestações contrárias aos comentários racistas e ao racismo, seja por indignação, ofensas, ou por explicações e argumentos etc.
	2.a.2) Opiniões sem posicionamento claro	Manifestações que tratam sobre o tema, mas não demonstram posição explícita.
	2.a.3) Opiniões favoráveis e/ou defesa da Mayara Petruso e outros comentários racistas	Manifestações que tanto defendem ou apoiam Mayara Petruso, quanto se expressam favoráveis e de acordo com o racismo.
3) Direcionamento das manifestações em relação ao post/comentário	3.a) Opiniões de oposição	Manifestações que discordam da publicação no blog ou de manifestações de outros agentes.
	3.b) Opiniões sem posicionamento claro	Manifestações que não explicitam posicionamento.
	3.c) Opiniões favoráveis/apoio	Manifestações de apoio/parabenização/ratificação do post ou de outras manifestações.
4) Tipos de argumentação	4.a) Com elaboração argumentativa	Manifestações que apresentam de argumentos para justificar as opiniões.
	4.b) Sem elaboração argumentativa	Manifestações que não apresentam argumentos para justificar as opiniões.
5) Manifestações relacionadas ao campo/contexto político	5.a) Opiniões que evidenciam referências políticas	Manifestações com referências evidentes ao campo político: atores políticos, instituições, partidos, organizações e/ou qualquer outra expressão que esteja relacionada às discussões políticas realizadas nos comentários dos blogs.
	5.b) Opiniões que não evidenciam referências políticas	Manifestações que não apresentam qualquer referência ao campo político.
5.a) Opiniões que evidenciam referências políticas	5.a.1) Opiniões com construções argumentativas	Manifestações que evidenciam referências políticas e apresentam de argumentos para justificar as opiniões.
	5.b.2) Opiniões sem construções argumentativas	Manifestações que evidenciam referências políticas e não apresentam argumentos para justificar as opiniões.

6) Manifestações religiosas	6.a) Manifestações que evidenciam marcas religiosas	Manifestações que acionam marcas religiosas para dar credibilidade à opinião apresentada.
	6.b) Manifestações que não evidenciam marcas religiosas	Manifestações sem marcas religiosas.
7) Manifestações regionais e de raça	7.a) Manifestações que evidenciam marcas regionais e de raça	Manifestações que acionam marcas regionais e de raça para dar credibilidade à opinião.
	7.b) Manifestações que não evidenciam marcas regionais e de raça	Manifestações sem marcas regionais e de raça.
8) Apresentação dos capitais individuais nas manifestações	8.a) Manifestações que evidenciam de capitais dos interagentes	Manifestações onde os interagentes apresentam seus capitais adquiridos para dar credibilidade a suas opiniões.
	8.b) Manifestações que não evidenciam de capitais dos interagentes	Manifestações que não evidenciam os capitais adquiridos pelos interagentes.
9) Apresentação de capitais de terceiros nas manifestações	9.a) Manifestações que evidenciam de capitais de terceiros	Manifestações onde os interagentes apresentam capitais de outros interagentes para dar credibilidade e validade a suas opiniões.
	9.b) Manifestações que não evidenciam de capitais de terceiros	Manifestações sem apresentação de capitais de outros interagentes.
Classificação dos Tweets		
Categoria	Subcategorias	Critério de agrupamento
1) Tipo de publicação	1.a) Tweet	Publicação do link do post dos blogs contendo comentário do agente que faz a publicação.
	1.b) Retweet	Publicação realizada pela ferramenta retweet, ou seja, o agente publicador não faz comentário algum, apenas reproduz a postagem do blogueiro no Twitter.
	1.c) Retweet híbrido	Publicação em forma semelhante ao retweet, mas feita normalmente como um tweet, ou seja, o agente publicador pode acrescentar comentários e opiniões junto com a publicação original repassada.
2) Tipo de comentário	2.a) Crítica/oposição	Tweet que contenha crítica feita pelo perfil/agente que publica a mensagem.
	2.b) Informacional	Publicação que descreva o acontecimento ou repassa um link/informação, sem realizar crítica ou manifestação de opinião.

Fonte: dados de pesquisa

A seguir, apresentamos a metodologia utilizada para a análise das redes sociais digitais e a forma em que ocorre a circulação de informações referente ao episódio Mayara Petruso.

6.1.4 Análise de Redes Sociais Digitais

Segundo Frago, Recuero e Amaral (2011) e Recuero (2009), a Análise de Redes Sociais (ARS) compreende as redes digitais em basicamente dois pontos principais: os nós e as conexões. Os nós da rede são geralmente os agentes sociais e suas representações *online* (blogs, home pages, perfis em sites de relacionamentos etc.), já as conexões, ou arestas, são as

formas digitais de interação e relação entre os nós em determinada situação. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) argumentam ainda que as redes estabelecidas nas TDCI podem ser ou emergentes, ou de filiação. A principal característica das redes emergentes é que elas se estabelecem e se mantêm por interações intencionais realizadas entre os atores por meio de suas representações digitais. Já as redes de filiação mantêm as interações e relações de forma mais fixa e estável, pois é um sistema/software que as organiza e somente são rompidas quando um dos agentes assim decide – ligação entre um agente e seus seguidores no Twitter, ou os amigos no Facebook e Orkut⁵⁶ etc. No entanto, é possível compreender que, mesmo havendo essas divisões, existe a possibilidade do estabelecimento de redes mistas ou híbridas, pois a partir do momento em que uma rede de filiação possui constante interação intencional entre os atores, como em conversações nas comunidades ou nos blogs, a rede passa a exibir também as características das redes de emergência.

O foco de abordagem que usaremos para esta pesquisa é o da rede egocentrada, ou seja, nossas observações e análises estarão voltadas a redes sociais formadas a partir de um agente (nó) e suas interações (conexões) com demais agentes (nós) (RECUERO, 2009). Optamos por esse tipo de rede em vez das redes inteiras (focada em todo o conjunto da rede e seus múltiplos nós e conexões), pois com ela acreditamos ser possível verificar, além das interações, a forma em que ocorrem as apropriações, o repasse e a circulação de informações. Em nossa coleta de dados, levaremos em consideração as informações referentes apenas a dois graus⁵⁷ de separação entre o nó central e seus interagentes (além da quantidade de conexões que possui), pois de outra forma, se optássemos por apenas um grau, poderíamos correr o risco de obter poucos dados para análise, ou se usássemos mais graus, o número de informações poderia ser demasiado para o tempo de pesquisa. Para evidenciar essa coleta de dados, elaboraremos gráficos que representem as relações e interações entre os nós (ego) observados e os demais interagentes – esses gráficos são chamados de sociogramas. Para a realização dessa técnica de pesquisa, manteremos o mesmo corpus usado na Análise de Conteúdo, que será explicado no item a seguir e elaborado de maneira intencional e por

⁵⁶ Orkut, conforme articula Recuero (2005) é um software social, ou seja uma rede de relacionamentos onde pessoas se comunicam, publicam fotos, trocam arquivos e informações, participam de comunidades e jogam jogos *online*.

⁵⁷ Grau de conexão pode ser compreendido como os níveis de uma esfera de contato social. Ou seja, um nó em primeiro grau poder ser considerado o seu amigo no Facebook e possui um certo tipo de relação direta com você; já em segundo grau são as relações do seu amigo, os amigos do amigo (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 120).

intensidade, onde os agentes observados possuam características necessárias para a análise e as evidenciem intensamente (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

A partir das publicações referentes à temática de nosso objeto de pesquisa (uma única postagem para cada rede egocentrada), iremos traçar as conexões dos egos através de comentários nos blogs, links compartilhados, sejam estas *indegree* (formas de conexões recebidas - relações iniciadas pelos interagentes com o ego) e *outdegree* (formas de conexões realizadas – ego interagindo com demais interagentes). Será possível verificar também o tipo de rede de interação existente, se vai se constituir como uma rede de emergência, de filiação ou híbrida, além de mapear a quantidade e o grau de conexão de cada uma das redes egocentradas. Além disso, veremos quantas pessoas comentaram (interação emergente *indegree*), onde o link foi publicado pelo ego (se foi divulgado em redes de filiação), quantas vezes o link foi compartilhado no Twitter e quantos nós em segundo grau tiveram contato com a informação.

Em relação à questão do compartilhamento de informações referentes ao episódio Mayara Petruso, buscaremos compreender o potencial de circulação e visibilidade dessas opiniões e da forma como estas foram reutilizadas e repassadas entre interagentes. Para tanto, iremos recorrer à ferramenta de pesquisa chamada Topsy⁵⁸, que proporciona investigações temáticas nas redes sociais digitais em tempo real, para verificarmos como o link referente aos posts analisados foi (re)publicado pelos usuários do Twitter. O recorte de amostragem será baseado na própria ferramenta Topsy, pois esta localiza, entre todos os perfis que publicaram os links dos três blogs, os considerados mais influentes (o critério é o número de seguidores). Assim, para dar conta da questão da circulação das opiniões referentes ao caso Mayara e para estratificar as relações informacionais estabelecidas, analisaremos cinco dos mais influentes propagadores, determinados pelo Topsy, dos links das publicações de cada um dos blogs.

Acreditamos que, ao usarmos a ARS juntamente com a Análise de Conteúdo, poderemos visualizar não só como os agentes se articulam na web, publicando suas tomadas de posições e fazendo-as circular, como eles se apropriam de outras opiniões republicando-as ou rechaçando-as, mas também como as redes de conexão e dispersão de informações se estabelecem e como as opiniões informais circulantes nessas redes ganham força simbólica para adentrar nas lutas do jogo político. A partir desse quadro metodológico e do conjunto de

⁵⁸ Topsy é um site gratuito (serviços básicos, os mais avançados são pagos) de busca e pesquisa nas redes sociais e na internet em geral. Disponível em: <http://topsy.com/>. Acessado em 16 de agosto de 2010.

técnicas empregadas, acreditamos ser possível refletir sobre as interações simbólicas e a circulação das opiniões a partir da expansão das TDCI e do ciberespaço, e também refletir a respeito dos tensionamentos entre atores nos embates simbólicos orientados para a conquista de visibilidade e disputa na e pela opinião pública dentro deste ecossistema midiático, por meio do estudo de um fenômeno ocorrido na internet.

6.2 Objeto de Estudo: o episódio de racismo pós-eleitoral⁵⁹

Logo após o término do segundo turno da corrida eleitoral brasileira, no dia 31 de outubro de 2010, que teve como vencedora a candidata à presidência pelo Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff, milhares de mensagens foram publicadas por internautas, em sites de relacionamento como Twitter, Facebook e Orkut, manifestando insatisfação com o resultado do pleito, culpando preconceituosamente a população do Nordeste. Uma das publicações racistas que ganhou destaque foi um dos comentários feitos pela paulista estudante de direito, Mayara Petruso, no dia 01 de novembro, em seu perfil do Facebook e do Twitter (figuras 1, 2 e 3) onde declarava: “Nordestino não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado! (figura 1)”. Mayara também publicou outros comentários, como se pode ver nas figuras 2 e 3:

Figura 1 - Twitter de Mayara Petruso



Fonte: reprodução Twitter Mayara Petruso

⁵⁹ A descrição do episódio Mayara Petruso foi feita através do método de pesquisa *ex-post facto*. Essa metodologia foi descrita no item 6.1.2 desse mesmo capítulo.

Figura 2 - Facebook Mayara Petruso



Fonte: reprodução Facebook Mayara Petruso

Figura 3 - Comentário racista nº 2 de Mayara no seu Twitter



Fonte: reprodução Twitter Mayara Petruso

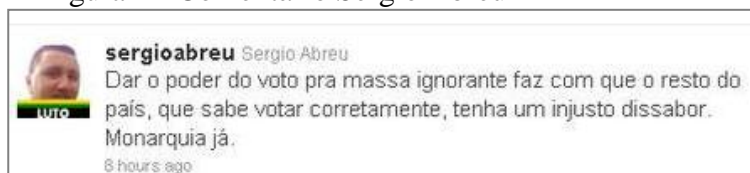
Manifestações como essas percorram a internet com virulência, angariando colaboradores que dividiam o mesmo tipo de pensamento e opinião em relação aos nordestinos⁶⁰ - basta ver que o comentário de Mayara foi retweetado por mais vinte pessoas, conforme se pode ver na figura 2. O preconceito contra os nordestinos foi muito além de comentários publicados nas plataformas digitais e passou a ser expresso na formação de

⁶⁰ O site “Diga não à Xenofobia⁶⁰” fez uma grande compilação e exposição pública *online* das declarações racistas dos internautas nas plataformas digitais <http://xenofobiano.tumblr.com/>. Acesso em 23 de junho de 2011.

comunidades virtuais nos sites de relacionamento como, por exemplo, no Orkut⁶¹. O argumento central das manifestações preconceituosas estava baseado na crença de que o Nordeste (e os nordestinos) foi o grande responsável pela vitória da candidata petista, deixando-se levar por uma política populista de compra de votos baseada no Bolsa-Família⁶². Esse argumento também atualizava a ideia estereotipada de que os nordestinos são ignorantes (com baixo nível de educação), miseráveis e burros⁶³.

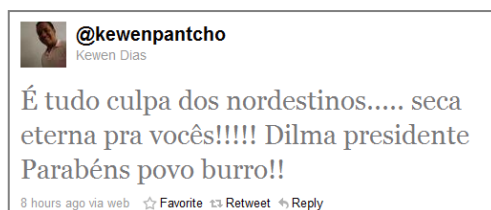
Dessa forma, muitas pessoas publicaram comentários, tanto no Twitter, quanto no Facebook, afirmando que os nordestinos não sabiam votar ou votavam por “um saco de comida”, enquanto as pessoas da classe média ou da classe mais abastada do país, neste caso específico, auto-intitulada residente das regiões Sul e Sudeste do Brasil, votavam conscientemente⁶⁴ (conforme se pode ver nas figuras 5, 6, 7 e 8).

Figura 4 - Comentário Sergio Abreu



Fonte: reprodução Twitter Sergio Abreu

Figura 5 - Comentário @kewenpantcho



Fonte: reprodução Twitter @kewenpantcho

⁶¹ Nós Apoiamos Mayara Petruso (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=107880156>); União Sudeste e Sul – Brasil (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=106667418>) e Eu odeio nordestino (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=93429506>) – esta última comunidade foi excluída do Orkut após a repercussão do caso Mayara. Acesso em 23 de junho de 2011.

⁶² Bolsa Família é um programa do Governo Federal do Brasil, vinculado ao Fome Zero e visa auxiliar famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza com aporte para o incremento de renda. O programa beneficia mais de 13 milhões de famílias em todo território nacional. O valor do benefício varia entre R\$ 32 a R\$ 306. Dados obtidos junto ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em 30 de junho de 2011.

⁶³ A ideia de estereotipo e do racismo contra nordestinos foi desenvolvida no capítulo 1.

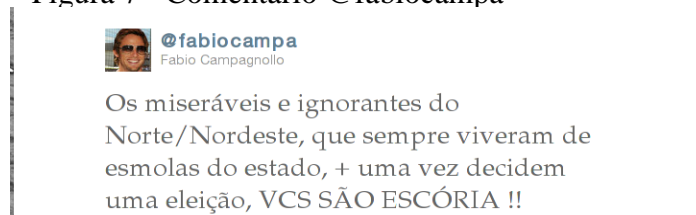
⁶⁴ É importante ressaltar que os votos nordestinos na somatória final da votação, mesmo sendo de grande relevância, não determinaram a vitória de Dilma Rousseff, pois a mesma ainda venceria as eleições presidenciais de 2010 caso os votos dos estados do Nordeste não fossem computados. Os dados da votação podem ser conferidos no site do jornalista Paulo Henrique Amorim: <http://www.conversaafiada.com.br/politica/2010/11/07/os-numeros-esmagam-a-xenofobia-dilma-venceria-sem-o-ne/>. Acessado em 26 de maio de 2011.

Figura 6 - Comentário nickescheffer



Fonte: reprodução Twitter nickescheffer

Figura 7 - Comentário @fabiocampa



Fonte: reprodução Twitter @fabiocampa

Figura 8 - Comentário @vgiovanna



Fonte: reprodução Twitter @vgiovanna

A repercussão e mobilização nas redes sociais digitais referentes a esse tema, a favor ou contra o racismo, fez com que, em um curto período de tempo, o assunto alcançasse o Trending Topics⁶⁵ de São Paulo no Twitter, com a *hashtag*⁶⁶ #nordestisto (usado em referência ao comentário de Mayara Petruso que continha o erro de português “nordestisto”, figura 1, e usado também geralmente por pessoas que atacaram os nordestinos nas redes digitais – figura 9), e em seguida, o Trending Topics do Brasil, com a *hashtag*

⁶⁵ Trending Topics é uma listagem com os temas mais comentados no Twitter e pode ser classificado por cidade (apenas algumas – no Brasil, somente Rio de Janeiro e São Paulo), país ou mundo. Para ser computado, um dado assunto deve conter um marcador digital chamado *hashtag*.

⁶⁶ *Hashtag* é uma palavra derivada da palavra *tag*, que significa etiqueta (etiqueta e/ou palavras-chaves nos meios digitais), complementado pelo prefixo *hash*, que significa o símbolo #. *Hashtags* são identificações de assuntos dentro do site Twitter e servem para marcar assuntos e fazê-los visíveis com mais facilidade.

#orgulhodesernordestino (movimento de defesa dos nordestinos e contra o racismo, mas também de ataque aos nordestinos – figura 10 e 11) ocupando o segundo lugar dos temas mais comentados pelos usuários do Twitter no país, por volta das 20h do dia 1º de novembro de 2010.

Figura 9 - Comentários Felupi, OooCrítico e GabrielHogan



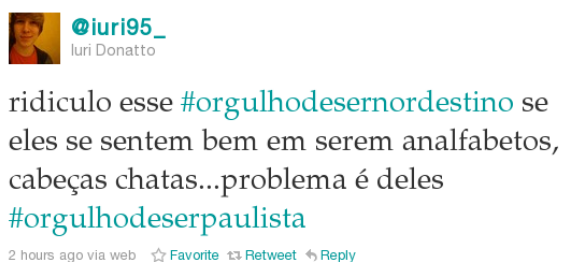
Fonte: reprodução da pesquisa sobre o hashtag #nordestisto no Twitter

Figura 10 - Comentário PatrickLazare



Fonte: reprodução Twitter PatrickLazare

Figura 11 - Comentário @iuri95



Fonte: reprodução Twitter @iuri95

As manifestações de preconceito não ocorreram apenas de parte de pessoas oriundas da região Sudeste, mas também por parte de pessoas de diversas regiões de país, principalmente da região Sul - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - conforme se pode ver nas figuras 12 e 13.

Figura 12 - Comentário @raaulduarte – Paraná



Fonte: reprodução Twitter @raaulduarte

Figura 13 - Comentário Daniella Lindner – Santa Catarina



Fonte: reprodução Twitter Daniella Lindner

No entanto, devido ao fato do episódio ter tido maior exposição a partir de comentários feitos por moradores da região Sudeste, principalmente do Estado de São Paulo (tendo o comentário da paulista Mayara como estopim), nos sites de relacionamento, as discussões nas redes sociais digitais, a repercussão e os desdobramentos nos meios de comunicação tradicionais⁶⁷, ficaram muito mais centradas nas manifestações e disputas realizadas por esses indivíduos e pelos moradores da região Nordeste (figuras 14, 15 e 16).

⁶⁷Matéria online da Revista Carta Capital “Reacendem os velhos preconceitos”. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/reactendem-os-velhos-preconceitos>. Acessado em 18 de junho de 2010.

Figura 14 - Comentário @Sou_PSDB



Vocês #nordestinos que infectam #SãoPaulo, devem pegar o pau de arara e voltar pro #Nordeste de #Lula e #Dilma. #SÃOPAULOMEUPAÍS #SOMOSP

3 hours ago via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Fonte: reprodução Twitter @Sou_PSDB

Figura 15 - Comentário purityart

Porque não separam logo São Paulo do Brasil? Vamos virar um país independente. Foda-se os nordestinos!

6 minutes ago via web Retweeted by 4 people

↩ Reply ↻ Retweet



purityart
Diego Simões

Fonte: reprodução Twitter purityart

Figura 16 - Comentário @mmonarin



BRASIL!!! UM PAIS DE TOLOS!!!
PARABÉNS JEGUES NORDESTINOS!!!
TOMAREM QUE MORRAM DE FOME
ETERNAMENTE, POVO FOLGADO QUE
SE REFUGIA EM SP!!!

31 Oct via Echofon ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Fonte: reprodução Twitter @mmonarin

Comentários racistas como esses, independente da região de origem do autor do comentário, espalharam-se pelas redes sociais digitais de maneira tão rápida e virulenta que acabou por gerar inúmeras implicações sociais que ultrapassaram a barreira do digital, atingindo distintas áreas.

No item a seguir, apresentamos os desdobramentos do episódio Mayara Petruso e o seu contexto político e social.

6.2.1 Caso Mayara Petruso: contexto e desdobramentos

É importante ressaltar também que manifestações em defesa dos nordestinos se deram em diversas instâncias e de variadas maneiras, como, por exemplo, na criação de comunidades no Facebook, Orkut⁶⁸ e na publicação de mensagens favoráveis ao Nordeste e nordestinos no Twitter⁶⁹ realizadas por diversos internautas que visavam demonstrar repúdio e

⁶⁸ Comunidade “Eu odeio quem odeia nordestinos” e “Nordestinos graças a Deus”:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1124901>, e

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=414572>. Acessado em 18 de junho de 2010.

⁶⁹ Conforme argumentado anteriormente, diversos perfis no Twitter publicaram mensagens com o código comunicacional #orgulhodesernordestino, posicionando-se contra o preconceito e a favor do Nordeste. <http://twitter.com/#!/search/%23orgulhodesernordestino>. Acessado em 18 de junho de 2010.

aversão aos comentários racistas e xenófobos. Houve também organizações não governamentais que se posicionaram contrárias à discriminação ocorrida, agindo inclusive em esferas legais, no intuito de responsabilizar criminalmente os autores das manifestações racistas⁷⁰. As manifestações de repúdio ao racismo extrapolaram as esferas da sociedade civil, chegando também à esfera política oficial e oficiosa. Em relação ao campo político, muitas foram as exposições públicas de atores políticos e organizações condenando a movimentação xenófoba *online*. Vale destacar a declaração do então Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em rede nacional censurando qualquer tipo de preconceito⁷¹, e também as ações legais promovidas pela Regional de Pernambuco da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PE) com a finalidade de processar Mayara e outras pessoas por racismo⁷².

Esse clima de hostilidade, evidenciado no enunciado de Mayara, entre moradores da região Sudeste em relação ao Nordeste e aos nordestinos, já se fazia presente nas redes sociais digitais antes mesmo das eleições presidenciais. Um exemplo desse tipo de comportamento foi quando, em julho de 2010, várias pessoas de São Paulo postavam comentários expressando suas preocupações em relação a uma possível invasão de nordestinos no Sudeste após as enchentes que assolavam o Nordeste⁷³. No site de relacionamento Orkut, diversas comunidades tinham (e ainda têm) seu foco temático voltado para o preconceito contra o nordeste e para a manifestação de orgulho de ser paulista como: União Sudeste e Sul Brasil⁷⁴ (554 membros); Eu Odeio Nordestinos⁷⁵ (224); Poder Paulista⁷⁶ (12291); Não queremos Nordestinos em São Paulo⁷⁷ (371); São Paulo Independente⁷⁸ (4688); e EU SOU PAULISTA! (com orgulho)⁷⁹ (29406). Os comentários presentes na figura 17 evidenciam claramente como a discriminação e o preconceito contra nordestinos se materializam nas discussões nos fóruns dessas comunidades.

⁷⁰ A Safernet denunciou ao Ministério Público Federal mais de mil perfis de usuários: <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2010/11/08/ong-denuncia-mais-de-mil-por-racismo-na-web/>.

⁷¹ <http://www.blogcidadania.com.br/2010/11/lula-envia-recados-em-pronunciamento-em-rede-nacional-de-radio-e-tv/> <http://www.nacaopaulista.net/>. Acessado em 18 de junho de 2010.

⁷² <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/oab-vai-a-justica-contr-a-praga-da-xenofobia-e-do-racismo-no-twitter/> e <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/11/03/oab-reage-ataque-ao-nordeste-no-twitter-337707.asp>. Acessado em 18 de junho de 2010

⁷³ http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/07/08/urbana3_0.asp. Acessado em 19 de junho de 2010.

⁷⁴ <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=106667418>.

⁷⁵ Comunidade foi excluída após o caso de racismo estudado. Último acesso em 15 de novembro de 2010.

⁷⁶ <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=50817>.

⁷⁷ Comunidade também excluída do Orkut. Último acesso em 16 de novembro de 2010.

⁷⁸ <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=156119>. Acessado em 19 de junho de 2010.

⁷⁹ <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=1674238>. Acessado em 19 de junho de 2010.

Figura 17 - Comunidade EU SOU PAULISTA! (com orgulho)



Fonte: reprodução Comunidade EU SOU PAULISTA! (com orgulho) no Orkut

Surgiam também no Estado de São Paulo, principalmente na região metropolitana, movimentações na sociedade civil em defesa da cultura paulista e dos direitos dos cidadãos originariamente paulistanos em detrimento dos migrantes de outros estados, principalmente do Nordeste. Um movimento de destaque é o “Manifesto São Paulo para Paulista⁸⁰”, realizado pelo atual grupo Movimento Juventude Paulista, que expõe em seu site, em forma de petição, argumentos supostamente racionais em defesa dos direitos dos paulistas – a petição *online* foi assinada por mais de 1600 pessoas.

Além desse grupo, existem outras associações espalhadas pela internet que defendem e reivindicam diversas questões que vão desde: maior controle a respeito da migração para São Paulo (principalmente de nordestinos); formulação de leis que beneficiem o Estado de São Paulo no que concerne à arrecadação de impostos e investimentos do Governo Federal; valorização de patrimônio histórico da região; resgate do orgulho de ser paulista; autonomia

⁸⁰ A petição defende, ao longo de um manifesto com quinze parágrafos e cento e dezesseis tópicos de reivindicações, menos preconceito contra paulistas, controle de migração, serviço público somente para paulistas, políticos e gestores públicos do estado de São Paulo devem ser paulistas, fim da “escravidão tributária” de São Paulo, entre outras coisas – <http://www.manifesto.rg3.net/>

legislativa e tributária de São Paulo – ou seja, a independência e separação do Brasil⁸¹. Muitos desses grupos se dizem democráticos, apartidários (ou suprapartidários), pacíficos e abertos a todos, sejam paulistas ou não. No entanto, as bases de fundamentação dos discursos desses movimentos mascaram valores segregatícios, preconceituosos, com estereótipos classificatórios que visam tanto denegrir o outro (migrante), quanto valorizar os cidadãos locais, invertendo a lógica do preconceito a seu favor – discursos que evidenciam não só uma construção de sentido de marginalização e discriminação dos nordestinos, mas que também podem influenciar outras formas de manifestações, como o próprio comentário da Mayara Petruso nas redes sociais digitais.

A ideia de regionalismo exacerbado também era expressa nas ações de comunicação das campanhas políticas. Em um vídeo publicado no site Youtube – sem nenhum tipo de referência ou atribuição que possa indicar seus produtores – sob o título “Dilma não gosta de São Paulo⁸²”, são exibidos nove motivos pelos quais os paulistas deveriam acreditar que Dilma abandonou e prejudicou o Estado de São Paulo, enquanto o Governo de Serra⁸³ investiu no progresso do mesmo. O vídeo apresenta passagens como: “durante sete anos, Dilma só prejudicou São Paulo. Dá pra acreditar nela agora?”; “Dilma também prometeu aeroporto novo para São Paulo. O que os paulistas ganharam? Caos aéreo.”; e “Por que será que a Dilma não gosta de São Paulo?”. Esse vídeo demonstra claramente uma intenção de incentivar a ideia de que o Estado de São Paulo é “vítima” da negligência do Governo petista, à medida que sugere que o governo do então Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva mantinha seu foco de investimentos em outras regiões, principalmente no Nordeste. Ao mesmo tempo em que o teor do vídeo tem potência para reforçar o sentimento de regionalismo e o comportamento defensivista, também pode fomentar o comportamento separatista, racista e xenófobo.

Além disso, o candidato do PSDB, José Serra – nascido e domiciliado na capital paulista – fez algumas afirmações que podem ser consideradas como formas de incitação do regionalismo defensivista, como por exemplo: no debate de segundo turno das eleições

⁸¹ Três grupos merecem destaque: Movimento República de São Paulo - <http://www.nacaopaulista.net/>; Nação Paulista Independente - <http://nacaopaulista.livejournal.com/#post-nacaopaulista-1409>; e Movimento Liberdade Paulista - <http://liberdadepaulista.webnode.com/products/nação%20paulista%20-%20mrsp/>. Acessado em 25 de setembro de 2010.

⁸² Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uMPRwPAzKIE>. Acesso em 25 de setembro de 2011.

⁸³ José Serra foi governador do Estado de São Paulo entre 1º de janeiro de 2007 até 2 de abril de 2010, abandonando o cargo para concorrer à presidente nas eleições de 2010.

presidenciais de 2010, organizado pela Rede TV e pela Folha de São Paulo, veiculado no dia 17 de outubro de 2010, o candidato tucano afirmou que “a estratégia de falar mal de São Paulo foi reprovada e o PT perdeu [...] o PT não gosta de São Paulo”. Esse tipo de posicionamento do candidato tucano pode ser visto como uma estratégia eleitoral de desqualificação do adversário, que faz a demarcação da diferenciação de identidades (aproximação com eleitorado paulistano) ao mesmo tempo em que reforça a oposição ou negligência do partido rival em relação ao Estado de São Paulo.

Essa não foi a primeira vez que esse tipo de demarcação fora empregada: na campanha para Governador do Estado de São Paulo em 2006, o então candidato do PSDB, José Serra, quando questionado sobre a razão da baixa qualidade da educação do Estado (no programa especial de entrevistas com candidatos ao governo, SPTV 1ª Edição, realizado pela São Paulo TV [SPTV], veiculado dia 16 de agosto de 2006), respondeu: “tem que entender o seguinte, diferentemente dos Estados do Sul, que apresentam melhor situação, São Paulo tem muita migração, muita gente que continua chegando e tal, este é o problema...”. Essa resposta faz alusão a estereótipos da baixa educação, ignorância e falta de cultura dos migrantes, que por sua vez seriam os responsáveis pela diminuição dos índices da educação do Estado⁸⁴.

Por maior que seja a distância temporal entre as duas afirmações, esses discursos são formas de atualização do preconceito dentro das disputas eleitorais e que podem reforçar ainda mais padrões de discriminação de uma parte da sociedade paulista frente aos nordestinos e outros migrantes. Todavia, é relevante salientar que não houve manifestação explícita de preconceito nas campanhas políticas de ambos os candidatos.

A temática não se restringe ao campo político e à sociedade civil, mas ganha reflexos nos MCM, pois os veículos de comunicação já estavam debatendo o assunto em seus editoriais e em matérias especiais, ora tratando a política do Governo como populista e compradora de votos⁸⁵, ora mostrando o desenvolvimento do país, da região Nordeste e também as razões porque se poderia votar conscientemente no PT⁸⁶. Um caso relevante que obteve grande repercussão no ambiente digital foi a demissão da psiquiatra e colunista do jornal Estado de São Paulo (Estadão), Maria Rita Kehl, após a publicação do texto “Dois

⁸⁴ Vídeo da entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8-5ly0wnLOA&feature=related>. Acessado em 25 de setembro de 2011.

⁸⁵ Folha online: <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/brasil/ult96u603531.shtml>.

⁸⁶ Texto Dois pesos... Maria Rita Kehl: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101002/not_imp618576.0.php. Acessado em 25 de setembro de 2011.

Pesos...”, no dia 02 de outubro de 2010, um dia antes da votação do primeiro turno da corrida eleitoral à presidência. Em seu texto Maria Rita Kehl (2010), aponta a posição política do jornal e também argumenta contra os preconceitos e rotulações veiculadas na internet e na mídia contra a população beneficiária dos projetos sociais do Governo Federal, que eram tidos como possíveis votantes no PT. Maria Rita Kehl (2010) afirmou:

Este jornal teve uma atitude que considero digna: explicitou aos leitores que apoia o candidato Serra na presente eleição. Fica assim mais honesta a discussão que se faz em suas páginas. [...] O argumento já é familiar ao leitor: os votos dos pobres a favor da continuidade das políticas sociais implantadas durante oito anos de governo Lula não valem tanto quanto os nossos. Não são expressão consciente de vontade política. Teriam sido comprados ao preço do que parte da oposição chama de bolsa-esmola.

[...] Agora que os mais pobres conseguiram levantar a cabeça acima da linha da mendicância e da dependência das relações de favor que sempre caracterizaram as políticas locais pelo interior do País, dizem que votar em causa própria não vale. Quando, pela primeira vez, os sem-cidadania conquistaram direitos mínimos que desejam preservar pela via democrática, parte dos cidadãos que se consideram classe A vem a público desqualificar a seriedade de seus votos.

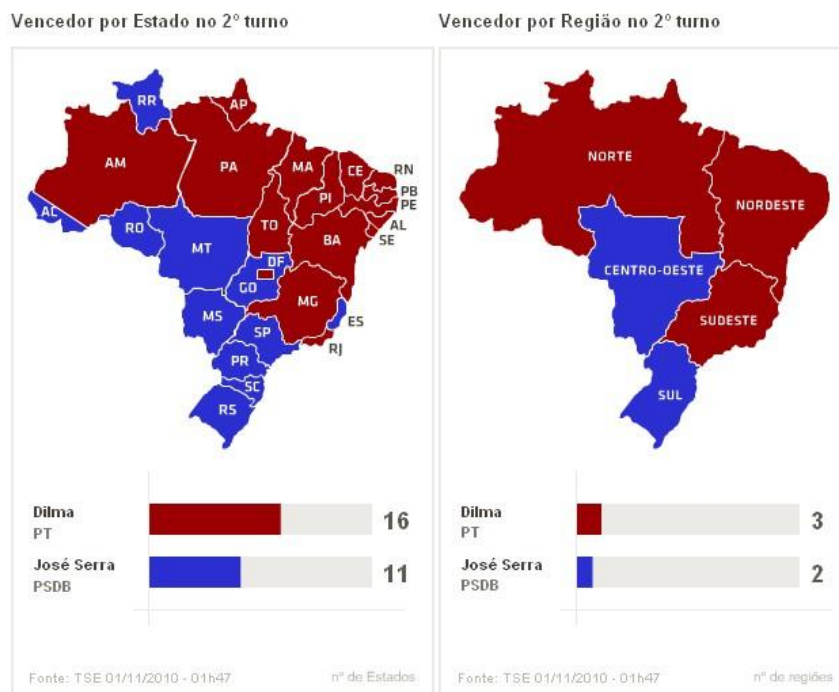
Esse posicionamento crítico, como já mencionado, rendeu a autora praticamente uma demissão instantânea, que segundo argumenta ela em entrevista ao portal Terra Magazine⁸⁷, publicado na quinta-feira, sete de outubro de 2010, deveu-se a “um delito de opinião”.

Encerrada a votação do segundo turno das eleições de 2010, a dicotomia entre os cidadãos era clara para grande parte da mídia: o mapa do país era mostrado nas cores azul e vermelho, como se dividido entre o Sul-Sudeste, azul e votante do Serra, e o Norte-Nordeste, vermelho e votante na Dilma⁸⁸ (Figura 18). Nessa solução azul e vermelha do cenário eleitoral nacional, a redução da complexidade sócio-político-histórica deixa margens para diversos tipos de entendimentos, inclusive para a ideia de divisão do país entre ideologias, políticas, culturas etc., podendo também dar sustentação a compreensões racistas.

Figura 18 - Mapa Brasil pós-eleições Folha Online

⁸⁷ Texto disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4722228-EI6578,00-Maria+Rita+Kehl+Fui+demitida+por+um+delito+de+opinio.html>. Acessado em 25 de setembro de 2011.

⁸⁸ Folha online: <http://eleicoes.folha.uol.com.br/2010/2turno/apuracao-presidente.shtml> e <http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/>. Acessado em 25 de setembro de 2011.



Fonte: representação do Mapa Brasil pós-eleições publicado na Folha Online

É importante fazer a ressalva que ambas são as cores de referência dos próprios partidos, sendo vermelho do PT e azul do PSDB, e são geralmente usadas como representação dos partidos pelos veículos de comunicação. Essa demarcação foi bastante usada pelos principais MCM no período em que Luiz Inácio Lula da Silva esteve na presidência do país, entre 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011, como forma de ressaltar a localização dos eleitores do então presidente, colocados uniformemente dentro de cores vermelhas que pintavam os Estados e regiões. No entanto, em função da demarcação rápida e simplista, empregada por parte dos grandes veículos, pode-se entender que, para aqueles que já estão predispostos a pensarem sob a perspectiva da dicotomia do país dividido, essa representação poderia levar a uma ratificação da separação entre regiões, entre os votantes no PSDB e os do PT, entre os que votaram conscientemente e os que votaram por necessidade, e com isso, reforçar também os preconceitos, estereótipos e a tese dos dois Brasis: um desenvolvido, moderno e esclarecido; outro atrasado, arcaico, ignorante e cooptado por “escolas”.

Um exemplo da percepção de alguns interagentes comuns (sem vinculações aparente com campo ou organizações políticas) referente à ideia de país dividido pelas cores dos partidos pode ser observado na figura 19, onde é possível observar a manifestação de um internauta sobre esse aspecto. O comentário publicado por @morroida denota a crença na divisão do país, reforçada pelo estereótipo azul-vermelho. Porém, demonstra também as vinculações preconceituosas realizadas por indivíduos comuns entre os projetos de assistência

do governo petista, uma suposta baixa capacidade crítica por parte de setores da população (principalmente os que votaram no PT), voto por interesse e mesmo compra de votos.

Figura 19 - Comentário @morroida



Fonte: representação do Twitter de @morroida

A força de sugestão da solução azul-vermelha, utilizada por vários veículos de comunicação, pode ser compreendida também no comentário de Fabiana Pereira - uma das articuladoras do Manifesto São Paulo para os Paulistas e do Movimento Juventude Paulista -, feito em entrevista concedida para o portal Terra Magazine, no dia 04 de novembro de 2010. Segundo Fabiana Pereira (BARROS, 2010):

O Brasil, na verdade, parece que é dividido em duas culturas. Minas é mais identificada com o Nordeste, não sei se é por motivos de colonização. Não sei quais as causas. Se você olhar aquele mapa que dá meio vermelho, meio azul do (José) Serra e da Dilma, é sempre assim. Parece que um se identifica mais com uma ideologia e outro com outra ideologia. Então, mesmo que tirasse o Nordeste, talvez ela se elegeisse da mesma forma. Mas o pessoal não deixa de culpar... Culpar entre aspas, né?! Sabe que lá (Nordeste) é um celeiro mesmo, que vota no assistencialismo, no populismo.

Em relação ao episódio Mayara Petruso, Fabiana Pereira (BARROS, 2010) salienta que entende o sentimento da estudante de direito em função de todo o contexto sócio-político nacional e do sentimento de frustração oriundo do mesmo, e afirma que os nordestinos “acabaram usando tudo isso para colocar até um pouco como vítima, né?! [...] O pessoal do Nordeste. Olhando ao pé da letra, parece radical o que ela (Mayara) disse, mas eu creio que ela não foi literal. Foi um desabafo”. Certamente não é possível afirmar a existência de uma relação direta entre a solução estética encontrada pelos MCM para representar a votação na

corrida presidencial e seus discursos referentes à política, e o comentário de Fabiana Pereira, ou atitudes e manifestações de racismo realizadas na internet. No entanto, podemos pensar que eles podem servir como uma base semântico-cognitiva que sugestiona/influencia as compreensões, opiniões e classificações dos agentes sociais, juntamente com os contextos e campos sociais a que eles pertencem, as posições ocupadas, os capitais e os *habitus* adquiridos. Esses discursos e formas simbólicas funcionariam como ideias-força circulantes em mercados simbólicos variados, que podem ser apropriados (ou não), conforme as condições de cada indivíduo, e reutilizadas nas estratégias e ações cotidianas nos campos e espaços sociais, nas articulações, nas interações sociais, na construção e reconstrução do *common*.

A própria questão do preconceito foi por vezes tratada pelos meios de comunicação de massa como um mero embate ou provocação entre regiões, entre votantes descontentes contra os contentes. Foi dessa forma que a matéria do O Globo online, do dia 1º de novembro, abordou o episódio: “após a eleição de Dilma Rousseff [...], um embate regionalista tomou conta do Twitter. Milhares de usuários brasileiros trocaram provocações após a usuária Mayara Petruso (@mayarapetruso), insatisfeita com a eleição de Dilma, postar uma mensagem raivosa contra os nordestinos”⁸⁹.

Houve também aqueles veículos que se posicionaram claramente a respeito do ocorrido, seja para repudiar as manifestações preconceituosas, como a revista Carta Capital, ou como o jornal Folha de São Paulo, que mesmo afirmando posição contrária ao racismo publicou, no dia 11 de novembro de 2010, um artigo do jornalista Leandro Narloch, sob o título “Sim, eu tenho preconceito”⁹⁰, onde o articulista afirmava ter preconceito em relação à burrice e contra aqueles que votaram sem esclarecimento:

Logo depois de anunciada a vitória de Dilma Rousseff, pingaram comentários preconceituosos na internet contra os nordestinos, grupo que garantiu a vitória da candidata petista nas eleições. A devida reação veio no dia seguinte: a expressão “orgulho de ser nordestino” passou a segunda-feira como uma das mais escritas no microblog Twitter. O racismo das primeiras mensagens é, obviamente, estúpido e reprovável. Não se pode dizer o mesmo de outro tipo de preconceito — aquele relacionado [...] ao modo como as pessoas pensam e votam. Nesse caso, eu preciso admitir: sim, eu

⁸⁹ O Globo online: <http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2010/mat/2010/11/01/embate-norte-nordeste-sul-sudeste-agita-twitter-apos-termino-de-eleicao-presidencial-922920139.asp>. Acessado em 25 de setembro de 2011.

⁹⁰ Revista Veja online: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/sim-eu-tenho-preconceito/>. Acessado em 25 de setembro de 2011.

tenho preconceito. [...] Não estou disposto a adotar uma postura relativista e entender esses indivíduos. Prefiro discriminá-los. Eu tenho preconceito [...] contra quem se vale de um marketing da pobreza e culpa os outros (geralmente as potências mundiais, os grandes empresários) por seus problemas. [...] Por fim, eu nutro um declarado e saboroso preconceito contra quem insiste em pregar o orgulho de sua origem. (NARLOCH, 2010).

É relevante visualizarmos que esse mesmo artigo veiculado inicialmente no jornal Folha de São Paulo (*online* e *off-line*), foi publicado em diversos blogs e também em importantes veículos como a Revista Veja online, na coluna de Augusto Nunes. Em seu texto, Leandro Narloch manifesta grande desprezo pelos regionalismos, que pode ser interpretado tanto no que tange a questão nordestina, quanto a paulista. Ao explicitar seu preconceito contra o regionalismo e aqueles que buscam defender sua identidade cultural, o autor reafirma a ideia de país dividido e também dá margens para leituras que reforcem o preconceito e racismo contra nordestinos. Além disso, o autor do texto, baseado num suposto racionalismo e esclarecimento, coloca os eleitores do PT numa posição, ou de pouco esclarecimento, de falta de educação e cultura, ou de interesseiros das políticas “assistencialistas”.

A partir de todo esse contexto social que possibilitou a existência do episódio Mayara e possibilitou seus desdobramentos tanto *online* quanto *off-line*, desenvolvemos um quadro cartográfico no intuito de organizar o acontecimento de forma mais sucinta e objetiva. O quadro 3, que segue, foi elaborado com o material localizado até o dia 31 de agosto de 2011.

Quadro 3 - Cartografia do episódio Mayara Petruso

Classificações	Desenvolvimentos
Contexto social do episódio Mayara Petruso	<ul style="list-style-type: none"> - Existência de diversos movimentos civis em São Paulo defendendo a cultura, o orgulho, a história paulista e a independência do Estado. - Existência de comunidades no ambiente digital que incentivavam o preconceito contra nordestinos e o ufanismo paulista.
Contexto político-eleitoral prévio ao episódio Mayara	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha política à presidência do Brasil em 2010 com marcas do embate de paulistas e nordestinos. - Diversos veículos de comunicação apontando as políticas populares do PT como responsáveis pela possível vitória no pleito presidencial e colocando São Paulo como negligenciado pelo Governo Lula – discurso repetido nas redes sociais digitais.
Episódio	<ul style="list-style-type: none"> - No 1º de novembro de 2010 a estudante publicou em seus perfis no Facebook e Twitter comentários racistas culpando os nordestinos pela vitória da candidata petista.

Repercussão nas Redes Sociais Digitais	<ul style="list-style-type: none"> - Mais de 1037 pessoas realizaram comentários xenófobos nas plataformas digitais (segundo fontes da Safernet Brasil⁹¹) contra nordestinos após a eleição. - A hashtag #nordestisto virou Trendind Topics São Paulo, e a hashtag #orgulhodesernordestino ficou no segundo lugar do Trending Topics do Brasil, no dia 1º de novembro. - Criação de comunidades nas plataformas digitais que apoiavam Mayara Petruso (Nós apoiamos Mayara Petruso - 436 membros)
Repercussão MCM	<ul style="list-style-type: none"> - Publicação do episódio em diversos veículos de comunicação: Revista Veja (Online), Carta Capital (online e off-line), Estadão (on e off-line), Folha de São Paulo (on e off-line), Terra Magazine, Portal UOL, The Telegraph, Uffington Post, programa Super Pop⁹², entre outros⁹³.
Repercussão Sociedade Civil Esfera Política	<ul style="list-style-type: none"> - OAB-PE processou Mayara por racismo. - O Tumblr “Xenofobia Não” publicou centenas de comentários racistas manifestados por usuários do Twitter durante novembro de 2010 até maio de 2011, quando saiu do ar por motivos desconhecidos. - Safernet Brasil encaminhou ao ministério público 1037 perfis de usuários que foram racistas em seus perfis. - Manifestação de políticos contrários ao racismo, inclusive o então Presidente Luis Inácio Lula da Silva.

Fonte: dados observados a partir da pesquisa *ex-post facto*

Esse cenário intrincado entre construções discursivas de agentes sociais, midiáticos, políticos – atravessadas pelas construções sócio-histórica dos sentidos, compreensões de mundo e pelas tecnologias digitais de comunicação e informação –, realizadas tanto antes, quanto depois do episódio Mayara Petruso, complementam e complexificam os processos de interação simbólica e os embates de opinião referentes ao tema. A contextualização do caso de racismo nas redes digitais nesse subcapítulo nos serve como apresentação do universo de análise – aqui considerado como fração de uma dada conjuntura. O capítulo a seguir tratará das análises e dados obtidos durante a aplicação da metodologia.

⁹¹ A Safernet Brasil é uma associação civil voltada para o combate a crimes e violações contra os Direitos Humanos. Das 10 mil denúncias recebidas, referentes ao episódio estudado, a Safernet Brasil encaminhou 1037 perfis de internautas que realizaram manifestações racistas para o Ministério Público. Fonte: <http://www.safernet.org.br/site/noticias/twitter-mp-sp-recebe-lista-1037-xen%C3%B3fobos>. Acessado em 27 de setembro de 2011.

⁹² O programada da Rede TV!, Super Pop, apresentado por Luciana Gimenez, fez, no dia 11 de novembro de 2010, uma mesa redonda com pessoas (algumas reconhecidas na indústria do entretenimento) oriundas de Estados do Nordeste, para debater especificamente sobre os comentários de Mayara Petruso e de racismo contra nordestinos.

⁹³ Devido à grande quantidade de matérias publicadas em portais de diversos jornais, o levantamento e classificação de todos se tornou inviável. Mas matérias referentes ao tema também foram encontradas nos veículos: Extra, Correio do Povo de Alagoas, Correio 24 Horas, Revista Fórum, Carta Maior, Vermelho, O Povo, Nossa Metrópole, Diário de Pernambuco etc.

7 O EPISÓDIO MAYARA PETRUSO EM PERSPECTIVA: A DINÂMICA INTERATIVA E A CIRCULAÇÃO DAS OPINIÕES

Dando continuidade às reflexões a respeito do episódio Mayara Petruso, realizaremos neste capítulo uma investigação na seção de comentários dos blogs selecionados (Edhy Ghellen, Biscoito Fino e a Massa e o Blog do Noblat) para compreender como se estabeleceram as interações simbólicas. De forma complementar, realizaremos uma investigação referente à circulação das opiniões no Twitter sobre o caso Mayara.

7.1 Blogueiros e seus capitais adquiridos

Em relação ao nosso objeto de estudo, é importante que façamos uma descrição detalhada sobre os atores⁹⁴ responsáveis pelos blogs analisados, as formas como se apresentam nessa plataforma, os indícios de seus *habitus* e capitais simbólicos, para compreendermos melhor a própria dinâmica da interação simbólica que se instituiu e que é possível de ser observada pelas marcas de linguagem. Nesse sentido, importa olhar um pouco além dos posts a serem investigados para obtermos mais informações sobre os atores, as representações de si (GOFFMAN, 2005) elaboradas e projetadas digitalmente, e com isso ver indicativos de suas práticas e objetivos no uso dessa ferramenta.

No primeiro blog (classificação ator da sociedade), mais especificamente na seção de descrição do perfil do proprietário, Edhy Ghellen⁹⁵ informa não ter concluído o curso de jornalismo e que trabalha constantemente com as tecnologias digitais, focado principalmente no desenvolvimento estético de interfaces. Indiretamente, afirma possuir capital intelectual suficiente para articular os códigos e linguagens digitais no fazer comunicacional que se estabelece nesse meio. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, fixou residência em Piracicaba, São Paulo, depois de morar e viajar por diversas cidades e Estados, quando trabalhava num circo. É um agente que carrega um duplo estigma social, podendo sofrer diversas formas de preconceitos, pois além de ser migrante⁹⁶ também é homossexual

⁹⁴ Mesmo embora possuam conceituações e empregos diferentes conforme a teoria empregada, usaremos neste trabalho as expressões atores, agentes e interagentes como sinônimos para representar os envolvidos nas interações simbólicas, tanto nos blogs, quanto no Twitter.

⁹⁵ Ver seção about (sobre) do blog “Edlhy Ghellen”: <http://edhyghellen.wordpress.com/about/>. Acessado em 28 de setembro de 2011.

⁹⁶ Importa ressaltar migrates de diferentes regiões poderão sofrer estigmas e preconceitos conforme os sentidos

assumido (esse dado é apresentado no seu perfil no Facebook⁹⁷, cujo link está na apresentação de seu blog). Em relação aos usos que faz da ferramenta, Ghellen (2010) explica que:

Me interesse pelo que se passa em nossa sociedade. E como uma pessoa que muitas vezes se sente atingida por ela, gosto de expressar minhas opiniões. Esse blog nasceu com essa idéia. Poder expressar o que penso. Ver quem pensa igual a mim. Poder debater com aqueles que não concordam comigo. E se convencido por outras pessoas posso até mesmo mudar minhas opiniões. Não tenho medo de dizer que estou errado quando me mostram isso de maneira convincente. Mas também não deixo de defender meus ideais quando creio estar com a razão. Espero que gostem de tudo que lerem aqui. Se não gostarem de algo, por favor, critiquem. É assim que funciona a democracia. Cada um fala o que pensa, mas sempre com respeito lógico.

Nesse comentário Ghellen evidencia a intenção de uso e apropriação que faz do blog, afirmando que pretende expressar suas opiniões a respeito de qualquer assunto que lhe interesse, ou quando se julgue habilitado pelo seu capital a falar sobre algo ou alguém. A partir das marcas de linguagem expressas em seu perfil, podemos observar como ele seleciona as informações sobre si no intuito de sugestionar o contexto de interação, apresentando-se como um cidadão responsável e interessado pelos problemas sociais e aberto ao debate sobre os mesmos, além de lutar por seus ideais e os princípios democráticos. Ghellen oferece ao outro interagente uma representação de si organizada de modo a possibilitar impressões favoráveis. Dessa maneira, direciona o uso de seu blog para o tratamento de diversas temáticas que lhe interessam; que vão desde política, entretenimento, variedades, cultura, propaganda etc. – não apresenta evidências de possuir algum vínculo com partidos, instituições, empresas ou qualquer outra organização civil.

O proprietário do segundo blog (classificação ator acadêmico), Biscoito Fino e a Massa, é o professor universitário Idelber Avelar⁹⁸. Possui o título de *Philosophiae Doctor* (Ph. D.) em estudos Latino-americanos e leciona literatura, ficção latino-americana contemporânea e estudos culturais, na universidade de Tulane, em Nova Orleans, Estados Unidos. É autor de dois livros⁹⁹ e diversos artigos científicos. No perfil de seu blog, Avelar

relacionados à região que provém e as relações estabelecidas entre a região de destino e a de origem, entre outras coisas. Não é intuito dessa pesquisa traçar as diferenciações de estigma e preconceito sofrida por cada tipo de migrante na região de São Paulo, muito menos fazer um comparativo, apenas apresentar um determinado dado referente à um agente analisado.

⁹⁷ Disponível em: <http://www.facebook.com/edhyghellen>. Acessado em 09 de janeiro de 2012.

⁹⁸ Por viver no Estados Unidos e dar aula numa universidade neste país, é importante considerarmos que suas análises e avaliações referentes ao Brasil podem sofrer influências do campo social em que está inserido.

⁹⁹ *The Letter of Violence: Essays on Narrative, Ethics, and Politics* (2004) e *The Untimely Present*:

deixa poucos indícios explícitos sobre suas disposições e capitais, mas dá ao leitor oportunidade de conhecer suas titulações, premiações, experiências, publicações etc., através de links que direcionam a sua página na Universidade de Tulane e a seu *curriculum vitae*. Assim, de maneira indireta, Avelar busca dar uma representação de si que denote seus conhecimentos e habilidades argumentativas e também uma propriedade intelectual de fala, ou seja, impõe a legitimação outorgada pelo campo científico a sua opinião através da afirmação da posição que ocupa no campo social e por meio da explicitação de seus capitais adquiridos.

Na sucinta definição de seu perfil no seu blog, Avelar se posiciona politicamente como de esquerda, mas afirma também que gosta de versar sobre variados assuntos além de política, como música, literatura, cultura popular e também futebol. Dessa maneira, é possível perceber que o autor faz uso do blog não somente como ferramenta de publicação e expressão de suas posições políticas, mas também para discutir outras temáticas e para realizar exposições de suas pesquisas e trabalhos sobre literatura e música. Por mais que aborde questões políticas e que demonstre frequentemente suas escolhas e filiações partidárias, consideramos que o blog Biscoito Fino e a Massa é independente, pois não há evidências explícitas de possuir vínculos com o campo político e/ou midiático.

O terceiro blog (classificação ator midiático) a ser analisado é o do jornalista Ricardo Noblat. Formado em jornalismo pela universidade de Recife, trabalha na área há mais de 30 anos, sempre voltado para cobertura política, desde os tempos da ditadura militar, até o caso de corrupção denominado midiaticamente de “mensalão”¹⁰⁰. Sua trajetória profissional inclui importantes funções e grandes veículos/empresas de comunicação como: repórter da Revista Manchete; editor assistente da Revista Veja; chefe de redação do Jornal do Brasil, diretor de redação dos jornais Correio Braziliense, A Tarde e O Dia; e colunista da Revista Isto É. Atualmente é editor chefe e colunista do jornal O Globo¹⁰¹ – o qual hospeda seu blog. Noblat iniciou sua atuação como blogueiro em 2004, quando começou a publicar suas colunas dominicais do Jornal o Dia.

Postdictatorial Latin American Fiction and the Task of Mourning (1999).

¹⁰⁰ Perfil descrito na página do O Globo online: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/perfildonoblat.asp>. Acessado em 28 de setembro de 2011.

¹⁰¹ O jornal O Globo é um jornal diário da região metropolitana do Rio de Janeiro. Fundado em fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho, o jornal pertence às Organizações Globo, da família Marinho. Desde 1996 a versão *online* do jornal também é publicada na internet. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso: 23 de janeiro de 2012.

Conforme afirma Noblat, em entrevista com Denise Schittine (2004), seu blog serve como ferramenta complementar ao seu trabalho de jornalista – funcionando inclusive como forma de (re)publicação online de suas colunas e matérias veiculadas nos jornais impressos (o post analisado é um caso representativo disso). Nesse sentido, seria possível pensar que as publicações no blog (ao menos aquelas também publicadas nos jornais impressos) podem seguir os mesmos preceitos do campo jornalístico, com seus esquemas de edição, seleção, classificação, expressão dos fatos, o dever ser profissional (ideais da profissão que guiam e disciplinam fazeres e saberes) e também a política editorial do veículo de comunicação ao qual presta serviço. Seguindo essa linha de raciocínio, as informações e opiniões expressas no blog podem conter marcas não somente do campo social e do *habitus* do seu autor, mas também da linha editorial da empresa que mantém o blog.

Devido a sua longa carreira como jornalista, sua passagem por diversos veículos relevantes e pela ampla experiência na área de jornalismo político, é possível pensarmos que Noblat possui reconhecimento de fala, tanto do seu campo profissional (de seus pares e das empresas de comunicação), quanto dos leitores (*on* e *off-line*) e do campo político. Dessa maneira, acaba por obter importante capital simbólico, que lhe confere legitimidade de fala, sendo referenciado não somente por cidadãos, políticos ou por outros jornalistas, mas também por estudos acadêmicos, como os realizados por Aldé (2007), Escobar (2006) e Schittine (2004).

A seguir apresentamos quadro comparativo (quadro 4) entre os atores sociais e dos seus respectivos blogs:

Quadros 4 - Indicativos sobre os atores e seus capitais adquiridos

Atores / Variáveis	Edhy Ghellen	Idelber Avelar	Ricardo Noblat
Blog	Edhy Ghellen. Blog existe desde outubro de 2010. Média de 30 ¹⁰² visitantes por mês (número de <i>page views</i> não encontrado).	O Biscoito Fino e a Massa. Existe desde outubro de 2004. Média de 15.500 ¹⁰³ visitantes por mês, cerca de 34 mil <i>page views</i> .	Blog do Noblat. Existe desde março de 2004, mas mudou de domínio e nome algumas vezes. Média de 257 ¹⁰⁴ mil visitantes no mês, mais de um milhão de <i>page views</i> .
Vinculações	Aparentemente independente.	Aparentemente independente.	Vinculado ao jornal O Globo.
Campo Social /Atuação	Designer. Profissional autônomo que trabalha com o desenvolvimento de web sites para empresas.	Acadêmico. Professor universitário e pesquisador com diversos prêmios, bolsas, além de livros e artigos publicados.	Jornalista. Profissional com mais de 30 anos de atuação em relevantes veículos de comunicação.
Posição Política	Sem definição explícita. Possui em seu blog posts em que defende o voto na candidata petista à corrida presidencial de 2010.	Explicitamente partidário do PT e da Dilma Rousseff.	Posiciona-se sem definição explícita, mas realizou diversas críticas ao governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva.
Capitais adquiridos	Capital cultural: sem título universitário. Capital político: sem vínculos aparentes com o campo político. Capital simbólico: sem referências explícitas encontradas nas marcas de linguagem.	Capital cultural: título de doutoramento e diversos artigos e livros publicados. Capital político: sem vínculos aparentes com o campo político, mas publicou diversos post sobre o tema. Capital simbólico: por possuir elevado capital cultural/intelectual, seu capital simbólico pode ser reforçado, dando maior credibilidade às suas exposições.	Capital cultural: título universitário concluído. Capital político: sem atuação dentro do campo político, mas com grande movimentação entre os atores desse campo devido sua grande experiência e tempo de cobertura jornalística sobre política. Capital simbólico: jornalista renomado, com passagem por grandes e influentes veículos de comunicação do Brasil. Possui um dos blogs mais acessados de jornalismo político no país.

Fonte: dados de pesquisa observados nos três blogs analisados

No quadro 4, podemos observar, a partir das marcas de linguagem encontradas nos três blogs, as formas de apresentação/representação de si (o que não significa que são ações necessariamente intencionais para atingir determinado fim, podendo ser a maneira

¹⁰² Dados fornecidos no site Stats Show. Acesso no dia 13 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.statshow.com/http://edhyghellen.wordpress.com>.

¹⁰³ Dados fornecidos no site Stats Show. Acesso no dia 13 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.statshow.com/idelberavelar.com>.

¹⁰⁴ Segundo dados do site AdNews. Acesso no dia 13 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.adnews.com.br/pt/internet/blogs-influentes-superam.html>.

convencional usada pelo autor para se apresentar) utilizada pelos atores para contextualizar e sugerir as interpretações referentes às suas opiniões expressas e também, de forma indireta ou não, as interações simbólicas que por ventura possam se desenvolver em função de suas publicações. Esse quadro apresenta também marcas de linguagem referentes aos capitais adquiridos pelos blogueiros nas suas trajetórias pelos campos sociais em que circulam (e circularam), conforme teorização de Bourdieu sobre esses conceitos (2008b).

No entanto, importa salientarmos que o que é possível observar através dessas marcas não resume ou representa completamente o volume e a estrutura dos capitais dos agentes, mas dá uma rápida amostra da composição dos mesmos. Nesse sentido, é possível pensar a relação da opinião desses agentes expressas em seus blogs, constituída a partir de suas condições cognitivas, interesses, *habitus* e capitais adquiridos, com os desdobramentos ocorridos nas seções de comentários e a própria questão da circulação dessas opiniões acerca do Episódio Mayara Petruso na plataforma Twitter.

No item a seguir analisaremos os posts publicados em cada um dos blogs a respeito do Episódio Mayara Petruso e as formas de abordagem de seus autores por meio das marcas de linguagem encontradas nesses textos.

7.2 Publicações dos Blogs Edhy Ghellen, Biscoito Fino e a Massa e Blog do Noblat

No post publicado no dia 1º de novembro de 2010 (sem horário especificado), sob título de “O preconceito ainda vive” (ANEXO A), o primeiro de uma série de quatro publicações vinculadas ao mesmo tema, Edhy Ghellen escreve sobre os comentários racistas contra os nordestinos que foram proferidos nas redes sociais digitais, focando especificamente o comentário de Mayara Petruso. No corpo do texto, o autor apresenta suas argumentações contrárias a essa manifestação, mostrando as mensagens racistas publicadas pela estudante em seus perfis do Facebook e Twitter, além de apresentar uma série de leis que proíbem o racismo para dar credibilidade a sua fala. Faz também um apelo final para que os leitores lutem contra o preconceito de todas as formas possíveis.

Como resposta ao seu post foram feitos 261 comentários, sendo que o primeiro deles foi logo após a publicação, às 9 horas e 28 minutos, e o último no dia 15 de abril de 2011, às 19 horas 48 minutos – esses dados denotam grande espaço temporal no desenvolvimento da conversação e troca de opiniões. No entanto, a maior parte da conversação, quase 98% dela,

ficou restrita ao mês de novembro (256 comentários entre o dia 1º e o dia 25/11/2010); somente 5 não são desse período (2%).

A publicação realizada por Idelber Avelar em seu blog, na terça-feira, 02 de novembro 2010, às 6 horas e 14 minutos, sob o título de “A vitória de Dilma e a falsa tese do ‘país dividido”” (ANEXO B), aborda o caso Mayara e do racismo manifestado por uma parcela da população contra os nordestinos por outro viés. Avelar realizou em seu texto uma discussão mais voltada para a relação entre campo político, esfera midiática e seus possíveis desdobramentos na sociedade civil. Dessa maneira, articula o resultado das eleições presidenciais de 2010 e a atuação/discurso dos tradicionais veículos de comunicação do país (principalmente a TV Globo) sobre a vitória de Dilma Rousseff, para analisar possíveis influências geradas pelo que chama de “falsa tese do país dividido” sobre uma camada populacional - o que, em sua visão, pode ter levado às manifestações de racismo e xenofobia.

Num primeiro momento, Avelar critica de maneira enfática a ideia de divisão do Brasil, a qual afirma ter sido veiculada nos MCM, apontando argumentos que visam desacreditar essa questão. Nessa defesa, posiciona-se politicamente a favor da candidata petista ao afirmar que a vitória de Dilma foi um “momento histórico” para a nação. Nesse sentido, ele argumenta que (AVELAR, 2010) “Se a tese do país dividido não tem fundamento, menos ainda o tem a tese do país dividido entre Sul / Sudeste, por um lado, e o Norte/Nordeste, por outro. Não custa lembrar, mas essa divisão grita em desacordo com os fatos: Dilma enfiou goleadas acachapantes em Serra no Rio de Janeiro (60,5% x 39,5%) e Minas Gerais (58,5 x 41,5), além conquistar um empate no Rio Grande do Sul”. No final do texto, o autor afirma que os próprios veículos de comunicação “insuflaram a onda divisionista” que se alastrou pelo Twitter logo após a oficialização do resultado do pleito. Importa ressaltar que ao se referir ao episódio de racismo, Avelar disponibiliza em seu texto um link que leva para o blog do Edhy Ghellen, num ato de referência e hipertextualização, apontando Ghellen como um ator com credibilidade no que concerne a forma de classificação do episódio Mayara Petruso. É interessante notar que esse ato pode funcionar como um catalisador simbólico, no qual um ator de capital simbólico elevado, ao usar a fala (ou o link) de outro ator, pode acabar lhe conferindo reconhecimento e, conseqüentemente, aumentando-lhe o capital simbólico. Esse post recebeu 113 comentários, sendo o primeiro deles realizado às 6 horas e 45 minutos do mesmo dia (apenas 31 minutos após a publicação) e o último, no dia 14 de novembro de 2010, às 16 horas e 27 minutos.

O terceiro post a ser analisado, publicado por Ricardo Noblat (ANEXO C) no dia 04 de novembro de 2010, às 15 horas e 3 minutos, em seu blog (que também foi editorial do jornal Folha de São Paulo no mesmo dia), versa de forma ampla sobre o episódio de racismo ocorrido nas redes sociais digitais após o resultado oficial das eleições presidenciais de 2010. Apesar de não citar nomes, faz menção direta a Mayra Petruso, ao concordar com a decisão da OAB-PE em processá-la. Assumindo o tom opinativo, necessariamente presente em editoriais, o jornalista discorre sobre o acontecimento, posicionando-se contrariamente às expressões de racismo manifestadas digitalmente. Noblat (2010) faz duas considerações que são centrais em seu texto. Primeiramente, aponta que essas manifestações seguiram a mesma tônica das campanhas eleitorais, ou seja, “são demonstrações que vêm no rastro do discurso sectário e da disputa política desqualificada que encontra na rede de computadores fértil território para prosperar”. A segunda questão diz respeito a um entrelaçamento e ofuscamento entre o público e o privado nas TDCI, que possibilitariam a sensação de liberdade e impunidade e dariam margem a expressões de racismo. Noblat também argumenta contra a imputação de uma suposta culpa dos nordestinos na vitória de Dilma, alegando que mesmo sem a votação dos Estados do Nordeste a candidata petista sairia vitoriosa. Após a publicação do post, foram realizados 72 comentários, sendo o primeiro deles às 15 horas e 14 minutos, do mesmo dia da postagem e o último a meia-noite e 20 minutos do dia seguinte. No quadro 5, de modo sintético, realizamos comparações entre as publicações:

Quadro 5 - Post e seus conteúdos

Blog	Post/data/hora	Idéia central
Edhy Ghellen	O preconceito ainda vive. Publicado por volta das 9 horas do dia 01/11/2010.	<ul style="list-style-type: none"> - Discorre sobre os comentários racistas que foram feitos nas redes sociais digitais, dando ênfase ao comentário de Mayara Petruso. - Posiciona-se contrário ao racismo e incentiva os leitores a fazerem denúncias. - Apresenta leis referentes ao racismo dando credibilidade a sua argumentação.
Biscoito Fino e a Massa	A vitória da Dilma e a falsa tese do país dividido. Publicado às 6 horas e 14 minutos do dia 02/11/2010.	<ul style="list-style-type: none"> - Discorre sobre a atuação/discurso dos MCM e as possíveis influências nas manifestações racistas expressas nas TDCI. - Critica a ideia de país dividido apresentada pelos MCM. - Posiciona-se politicamente em favor da candidata petista.
Blog do Ricardo Noblat	Intolerância na rede. Publicado às 15 horas e 3 minutos do dia 04/11/2010.	<ul style="list-style-type: none"> - Expõe o caso de maneira genérica e posiciona-se contrário ao racismo. - Argumenta sobre a campanha eleitoral e suas implicações nos comportamentos racistas. - Discorre sobre a obnubilação entre público e privado na internet e suas possíveis consequências nas relações sociais e raciais.

Fonte: dados de pesquisa observados nos três blogs analisados

A partir das diferentes abordagens sobre o episódio Mayara Petruso e o racismo, realizadas em cada um dos blogs, é possível observar os distintos direcionamentos de compreensão propostos por seus autores sobre os fatos ocorridos e a linha discursiva que pauta, ao menos inicialmente, as interações simbólicas e conversações realizadas na seção de comentários. No item a seguir, avançaremos nas análises a respeito das dinâmicas das interações simbólicas realizadas na seção de comentários desses blogs a partir da aplicação da técnica de análise de conteúdo.

7.3 As dinâmicas interativas e suas marcas de linguagem

Ao realizamos a análise das dinâmicas das interações, percebemos algumas características de comentários recorrentes entre as três publicações investigadas. Em função disso, estabelecemos algumas tipificações formais no intuito de compreender a dinâmica interativa em si a partir dos condicionamentos das plataformas comunicacionais. Na tabela 1 é possível ver os índices referentes às características formais dos comentários realizados nos

blogs. Importa ressaltar que essas tipificações das formas dos comentários surgiram pela observação dos dados primários, não estavam previamente estabelecidas.

Tabela 1 – Características dos comentários realizados

Classificações	Tipos	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Características dos comentários	Comentários	190	73,4%	83	75,5%	66	91,7%
	Comentários de comentário	39	15,1	21	19,1%	6	8,3%
	Resposta do blogueiro	30	18,9%	6	5,4%	-	-
Comentários Repetidos		2	-	3	-	-	-
Total de comentários		261	-	113	-	72	-
Total de comentários analisados ¹⁰⁵		259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: dados de pesquisa

Apesar do grande número de comentários, conforme pode ser percebido na tabela 1, principalmente no blog de Edhy Ghellen, é possível perceber um grau de interação não muito expressivo entre os próprios interagentes. No blog do Edhy Ghellen 15,1% comentaram comentários, enquanto no blog do Avelar foram 19,1% dos interagentes que realizaram comentários diretos a manifestações de terceiros. No Blog do Noblat apenas 8,3% fizeram o mesmo. Importa salientar que cada blog apresenta delimitações particulares no que tange a possibilidade de responder a comentários que se dirigem a comentários já publicados. Dos três, somente o blog do Edhy Ghellen permite essa ação, e, em função disso, cerca de 6% do total de comentários realizados diretamente a outros comentários corresponderam a esse tipo de resposta em terceiro nível. Nos demais blogs o diálogo tinha de ser estabelecido de maneira explícita, ou seja, os comentários dirigidos a um interagente específico continham, logo no início ou como título, o nome daquele interagente. Outro aspecto relevante é que alguns agentes publicaram manifestações que, mesmo não fazendo alusão direta a uma pessoa específica, respondiam indiretamente a determinados interagentes ao trazerem à tona suas visões sobre os temas e assuntos previamente publicados.

¹⁰⁵ Para as análises formais e de conteúdo os comentários repetidos não serão levados em consideração. Assim o número total de comentários a terem seus conteúdos analisados será diferente do total de comentários existentes nos blogs.

Em relação à participação dos autores dos blogs nas interações ocorridas, percebe-se uma atuação e posicionamento diferenciados entre os mesmos. O autor de maior participação nas conversações foi Edhy Ghellen, respondendo 18,9% do total das interações, sendo que muitas vezes para agradecer o comentário ou se posicionar sobre a questão do preconceito (ora criticando ações racistas, ora incentivando à ação e a denúncia de outros internautas ao ministério público) e para manifestar sua posição política. Em uma das respostas a um interagente, Ghellen afirma ter tomado ações legais, reunindo material de cunho racista de Mayara Petruso na internet e realizando uma denúncia ao Ministério Público de São Paulo: “Todos esses casos de preconceito, não importa de onde se origemem, são sempre muito negativos. A denúncia por minha parte já está feita. Fiz ainda durante a madrugada. Agora temos que fazer o mesmo com os casos semelhantes [sic] [...]” (GHELLEN, 2010). Avelar também participou das conversações (5,4% do total das interações), respondendo, de maneira sucinta, alguns dos questionamentos que lhe foram feitos. Já Noblat não se manifestou sequer uma vez, mesmo quando instigado e desafiado por seus leitores, mantendo tanto uma imparcialidade quanto uma ausência nas discussões, talvez devido a sua posição de jornalista, seu capital simbólico e à própria instituição a qual sua opinião representa.

A participação dos blogueiros na dinâmica das interações não se deu somente no que concerne a manifestações de opinião referente ao caso Mayara, mas também nos cerceamentos simbólicos exercidos através das moderações realizadas. Importa atentar que, no caso do Blog do Noblat, a moderação e os cerceamentos se dão desde o princípio da ação de comentar. Ou seja: para poder realizar um comentário, é necessário que o agente se cadastre no site O Globo e respeite as normas de publicação da empresa, evitando palavrões e acusações insultuosas, pois caso contrário, o comentário não será publicado. Segundo informa a página de O Globo, até mesmo comentários considerados em desacordo com os temas e assuntos tratados (e também com a linha editorial) podem ser censurados. No entanto, por mais que existam essas delimitações, Ricardo Noblat não dá indícios de exercer um papel de moderador atuante. Apesar disso, um dos interagentes informa que suas publicações estão sendo censuradas pelo jornalista (figura 20), porém quem realize essa prática é a própria empresa que hospeda o blog. Assim como Noblat, Idelber também não apresenta indícios de moderações em relação aos comentários realizados sobre seu post. Já Ghellen se manifesta nesse sentido afirmando que, mesmo respeitando o direito de liberdade de expressão, não

aceitaria mais comentários de anônimos depois que um interagente anônimo manifestou-se de maneira racista e ofensiva.

Figura 20 - comentário de HCCG

Apelido: HCCG - 4/11/2010 - 16:42
 Interessante, pediram um link e eu enviei um, onde Lula diz que nordestino é feio. O moderador me censurou 2 vezes. Por que?
 Sou totalmente contra manifestações racistas mas acho que Lula incitou o ódio e dividiu o país, sim.

Fonte: publicação retirada do Blog do Noblat

Embora sejam amplas as possibilidades de falseamento da identidade no ambiente *online*, foi grande o número de interagentes que se dispôs a apresentar traços de sua identidade nos três blogs analisados, conforme pode ser observado na tabela 2. No blog do Edhy Ghellen 93,8% dos atores informaram o nome, sendo que desses, 19,3% também expuseram traços de seu perfil e/ou deram referências eletrônicas. No Biscoito Fino e a Massa, 92% apresentaram o nome, e 39% desses agentes deram referências eletrônicas e traços pessoais. Enquanto isso, no Blog do Noblat, apenas 45,8% dos interagentes indicou nome, sendo que um único agente deu dados de seus perfis das plataformas digitais.

Tabela 2 - Formas de apresentação dos interagentes

Classificações	Tipos	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Formas de apresentação dos agentes	Anônimo	16	6,2%	9	8,2%	39	54,2%
	Aparentemente não anônimo	243	93,8%	101	91,8%	33	45,8%
Total de comentários analisados		259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

As informações correspondentes às formas de apresentação dos agentes, além da exposição do nome, vieram tanto na forma de links que direcionavam para sites pessoais, perfis em redes de relacionamento e blogs, quanto na própria apresentação e exposição das disposições formadoras dos *habitus* e das experiências individuais, conforme se pode visualizar na tabela 3 (somente são considerados os totais de agentes aparentemente não

anônimos). Muitas vezes, no intuito de marcar posição, fazer valer uma opinião, ou apenas como forma de identificação, muitos agentes descreveram, em seus comentários, suas profissões, títulos, experiências, ligações políticas, crenças, origem regional, cultura, entre outras coisas.

Tabela 3 - Diferentes formas de apresentação dos agentes

Formas de apresentação dos agentes	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Com identificação nominal e mais outras formas de apresentação – fotos, links para sites pessoais	47	19,3%	44	43,7%	1	3%
Somente com identificação nominal	196	80,7%	57	56,3%	32	97%
Total de comentários analisados	243	100%	101	100%	33	100%

Fonte: interagentes aparentemente não anônimos

Em relação às formas de apresentação dos interagentes durante as conversações nos blogs, dois casos foram bastante ilustrativos. O primeiro caso foi o comentário de “rei de souza”, no blog do Edhy Ghellen, que critica o anonimato de outros interagentes que se escondem para disseminarem o preconceito, posicionando-se claramente contra as pessoas que se dizem cultas e evoluídas, mas que consomem piadas preconceituosas. O interagente ainda adiciona o link para seu blog (Oficina Sete¹⁰⁶) com o intuito de dar pistas claras a respeito de como pensa e se expressa digitalmente e como pretende ser reconhecido. O segundo caso ocorreu no Biscoito Fino e a Massa, quando a agente Bárbara apresenta não somente sua visão sobre o assunto em debate, mas também suas experiências, posição política, preferências no futebol e mesmo relações afetivas (figura 21).

¹⁰⁶ O blog não está mais disponível para visualização, mas o interagente possui outro blog coletivo chamado Multigraphias que está disponível em: <http://multigraphias.wordpress.com/>. Acessado em 20 de novembro de 2011.

Figura 21 - Comentário de Bárbara

#77

Assim como eu vi ali em cima gente dizendo que perdeu amigos, eu posso dizer que eu quase perdi meu namorado por causa das eleições.

Ele é tucano convicto (graças aos pais, mais velhos, que injetaram nele a ideologia da classe média da década de 60) e eu sou esquerdosa e totalmente anti-neoliberalismo.

Com a minha semi-militância, primeiro pró-Marina e depois pró-Dilma, meu tucaninho esteve a ponto de explodir de raiva a qualquer momento. Agora, com a vitória da Dilma, ele e a família toda estão praticamente de luto. E não adianta mostrar números, constatações, discurso do meu pai dizendo o quanto ele tem a reclamar de governo do PSDB e elogiar governo do PT, meu namorado não aceita que as coisas melhoraram e iriam retroceder se o Serra ganhasse.

Mas como se diz, os opostos se atraem e eu (estudante de Letras, atleticana e esquerdosa) tinha que ter mesmo essa sina de gostar de um estudante de Engenharia (!), cruzeirense (!) e tucano (!). Tudo aquilo que não se discute...

Digo isso só pra exemplificar como as coisas estão em alguns lugares... Mesmo pessoas muito inteligentes caem na lábia do Serra por coisas pequeninas ou simplesmente por acreditarem na ideologia da classe dominante...

Bárbara em novembro 3, 2010 10:12 AM

Fonte: publicação retirada do blog Biscoito Fino e a Massa

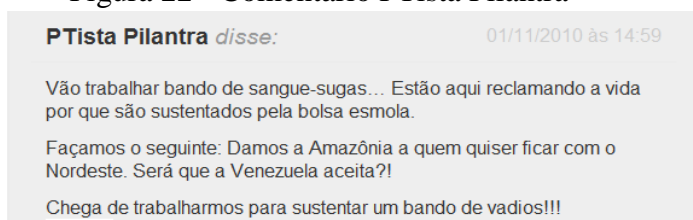
Esses dados dão indícios de que mesmo com a possibilidade de falseamento, muitos agentes que se engajam em interações simbólicas mediadas pelas TDCI estão dispostos a dar informações suficientes sobre si de maneira a construir uma representação favorável do *eu* que possa gerar impressões sobre o outro de maneira conveniente e que corresponda as suas intenções de ação. Esse tipo de detalhamento da representação de si pode funcionar como um importante elemento nas interações simbólicas em blogs e redes sociais digitais a partir do momento em que dá condições de inteligibilidade não só a respeito do ator da fala e sua posição nas estruturas sociais, mas também das opiniões e visões de mundo que possui e dos mercados simbólicos que frequenta e compartilha. A publicidade de tal referencial nas negociações conversacionais pode também dar maior credibilidade de fala de um ator perante os demais interagentes.

Apesar de percebermos uma intencionalidade de construção das representações do *eu* opinativo por parte dos interagentes nas marcas de linguagem das conversações dos blogs analisados, foi possível visualizar também a utilização do anonimato como forma de ocultação e libertação das expressões. Nesse quesito, o Blog do Noblat foi o único que apresentou alto índice (54,2%) de pessoas comentando sem realizar qualquer tipo de

identificação. É interessante constatar que, apesar de ser o blog com maior publicidade, acessos (257 mil visitantes no mês) e exposição (mais de um milhão de *page views*), foi o que apresentou maior ocorrência de manifestações de sujeitos anônimos em seu post sobre o caso Mayara Petruso. É como se o excesso de exposição e publicidade (além da própria representatividade, capital simbólico e visibilidade do Ricardo Noblat e do jornal O Globo) funcionassem como uma espécie de barreira simbólica, um elemento tanto de constrangimento ou um inibidor, quanto de autopreservação dos agentes no momento de tornar públicas suas representações de si e suas opiniões sobre os temas em discussão.

Nos três blogs os atores anônimos exerceram um papel muito mais polemizador, no sentido de exporem opiniões (por vezes contendo preconceitos, difamações etc.) muitas vezes sem intenção manifesta de diálogo, do que de participantes no desenvolvimento de discussões (figura 22). As manifestações agressivas dos interagentes anônimos se direcionaram não somente a favor do racismo, mas muitas vezes como forma de extravasar sentimentos em relação ao comentário de Mayara Petruso.

Figura 22 - Comentário PTista Pilantra



Fonte: publicação retirada no blog do Edhy Ghellen

A utilização do anonimato, como estratégia de ação simbólica, possibilita uma liberdade opinativa sem os freios impostos pelo medo de uma possível reprimenda pública ou das implicações que uma larga exposição pode gerar. Ou seja, a condição de anonimato, através da construção de máscaras digitais falsamente impermeáveis, permitiu aos interagentes manifestarem todo tipo de opinião sem terem a preocupação de retalhamento e punição social – sejam elas contra ou a favor dos comentários racistas, posicionamentos políticos e formas de compreender os acontecimentos. Assim, podemos pensar que o anonimato possibilitado pelas TDCI nas conversações sobre o caso Mayara Petruso, produziu uma sensação¹⁰⁷ de invisibilidade, impunibilidade e, conseqüentemente, um efeito de

¹⁰⁷ Por maior que seja a sensação de invisibilidade do anonimato, existem meios de rastreio de informações e

libertação das expressões e manifestações sem os condicionamentos e constrangimentos dos padrões de bom comportamento e do politicamente correto vigentes no *status quo*, e também sem os medos das possíveis implicações legais dos atos. É como se o anonimato funcionasse como um desinibidor social, permitindo que as pessoas falassem e publicassem qualquer coisa, independente do conteúdo e de suas possíveis consequências.

7.3.1 As interações e os diálogos em aberto: potencial de ação simbólica e de circulação e visibilidade de opiniões

Ao longo das conversações estabelecidas nos blogs, diversas foram as formas de manifestações realizadas pelos interagentes: desde simples exposições de opiniões ou marcações de posição, até articulações no intuito de construir diálogo, seja com o autor do post, ou com outros agentes. Na tabela 4, identificamos os dados referentes aos tipos de manifestações publicadas pelos atores nas seções de comentários dos três blogs analisados.

Tabela 4 - Tipos de opiniões publicadas nos blogs

Tipos de opinião	Edhy Ghellen		B. F. e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações de opinião	125	48,3%	19	17,3%	42	58,3%
Respostas a manifestações de opinião	25	9,6%	1	0,9%	3	4,2%
Respostas com dados/informações a manifestações de opinião	15	5,8%	6	5,5%	-	-
Manifestações de opinião com referências externas	65	25,1%	64	58,2%	24	33,3%
Respostas a manifestações de opinião com referências externas	20	7,7%	4	3,6%	2	2,8%
Respostas com referências externas a manifestações de opinião com referências externas	9	3,5%	16	14,5%	1	1,4%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

dados pessoais. São inúmeras as ferramentas de controle utilizadas tanto por governos quanto por empresas no intuito de controlar o fluxo informacional. Em contrapartida, existem também ferramentas e plataformas criadas para dificultar o rastreamento de dados, possibilitando uma navegação livre de vigilância. Para mais informações a respeito das disputas por controle e liberdade informacional ver texto “A nova ordem da resistência ou resistência desordenada?: relações de poder na era digital”, de Lock (2011).

Ao analisarmos as informações presentes na tabela 4, verificamos que grande parte dos interagentes nos blogs do Edhy Ghellen e do Ricardo Noblat (48,3% e 58,3% respectivamente) manifesta-se de maneira simplificada, expondo opiniões sem elaborações argumentativas para defender ideia ou posição, ou sem informações e referências que pudessem complementar/contextualizar a fala, apenas marcando seus entendimentos relacionados ao episódio Mayara. Esse tipo de manifestação pode ser observada nos comentários de Antonio Marcos Teixeira, no blog do Edghe Ghellen (2010), e Gut-Gut, no Blog do Noblat (2010):

Antonio Marcos Teixeira: SOU NORDESTINO E TENHO ORGULHO DAS MINHA ORIGENS E ESSA PESSOA QUE É RACISTA TEM QUE SER PONIDA [sic].

Gut-Gut: É um absurdo que, em pleno século 21, ainda existam pessoas racistas e além do mais, nordestino é gente fina pra caramba. Visito, todos os anos, o nordeste e nunca vi gente tão hospitaleira como os nordestinos, principalmente os alagoanos [sic].

Por sua vez, no Biscoito Fino e a Massa, observamos a ocorrência de mais de 50% dos comentários contendo dados, informações e referências que contextualizavam ou embasavam as opiniões manifestadas. No exemplo a seguir, é possível visualizar que o interagente Giovanni Gouveia apresenta referências históricas, mesmo que sucintamente, para dar sustentação à sua opinião referente ao episódio Mayara Petruso:

Os exemplos de movimentos xenófobos que dominaram a política recente são o Nazifascismo, a Guerra dos Balcãs e as guerras africanas, bem como o apartheid (na África do Sul e nos Isteites), nenhum se trata de um bom exemplo [...].

A irresponsabilidade dos que fizeram emergir a questão merece sanção exemplar [sic] (AVELAR, 2010).

Em relação aos diálogos e conversações existentes nas seções de comentários, pode-se observar um percentual relativamente baixo de interações simbólicas estabelecidas, principalmente se comparado com o total de manifestações realizadas. No blog de Ghellen e de Avelar, as manifestações, entre respostas simples e respostas contendo referências externas, foram em torno de um quarto do total, enquanto o de Noblat ficou abaixo de um

décimo. No entanto, é relevante levarmos em consideração que, mesmo não havendo um alto percentual de conversações e diálogos, as manifestações simples e as que usaram referências, dados e informações para se basearem, são também comentários que visavam realizar trocas simbólicas (direta ou indiretamente), mesmo que algumas delas não tenham obtido resposta direta e concretizado diálogos.

Mesmo tendo sido baixo o percentual de interações, é importante observar que os internautas que participaram ou que pretendiam participar das conversações tiveram que, além da necessidade de buscar informações sobre o fato em discussão, em alguns casos, realizar também um resgate das exposições dos demais interagentes (ou acompanharam quase instantaneamente) para então transmitir/emitir sua opinião, seja ela a todos ou a um determinado comentarista. Um exemplo disso pode ser observado no comentário de “Não Sou Cego”, figura 23.

Figura 23 - Comentário do interagente Não Sou Cego

Não sou cego disse:
01/11/2010 às 12:03

Johny, Everton e amigos.
Vamos só fazer uma conta: Se todo pobre votasse na Dilma e todo rico votasse no Serra, nesse brasilzão de meu deus, teria dado 90% x 10% pra Dilma. isso é matemática.

Dilma ganhou no Rio, em Minas. Estados ricos. Mas a culpa é do nordeste?

E só pra completar, vejam outra matemática. Se o tão odiado nordeste NÃO EXISTISSE, a Dilma tinha ganho tb. mais apertado, mas ganharia. Então transferiram o odiazinho de vocês pro candidato que não fez a frente necessária pra ganhar, ou aos amigos paulistas/paulistanos que preferiram ir tomar uisque com energetico em ubatuba em vez votar.

Segue um textinho pra ler, se vocês gostarem de ler.
<http://blogs.diariodonordeste.com.br/roberto/dilma-seria->

Fonte: comentário retirado do Blog Edhy Ghellen

Esse tipo de interação se estabeleceu quando o interagente “Não Sou Cego” publicou uma resposta direcionada ao comentário do interagente chamado Johny, mas também ao comentário de outro interagente chamado Everton (ambos haviam se manifestado contrários a vitória Petista). Essa abertura comunicacional denota com força a grande imprevisibilidade interacional (PRIMO, 2007). No entanto, em diversos momentos essa imprevisibilidade do processo de negociação foi interrompida de maneira prematura, encerrada num comentário sem resposta.

Em relação aos tipos de comentários realizados, podemos observar duas formas interativas distintas, porém complementares: os vazios opinativos/conversacionais e as trocas simbólico-informativas. Ao longo da análise dos dados brutos, foi possível perceber, por inúmeras vezes, a emergência de vazios comunicativos e opinativos que se concretizavam basicamente por duas maneiras. Levando em consideração a teorização de Primo (2007), referente às interações mútuas, percebemos que o primeiro vazio se deu pelo fato de que muitas manifestações, mesmo as que buscaram fazer trocas informativas, não obtiveram nenhum tipo de resposta direta, não concretizando assim diálogos. Essas manifestações, ao invés de se tornarem elementos constitutivos das construções discursivas de opiniões pelo estabelecimento das interações mútuas, tornaram-se peças de composição de um grande texto pertencente à publicação inicial dos blogueiros referente ao caso Mayara Petruso e ao racismo, funcionando também como pequenos “satélites artificiais” orbitando as conversações estabelecidas.

A segunda forma observada por meio das marcas de linguagem se constituiu por exposições opinativas que não se dirigiram a nenhum outro interagente, nem mesmo ao autor do post, e também por comentários que não visaram estabelecer diálogo, muito menos trazer à tona informações que pudessem ser pertinentes ao tema do racismo ou qualquer outra discussão que estivesse em curso. Muitas dessas manifestações eram para evidenciar sentimento e posições dos interagentes perante os acontecimentos em debate, principalmente referente ao racismo e aos comentários de Mayara Petruso. Algumas foram direcionadas para a própria Mayara, conforme é possível verificar na figura 24.

Figura 24: comentário de Francisco Francizete Paulino

Francisco Francizete Paulino disse: 03/11/2010 às 16:13

Sr(a), Mayara Petruso, Sou Nordestino, Nunca votei em candidatos do PT, entendo sua indignação, infelizmente e assim em todas as regioes, existem pessõas boas mas e as que não vale a boia que come, nos precisamos ter a preocupação com nossas palavras, sei que no nordeste existem pessoas que são miseraveis em todos os sentidos, nos precisamos orar por estas pessoas, para que vejam, não se vendam ou à todos nós, e só falar para eles que não existe festa de graça, alguém paga a conta, desejo felicidades para voce, e cuidado com as palavras, as vezes nos enviamos flechas para endereços aos quais não merecem. Fique com Deus.

Fonte: reprodução de comentário do blog do Edhy Ghellen

Manifestações como a de Francisco Francizete Paulino (GHELLEN, 2010) apresentaram um caráter muito mais de demarcação de existência e posição do interagente falante, em uma esfera de visibilidade potencialmente ampla e pública, uma forma de afirmação da presença frente à alteridade invisível e dentro de um mercado de trocas simbólicas em constante movimento, do que uma abertura ao diálogo ou à troca simbólica. No entanto, essa manifestação possui um aspecto ambíguo, pois ao mesmo tempo em que afirma a presença do interagente, a forma como é expressa (como uma espécie de “carta aberta”) denota um isolamento em relação aos demais e um direcionamento a um interagente possivelmente não presente na conversação: Mayara Petruso. Assim, podemos pensar que essas manifestações caracterizaram-se como uma espécie de presença simbólica meramente expositiva, sem intenção aparente de fazer parte ou colaborar diretamente para a continuidade da construção coletiva das opiniões. Essas expressões de opinião ficaram num momento de vácuo interativo, pois, por mais que os agentes possam ter lido e interagido com o sentido proposto na exposição, não houve produtividade simbólica e discursiva aparente. De maneira similar às manifestações da primeira forma de vazio comunicativo, essas também pareceram parte de um grande texto comum, baseado na articulação e proposição de sentido dos autores dos blogs (diversas opiniões isoladas, compondo um texto repetido e circular).

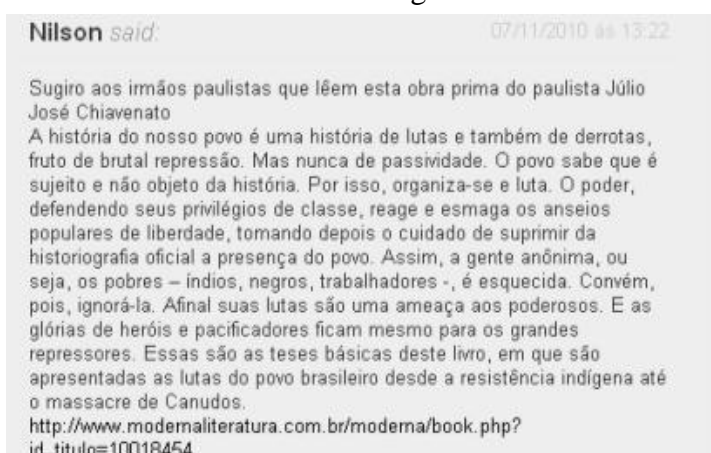
No entanto, não podemos deixar de atentar para o fato de que, mesmo que essas manifestações pareçam estar - de certa forma - desconectadas ou mesmo isoladas das demais, expondo de maneira alheia opiniões e posições sobre o assunto, estas fazem parte de um quadro de sentidos bastante complexo e interligado, que pode servir como base semântica para a produção das opiniões. Os comentários dessa ordem podem ter colaborado, mesmo que indiretamente, para as construções argumentativas que lhes sucederam, pois podem ter funcionado como peças linguístico-discursivas complementares para a produção de sentido a respeito do que estava sendo debatido, ou seja, o episódio Mayara e seus desdobramentos sociais e políticos. Podem ter sido uma espécie de eco discursivo com condições de repercutir silenciosamente nas falas e opiniões futuras. E nesse sentido, podemos compreender que estas podem ser elementos, se não fundamentais, ao menos constitutivos da produção e reprodução do *common*.

A outra forma interativa que observamos, diz respeito às próprias concretizações das interações simbólicas. A partir das interações nos blogs, representada na tabela 4, é possível perceber através da análise, um relevante número de interagentes (entre manifestantes e

respondentes) que aproveitaram o espaço destinado aos comentários para, não somente expor sua visão de mundo em relação ao acontecimento, a partir das capacidades interpretativas permitidas por seus *habitus* e esquemas cognitivos, mas também propor/partilhar aos/com os demais interagentes percepções e informações, no intuito de iniciar um diálogo ou ao menos deixar possibilidades em aberto (34,4% usaram esse recurso no blog do Edhy Ghellen, 78,2% no Biscoito Fino e a Massa e 34,7% no Blog do Noblat).

Dessa forma, muitos se valeram de informações de diversas ordens e níveis para basear suas tomadas de posição e opiniões, desde leis e artigos da constituição brasileira, autores e livros legitimados pelos campos intelectuais aos quais “pertencem” (autores/intelectuais com capital elevado serviram de referência e legitimação) (figura 25), levantamentos históricos para defender o nordeste e os nordestinos, até referências de outros textos *online* para dar mais autoridade ou reconhecimento à fala.

Figura 25 – Comentário com recursos legitimadores



Fonte: publicação retirada do blog Edhy Ghellen

Durante a conversação realizada no blog Edhy Ghellen, houve um caso especial de referência textual que chamou atenção: um interagente se apropriou da fala de outra pessoa que não participava daquele contexto interativo, publicando-a na íntegra para expressar sua posição. O texto intitulado “Calem a boca, nordestinos!”, do teólogo e religioso José Barbosa Junior¹⁰⁸, foi escrito como uma forma de reprovação pessoal às manifestações racistas na internet¹⁰⁹ ocorridas logo após a vitória de Dilma Rousseff à presidência do Brasil no pleito

¹⁰⁸ Perfil de José Barbosa no Twitter: <http://twitter.com/#!/JoseBarbosaJr>. Acessado em 20 de maio de 2011.

¹⁰⁹ Texto disponível em: http://www.crerepensar.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=204&Itemid=26. Acessado em 20 de maio de 2011.

eleitoral de 2010. Esse texto foi publicado primeiramente no site do qual Barbosa Jr. participa (no dia 03 de novembro de 2010), chamado “Crer é também pensar¹¹⁰”, mas obteve um grau de divulgação, circulação, visualização, apropriação e reutilização altíssimo; chegando, inclusive, a virar referência do assunto na internet. Para visualizarmos a força de circulação e visibilidade que esse texto obteve, fizemos uma rápida busca nos sites Google¹¹¹ e Topsy. No Google, ao pesquisarmos por um trecho do texto entre aspas (uma técnica de busca do site), encontramos mais de 34.500¹¹² links de sites, blogs, *home pages* pessoais, portais, jornais etc., que fizeram referência literal ao texto. Já no Topsy¹¹³, foi possível ver que o link do texto foi publicado no Twitter por mais de 4.000 perfis (entre tweets e retweets). Esses dados dão indícios relevantes sobre a questão de produção e reutilização de informações e opiniões políticas no ambiente *online*.

Diante disso, podemos visualizar que, com as TDCI, questões referentes à produção e à difusão de informações localizadas fora do eixo da esfera de visibilidade tradicional ganham contornos e redimensionamentos importantes. Com essa breve busca, observamos como foi possível um cidadão não pertencente aos tradicionais lugares/campos legítimos de fala vinculados às disputas simbólicas da opinião pública (discutidos no capítulo 2), tornar pública e distribuir sua visão de mundo de maneira rápida e a um baixo custo, dando assim possibilidades à mesma de adentrar em um contexto de visibilidade pouco acessível caso não houvesse o suporte das TDCI. O que não significa dizer que não houve implicações mútuas entre essas esferas e a sociedade civil, mas sim evidencia apenas que os processos de formação das opiniões políticas a respeito desse acontecimento em particular passaram também por outros locais e esferas comunicativas.

Nesse sentido, podemos compreender que as TDCI oferecem um *potencial de ação simbólica* aos interagentes sociais que as tecnologias de comunicação de massa não ofereciam, ou o faziam parcialmente, ou de outro modo (seja pela dinâmica comunicacional proposta/permitida por esses meios, pelas potencialidades de uso material, pelas sociabilidades inerentes e desenvolvidas através delas ou mesmo em função dos condicionamentos relacionados à questão de acessibilidade do/da meio/materialidade).

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.crerepensar.com.br/>. Acessado em 20 de maio de 2011.

¹¹¹ Site de busca de dados e informações. Disponível em: <http://www.google.com.br/>. Acessado em 20 de maio de 2011.

¹¹² Dados da pesquisa no Google disponíveis em: <http://migre.me/4kPCZ>. Acessado em 20 de maio de 2011.

¹¹³ Dados da pesquisa no Topsy disponíveis em: <http://topsy.com/s/Calem+a+boca%2C+nordestinos%21?window=a>. Acessado em 20 de maio de 2011.

Partindo das teorizações de Hardt e Negri (2004), é possível pensar que existe, através das TDCI, uma possibilidade de ação simbólica individual/coletiva sobre o mundo e o *common* – um *do it for yourself* -, uma tentativa de universalizar problemáticas e pontos de vistas por meio de uma esfera de visibilidade pública digital, no intuito de não somente fazer essa ideia ser conhecida enquanto tal, mas reconhecida e adotada pela alteridade, gerando assim uma crença no ponto de vista exposto. Ou seja, gerando a concretização da eficácia simbólica proposta por Bourdieu (2008) quando dá adequação do pensar a uma forma de classificação.

Seria uma espécie de potencialização da convergência, ou seja, uma potencialização da capacidade dos indivíduos de apreender, apropriar-se, adaptar-se e transformar as formas simbólicas e os sentidos através de uma diferente dinâmica material de comunicação social para tornar inteligível o “mundo” e assim planejar e realizar suas ações nos campos sociais que habitam. É uma materialidade que dá aos seres humanos diferentes potencialidades (com diferentes criatividades e produtividades) de ação simbólica na criação e recriação coletiva da realidade social e do *common*.

Essa potencialidade de ação simbólica não se reduz a uma ponta das interações simbólicas, mas se faz presente também nas suas múltiplas facetas, permitindo que, mesmo aqueles que não tiveram a iniciativa/possibilidade/capacidade de elaborar e expor sua opinião publicamente, realizem e propaguem suas posições sobre determinado tema através da apropriação e reutilização de outras manifestações que acreditam descrever com maior veracidade a realidade observável. Com isso, esses agentes realizam uma autoindicação (BLUMER,1980) com as materialidades do contexto comunicativo e os sentidos propostos, empregando-lhes significados por meio dos seus esquemas cognitivos e disposições (as estabilidades semânticas que tornam o mundo cognoscível por recorrência e repetição), para então poderem manipulá-los segundo suas próprias necessidades, habilidades e percepções e, conseqüentemente, agirem. No escopo da potencialidade de ação simbólica estariam ainda movimentos interativos como os de trocas de informações, simples manifestações de opinião, conversações, colaboração na criação e propagação de formas simbólicas, compartilhamento, formas digitais de representação do *eu* (marcas, desenhos, fotos, figuras, comunidades, símbolos etc.) entre outros.

Outra questão relevante, apresentada pela exposição do texto do Barbosa Jr., foi a constatação de uma *potência de circulação e visibilidade* que as TDCI oferecem aos indivíduos e às suas manifestações. Conforme evidenciado anteriormente, o texto de Barbosa

Jr. foi (re)publicado milhares de vezes na internet, atingindo um grau de circulação, acessibilidade e visibilidade bastante alto, sem necessitar qualquer forma de auxílio ou exposição nos meios de comunicação tradicionais. Essa potencialidade demonstra implicações diretas na esfera de visibilidade a partir de sua complexificação e ampliação, que antes do advento das mídias digitais, estava, em grande parte, sob monopólio de grandes corporações, e agora ganha elementos e nuances diversas a partir da entrada de milhões de possíveis produtores de formas simbólicas, ou seja, de todos aqueles com condições de acesso material e capacidades cognitivas para ação simbólica por meio dessa mesma materialidade. Nesse sentido, as plataformas digitais funcionariam como complementos midiáticos que estenderiam as possibilidades de produção, exposição, divulgação, visibilidade e acesso a informações e opiniões não circulantes na publicação feita pelos MCM a uma vasta gama de pessoas.

Além disso, a partir dessas duas potencialidades observadas por meio dos indícios apresentados por esse caso específico ocorrido no blog do Edhy Ghellen, parece ser possível considerar que as TDCI estão proporcionando um redimensionamento tanto nos processos de formação das opiniões individuais e coletivas, quanto do espaço social (o local onde a própria condição de existência humana se concretiza), no, pelo e para *common*, onde discursos, práticas, interações e opiniões de toda ordem podem ser produzidas, difundidas, apropriadas e reutilizadas por uma série de atores distintos, ganhando visibilidade social. Todavia, importa salientarmos que apesar das possibilidades de redimensionamentos na formação das opiniões e no espaço social, não significa dizer que sempre haverá concretização das mesmas, pois basta levarmos em consideração a grande quantidade de textos e opiniões produzidas que não obtêm alto grau de circulação, acesso e visibilidade.

7.3.2 Dinâmicas conversacionais e opiniões entre muros: potencial de aproximação tácita e afastamento diferencial

Considerando-se que cada um dos blogs abordou o tema de uma maneira relativamente específica, trabalhando as nuances do fato sob distintas perspectivas (a partir das condições cognitivas e dos *habitus* dos autores), os tipos de comentários realizados pelos leitores também possuem características e desdobramentos diversos em cada um deles. A partir dessas abordagens é possível também pensar na relação desenvolvida entre eixo semântico/temático do post com as exposições de opinião dos interagentes, principalmente no que diz respeito especificamente ao caso Mayara Petruso.

Na tabela 5, constam índices referentes aos comentários realizados nos blogs que fizeram menção e/ou referência explícita às manifestações de Mayara Petruso ou ao caso de racismo estabelecido nas redes sociais digitais. Na tabela 6, por sua vez, visualiza-se as formas de posicionamentos dos interagentes que manifestaram opiniões mais diretamente relacionadas ao episódio de racismo e aos comentários de Mayara Petruso.

Tabela 5: As opiniões publicadas e sua relação com o caso Mayara Petruso/racismo

As opiniões e o episódio Mayara Petruso	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações restritas ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo	239	92,3%	21	19,1%	44	61,1%
Manifestações ampliadas em relação ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo	20	7,7%	89	80,9%	28	39,9%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

Tabela 6: As opiniões restritas ao episódio Mayara Petruso

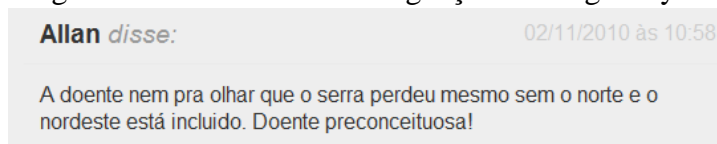
Manifestações restritas ao caso Mayara Petruso e/ou ao racismo	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Opiniões de oposição/indignação	222	92,9%	20	95,2%	39	88,6%
Opiniões sem posicionamento claro	6	2,5%	-	-	5	11,4%
Opiniões favoráveis e/ou defesa da Mayara Petruso e outros comentários racistas	11	4,6%	1	4,8%	-	-
Total de comentários analisados	239	100%	21	100%	44	100%

Fonte: total de comentários referentes ao Caso Mayara Petruso

No seu post, Ghellen deu prioridade para a descrição detalhada do comentário de Mayara Petruso, além de posicionar-se contrário ao racismo e incentivar a denúncia por parte de todos os seus possíveis leitores. Talvez por causa desse direcionamento semântico, mais de 90% dos comentários realizados pelos interagentes em seu blog mostrou-se, de uma forma ou outra, específico sobre o episódio de racismo. Dessa parcela de manifestações, cerca de 93% posicionou-se contrariamente ao ocorrido nas redes sociais digitais, enquanto apenas 4,6% se mostrou em defesa da estudante de direito ou favorável ao racismo. Os interagentes que

realizaram esses comentários se mostravam, ora indignados com a postura da garota (alguns em tom agressivo, contendo xingamentos e insultos - figura 26), ora exaltavam o povo nordestino tentando denotar o máximo de orgulho possível; outros ainda apelavam à religiosidade (figura 24 apresenta ambos os exemplos), enquanto alguns resumiam seu comentário a uma piada ou manifestação sarcástica referente ao racismo e à Mayara.

Figura 26: comentário de indignação no blog Edhy Ghellen



Fonte: publicação retirada do blog Edhy Ghellen

Avelar, por sua vez, abordou o tema sob outro foco, dando maior importância ao papel desempenhado pelos meios de comunicação durante a campanha política e o consequente racismo expresso por alguns internautas em função da grande difusão da ideia de país dividido, dando também um cunho muito mais político-partidário ao tema do que Ghellen e Noblat. A partir disso, um número menor de interagentes, 19% do total, manifestou-se especificamente em relação ao episódio de racismo e aos comentários de Mayara Petruso. Desses, 95,2% posicionaram-se contrários ao acontecido, enquanto apenas um foi favorável. Importa observar que, mesmo que o percentual de comentários publicados no blog do Avelar com referências específicas ao caso Mayara tenham sido menor que o dos outros dois, todas as manifestações que trataram de outros temas (política, mídia etc.) estão diretamente vinculadas à emergência do fenômeno em si, pois caso contrário, nem o post e nem as interações simbólicas estabelecidas através dele teriam se concretizado.

Já no Blog do Noblat, que versou sobre o tema de maneira mais genérica, mas também entrando em questões políticas, principalmente em relação à forma como as campanhas eleitorais foram desenvolvidas e influenciaram comentários e posturas racistas, as manifestações de leitores seguiram outra dinâmica conversacional. Cerca de 60% das manifestações abordavam diretamente o episódio Mayara. Dessa parcela, 88,6% posicionaram-se contrárias a esse episódio e ao racismo inerente a ele. No entanto, muitos dos interagentes buscaram encontrar o “verdadeiro culpado” pelo acontecimento. Uma parte dos manifestantes, anônimos ou não, afirmava que o grande causador e incentivador do racismo e da divisão do país era Luís Inácio Lula da Silva (figuras 27 e 29). Essa parcela argumentava

que o ex-presidente era contra São Paulo e avesso à “elite brasileira”. Enquanto isso, outros interagentes acreditavam o contrário, declarando que o responsável era José Serra e seu partido (PSDB). Segundo eles, o candidato tucano havia insuflado os paulistas contra os nordestinos (figuras 28 e 30).

Figura 27: Comentário veloz964

Apelido: veloz964 - 4/11/2010 - 15:28
Em que pese as manifestações de racismo serem realmente deploráveis, devemos perguntar quem começou isso. Será que o comportamento do presidente Lula (minúsculas propositais) não alimentaram esta situação, afinal ele propôs dividir o país entre “nóis” e eles. Para mim existe um claro nexô causal os dois fatos. Repito que não concordo com este tipo de manifestação, mas seria importante que o presidente fizesse um mea culpa sobre o assunto. Claro que ele não fará, pois ele acha que nunca erra, elçou a categoria de Deus. Quanto mais alto, maior o tombo.

Fonte: retirado do Blog do Noblat

Figura 28: Comentário raulsenna

Apelido: raulsenna - 4/11/2010 - 15:59
ô demotucanada....

vcs perderam. a ficha ainda não caiu ?? A ressaca não passou ??

quem baixou o nível foram vocês.

sabe quando o povo do nordeste vai votar contra a situação ??? NUNCA.

sabe quando Minas Gerais vai votar em vcs ??? NUNCA.

continuem mordendo a fronha.

Fonte: retirado do Blog do Noblat

Figura 29: Comentário PÍFIA

Apelido: PÍFIA - 4/11/2010 - 15:40
Só existe um reponsável por esse tipo de comportamento, isso foi amplamente incitado por Lula, a campanha do ódio e do separatismo, agora as sementes da intolerância plantadas por Lula e Dilma, estão dando flores.

Lula é o único responsável por isso.

Não tem mais volta.

Fonte: retirado do Blog do Noblat

Figura 30: Comentário Sara Carvalho

Nome: Sara Carvalho - 4/11/2010 - 16:33
Depois da campanha sórdida e obscura que Serra fez pela internet só podia se esperar isso mesmo de alguns de seus eleitores.

O mínimo que ele deveria fazer era se desculpar com os nordestinos e condenar essas atitudes de intolerância e racismo.

Fonte: retirado do Blog do Noblat

Dessa forma, emergiu na seção de comentários do Blog do Noblat uma divisão partidária, já existente nas estruturas do mundo *off-line*, em que muitos interagentes se agregavam em barricadas simbólicas para atacar, denegrir e desqualificar os adversários. Armou-se uma disputa *nós-eles* de cunho mais passional que argumentativo/racional, na qual o *nós* eram todos aqueles a favor de uma dada ideia e o *eles* eram os que se posicionavam contrários. Nessas disputas simbólicas poucas foram as tentativas de trocas argumentativas, debates racionais no intuito de expor uma posição política e tentativas de convencimento do outro pelas ideias e aceitação do argumento oposto ao entendimento. No entanto, o que mais foi observado foi um defensivismo de posições, das formas de compreensão e classificação do

mundo sensível, cristalizado em manifestações carregadas de insultos, palavras de ordem, preconceitos e tentativas de descrédito mútuo.

Essa espécie de “guerra simbólica” de opostos, ocorrida na seção de comentários do Blog do Noblat, evidencia a concretização objetiva de duas formas distintas de interação simbólica potencializadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação: aproximação tácita e afastamento diferencial. Compreende-se assim, que as TDCI potencializam as interações sociais não somente no sentido de troca de informações e dados, ou no estabelecimento dialógico-conversacional, mas também no que tange às formas de afirmação e conexão individual/coletiva e às demarcações de diferenças das formas de classificar e perceber o mundo sensível em suas construções sócio-políticas.

As TDCI possibilitam que pessoas de diversas regiões, com variadas cargas culturais, experiências, compreensões, posições sociais, capitais adquiridos e disposições, encontrem-se digitalmente sob um mesmo eixo temático, o qual põe em confronto suas perspectivas e opiniões, gerando tanto convergências quanto refrações. Muitas vezes, o que resulta desse contato é a demarcação implícita da diferença da alteridade por meio da aproximação silenciosa de agrupamentos simbólicos, que não possuem nem limitações e/ou definições prévias e explicitamente instituídas na esfera digital, mas que são tacitamente compreendidas e aceitas pelos pertencentes (ou que se entendem como tal) a determinado grupo.

Nesse sentido, compreende-se que as TDCI possuem um *potencial de aproximação tácita e afastamento diferencial* que permite uma delimitação simbólica das fronteiras grupais, que não necessita ser expressa diretamente, possibilitando formação de grupos aparentemente invisíveis, mas potencialmente numerosos. É como se houvesse um sentimento de pertencimento latente, que agrupa os agentes a partir de eixos simbólicos, conforme seus *habitus*, seus campos sociais, suas culturas etc., reforçando suas posições ideológicas e formas de classificação ao mesmo tempo em que excluem o diferente pela negação da validade/credibilidade da própria diferença enquanto tal, reduzindo-a ao desvio ou erro. Importa ressaltar que essa potencialidade não é exclusividade das TDCI, no entanto essas tecnologias expandiram as possibilidades das relações sociais e ações simbólicas de uma maneira diferente (tanto na velocidade quanto na proporção e alcance) das que ocorriam no período de monopólio comunicacional dos MCM. Os próprios vínculos sociais de agrupamento podem ser de outra ordem, mais efêmeros e talvez sem necessidade de manutenção e reforços dos mesmos.

7.3.3 As estratégias de legitimação e a potencialidade performática

É interessante perceber que, nos processos de interação simbólica, realizados nos comentários dos três blogs, as relações se estabeleceram na forma das interações mútuas (PRIMO, 2007), ou seja, de maneira aberta, negociada, dinâmica e interdependente, onde, os significados previamente instituídos e apropriados nas experiências cotidianas e “gravados” nos *habitus* foram colocados em movimento e rearticulados conforme as capacidades cognitivas de cada um para então determinar os atos discursivos concretizados em forma de comentários. Nessas disputas simbólicas, por imposição da “verdade” e da “opinião correta” sobre o caso Mayara, os interagentes se valeram de diversas estratégias de legitimação, credibilidade e reconhecimento de fala, tais como: a) uso de elaboração argumentativa; b) emprego de linguagem formal/erudita; c) acionamento de manifestações religiosas; d) utilização de marcas regionais; e) apresentação de capitais adquiridos; e f) recorrência a capitais de terceiros¹¹⁴. Importa ressaltar que as estratégias de maior recorrência foram a de elaboração argumentativa e de linguagem formal. Mesmo que as demais tenham menor número de recorrência, foram importantes durante as interações simbólicas.

a) Uso de elaboração argumentativa: uma parte dos interagentes, para dar validade, legitimação, reconhecimento e mesmo obter maiores possibilidades de sua opinião ser adotada pelos outros envolvidos nas disputas simbólicas sobre o caso Mayara, estruturavam seus discursos de maneira mais elaborada, articulando argumentos, referências externas, conceitos, teorias etc. A tabela 7, a seguir, contém as incidências referentes às elaborações argumentativas presentes nas manifestações dos interagentes na seção de comentários.

¹¹⁴ Por mais que tenhamos dividido as estratégias em cinco diferentes tipos, não significa que elas se excluam mutuamente, pois durante as conversações e exposições opinativas, os interagentes lançavam mão de uma série de artifícios entrelaçados e por vezes de diferentes estratégias articuladas.

Tabela 7: Posicionamento dos agentes em relação ao post e/ou aos comentários de outros agentes

A argumentação das opiniões	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Com elaboração argumentativa	25	9,6%	39	35,5%	10	13,9%
Sem elaboração argumentativa	234	90,4%	71	64,5%	62	86,1%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

A diferença entre o percentual de interagentes que utilizaram essas estratégias em suas manifestações pode estar vinculada não apenas com o direcionamento discursivo realizado pelas diferentes abordagens dos posts, mas também aos capitais adquiridos dos blogueiros. Acreditamos que, devido ao fato de Avelar (Biscoito Fino e a Massa) possuir um capital cultural bastante elevado, e por propor em seu blog um texto com maior articulação argumentativa, visando discutir diversos assuntos relacionados ao campo político e ao midiático, os interagentes podem ter sido influenciados a publicar manifestações também mais elaboradas, expondo ideias e defendendo opiniões/posições políticas. Além disso, em função dos condicionamentos semânticos e discursivos do texto e do capital do autor, pode ter havido também maior predisposição dos interagentes para esse tipo de manifestação.

Na articulação dessa estratégia, os agentes usaram não somente argumentos baseados em axiomas políticos ou no *ethos* de classe (BOURDIEU, 2008b) para exposição e demarcação de posição, mas também demonstraram claro interesse de persuasão por meio da demonstração de conhecimento e da construção de uma opinião mais elaborada estruturalmente, que correspondesse mais adequada e convincentemente à descrição dos acontecimentos – o que, em caso de êxito, lhes daria maior propriedade de fala e credibilidade. Na figura 31 fica evidente a tentativa de o interagente Hugo Albuquerque elaborar sua opinião a respeito da temática proposta por Avelar em seu blog.

Figura 31: Comentário Hugo Albuquerque

Essa era uma eleição muito complicada para **Serra** e para *qualquer* candidato opositor. Para um tucano vencer por vias limpas, isso demandava um *mea-culpa* em relação aos erros dos anos 90, um novo programa para o partido e uma campanha propositiva e leal, que se não resultasse em vitória, gabaritaria o partido para se manter forte como oposição - coisa que não foi nesses últimos anos. '

É claro que isso não aconteceu e dificilmente aconteceria. Não há condições junto aos financiadores, junto aos setores que apóiam o PSDB e, tampouco, dentro do próprio partido. Disso resulta uma construção discursiva obscurantista, inacreditável e irracional que opera em dois pólos: [i] o acirramento do desconforto da velha "classe média" - aqui no sentido de pequena-burguesia mesmo - frente ao novo alinhamento social com o desaparecimento do lumpem-proletariado e o fortalecimento da classe trabalhadora; [ii] o uso de superstições e preconceitos dentro da própria classe trabalhadora como forma de atacar o projeto petista para, no fim das contas, tirar direitos da própria classe trabalhadora; a questão aqui não é debate sobre direitos individuais e da irresponsabilidade de seu uso eleitoral pelo PSDB, mas sim algo bem pior, de como isso foi utilizado para minar o apoio dos trabalhadores ao PT para retirar direitos...*dos trabalhadores...*

É evidente que houve uma ampliação extensiva da consciência política durante os anos **Lula**, mas isso não se operou intensivamente. Eu quero dizer que a consciência política, em especial, uma embrionária consciência de classe foi expandida pelo Brasil adentro, mas isso não se aprofundou - e esse aprofundamento depende não só de medidas macro em educação e comunicações como a própria intervenção do PT junto às comunidades e não apenas às instituições. Do contrário, passaremos mais quatro anos com o PSDB brincando com questões morais no Nordeste - aborto, casamento gay - e com o preconceito contra nordestinos no Sul-Sudeste com alguma efetividade. Isso não significa doutrinação política, mas o PT tem de cumprir sua função histórica de modernizar o país - de baixo para cima.

Hugo Albuquerque em novembro 2, 2010 11:22 AM

Fonte: comentário retirado no Blog Biscoito Fino e a Massa

Nessa construção, Albuquerque lança mão não apenas de uma racionalização dos acontecimentos para realizar uma análise política, que envolve diretamente a questão do preconceito contra os nordestinos, mas também se apropria de conceitos ligados à teoria marxista para dar credibilidade a sua forma de classificação da realidade objetiva e também fazer com que tal análise seja reconhecida como válida.

b) Emprego de linguagem formal/erudita: a estratégia de utilização de linguagem formal/erudita estava diretamente ligada à estratégia de elaboração argumentativa, sendo que a grande maioria dos que usaram linguagem formal buscou também articular racionalmente suas manifestações. No entanto, o contrário não se fez de todo verdade: nem todos agentes que racionalizaram suas manifestações as fizeram de maneira formal. Na tabela 8 apresentamos os percentuais de ocorrências dessa estratégia nas conversações.

Tabela 8: Linguagem usada nas conversações

Formas de linguagem	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Linguagem formal	6	2,3%	19	17,8%	2	2,8%
Linguagem informal	253	97,7%	91	82,7%	70	97,2%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

No blog do Edhy Ghellen e no Blog do Noblat, o índice foi muito baixo se comparado às ocorrências do Biscoito Fino e a Massa: 2,3%, 2,8% e 17,8% respectivamente¹¹⁵. Aqui novamente podemos pensar que a diferença de percentual pode estar diretamente ligada tanto ao capital cultural quanto ao direcionamento semântico feito por Avelar, e ambos os condicionamentos podem ter influenciado ou gerado predisposições nos interagentes para que publicassem comentários baseados nesse tipo de estratégia. As construções que se valeram dessa estratégia apresentaram não somente palavras pouco usuais e formais, mas também palavras que são de uso mais comum em determinadas áreas de estudo e teorização. Assim, pela articulação de estratégias, a de linguagem formal e a de emprego de elaboração argumentativa, os agentes buscavam obter maior força de verdade nas suas exposições durante as conversações, e com isso fazer prevalecer suas opiniões e formas de classificação.

c) Acionamento de manifestações religiosas: a terceira estratégia de legitimação de opiniões identificada nas conversações vinculou-se à legitimação transcendental do mistério, que dava em última instância a sanção da palavra/crença/opinião aos manifestantes/crentes. Em relação às manifestações explicitamente religiosas, os atores que se valeram desse tipo de artifício discursivo apresentavam o divino como legitimação e defesa de suas posições e também como condenação dos racismos. Na tabela 9 apresentamos os índices de ocorrência em cada blog.

¹¹⁵ O blog do Avelar apresentou maiores índices de racionalização argumentativa, linguagem formal/erudita, opiniões política, trocas de informações e de conversações entre interagentes. Isso pode ser explicado pela própria constituição do blog, do capital simbólico do seu autor e da disposição dos leitores de lerem e discutirem sobre política em um blog de esquerda, escrito por um professor acadêmico.

Tabela 9: Acionamento de manifestações religiosas

Marcas religiosas	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações que evidenciam marcas religiosas	9	3,5%	2	1,8%	0	0%
Manifestações que não evidenciam marcas religiosas	250	96,5%	108	98,2%	72	100%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

O comentário a seguir, realizado pelo interagente José, no Biscoito Fino e a Massa, é um exemplo claro do uso desse tipo de estratégia (AVELAR, 2010):

[...] O MAU é sempre mais astuto na comunicação ruidosa, do que aquele que só tem a falar da realidade honesta do momento. Assim se apoderou o PSDB, deixando a impressão "na telinha" de que eles tinham argumentos melhores.... O Pai-Deus salvou os brasileiros mais uma vez. Que nos tenha no amparo hoje e sempre, pondo essa gente sempre um pouco de lado do poder maior.... Como pode!?!?, vermos esboçarem biblias à mão, fingimentos de tanta bondade, SE, SUAS MENTES TRAMAM O ESCARNIO DE POVOS E NAÇÕES com uma crueldade onde seus OLHARES E PELE chegam a desmentí-los incontestes e ao vivo, perdendo a compostura do olhar e deixando-os empalidecidos [sic].

d) Utilização de marcas regionais e de raça: os comentários que empregaram essa estratégia apresentaram marcas regionais como forma de permissão e afirmação das posições. Esse tipo de estratégia foi usada tanto por interagentes oriundos do Nordeste, quanto do Sudeste. Em ambos os casos, as pessoas se valiam dessas marcas para se auto-outorgarem o direito de fala e opinião em relação ao caso Mayara Petruso. Os nordestinos demarcavam os limites território-culturais para defender suas origens, orgulho e valorização de sua cultura; já as pessoas do Sudeste, ora se posicionavam para mostrar que nem todos são racistas, ora outros para referendar o racismo por meio de afirmações preconceituosas. Para essas estratégias, o índice de recorrência é apresentado na tabela 10.

Tabela 10: Acionamento de manifestações regionais e de raça

Marcas regionais e de raça	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações que evidenciam marcas regionais e de raça	80	30,9%	7	6,7%	6	8,3%
Manifestações que não evidenciam marcas regionais e de raça	179	69,1%	103	93,3%	66	91,7%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

e) Apresentação de capitais individuais adquiridos: outra estratégia de legitimação foi a apresentação de capital adquirido como demonstração de prioridade e competência de fala. Nesse sentido, diversos agentes explicitaram suas “credenciais” ao discorrerem sobre determinados assuntos como forma de ratificar suas perspectivas projetando nas suas representações digitais seus títulos, posições ocupadas nos campos sociais, trajetórias, experiências vividas, competências, filiações políticas, hábitos de consumo, crenças, relações familiares etc. O índice dessa estratégia é apresentado na tabela 11.

Tabela 11: Acionamento de capitais adquiridos

Marcas de capitais adquiridos	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações que evidenciam de capitais dos interagentes	13	5%	6	5,4%	2	2,8%
Manifestações que não evidenciam de capitais dos interagentes	246	95%	104	93,3%	70	91,7%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

Um exemplo do uso dessa estratégia pode ser visto nas manifestações ocorridas no blog Biscoito Fino e a Massa (AVELAR, 2010):

Interagente Otto: [...] não, não sou funcionário concursado. Apenas passei num concurso dessas novas universidades federais. Por isso eu sei que elas existem verdadeiramente. Passei em quinto, um só foi chamado. Eu era o único não-doutor desses cinco aprovados. Mas não importa, com a Dilma os concursos vão continuar e no começo do próximo ano concluo meu

doutorado. No momento, treino como professor substituto aqui no Paraná, com um salário de que não dá pra reclamar, e concluo a minha tese [sic].

O interagente Otto, ao defender sua posição exposta anteriormente e criticada por outro interagente, apresentou alguns de seus títulos e experiências para contextualizar e dar base argumentativa à opinião. Essas projeções do *eu* opinativo pareceram ter como objetivo dar condições favoráveis às interpretações dos demais interagentes, de modo a obter maior credibilidade nas proposições de descrição dos fatos e exposições de posicionamentos. O uso dessa estratégia seria uma espécie de tentativa de instituição da competência à fala, uma autorização exterior ao debate que afirme as capacidades e propriedades discursivas. Além disso, as projeções dos capitais também possibilitaram maior proximidade simbólica dos atores com a realidade observável em discussão - por meio disso pretendiam obter o direito da fala referente a uma dada situação/fato que estava sendo debatido nos comentários nos blogs por outros indivíduos.

f) Recorrência a capitais de terceiros: a última das estratégias observadas foi a de referendar as opiniões por meio da utilização dos capitais alheios. O índice dessa estratégia foi: Edhy Ghellen 6,7%; Biscoito Fino e a Massa 14,5%, e no Blog do Noblat foi de 2,8%.

Tabela 12: Acionamento de capitais de terceiros

Marcas de capitais de terceiros	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manifestações que evidenciam de capitais de terceiros	17	6,7%	16	14,5%	2	2,8%
Manifestações que não evidenciam de capitais de terceiros	242	95%	94	93,3%	70	91,7%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

Dessa maneira, diversos interagentes, para dar maior credibilidade e força simbólica às suas manifestações, usaram referências a autores famosos, pensadores, jornalistas, artistas, celebridades, textos importantes etc. Além disso, muitos também publicaram links para outras páginas, blogs, jornais e revistas *online* e outra série de formas simbólicas digitalizadas. Essa estratégia serviu ora para dar suporte de saber nas argumentações desenvolvidas e credibilidade na fala, como quando um agente citava um pensador ou livro; ora como simples

representação dos pontos de vista por adoção da fala de outro, como no caso da reprodução do texto do teólogo Barbosa Jr. apresentado anteriormente.

A partir dessas estratégias de legitimação nas disputas opinativas de imposição da verdade sobre o fato em discussão, juntamente com as possibilidades de apresentação dos traços de sua identidade, projeções de representações do *eu* opinativo e das condições de anonimato, podemos perceber que as TDCI oferecem aos interagentes uma *potencialidade performática* até então limitada a poucos atores de determinados campos sociais e com certos tipos, volumes e estruturas de capitais adquiridos. Mesmo apresentando dinâmicas interativas distintas, é interessante levarmos em consideração a teorização de Goffman (2005) sobre as relações de co-presença e fazermos um paralelo com as estudadas nessa pesquisa. Na situação de co-presença, Goffman argumenta que os agentes atuam de forma a gerar representações favoráveis durante as interações para obterem maior êxito comunicativo e atingirem seus objetivos. Da mesma forma poderíamos pensar que nas interações mediadas pelas TDCI, essa intenção dos interagentes também se faz presente em suas atuações e projeções. Nesse sentido, por meio das tecnologias digitais, os interagentes têm condições – a partir de uma ampla gama de interligações da materialidade digital e das possibilidades de proposição de sentido dessas ligações – de elaborar formas de representação do *eu* e de seus discursos dentro de uma esfera conversacional potencialmente ampliada e pública. Esta se constitui a partir de uma condição criativa dos agentes no uso das materialidades comunicacionais para a construção de suas representações nos jogos opinativos por meio de suas disposições e *habitus*. A potencialidade performática é uma possibilidade que os agentes sociais têm de apresentar seus atributos socioculturais, falseados ou não, para tentar autoinstituir uma essência social e propriedade discursiva, uma legitimação e autoridade para a determinação das classificações do observável e das opiniões.

A potencialidade performática está diretamente ligada com a percepção da alteridade e com questões de crença coletiva no indivíduo enunciativo/falante. Nesse sentido, essa estratégia é paradoxal, pois ao mesmo tempo é a afirmação das diferenças/semelhanças do sujeito em relação ao outro, mas também é a própria apresentação do *eu* ao outro, uma tentativa discursiva de condicionamento e sujeição da percepção que o outro terá do eu falante. Seria uma intenção de impor ao outro certa forma de compreensão e classificação das divisões e estruturações sociais, de seus limites, fronteiras, diferenças, ou seja, sua própria realidade. No entanto, é possível colocar em perspectiva a questão da afirmação das

diferenças/semelhanças, pois as performances *online* permitem falseamento e mascaramento do indivíduo conforme suas intenções discursivas. Nesse sentido, a performance não seria apenas uma representação do *eu* por meio de indicativos diretos (tais como nome, foto, links para páginas pessoais, entre outros), mas também de elementos opinativos, que podem representar a verdadeira opinião de um agente ocultado na máscara do anonimato.

Por meio dessa potencialidade performática, parece que os agentes pretendem fazer acontecer o que enunciam por dramatização, ou seja; dar ares de verdade à opinião articulada; fazer uma opinião ser consagrada, alçada a condição de real (ou descrição da realidade) e com isso realizar uma adequação e mobilização das percepções em torno dessa mesma opinião/crença. No entanto, o êxito de tal estratégia reside menos no autor do enunciado do que na apreensão da alteridade, pois será esta que dará ou não a autoridade e reconhecimento simbólico para os agentes da fala. Reside num movimento dialético entre interagentes, num jogo de exposições (a partir do *habitus*, das propriedades condicionantes do *common* e da percepção e projeção do próprio *common* e da alteridade) e contra exposição, conhecimentos e reconhecimentos, que pode ou não dar a legitimidade e o status de verdade a uma dada opinião.

A potencialidade performática possui também um caráter produtivo nas relações e interações sociais, pois na articulação discursiva realizada pelos agentes nas disputas simbólicas e de imposição de verdade, é possível perceber uma constante tentativa de construção de saberes e conhecimentos sobre os fatos e o mundo objetivo, ou seja, uma constante criação e recriação do *common*. A concretização e atuação das performances, no cotidiano das interações simbólicas mediadas pelas tecnologias digitais, estão fortemente vinculadas, conforme já argumentaram Hardt e Negri (2008), ao *common* – ou seja, não apenas nos hábitos dos indivíduos, mas também nas construções coletivas, nas culturas às quais pertencem, nas estruturas sociais, aos sistemas simbólicos, contexto comunicativo, nas performances passadas, experiências vividas, objetivos e intenções futuras.

Nesse sentido, podemos pensar que as potencialidades de ação simbólica e a performática irão exercer efeitos transformadores, não só no *common*, mas também no *habitus* dos interagentes, pois esses têm de adaptar suas ações e conhecimentos perante uma vasta gama de potencialidades comunicacionais diferentes para poderem atuar nos espaços digitais. Importa ressaltar que as ações performáticas não são novidades exclusivas da era digital, mas essas tecnologias possibilitaram a flexibilização, ampliação e acessibilidade de

diferentes alternativas de performances às pessoas, que, por conseguinte, acabam por complementar as performances cotidianas, além de dar aos cidadãos comuns à possibilidade de exporem essas atuações em esferas de visibilidade ampliadas.

7.3.4 Opiniões em desalinho: entre o apoio e a oposição

Relacionado ainda às abordagens e aos direcionamentos temáticos das articulações opinativas realizadas pelos autores dos três blogs está a questão do posicionamento dos interagentes frente a essas mesmas publicações. A observação das opiniões favoráveis ou contrárias, tanto aos posts, quanto às manifestações realizadas na seção de comentários, seja em relação ao racismo, aos comentários de Mayara Petruso, ao papel da mídia, à tese do país dividido e sobre os “culpados” pelo racismo digital, é bastante relevante para a compreensão da dinâmica das interações simbólicas apresentadas nas marcas de linguagem. Na tabela 9, observam-se os índices de manifestações de oposição ou apoio aos posts ou outros comentários.

Tabela 13: Posicionamento dos agentes em relação ao post e/ou aos comentários de outros agentes – comentários com evidências explícitas

Posição em relação ao post/comentário	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Opiniões de oposição	37	14,3%	30	41,7%	16	22,2%
Opiniões sem posicionamento claro	204	78,8%	60	39,4%	52	72,3%
Opiniões favoráveis/apoio	18	6,9%	20	18,9%	4	5,5%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

Essas manifestações evidenciam claramente posições que, ou estavam de acordo com determinada sentença/comentário/post, ou buscavam delimitar seu local de fala e fazer valer sua opinião contrária. No blog do Edhy Ghellen esse tipo de manifestação foi 6,9% de apoio e 14,3% de oposição, enquanto as que não apresentaram posicionamento explícito formam a maioria. O blog Biscoito Fino e a Massa foi o que apresentou maior índice em ambos os quesitos, sendo que os de apoio representaram 18,9% do total, com exposições concordando com a publicação de Idelber ou então legitimando uma opinião de um comentarista, enquanto

os de oposição foram de 41,7% - poucas foram as críticas diretas e veementes ao texto; ocorreram apenas contestações pontuais. O blog do Avelar foi o que apresentou o menor índice de interagente sem posicionamento claro frente ao post ou aos comentários realizados, o que evidencia um maior confronto opinativo.

No Blog do Noblat, mesmo devido à disputa grupal que se estabeleceu na seção de comentários, o índice de manifestações em oposição aos comentários e ao blog não passaram de um quarto do total (22,2%) – sendo que houve duras críticas de leitores ao texto do Ricardo Noblat e à própria Folha de São Paulo – e as de apoio ficaram em torno de 5%, enquanto as sem posicionamento evidente foram maioria (72,3%). O comentário publicado no Blog do Noblat (2010) pelo interagente Odivar Meneghetti evidencia os posicionamentos de oposição:

Editorial ridículo da Folha, um jornaleco cheio de jornalistas e editorialistas que defendem o autoritarismo, o comunismo e o atrazo. Quem separou o Brasil foi o lulla, (a maior autoridade da nação), esbravejou nos palanques, desfilou ódio contra todos, criticou a imprensa, jogou pretos contra brancos, nortistas contra sulistas, ricos contra pobres e tentou extirpar a oposição. Que pena um Jornal tão antigo se transformar num tablóide insignificante, e pior, contrário à Democracia [sic].

Esse tipo de manifestação realizada por Odivar Meneghetti deixa evidente a existência de diversos tipos de confrontamentos na seção de comentários, seja no nível dos interagentes ou com os autores dos blogs. Esses dados são relevantes, pois evidenciam que, por maior que seja o capital simbólico de um determinado ator e também da instituição que o legitime e dê autoridade de fala, não há indícios que comprovem a aceitação tácita e completa da opinião do blogueiro por parte dos interagentes. Nesse sentido, mesmo que Ricardo Noblat possua alto capital simbólico, e sua opinião em relação ao episódio de racismo tenha grandes possibilidades de concretizar o efeito de teoria (BOURDIEU, 2008) e tornar-se “verdadeira” em relação à descrição do caso Mayara Petruso, esse efeito não ocorrerá sem oposições, barreiras, cruzamentos, disputas, descolamentos de sentidos e confrontamentos simbólicos de diversos tipos e níveis. E por maior que seja a força e o poder simbólico que uma determinada opinião atinja, sempre haverá espaço para a oposição e o enfrentamento, seja em instâncias macro, como a opinião pública, ou instâncias micro, nas capilaridades e regionalidades do tecido social.

Na tabela 10, observam-se índices referentes às opiniões que envolveram o campo político (que de uma forma ou outra fizeram referências ou menções aos seus atores instituições, órgãos, teorias, conceitos, entre outros):

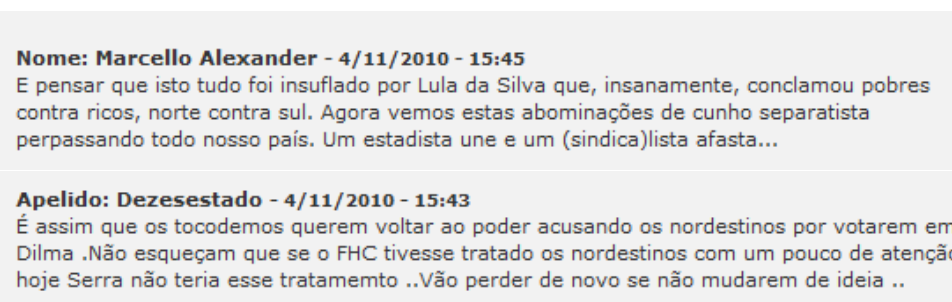
Tabela 14: As manifestações relacionadas ao campo/contexto político

Manifestações relacionadas ao campo/contexto político	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Opiniões que evidenciam referências políticas	66	25,5%	97	88,2%	56	77,8%
Opiniões que não evidenciam referências políticas	193	74,5%	13	11,8%	16	22,2%
Total de comentários analisados	259	100%	110	100%	72	100%

Fonte: total de comentários analisados que não são repetidos

Os interagentes que publicaram comentários fazendo referências ao campo político no blog do Edhy Ghellen foram cerca de 25,5%, número relativamente baixo se comparado com o do Biscoito Fino e a Massa, em torno de 88,2%, e do Blog do Noblat, 77,8%. Muitas vezes, os comentários apenas mencionavam o campo político como forma de referência ao episódio de racismo disseminado pela web (figura 32).

Figura 32: Comentário Marcello Alexander e Dezesestado



Fonte: retirada do Blog do Noblat

Outras, no entanto, tinham seu foco em explanações acerca dos partidos, atores, votação, pareceres, políticas de governo e posição partidária (figura 33). De qualquer maneira, por ser um assunto polêmico e visceral, grande parte dessas publicações acabaram se configurando como um misto entre a passionalidade e a elaboração argumentativa, onde um mesmo discurso continha tanto argumentos de cunho político como não político.

Figura 33: Comentário Caitz vlog

Caiotz vlog disse:

17/11/2010 às 20:51

eu acho que foi uma falta de respeito dessa pessoa falar assim sem piedade, fria e arrogante.

como diz a Lei 4.737/1965 eu acho que no art 6º ou 7º diz que os maiores de 18 anos , serão obrigados a votar caso não vote...terá consequências de comparecimento ao Juiz e multa ou ate mesmo não poderá mais votar.

então o Lula do partido PT aqui trouxe muito desenvolvimento para o ceará juntamente com governador Cid Gomes que foi reeleito por seu trabalho magnífico aqui no Ceará

Já o Ex governador Tasso Jereisati (PSDB – Tucano) que governou o ceará 3 vezes vendeu um patrimônio do governo que chama-se COELCE(Companhia Energética do Ceará) sendo hoje controlada pela Endesa Espanha que hoje e um dos problemas que nos cearenses temos ,porque a maioria das pessoas pagão impostos e ainda a conta de Energia e não tem poste de iluminação e nem energia dentro da sua residência.

Então é isso tire suas próprias conclusões sobre o que o PSDB fez aqui e o porque nos cearense votamos em Dilma !

Apesar de que Lula mudou aqui confiamos nele porque ele não seria louco o bastante para botar sua confiança e a confiança de todos em dilma!

Graças a deus ela será punida pelos seus erros!

Fonte: retirada do blog do Edhy Ghellen

Nas figuras 32 e 33, é possível observar um importante aspecto na formação e exposição de opiniões políticas, ou seja: a elaboração argumentativa. É possível perceber a diferença entre as argumentações: na figura 32 existem duas manifestações que pouco discorrem argumentativamente ou se valem de informações e referências para defender sua posição; na figura 33, visualiza-se um interagente que elabora sua opinião visando obter maior credibilidade e força simbólica nas disputas referente ao caso Mayara Petruso. Para compreendermos o entrelaçamento entre as opiniões que fizeram referência ao campo político e suas elaborações argumentativas, desenvolvemos a tabela 15.

Tabela 15¹¹⁶: As manifestações que apresentaram construções argumentativas na defesa/apresentação de opinião/ideia relacionadas ao campo/contexto político

Opiniões que evidenciam referências políticas	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Opiniões com construções argumentativas	17	25,8%	39	40,2%	11	19,6%
Opiniões sem construções argumentativas	49	74,2%	58	59,8%	45	80,4%
Total de comentários analisados	66	100%	97	100%	56	100%

Fonte: total de comentários que evidenciam referências políticas

Os comentários referentes ao campo político, realizados no Blog do Noblat, continham, na sua grande maioria, maior vinculação emocional com os axiomas ideológicos e a aceitação tácita dos princípios de classificação dos partidos. Essas manifestações pouco incluíram defesas de ideias e posições com argumentos mais elaborados, mas sim ataques contra os opositores visando seu descrédito e marginalização simbólica, conforme abordado no exemplo da “guerra” simbólica entre manifestantes pró PT e pró PSDB (item 7.3.2). Mesmo envolvendo explicitamente o campo político, muitas opiniões pareciam ser formadas tanto em axiomas político-partidários quanto nos condicionamentos do *habitus* (que também pode ter interferências dos axiomas políticos, assim como interferir na formação dos axiomas), ora voltando-se para um lado, ora para outro. E assim como nas opiniões que não eram manifestamente políticas, as opiniões políticas expressas por esses agentes apresentavam fortemente o caráter do *eu* opinativo e participativo, mesmo quando estas foram meras reproduções de clichês políticos ou de outras opiniões circulantes na internet.

No Biscoito Fino e a Massa, as opiniões que faziam menção e/ou referência ao campo político foram as que apresentaram maior índice de elaboração argumentativa, talvez devido ao fato do próprio direcionamento do blog, do post e da posição política do Avelar. Além disso, a abordagem política dos comentários variou bastante, não se restringindo apenas a questão dos atores políticos e seus partidos, abrangendo também questões sobre a atuação dos principais veículos de comunicação durante o período eleitoral, a regulamentação da mídia, discussão sobre a ideia de país dividido e a noção de racismo. Um comentário que evidencia essas questões foi realizado por Vicente, no Biscoito Fino e a Massa (AVELAR, 2010):

¹¹⁶ O total de comentários analisados nesta tabela diz respeito apenas àqueles que fizeram manifestações com referências ao campo político, conforme se apresentou na tabela 10.

Não Otto, não votei no Serra. Achei a Dilma e o Serra bem ruinzinhos _ uma empurrada como estepe (não vai ficar ofendido com isso, cara, é apenas minha parca opinião pessoal), o outro um atraso sob encomenda. [...] Me enerva apenas a acriticidade em torno dos interesses do PT, e isso não faz bem para ninguém. [...] Se vocês procurassem ver com menos participação do partido, procurariam saber que diabos de aceitação da França e da Inglaterra a favor do controle da imprensa é essa que o Dirceu falou. A lei sobre Publicação Obscena de 1959, por exemplo, instituída no Reino Unido, na verdade foi um arranjo inteligente da oposição para burlar a excessiva censura que tinha-se por lá. Graças a ela, e sua regra básica de toda obra censurada poderia ser liberada se fosse interessante para a ciência, a literatura e as artes, que O Amante de Lady Chatterly foi finalmente liberada após décadas _ um trabalho astucioso da editora Pinguim. A França repetiu essa lei, no final dos anos 60. Ou seja, na perversão do discurso do Dirceu, tais leis foram feitas para regulamentar a imprensa. Na verdade, elas foram um artilho para desregulamentá-la [sic].

A manifestação de Vicente deixa evidente que na exposição do *eu* opinativo, alguns agentes articulavam não apenas os axiomas ideológicos de seus partidos ou filiações políticas e o *ethos* de classe e posição social para defender ou expor suas posições, mas buscavam também agir criativamente e criticamente na elaboração de seus argumentos, tanto em relação a suas ideias quanto com a dos outros, para poderem obter maiores possibilidades de êxito na tentativa de imposição de sua opinião e visão de mundo na efetivação das interações. Podemos pensar que esse tipo de construção argumentativa possui um efeito produtivo direto, não só para o desenvolvimento do debate, mas também como suporte informativo/argumentativo para as construções futuras, ou seja, sua força produtiva sobre o *common* pode ser considerada mais ampla do que aquelas opiniões satélites e autistas que gravitam em torno das conversações e do eixo temático proposto pelo autor do blog.

7.4 A circulação das opiniões nas redes

Para visualizarmos como ocorreu a troca e circulação de informação e opiniões entre os interagentes, tanto no local onde se estabeleceram as interações simbólicas, quanto para além de suas fronteiras, buscamos analisar estruturalmente a construção destas redes de trocas simbólicas. Para tanto, realizamos a quantificação das relações e da forma como as informações circularam nos âmbitos das redes emergentes e de filiação, como proposto por Fragoso, Recuero e Amaral (2011). E, dessa maneira, coletamos dados existentes nos

comentários dos três posts (ou nós-egos) para formar a rede emergente. Também coletamos dados sobre a circulação das opiniões dos blogueiros no Twitter, por meio da divulgação do link do post pelos seus seguidores dentro desta plataforma – rede de filiação.

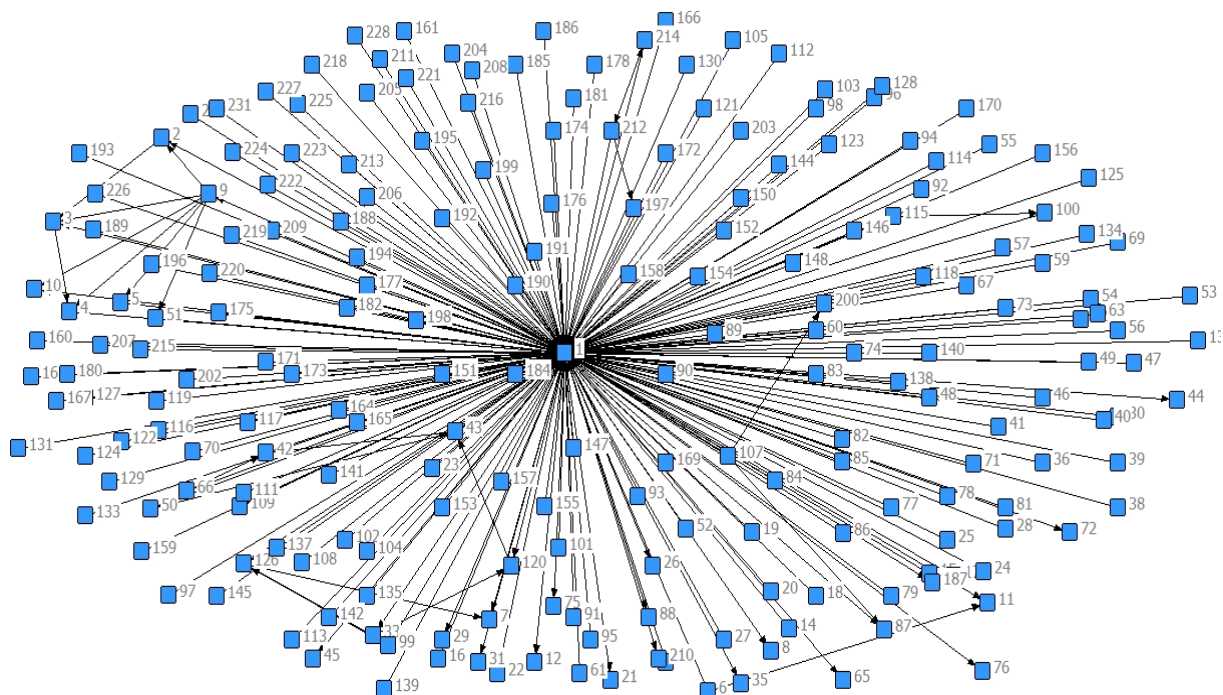
No entanto, ao observarmos, por auxílio da ferramenta de busca Topsy, a circulação das três publicações através da web, percebemos a existência de um tipo de rede muito mais sutil, tênue, mas também mais dinâmica e fluida, na qual a ligação se deu muito mais pelo encadeamento das trocas simbólicas dispersamente realizadas e pela circulação de opiniões e informações, do que por outro tipo de vínculo, seja por ligações emergentes e localizadas, ou por ligações de filiação determinadas pelas plataformas digitais – foi observada uma espécie de rede de compartilhamento. Dessa maneira, percebemos a necessidade de analisar também esse formato de rede.

7.4.1 Redes de emergência, híbridas e de filiação: dupla potencialidade na esfera de visibilidade

Para dar conta dos objetivos propostos, a análise das redes sociais foi realizada em quatro tipos distintos de redes digitais: emergentes, de filiação, híbridas (que envolve as duas primeiras) e a rede de compartilhamento. A primeira delas (rede de emergência) se estabeleceu nos comentários dos posts “O preconceito ainda vive”, publicado no blog do Edhy Ghellen (gráfico 1), “A vitória de Dilma e a falsa tese do “país dividido””, do Biscoito Fino e a Massa (gráfico 2) e “Intolerância na rede (Editorial)”, do Blog do Noblat (gráfico 3).

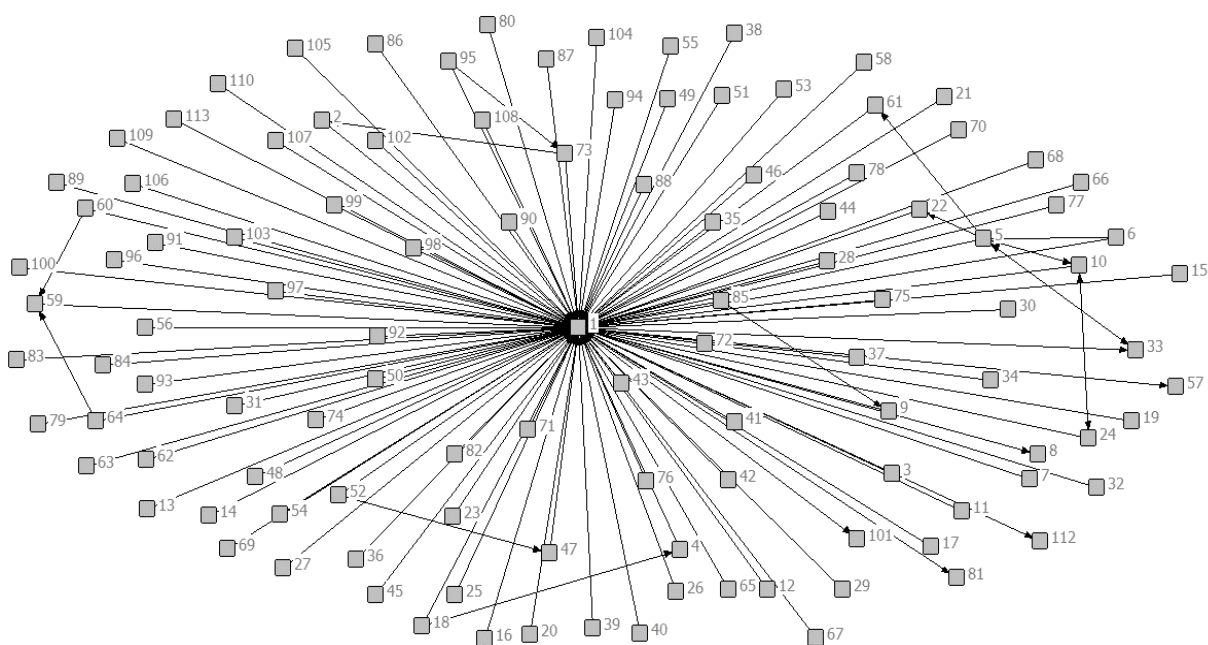
Nesses gráficos é possível visualizar os vetores força de comunicação estabelecidos na interação simbólica proposta pelos blogueiros ao publicarem suas opiniões no formato post a respeito dos comentários racistas de Mayara Petruso contra os nordestinos. O nó central é a publicação nos blogs, sendo os demais nós representações de outros interagentes. As setas representam os sentidos das interações feitas pelos 261 comentários sobre o referido post no blog do Edhy Ghellen, 113 no Biscoito Fino e a Massa e 72 no Blog do Noblat. As que saem do ego (nó central) e vão em direção aos interagentes, representam as respostas dos blogueiros aos comentários do post. As demais setas representam as conversações que foram estabelecidas somente entre os interagentes.

Gráfico 1¹¹⁷ - Rede emergente a partir da publicação de Edhy Ghellen



Fonte: construído a partir dos dados do blog Edhy Ghellen

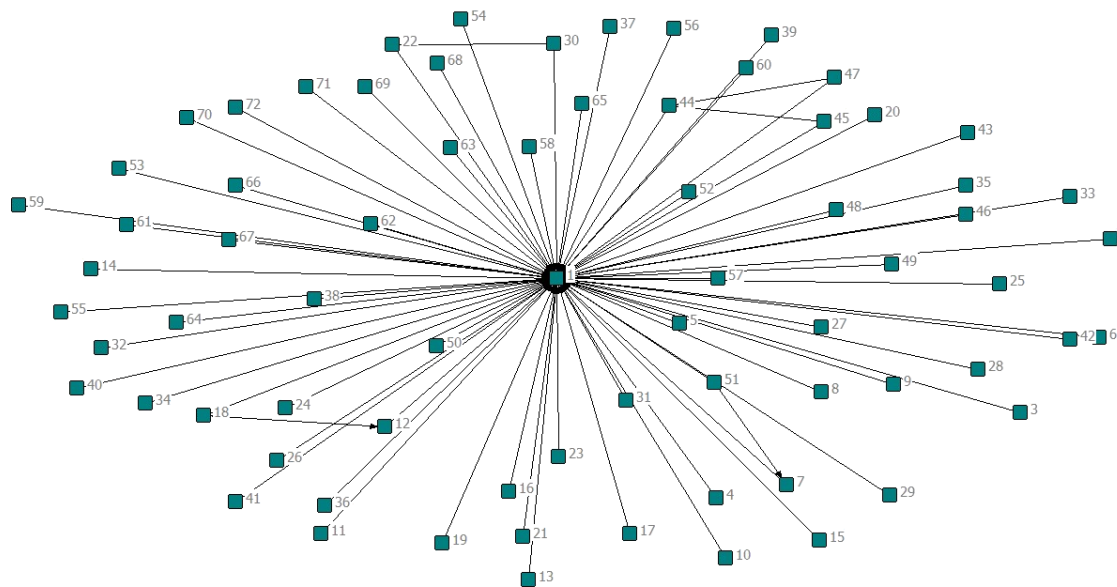
Gráfico 2 - Rede emergente a partir da publicação de Idelber Avelar



Fonte: construído a partir dos dados do blog Biscoito Fino e a Massa

¹¹⁷ A numeração de todos os grafos é aleatória e não representa ordem de comentário ou de força de laço social. Foi estipulada apenas como forma de organização e construção do grafo no software NetDraw.

Gráfico 3 - Rede emergente a partir da publicação de Ricardo Noblat



Fonte: construído a partir dos dados do Blog do Noblat

A partir dessas informações, é possível perceber que grande parte das interações se dá unilateralmente no sentido interagente-blogueiro, na qual um ator expressa sua opinião buscando gerar determinadas impressões. Apesar de ser possível observar alto grau de visibilidade da tomada de posição do ego em termos localizados (post) e de um bom nível de participação de outros interagentes, em função do número de comentários, constatamos que não houve grande quantidade de conversações e trocas de opiniões estabelecidas nessa esfera, ficando assim, uma margem relativamente pequena para o debate e discussão de opiniões. Além disso, grande parte das conversações estabelecidas mostrou-se de curta duração e baixa reciprocidade, com algumas exceções ocorridas, principalmente, no blog Biscoito Fino e a Massa, no qual foi possível perceber maior intensidade, reciprocidade e mesmo maior articulação discursiva nas disputa opinativas.

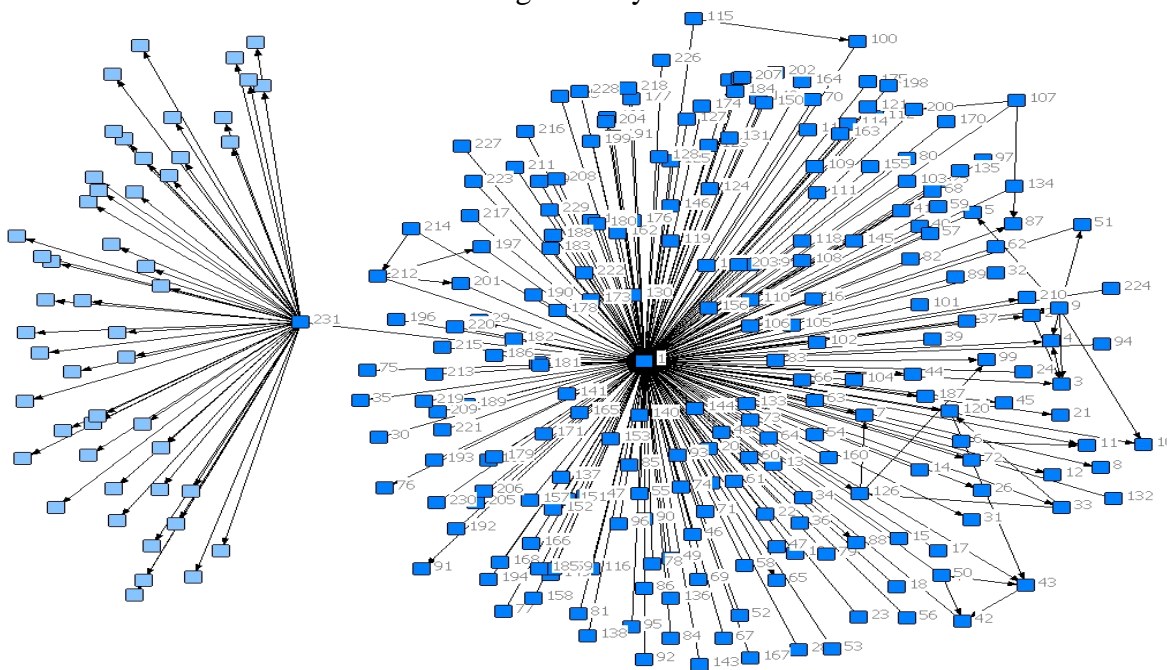
Um fato que chamou a atenção foi a circulação do post em outras plataformas digitais, tanto pela divulgação feita pelos interagentes quanto pelo próprio autor. Os gráficos 4 e 5 mostram como a opinião publicada no post começa a ultrapassar os limites do blog, indo circular em outras plataformas de comunicação *online*, como, por exemplo, no Twitter. Basta apenas uma publicação no Twitter de um dos agentes em seu perfil no microblog para que a informação tenha sua circulação, visualização e força simbólica potencializada.

O gráfico 4 representa a rede híbrida de circulação de informações e opiniões que emergiu a partir da publicação de Edhy Ghellen e de sua publicação pelo interagente, Leandro

de Paula, em sua conta na plataforma Twitter. Já o gráfico 5 representa a mesma rede híbrida, mas a partir da publicação no blog Biscoito Fino e a Massa e da publicação desse post no perfil do Twitter da interagente/leitora Thayz. Não foi possível identificar a existência da rede híbrida no Blog do Noblat segundo os parâmetros estipulados, devido ao fato de grande parte dos interagentes não apresentar dados indicativos de identidade, ou quando o faziam, não apontavam, por meio de links, para suas contas no Twitter.

O segundo grupo de gráficos (4 e 5) mostra também um padrão de articulação entre plataformas digitais feitas pelos interagentes nas suas utilizações cotidianas das TDCI. Com isso, é possível visualizar os movimentos de ação e interação informacionais realizados por um interagente quando o mesmo se manifesta nos comentários de um blog e também divulga o link da publicação para suas redes de contatos nos sites de relacionamento que participa. Assim, o interagente se apropria da informação, tanto como uma afirmação de sua posição/opinião, quanto uma legitimação de sua fala, fazendo circular não somente uma determinada opinião sobre o ocorrido, mas também uma maneira de compreendê-lo, classificá-lo e descrevê-lo.

Gráfico 4¹¹⁸ - Rede Híbrida: blog do Edhy Ghellen e do twittereiro Leandro de Paula

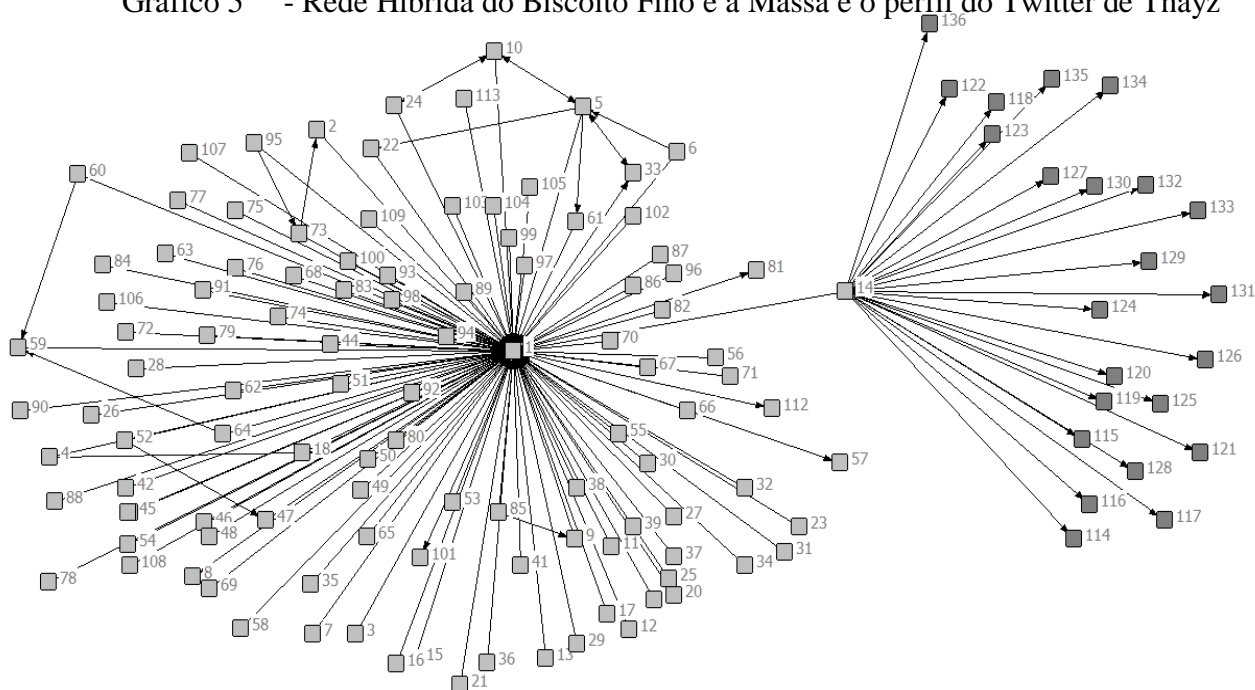


Fonte: construído a partir dos dados do blog Edhy Ghellen e no Twitter de Leandro de Paula¹¹⁹

¹¹⁸ Os nós que estão ligados ao nó nº 231 são representações de perfis no Twitter. Em função de limitações do software onde o gráfico foi feito, cada nó em azul claro representa um grupo de 8,7 seguidores do nó nº 231. Há 50 nós que representam o total de 435 seguidores.

¹¹⁹ Disponível em: https://twitter.com/#!/le_cal

Gráfico 5¹²⁰ - Rede Híbrida do Biscoito Fino e a Massa e o perfil do Twitter de Thayz

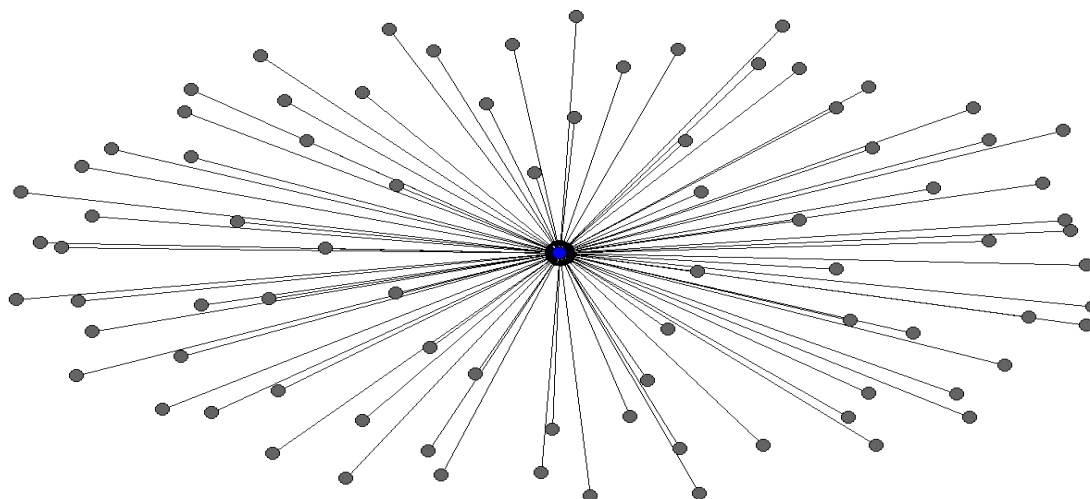


Fonte: a partir dos dados do Biscoito Fino e a Massa e no Twitter de Thayz

Ampliando a análise referente às redes de filiação existente na plataforma Twitter, elaboramos um grupo de gráficos (6, 7 e 8) para demonstrar esse universo de interação simbólica, circulação e dispersão de opiniões. Dessa forma, nas representações que seguem, no gráfico 6, o ego em azul representa o perfil de Edhy Ghellen e em cinza são seus seguidores; no 7, o ego em vermelho é o Idelber Avelar, os demais são seus seguidores e no gráfico 8, o nó verde representa o perfil de Ricardo Noblat. Edhy Ghellen publicou o link de seu post no seu perfil do Twitter, fazendo sua opinião percorrer as interfaces de 839 internautas em sua rede de filiação no Twitter. Já Idelber o fez para 8.430, enquanto Ricardo Noblat publicou seu link na interface de 130.944 seguidores.

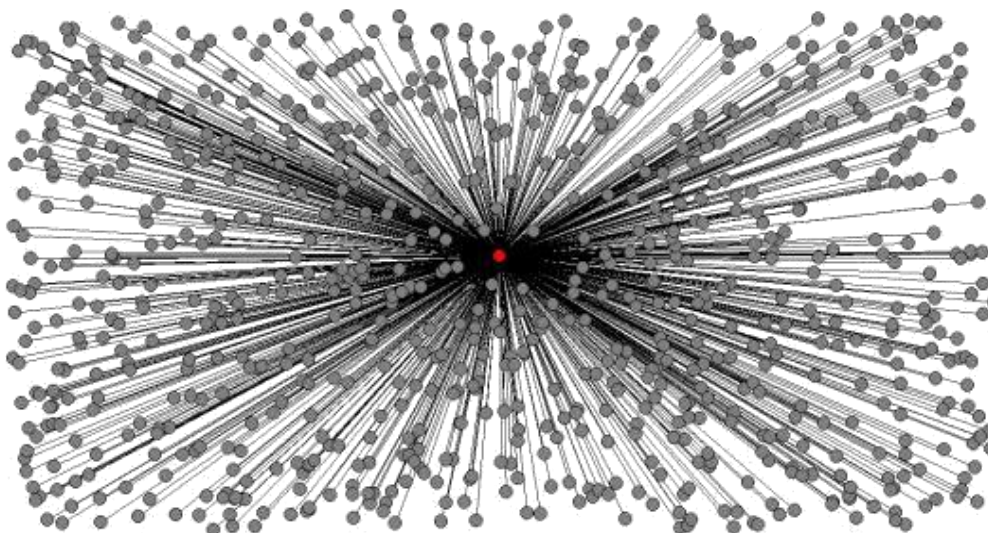
¹²⁰ Da mesma forma que no gráfico anterior, os nós que estão ligados ao nó nº 14 são representações de perfis no Twitter. Em função de limitações do software onde o grafo foi feito, mantivemos a mesma média de representação dos nós vinculados ao nó 14, ou seja, cada um deles representa um grupo de 8,7 seguidores. Há 22 nós que representam o total de 187 seguidores.

Gráfico 6¹²¹ – Rede de Filiação do Twitter de Edhy Ghellen



Fonte: construído a partir dos dados do Twitter do Edhy Ghellen

Gráfico 7¹²² – Rede de Filiação do Twitter de Idelber Avelar

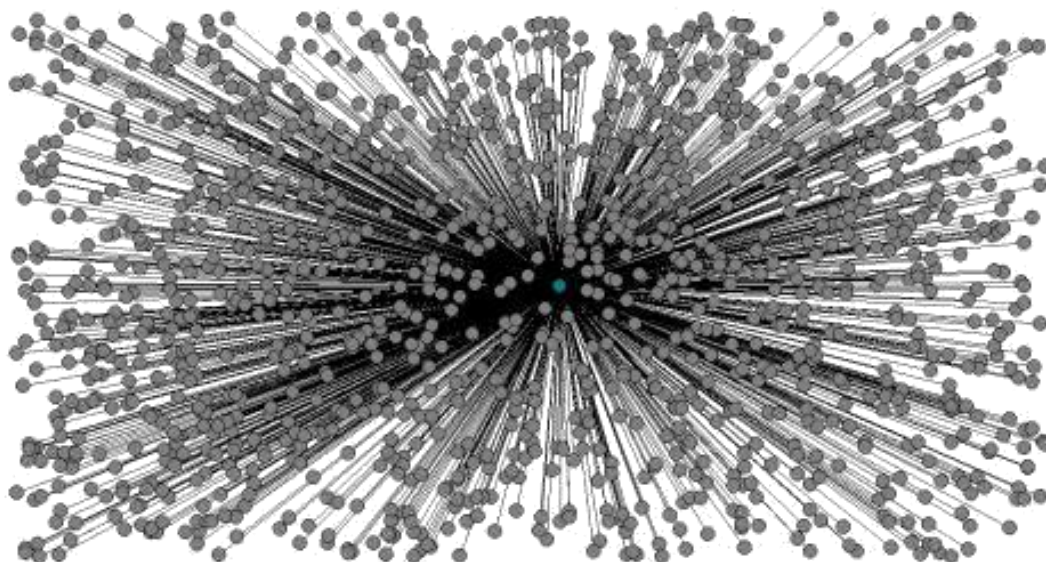


Fonte: construído a partir dos dados do Twitter de Idelber Avelar

¹²¹ Devido a limitações do software onde os gráficos foram elaborados, não foi possível a representação literal do número de seguidores no Twitter de cada agente analisado. Dessa forma, para melhor visualização, dividimos o número total de seguidores por 10. No caso do perfil do Edhy Ghellen, de 844, ficamos com uma representação de 84 nós. Já os nós centrais dos blogueiros permaneceram com o número original de postagens no Twitter.

¹²² Da mesma forma que no gráfico do perfil do Idelber Avelar. Cada nó representa um grupo de 10 seguidores, ou seja, dos 8.430 filiados no seu perfil do Twitter, obtivemos uma representação de 843 nós.

Gráfico 8¹²³ – Rede de Filiação do Twitter do Blog do Noblat



Fonte: construído a partir dos dados do Blog do Noblat

Os gráficos demonstram a potência de circulação e visualização que uma dada opinião pode obter ao entrar nesse âmbito de comunicação digital, seja esse espaço localizado fora do monopólio da esfera de visibilidade tradicionalmente instituída ou pertencente/controlado pelas corporações midiáticas. Essas opiniões podem, inclusive, devido ao alto grau de visibilidade, gerar certa influência sobre os modos de compreender o fenômeno ocorrido, assim como no caso do texto do teólogo Barbosa Jr., conforme referimos anteriormente. No entanto, esses dados, por mais reveladores de uma potência de circulação de informações e opiniões, não ratificam qualquer outra coisa que não seja a possibilidade de concretização de um dado fenômeno, ou seja, eles não significam que tenha havido qualquer tipo de interação com a informação, ou que o link tenha sido aberto e que a opinião foi lida, mas somente que houve a potencialidade disso ter acontecido.

Os grupos de gráficos referentes às redes emergentes, híbridas e de filiação dão indícios importantes em relação às possibilidades de ampliação da esfera de visibilidade pública. Esses gráficos mostram que, as formas de compartilhamento informacional entre cidadãos, ocorridas em larga escala e proporcionadas pelas TDCI, estimulam um aumento significativo nas possibilidades de produção, acesso e conhecimento a formas alternativas de opinião/informações sobre certos assuntos a um maior número de pessoas. Além disso, os gráficos das redes híbridas evidenciam também o funcionamento das plataformas digitais

¹²³ No gráfico do Blog do Noblat, em função do elevado número de seguidores, 130944, decidimos realizar a divisão por 100 e assim obtivemos um total de 1309 nós.

como complementos midiáticos na comunicação cotidiana. Assim, é possível percebermos que a esfera de visibilidade pública passa a ser pública, não apenas no sentido da visibilidade, mas também no sentido de produção e reprodução de forma compartilhada e coletiva dessa esfera, cristalizada pela potencialidade de ação simbólica ofertada pelas TDCI.

No entanto, por outro lado, os gráficos das redes de filiação apresentam uma diferente faceta das potencialidades das TDCI e que vai contramão à própria ideia de expansão da esfera de visibilidade. Basta olharmos para os três gráficos para percebermos a diferença no número de leitores em potencial ligados diretamente a cada um dos blogs, ou seja, a cada umas das três opiniões emitidas. Assim, por maiores que sejam as possibilidades de exposição e inserção de perspectivas alternativas, nas instâncias de disputas discursivas e também na ascensão simbólica de determinados agentes sociais, existe também a possibilidade de que atores e organizações, que possuem credibilidade em seu capital simbólico previamente instituído (como os MCM e seus representantes), tenham mais condições de êxito nas disputas opinativas para fazer valer sua versão dos fatos, como a descrição dos fatos em si. Por conseguinte, podemos pensar também que é possível haver um reforço das barreiras informacionais impostas pelos tradicionais meios de comunicação, uma tentativa de manutenção do monopólio da fala legítima como portadores da verdade dos fatos. Isso pode ser compreendido a partir do momento em que, essas organizações e seus representantes, não só fazem uso de seus capitais simbólicos para fazer valer suas versões, mas também aumentam esse capital pela exposição, circulação e recirculação das suas opiniões nas TDCI.

Podemos considerar esse reforço como uma forma de resistência do modelo anterior de comunicação social, de monopólio dos MCM, às transformações propostas/possibilitadas pela nova sistemática que se expande e ganha relevância social. A resistência frente às possibilidades de mudança/transformação não parte somente do sistema comunicacional instituído, mas também do costume e do hábito das pessoas em relação à dinâmica de comunicação de massa. Basta olharmos o grande número de seguidores que Ricardo Noblat possui e a quantidade de retweets que suas publicações receberam em comparação com Ghellen e Avelar. Nesse sentido, é possível pensar que, por mais que as TDCI ofereçam uma gama de potencialidades de ação, muitas vezes o comportamento apresentado pelos interagentes, no que concerne às informações e opiniões com que interagem, segue um padrão muito semelhante ao do período pré-TDCI. Parte dos interagentes ainda leva em consideração a hierarquização simbólica das informações/opiniões e os capitais simbólicos dos sujeitos

emissores das mesmas no momento de escolher as formas simbólicas que irão interagir – dessa forma podem acabar por reforçar a dinâmica da comunicação social previamente existente.

A existência de uma dupla potencialidade das TDCI, em relação à esfera de visibilidade pública, de ampliação e restrição da mesma (ou a dificuldade de superação do modelo previamente instituído), denota a complexificação que a expansão dessas tecnologias proporciona aos processos interativos, às formas de percepção, às disputas opinativas, além de suas implicações na instância simbólica da opinião pública.

7.4.2 Redes de compartilhamento e a possibilidade de redimensionamento na dinâmica de luta simbólica

Outro aspecto relevante, referente às formas de encadeamento simbólico percebidas nas marcas de linguagem das interações simbólicas analisadas, diz respeito à emergência do que foi chamado anteriormente de rede de compartilhamento. Ao coletarmos os dados sobre a circulação das opiniões a respeito do caso Mayara Petruso, nos deparamos com um encadeamento e uma ligação entre interagentes sociais que não é da ordem nem do afeto e nem dos laços sociais, mas da ordem do compartilhamento simbólico/informacional. Percebemos que diversos internautas se apropriaram da opinião política publicada por Ghellen, Avelar e Noblat para manifestarem suas posições em relação ao ocorrido e grande parte dessas pessoas não possuíam qualquer tipo de relação aparente com os mesmos – não eram nem seguidores, seguidos ou comentadores dos blogs, sendo que muitos são de regiões diferentes.

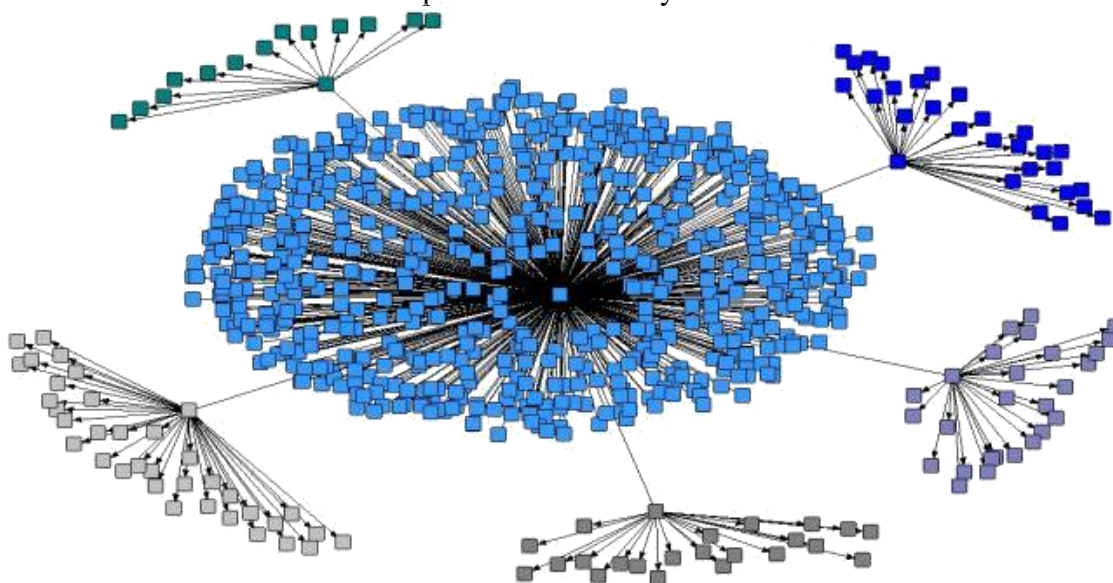
Segundo argumentado na metodologia, para podermos compreender o potencial de circulação e visibilidade dessas opiniões referentes ao episódio Mayara e a forma como elas foram reutilizadas e repassadas, recorreremos à ferramenta Topsy. A partir dela, verificamos a publicação dos links dos posts dos três blogs pelos usuários do Twitter (entre tweets e retweets), não contando as publicações dos próprios autores: Edhy Ghellen¹²⁴ foi publicado 644 vezes; Biscoito Fino e a Massa foi publicado 173 vezes; e o do Blog do Noblat, 37 vezes.

¹²⁴ Disponível em: <http://topsy.com/edhyghellen.wordpress.com/2010/11/01/o-preconceito-ainda-vive/>; <http://topsy.com/www.idelberavelar.com/archives/2010/11/a-vitoria-de-dilma-e-a-falsa-tese-do-pais-dividido.php?contains=&infonly=1> e <http://topsy.com/oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/11/04/intolerancia-na-rede-editorial-338018.asp?infonly=1>. Acessado em 26 de maio de 2011.







Para visualizarmos a circulação dessas opiniões, selecionamos, pela hierarquização da própria ferramenta, os 5 perfis mais influentes no Twitter que (re)publicaram os links dos três blogs. Os gráficos 9, 10 e 11, apresentam esses encadeamentos.

Conforme mostram os gráficos 9, 10 e 11; existe encadeamento informacional entre pessoas que pouco ou nada se conhecem, mas que mesmo assim, apropriam-se e atualizam formas simbólicas, produzidas e veiculadas por outras, que julgam representar suas posições sobre determinado assunto ou que creem ser uma boa fonte de informações a ser repassada. Os gráficos apresentam a existência de um tipo de rede da ordem do compartilhamento informacional a partir dos blogueiros e os 5 interagentes (nós principais) e seus seguidores.

Gráfico 9 - Rede de Compartilhamento Edhy Ghellen e twitteiros



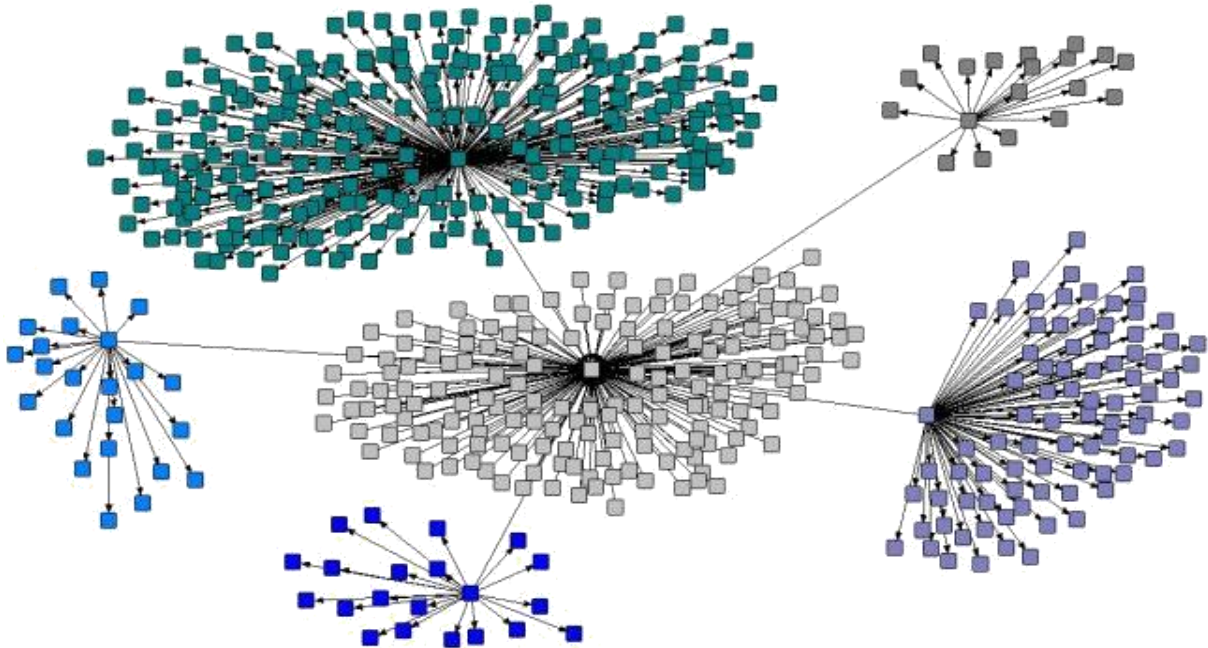
Legenda¹²⁵ – perfil no Twitter e o número de seguidores

	Post Edhy Ghellen – 644		@tcordeiro – 2638		@alexandresena – 2884
	@IlustreBOB – 2176		@zartir – 1314		@eurubens – 3534

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter de Edhy Ghellen, @IlustreBOB, @eurubens, @tcordeiro, @alexandresena e @zartjr.

¹²⁵ Conforme limitações do próprio programa, padronizamos a apresentação dos nós em terceiro grau no intuito de apenas representar a ideia de circulação da opinião. Cada ego colorido (twitteiro) teve seu número de seguidores dividido por 100. Assim, cada um dos nós de terceiro grau ficou com o seguinte número de seguidores: @IlustreBOB, 14; @eurubens, 35; @tcordeiro, 26; @alexandresena 28; e @zartjr, 13. A mesma dinâmica é seguida para a classificação do Biscoito Fino e a Massa e o Blog do Noblat.

Gráfico 10 - Rede de Compartilhamento Idelber Avelar e twitteiros

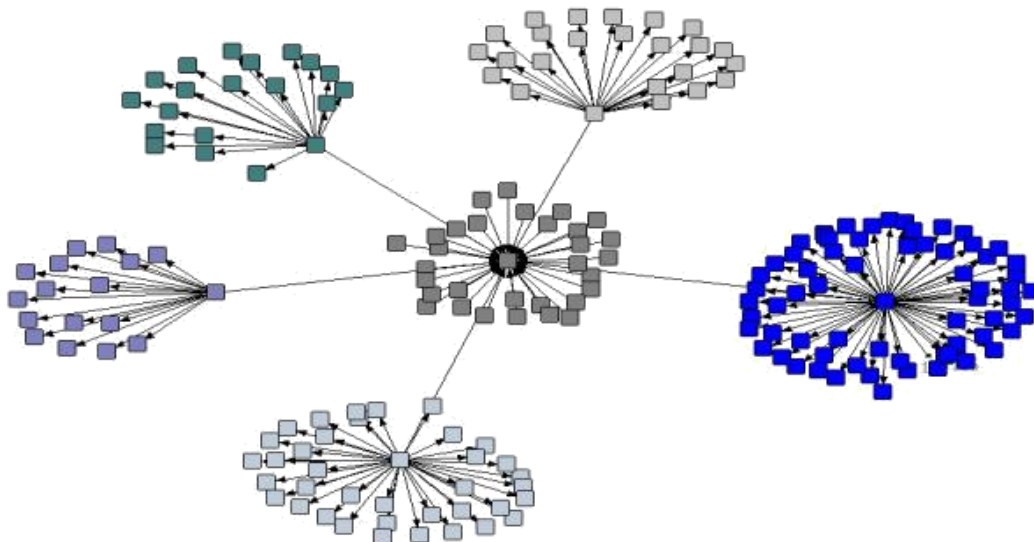


Legenda – perfil no Twitter e o número de seguidores

	Post Idelber Avelar – 173		@ivanabentes – 8473 seg.		@na_faixa – 1937 seg.
	@IlustreBOB – 2176 seg.		@alyhell – 35841 seg.		@literariamente – 1799 seg.

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter de Idelber Avelar, @alyhell, @IlustreBOB, @na_faixa, @ivanabentes e @literariamente.

Gráfico 11 - Rede de Compartilhamento Blog do Noblat e twitteiros



Legenda – perfil no Twitter e o número de seguidores

	Post Blog do Noblat – 37		@GilmarAlberto – 1643 seg.		@WillianFagiolo – 6667 seg.
	@vonivar – 2376 seg.		@RFKA – 1906 seg.		@emiliomoreno – 3762 seg.

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter de Ricardo Noblat, @emiliomoreno, @vonivar, @WillianFagiolo, @RFKA e @GilmarAlberto,

A ligação entre interagentes nesse tipo de rede emergente não se deu somente pelo afeto ou por possíveis laços sociais, ou então por determinações do próprio programa (no caso do Twitter, o agente é ao mesmo tempo seguidor e seguido de/por outros agentes), mas, também por intercâmbios simbólicos tão rápidos e inconstantes, que, ao mesmo tempo em que a rede se estabelece, articula-se e se espalha, fazendo circular uma informação/opinião (podendo inclusive dar-lhe um alto grau de visibilidade perante um grande número de agentes de diversos campos); desvanece-se assim que o próprio ato de (re)publicar (apropriação e atualização da informação) acaba, deixando para trás rastros nos códigos digitais. Mesmo sendo oriunda das conexões existentes em redes emergentes e/ou de filiação, a rede de compartilhamento se estende para além dos limites de ambas as redes, ultrapassando os contextos localizados das interações simbólicas emergentes e também as ligações proporcionadas pelos softwares. Esta possibilita encadeamentos entre atores desconhecidos, em plataformas digitais variadas (e interconectadas), podendo gerar também diversos níveis de atravessamentos entre mercados simbólicos distintos. Nesse sentido a rede de compartilhamento aparenta ser muito mais dinâmica, flexível e veloz que as redes de emergência e de filiação, mas ao mesmo tempo mais efêmera, fugaz e menos palpável. É uma espécie de encadeamento social que conecta as pessoas num nível muito mais silencioso, mais sensível e menos visível. Essa rede vive sua emergência apenas no instante do seu ato, no momento concreto da interação.

Para compreendermos a amplitude de alcance dessas redes de compartilhamento, fizemos um rápido cálculo da potência de visibilidade e assim verificamos que o link do blog do Edhy Ghellen pode ter sido visto/acessado por mais de 12.550 perfis no Twitter, e isso, levando-se em conta somente os 5 atores observados. Já a publicação de Idelber Avelar pode ter sido acessada por cerca de 50.200 perfis do Twitter, enquanto a do Ricardo Noblat, por 16.300. Mesmo que a potencia de visibilidade da publicação de Edhy Ghellen seja menor que a dos demais blogueiros, seu link foi retransmitido por mais de 644 pessoas, ao passo que o de Idelber por apenas 173 e do Noblat, 37. Diante disso, pode-se supor que esses números poderiam ser ampliados a milhões se fosse possível estender a pesquisa a 5 graus de conexão entre os nós e a outros sites de relacionamento como o Facebook, Orkut, Myspace etc.

A partir desse simples cálculo, é possível compreendermos mais claramente a força de *potência de circulação e visibilidade* de informações e das opiniões políticas diante de um público sempre em multiplicação. Essa potencialização da visibilidade das falas e opiniões

pode gerar um redimensionamento na dinâmica de luta simbólica na instância da opinião pública a partir do momento em que diversos atores, antes considerados meros espectadores, podem, com a “força” de um clique, fazer sua opinião (ou a de outros que assumem como sua) ganhar uma dimensão de alcance e possível influência muito grande, a ponto de, inclusive, ser capaz de pautar, ou servir de informação à esfera de publicidade (mídias tradicionais) sobre fenômenos localizados na web ou que estão fora de sua atenção, e também sobre o comportamento social de uma parcela da população, os chamados “internautas”.

Por meio desse potencial é possível colocarmos em perspectiva a força do capital simbólico dos atores no jogo das opiniões e pontos de vistas circulantes pelos mercados simbólicos e passíveis de entrada na instância da opinião pública. Conforme argumenta Bourdieu (1990), nas disputas opinativas, nem todas as argumentações possuem o mesmo valor e reconhecimento, pois o poder simbólico das ideias está vinculado tanto ao capital simbólico do autor da fala, quanto ao efeito de teoria dessa mesma ideia (capacidade de mobilização por conta da sua credibilidade). Dessa forma, alguns atores sociais que possuem maior capital simbólico, têm maiores condições de fazer valer suas posições.

No entanto, o que foi possível observar pela grande circulação e visibilidade adquirida pelo post de Ghellen na plataforma Twitter e nas redes sociais digitais é que algumas vezes uma opinião de um agente social de pouco capital simbólico (pelos menos se comparado com agentes de capital simbólico legitimado por instituições e organizações sociais) pode exercer efeito de teoria/magia social (BOURDIEU, 2008) e obter sucesso no jogo das opiniões por sua capacidade de mobilização de tal forma que o próprio capital desse agente pode ser redimensionado (nesse sentido, a própria opinião da Mayara Petruso pode ter exercido esse efeito naqueles que compartilharam com seu posicionamento). A partir da circulação da opinião e do efeito de teoria realizado, o agente pode tornar-se reconhecido e ter suas ideias usadas para legitimar e/ou dar credibilidade a tomadas de posições. E mesmo que uma opinião não tenha tanta eficácia simbólica a ponto de introduzir uma temática nas discussões públicas e em esferas ampliadas, pode, no entanto, ganhar *status* verdade regional e coletiva, ou pelo menos se fazer presente em debates locais como argumentação/opinião alternativa.

Desse modo, importa salientar que com a expansão das TDCI na sociedade, a institucionalização do capital simbólico dos agentes sociais pode ser flexibilizada. Nesse sentido, pode haver uma subversão dos atos de autoridade na imposição dos princípios de classificação da realidade realizados por agentes legítimos e legitimados para tal ato, onde

agentes sociais, não institucionalmente autorizados à fala oficial/legítima, obtêm êxito na mobilização de perspectivas quando da imposição de sua opinião e são reconhecidos como autorizados por outros agentes sociais espalhados no tecido social. Assim, enunciados e opiniões, antes à margem do acesso público e da esfera de visibilidade e condenados a regionalidade dos mercados simbólicos, podem transcender às particularidades das contingências e atingir status de publicamente visível, e mesmo adentrar em esferas simbólicas estendidas, como a da opinião pública.

Por outro lado, é possível observar também um reforço dos capitais simbólicos instituídos de um interagente quando do momento da (re)publicação de sua opinião por outro interagente de elevado capital simbólico. Nesse sentido, basta vermos o que ocorreu com o link da publicação de Avelar, pois, por mais que não tenha tido tantos retweets quanto o de Ghellen, sua republicação foi feita por agentes com grande número de seguidores, como o caso de Ivana Bentes¹²⁶ e Alyhell¹²⁷. Podemos considerá-los como influenciadores em potencial na plataforma Twitter, pois, assim como o próprio Avelar e o Noblat, possuem grande número de filiados nas suas redes digitais, possibilitando que as manifestações e opiniões em forma de Tweet alcancem largas proporções de visibilidade digital. Esse tipo de potencialidade de influência serve tanto de maneira complementar quanto expansiva do capital simbólico já adquirido (e instituído) pelos agentes sociais em questão. Certamente são capitais simbólicos com estruturas diferentes, possuindo legitimações e propriedades que dizem respeito a campos específicos, mas que, devido a esse mesmo capital instituído, podem possibilitar a entrada desses agentes em outras esferas de discussões e embates simbólicos. Dessa forma, tais agentes, imbuídos de um potencial influenciador e com uma capacidade de fazer circular opiniões (e mesmo corroborar para legitimá-las, ou legitimar suas falas com essas opiniões), funcionam também como importantes elementos constitutivos da esfera de visibilidade ampliada mencionada há pouco – participam ativamente de sua criação e recriação, seja no reforço simbólico de perspectivas consagradas ou na contestação e reformulação dos discursos a partir da oposição/rejeição às perspectivas instituídas como oficiais.

Outro aspecto interessante observado na análise da circulação das opiniões e das redes de compartilhamento foi a republicação extensiva dos links dos post de Avelar e Noblat,

¹²⁶ Professora e pesquisadora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹²⁷ Músico profissional free lancer. Para mais informações: <http://www.wix.com/crypticwarp/hell>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

realizada por determinados perfis do Twitter pertencentes não a cidadãos, mas a organizações com fins específicos. Dois perfis em particular chamaram a atenção neste aspecto: @painelbrasiltv, com aproximadamente 100 mil seguidores, pertencente a um portal de informações, fez um retweet da publicação de Noblat e o @AmigosdaBahia, com cerca de 2300 seguidores, de um blog coletivo de notícias, republicou o link de ambos blogueiros. Esse tipo de dado demonstra que o universo de circulação de uma determinada informação pode estar em constante multiplicação devido à capacidade de compartilhamento e propagação de informações proporcionadas pelas tecnologias digitais. Além da publicação do link na interface dos seguidores do Blog do Noblat e do Idelber Avelar, essas informações foram propagadas por perfis que funcionam como uma espécie de polos de irradiação, que fazem circular de forma local (blogs, fóruns e comunidades digitais) e capilarmente as opiniões consideradas relevantes e/ou legítimas.

No entanto, é interessante notar que o link de maior potencial de visibilidade nesse caso específico foi o do Blog do Noblat, pois o mesmo foi repassado para mais de 100 mil outros perfis, além dos seus próprios seguidores. O fato de um portal de notícias fazer uso das construções simbólicas de uma tradicional empresa de jornalismo mostra uma hierarquizada interconexão entre veículos de comunicação no ambiente digital – no qual um deles, localizado em posição privilegiada na estrutura social e comunicacional do país, O Globo, serve de referência informacional e opinativa para os veículos menores (de certa forma, essa articulação hierarquizada reflete a estruturação do modelo midiático *off-line*). Essa interconexão permite ampliar ainda mais as condições de acesso e conhecimento que um determinado ponto de vista (profissionalmente elaborado e socialmente legitimado) terá frente a posições diversas e/ou conflitantes. A amplitude de condições de visibilidade abre caminho para que esse mesmo ponto de vista ganhe força simbólica para realizar a consagração da versão proposta – é uma espécie de reforço do monopólio da fala legítima como notícia/informação. Porém, por maior que seja a potencialidade de visibilidade que a publicação de Noblat tenha obtido, não significa dizer que esta de alguma forma tenha sido creditada como “a opinião” sobre o caso Mayara, mas que nas disputas simbólicas teve mais chances de realização do efeito de teoria.

É relevante também ressaltar a forma como essas opiniões foram apropriadas, reutilizadas e exploradas pelos interagentes que a fizeram circular pelo Twitter e pela web. No quadro 6, podemos observar as publicações realizadas na plataforma Twitter por cada um dos

interagentes analisados na rede de compartilhamento – sendo 5 publicações de cada blog. Logo em seguida, na tabela 12, podemos visualizar a classificação formal dos textos desses 15 tweets:

Quadro 6 – Opinião em Tweets - entre Tweets e Retweets

Blogueiro	Tweeteiro	Texto dos tweets	Filiação
Edhy Ghellen	@IlustreBOB – Designer/ Ilustrador, doutorando em Design	ONTEM DESCOBRIMOS QUE: Somos uma só nação, mas parte do Sul/Sudeste guarda um ranço separatista: http://bit.ly/cVCnxJ #dilmaday Petruso	Não segue ninguém
	@eurubens – Escritor de livros de autoajuda	Formação familiar e educacional FAIL! Esta pessoa execrável vai se tornar advogada: http://bit.ly/dzdUpX #MayaraPetruso	Não segue ninguém
	@tcordeiro – jornalista	Mayara Petruso seria estudante de direito, de acordo com este post: http://bit.ly/cVCnxJ (via @IlustreBOB)	Não segue ninguém
	@alexandresena – jornalista	Mayara Petruso: bonitinha, mas ordinária: http://edhyghellen.wordpress.com/2010/11/01/o-preconceito-ainda-vive - #OrgulhoDeSerNordestino	Segue @zartjr e Edhy Ghellen
	@zartjr – engenheiro e trabalha no IBGE	RT @EdhyGhellen: Descobrimos o orkut da Mayara Petruso http://bit.ly/9H15w0 E para quem não sabe quem é ela, leia aqui http://t.co/WRsbhyV	Segue o Edhy Ghellen, que também o segue.
Idelber Avelar	@alyhell – baterista profissional	RT @iavelar: N'O Biscoito Fino e a Massa: A vitória de Dilma e a falsa tese do "país dividido" http://bit.ly/aS4DNt	Não segue ninguém
	@IlustreBOB – Designer/ Ilustrador, doutorando em Design	A vitória de Dilma e a falsa tese do “país dividido”: http://bit.ly/9mCm8E	Segue Idelber
	@na_faixa – jornalista, poeta e compositora	a falsa tese do país dividido no biscoito fino e a massa, blog do @iavelar > http://bit.ly/aS4DNt	Não segue ninguém
	@ivanabentes – professora e pesquisadora	N'O Biscoito Fino e a Massa: A vitória de Dilma e a falsa tese do "país dividido" http://bit.ly/aS4DNt	Não segue ninguém. Idelber segue ela

	@literariamente - jornalista e socióloga	Pra quem não viu de manhã: A vitória de Dilma e a falsa tese do 'país dividido', no Biscoito http://bit.ly/aS4DNt	Não segue ninguém
Ricardo Noblat	@emiliomoreno - jornalista	RT @blogdonoblat: Intolerância na rede (Editorial) http://bit.ly/ayz8v1	Não segue ninguém
	@vonivar - Jornalista e Consultor	Intolerância na rede (Editorial) - Ricardo Noblat: O Globo http://ping.fm/s6Vvn	Não segue ninguém
	@WillianFagiolo - arquiteto	Intolerância na rede (Editorial) http://bit.ly/ayz8v1	Não segue ninguém
	@RFKA - advogado	Questionar o coronelismo é legítimo mas a intolerância é deplorável. RT @BlogdoNoblat: Intolerância na rede (Editorial) http://bit.ly/ayz8v1	Não segue ninguém
	@GilmarAlberto - analista de sistemas	Intolerância na rede (Editorial) http://bit.ly/ayz8v1	Não segue ninguém

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter do @diego_calazans, @eurubens, @tcordeiro, @alexandresena, @zartjr, @kntz, @IlustreBOB, @na_faixa, @ivanabentes, @literariamente, @emiliomoreno, @vonivar, @WillianFagiolo, @RFKA, @GilmarAlberto, @edhyghellen, @iavelar e @BlogdoNoblat.

Tabela 16 – Tipo de Teewts repassados

Tipo de publicação	Edhy Ghellen		Biscoito Fino e a Massa		Blog do Noblat	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tweet	4	80%	-	-	1	20%
Retweet	-	-	2	40%	2	40%
Retweet híbrido	1	20%	3	60%	2	40%
Total de publicações	5	100%	5	100%	5	100%

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter do @IlustreBOB, @eurubens, @tcordeiro, @alexandresena, @zartjr, @kntz, @IlustreBOB, @na_faixa, @ivanabentes, @literariamente, @emiliomoreno, @vonivar, @WillianFagiolo, @RFKA, @GilmarAlberto, @edhyghellen, @iavelar e @BlogdoNoblat.

Antes mesmo de observarmos a questão do conteúdo das formas de apropriação e reutilização das opiniões dos blogueiros pelos interagentes analisados, importa salientar as diferenciações formais da própria ação de (re)tweetar presente nas manifestações apresentadas no quadro. Foram três tipos de publicação visualizados: manifestação em forma de retweet¹²⁸

¹²⁸ Ação de publicar literalmente a manifestação de um terceiro. Essa é uma característica de ação possibilitada pela plataforma.

- realizadas 4 vezes; retweets híbridos¹²⁹, 6 vezes; publicação com expressão própria, 5 vezes. A formalidade de apresentação das manifestações opinativas está diretamente relacionada com a questão da potencialidade performática ofertada pelas TDCI aos agentes envolvidos em interações simbólicas. Basta olharmos para os dados da tabela 12 para percebermos que 2/3 (retweet híbrido e opinião própria) das manifestações apresentam claras marcas do *eu* opinativo – projeções da representação de si de Goffman (2005), mas em escala digital e ampliada – nas quais os agentes se apropriam de uma informação/opinião (por meio do link) e expressam suas posições, pensamentos e ideias, tendo essa mesma informação (link) como o suporte simbólico de legitimação opinativa.

Nessa ação simbólica, os atores, ao complementarem a republicação com suas visões e posições, buscam não apenas transmitir informações (ou atos expressivos nos quais as informações estão contidas) visando sugerir e condicionar interpretações a seu respeito, mas também articular e defender uma determinada forma de compreender os acontecimentos, fortalecendo essa classificação para/nas disputas simbólicas. Há, nessa ação, uma dupla legitimação: o endosso do agente enunciativo e sua maneira de classificação do mundo; e da opinião do ator que está (re)publicando a fala desse outro. Já as publicações por retweet, embora também apresentassem as marcas de linguagem dos agentes que as reproduziram e distribuíram, podendo refletir suas intenções e posições, acabaram por ter um caráter muito mais funcional, no que concerne a multiplicação e ampliação da esfera de visibilidade.

Em relação ao conteúdo das republicações, como o Twitter não permite grandes explanações, as exposições devem ser sucintas e objetivas, mas mesmo assim é possível verificar diferentes maneiras de apropriação da informação e rearticulação das opiniões políticas. A utilização da informação/opinião pode variar conforme o *habitus* do agente, a forma como usa a plataforma (objetivos e interesses) e do significado que esta possui. Nesse sentido, as reutilizações feitas pelos interagentes podem ser concretizadas de maneiras distintas, ganhando novas entonações e capacidades significativas. Na tabela 13, apresentamos as classificações realizadas a partir das análises das formas de apropriação realizadas na circulação de opiniões referente ao caso Mayara Petruso:

¹²⁹ Estamos chamando de retweets híbridos a ação de republicar uma manifestação de terceiro, muitas vezes literalmente (mas nem sempre), porém sem se valer a ferramenta para retweet. Geralmente esse tipo de publicação apresenta as letras RT para fazer a referência direta ao texto e apresenta também manifestações próprias da pessoa que está republicando, algo que não é possível ao fazer o retweet direto pela ferramenta do Twitter.

Tabela 17 – Conteúdo dos Teewts circulados

Tipo de publicação	Blogs	
	Nº	%
Crítica	4	26,7%
Informativa	11	73,3%
Total de publicações	15	100%

Fonte: construído a partir dos dados do Twitter do @IlustreBOB, @eurubens, @tcordeiro, @alexandreseena, @zartjr, @kntz, @IlustreBOB, @na_faixa, @ivanabentes, @literariamente, @emiliomoreno, @vonivar, @WillianFagiolo, @RFKA, @GilmarAlberto, @edhyghellen, @iavelar e @BlogdoNoblat.

Do total das publicações analisadas na plataforma Twitter, 26,7% apresentaram manifestações e opiniões contrárias e críticas ao episódio de racismo, usando o link para os posts como referência e complemento à fala realizada. A maioria dos tweets, 73,3%, teve um caráter mais informativo, repassando o link de maneira objetiva e sem emitir qualquer tipo de opinião a respeito do episódio. Esses dados podem significar que os interagentes, ao publicarem o link dos blogs, de certa forma, adotam e ratificam a posição/opinião divulgada. Importa ressaltar que duas das manifestações contiveram referências de humor para caracterizar suas exposições, sendo que uma delas apresentou a expressão em inglês “FAIL”, de uso comum nas plataformas digitais, para descrever sua posição em relação ao comentário de Mayara Petruso.

A partir desses dados, é possível verificar que a apropriação e reutilização das opiniões dos blogueiros, pelos agentes sociais, reforçam a ideia apresentada anteriormente de potencial de ação simbólica oferecida pelas TDCI, pois por meio da manipulação de uma materialidade física/digital os indivíduos tendem a ter maiores condições e capacidades de apreender o mundo sensível de variadas formas (classificações); interagir com as mesmas, apropriando-se delas para se expressarem, podendo negá-las ou afirmá-las. O potencial de ação simbólica, cristalizado nas apropriações e reutilizações apresentadas na tabela 13, demonstram a constante condição, produção e reprodução do espaço social e do *common* por meio das contingências materiais transformadoras das TDCI, mas, além disso, apresentam também indícios de transformação das formas de perceber e agir nas estruturas do mundo sensível e também dos *habitus* individuais/coletivos.

7.4.3 Opiniões em jogo: entre interações e fluxos no episódio Mayara Petruso

A utilização das TDCI pelos interagentes, desde o princípio da emergência do caso Mayara Petruso, incluindo as próprias publicações dos comentários racistas, até os seus desdobramentos sociais, e a repercussão que o episódio obteve nas redes sociais digitais, denotam questões relevantes a respeito das dinâmicas das interações simbólicas. Não obstante, foram evidenciadas também algumas potencialidades inerentes ao uso das tecnologias digitais para a comunicação social, além da visualização de possíveis implicações na esfera da opinião pública.

No que concerne à dinâmica das interações observadas nos blogs analisados, cada um deles apresentou distintas formas e desdobramentos. Pelo que foi observado, é possível pensar na existência de uma relação estreita entre as abordagens dos posts, os capitais adquiridos pelos blogueiros (juntamente com seus *habitus*, posições e trajetórias nos campos sociais), as características dos blogs (sua temática, histórico de publicações, suas vinculações etc.) e a estrutura das dinâmicas interativas estabelecidas. Por exemplo, o blog do Edhy Ghellen, de temática variada, produzido por interagente sem títulos acadêmicos ou sem um alto capital cultural que lhe outorgasse credibilidade de fala, mas que se propõe a emitir opinião, com um post de abordagem descritiva (em tom de denúncia) e opinativa sobre o caso Mayara Petruso, obteve o maior número de comentários (e também o maior número de comentários sobre o tema desenvolvido), porém, numa tendência à baixa reciprocidade interativa, baixo índice de manifestações com trocas de informação e de elaborações argumentativas.

O Blog do Noblat apresentou uma dinâmica diferenciada ao de Ghellen. Esse é um blog usado muitas vezes como plataforma complementar de publicação do trabalho do seu autor (de capital simbólico elevado), vinculado a um tradicional veículo de comunicação, versando na maior parte das vezes sobre política. Assim, fez uma abordagem mais geral sobre o episódio, dando destaque para questões relativas à campanha política e suas influências nos comentários racistas. Diante disso, observamos que o índice de diálogos entre os interagentes foi baixo, com poucos debates argumentativos e trocas de informações – uma tendência a manifestações mais na ordem da simples expressão e exposição. O caso Mayara foi bastante mencionado, juntamente com aspectos vinculados ao campo político. Nesse blog houve também o maior número de interagentes anônimos e foi onde ocorreu uma espécie de “guerra” simbólica para encontrar o culpado pelos comentários racistas.

O Biscoito Fino e a Massa, por sua vez, é produzido por um interagente de alto capital intelectual, de temática mais política e cultural, e analisou o episódio do racismo a partir do

papel dos MCM na campanha política presidencial de 2010 e suas possíveis influências nos comentários xenófobos. Diante disso, observamos, na seção de comentários, manifestações mais voltadas à conversação e à disputa de ideias mediante argumentos. Nesse sentido, a possibilidade de trocas simbólicas, a construção de opiniões argumentativamente mais elaboradas e o uso de linguagem formal para a defesa das opiniões tendeu a ser maior nesse blog. Além disso, a temática das conversações não se restringiu apenas ao caso Mayara, abordando também outros tópicos, desde assuntos concernentes ao campo político, aos MCM, à legislação etc., indo por vezes muito além da proposição feita por Avelar. Podemos pensar também que a própria predisposição dos interagentes ao debate estava vinculada à temática desenvolvida no Biscoito Fino e a Massa e ao capital simbólico de Avelar.

Ao observarmos essas três dinâmicas de interações simbólicas, percebemos a importância e influência exercida não só pelo post em si, mas também pela estruturação do blog (sua temática e seus vínculos) e do seu autor (capitais e trajetória) nos comentários e conversações estabelecidas. Nos três casos, houve uma tendência de direcionamento simbólico, na qual os posts estabeleceram as diretrizes discursivas iniciais, pautando as manifestações e as interações entre os interagentes – foi proposto o que se poderia discutir através de um tema central e tópicos complementares. No entanto, é importante levarmos em consideração que isso não significa dizer que houve determinismo e imposição nos debates, mas apenas que existiu influência do post nas interações. Importa atentar também para a liberdade criativa dos interagentes, pois muitos ultrapassaram as fronteiras dos discursos propostos, expandindo as conversações por meio de opiniões, ideias e informações, trazendo inclusive outras temáticas para o debate. E mesmo aqueles que permaneceram no eixo semântico do post apresentaram essa liberdade criativa pela imprevisibilidade das respostas e interações que estabeleceram.

No que concerne à questão das potencialidades das TDCI, levantamos ao longo da análise quatro tipos: potencial de ação simbólica, potencial de circulação e visibilidade, potencial de aproximação tácita e afastamento diferencial e potencial performático. Essas quatro potencialidades demonstraram um alargamento, complexificação e ampliação da esfera de visibilidade social, que conforme Gomes (2008) era o grande centro de filtro, circulação e divulgação de informações, pontos de vistas e das “verdades”, também se concentrando sob o monopólio de grandes corporações. E era sob essa ótica que se desenvolviam as dinâmicas de

lutas simbólicas realizadas na e pela opinião pública, ou seja, segundo as tensões e conflitos entre a esfera de visibilidade, o campo político e a sociedade civil.

Porém, com o aceso das TDCI a um número de pessoas em constante crescimento, grupos e culturas diferentes, a questão da visibilidade pública dos temas e opiniões ganha novas nuances. A partir do momento em que milhares de pessoas, com diferentes *habitus*, disposições e trajetórias, de variados campos sociais, tiveram a possibilidade de elaborar, publicar e difundir suas opiniões a respeito do caso Mayara, interagindo com outros pontos de vistas, culturas e pessoas, e entrando em esferas de trocas de informações e debates, as formas de classificação dos fenômenos e as opiniões oriundas dessas diferentes regionalidades passaram a fazer parte e compor um cenário semântico extremamente complexo e repleto de potencialidades.

É possível pensar que vivemos num período de ampliação e extensão da esfera de visibilidade, no qual os antigos monopólios comunicacionais coabitam com milhares de micro produtores de informação e opinião, onde todos (cada um com suas capacidades, processos e condições), concorrem, direta ou indiretamente, na formação das opiniões e nas disputas simbólicas, muitas vezes com cruzamentos e influências mútuas. Nesse sentido, não apenas a esfera de visibilidade ganha novos contornos, mas também a própria dinâmica de disputas de poder e lutas simbólicas da instância ideológica da opinião pública acaba sofrendo importantes implicações e redimensionamentos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, objetivamos compreender como se estabeleceram, nas esferas conversacionais dos blogs, as interações simbólicas e como circularam, nas redes sociais digitais, as opiniões referentes ao Caso Mayara Petruso, formadas nos embates opinativos e orientadas para a disputa na e pela opinião pública. Além disso, tínhamos por objetivo também verificar como se configuraram os tensionamentos entre interagentes nos embates simbólicos ocorridos nas redes sociais digitais a partir do caso Mayara Petruso; refletir, a partir das TDCI, sobre as implicações do redimensionamento da esfera de visibilidade e das esferas conversacionais para a dinâmica da opinião pública e compreender como as TDCI podem influenciar a constituição dos *habitus* individuais/coletivos.

Ao longo da análise das dinâmicas das interações simbólicas, estabelecidas nos blogs, pudemos perceber uma série de articulações dos interagentes de diversas ordens e formatos, variando desde vazios comunicativos com manifestações expondo opiniões/posições sem aparente intenção de interação, acirrados debates argumentativos apresentando diversas estratégias de legitimação da fala, guerras simbólicas sedimentadas nos axiomas políticos e nos *ethos* de classe/grupo, apropriação, por parte de alguns interagentes, da fala de outros agentes como manifestação de opinião própria, até manifestações ofensivas, preconceituosas, irônicas etc. Entretanto, um aspecto bastante relevante na pesquisa foi que, por mais variadas e imprevisíveis que fossem as manifestações dos interagentes, estas se mostravam, de certa forma, influenciadas pelo conjunto constitutivo do blog (eixo discursivo do post, temática do blog e capitais adquiridos do blogueiro – e no caso do Noblat, a organização que deu suporte ao blog). Dentro das dinâmicas interativas, percebemos o estabelecimento de uma espécie de campo semântico condicionante das interações simbólicas, no qual as manifestações circulariam (em níveis diferentes) em torno dos eixos temáticos propostos pelos blogueiros, desenvolvendo-se a partir disso.

Através da utilização da metodologia de análise de redes foi possível constatar a existência de diferentes formatos de redes de circulação e trocas de informações e opiniões referentes aos comentários racistas do episódio Mayara Petruso, desde as redes de emergência, de filiação, as híbridas (que continham características de ambas anteriores) e a de compartilhamento. Percebemos por meio dessa ferramenta metodológica, não somente as formas como os interagentes se expressaram nas redes emergentes, ou como se apropriam das

formas simbólicas de terceiros para repassar informações e posicionamentos nas suas redes de filiação, mas também a maneira como utilizaram as plataformas digitais como complementos midiáticos na comunicação cotidiana. Além disso, visualizamos a existência de um tipo de encadeamento informacional entre interagentes muito sutil, dinâmico e flexível, de intercâmbios muito rápidos e fugazes, que fizeram circular determinadas opiniões por milhares de interfaces (que não apresentaram nenhum tipo de vinculação *online* ou *off-line*), dando a essas opiniões uma potencialidade de visibilidade muito alta.

Outro aspecto relevante, constatado nas análises, foi a existência de potencialidades proporcionadas pelas TDCI aos interagentes sociais nos usos cotidianos dessas tecnologias. Potencialidades essas que ampliaram a capacidade de ação simbólica dos indivíduos, suas formas de apreensão, compreensão, representação e reprodução do mundo objetivo, de constituir agrupamentos por semelhanças e diferenciações, de performances, de trocas, circulações, acessos e visibilidades de informações, opiniões e formas de classificações a respeito de variados temas e problemáticas sociais. Em função disso, percebemos que essas potencialidades acabam por exercer efeitos transformadores nos *habitus* individuais e coletivos. Quando um novo sistema material de comunicação, alternativo ao tradicional (MCM), passa a ser relevante socialmente, sua estruturação e dinâmica vão demandar não apenas adaptação física, mas também cognitiva para sua utilização, ou seja, uma adaptação e transformação das práticas e saberes individuais/coletivos diante de novos processos comunicacionais e interativos – há uma espécie de condicionamento do *habitus* e das práticas. Nesse sentido, pensamos que as potencialidades evidenciadas neste trabalho complexificam a capacidade dos indivíduos de apreender e (re)criar as formas simbólicas, as representações e os sentidos por meio de uma tecnologia digital para tornar o mundo inteligível. As TDCI apresentam um carácter disciplinador do *habitus* (no sentido de dar condição a novas experimentações; impor novos limites e abrir novas possibilidades de ação), pois, por meio delas, existe a possibilidade de reestruturação e transformação das disposições incorporadas e das performances cotidianas.

Diante do que foi observado nas dinâmicas interativas, da circulação de informações/opiniões nas redes digitais, e das potencialidades das TDCI, podemos tecer duas considerações: a) as TDCI possibilitam a ampliação da esfera de visibilidade pública; e b) elas geram implicações fundamentais no que diz respeito ao redimensionamento da instância simbólica da opinião pública. Em relação à primeira delas, observamos como as barreiras e

limitações da comunicação massiva, impostas pelos MCM, foram, de certa forma, flexibilizadas e alargadas. Isso porque os interagentes que utilizaram as TDCI no caso Mayara Petruso puderam publicar suas formas de classificação (ou opiniões de terceiros que consideraram verdadeiras ou importantes), divulgando-as em esferas digitais com potencial de apropriação e circulação muito amplo, tornando-as visíveis e acessíveis para elevado número de interagentes (que sempre pode ser ampliado devido sua potência de permanência). Esse tipo de comunicação e manifestação, como ocorrido no caso do Edhy Ghellen, não passa necessariamente pela intermediação dos MCM ou outras instâncias discursivas formalmente instituídas (e também não foi pautada pelas mesmas), mas circula transversalmente pelas redes digitais por meio de conexões rápidas e às vezes fugazes entre seus nós constituintes.

Nesse sentido, podemos compreender que a partir de um contexto atravessado pelas TDCI, interagentes dispersos no tecido social, como Edhy Ghellen e Barbosa Jr., podem funcionar como microssensores e também como pontos de irradiação e propagação das problemáticas e demandas sociais, tanto para um número imprevisto de outros interagentes, quanto para outros sensores e instâncias de propagação, como interagentes de alto capital social (como quando Avelar publicou em seu post o link para o texto de Ghellen), organizações, associações, partidos políticos, veículos de comunicação etc. Dessa forma, a imposição de temáticas/demandas e a luta pela mobilização das percepções da alteridade nos embates simbólicos e públicos passam a ser complexificadas pela possibilidade de entrada de diversas vozes alternativas e muitas vezes elaboradas e compartilhadas à margem das classificações/opiniões/debates propostos na e pela tradicional esfera de visibilidade, cujo monopólio e controle estão a cargo dos MCM, e/ou então propostos pelo do campo político (atores e instituições).

Esses microssensores apresentaram também alto potencial de redimensionamento de seus capitais simbólicos. Por um lado, através da circulação e aceitação de suas opiniões pela alteridade, esses interagentes podem acumular credibilidade de fala sobre um determinado assunto, gerando um acréscimo (momentâneo ou não) em seu capital simbólico. Por outro lado, pode haver uma espécie de transferência de capitais simbólicos de um interagente para outro, ou seja, quando um ator conhecido e reconhecido (com legitimidade de fala pelos capitais acumulados) faz referência e confere autoridade de fala a outro interagente, o último pode passar a ser reconhecido e ter sua opinião aceita como a verdadeira ou correta. Em ambos os casos o agente social que obtiver essa ascensão simbólica poderá assumir um *status*

de influenciador e, por meio de seu (fugaz ou não) poder simbólico, fazer valer e consagrar sua opinião.

Importa ressaltar que o redimensionamento do capital simbólico nas TDCI, observado no episódio Mayara Petruso, não representa a instituição social desse mesmo capital, muito menos que esse capital terá condições de ser mantido e sustentado por seu interagente. Significa dizer que houve uma acumulação instantânea de capital, por certo período de tempo, que conferiu a um interagente como Ghellen a autoridade de fala para descrever o caso em si. Este aumento de capital simbólico, favorecido pelas TDCI, pode desvanecer por falta de indicativos que o sustentem em longo prazo, mas também pode ser desenvolvido caso o interagente tenha capacidades de mantê-lo.

Diante de todas essas potencialidades e implicações sociais proporcionadas pelas TDCI, foi possível perceber ainda a existência de uma força de potência (enquanto possibilidade de concretização objetiva de apropriação, ressignificação e propagação) em relação às formas simbólicas. As TDCI possibilitam que uma opinião adquira força simbólica por meio de sua replicação compartilhada, podendo assim influenciar os modos de ver e classificar os acontecimentos; exercer efeito de crença, reforçando ou mesmo desautorizando concepções anteriores. A concretização da força de potência de uma opinião pode gerar mobilização e engajamento viral e generalizado, possibilitando inclusive que essa opinião torne-se ideia-força, ou seja, uma concepção com grande capacidade e poder simbólico para se consagrar como verdade instituída. Em função disso, a força de potência de uma opinião compartilhada poderá dar mais condições para essa mesma opinião adentrar nas instâncias de disputas simbólicas propriamente políticas, e ter força e poder para impactar (exercendo pressão) os campos político e midiático.

Essa força de potência proporcionada pelas TDCI às opiniões, não dizem respeito somente às opiniões oriundas do tecido social, podendo servir também como plataforma estratégica de luta e comunicação às opiniões/tomadas de posição de outras esferas, como, por exemplo, das associações engajadas politicamente ou assembleias deliberativas. Ainda assim, é possível pensar que será essa força de potência das opiniões oriundas da sociedade não organizada, mediadas pelas TDCI, que poderá complexificar a dinâmica das lutas simbólicas na instância da opinião pública e no jogo e fazer político. As consequências dessa complexificação podem ser inúmeras, desde a formação de grupos mobilizados para a ação política; a existência efêmera e dispersa de diversos interagentes agindo coletivamente;

simples manifestações através das redes sociais digitais, até a introdução das problemáticas em âmbitos propriamente políticos ou midiáticos.

Compreendemos, por isso, que há um redimensionamento das dinâmicas das lutas simbólicas e, nesse sentido, que a própria instância de luta simbólica política por excelência, chamada de opinião pública, passa a ter sua dinâmica potencializada e redimensionada. Se antes, as tensões se acumulavam principalmente entre as elites políticas e econômicas (partidos, associações de classe, sindicatos, ONG, atores políticos, academia, MCM, agentes ricos em capitais e detentores de posições privilegiadas etc.), ou seja, nos grupos habilitados, conhecidos e reconhecidos que detinham as condições (capital intelectual e material) de (re)produção simbólico/discursivas das classificações e denominações do real e do que deve ser considerado real (o que deve ser discutido enquanto política), agora, com a expansão social das TDCI, entram em cena nas disputas simbólicas diversas outras vozes até então marginalizadas na condição de legitimadores ou cidadãos votantes, ou de sociedade desarticulada. Com as TDCI, os interagentes sociais não pertencentes aos campos legítimos tradicionais ganham muito mais força de potência na produção de suas formas simbólicas, na divulgação e circulação de suas próprias ideias-força e consumo das informações e experiências alheias – há uma grande profusão de opiniões, tomadas de posição, debates, conflitos, cooperações, articulações e movimentações na ordem do político que podem gerar profundas implicações sociais. Assim, parafraseando Houellebecq (2004), podemos afirmar que a difusão massiva das TDCI possibilita a extensão do domínio das lutas simbólicas.

Se levarmos em consideração os fenômenos trazidos pela expansão das TDCI e internet, como a questão da potencialização da interação e das formas de sociabilidade, das ações simbólicas, de ampliação da esfera de visibilidade pública, a complexificação dos *habitus* e esquemas de apreensão do mundo, é possível pensar que, por meio dessas tecnologias, está ocorrendo uma ampliação/transformação da própria compreensão de realidade, na qual seus princípios são colocados em constante suspensão e ressignificação, num jogo de contradições e/ou complementação. Por meio desses fenômenos, as TDCI apresentam um caráter fortemente produtivo no que diz respeito à construção e reconstrução do espaço social e do *common*, pois as ações simbólicas concretizadas no ambiente *online* podem gerar resultados práticos produtivos, tanto *online* quanto *off-line*; seja na transformação das opiniões, das compreensões e percepções do real, no estabelecimento de debates, nas trocas informativas, mas também no que concerne às conquistas obtidas por

mobilizações e pressões políticas de grupos sobre diversas esferas sociais como, por exemplo, o campo político e midiático.

Está ocorrendo hoje, não apenas a potencialização das trocas de informações sobre o mundo e o “real” (ou o que se considera como realidade), mas também uma intensificação do fazer destas representações e uma multiplicação das formas de interação social e de trocas simbólicas. O ambiente midiático, que se apresentava linear (vetores força de um polo central a um polo receptor), vê sua lógica e dinâmica complexificada pela dispersão dos vetores força.

Para atingir os objetivos propostos, esta pesquisa analisou um acontecimento específico, juntamente com suas implicações sociais, a partir da comunicação social mediada pelas TDCI, e por meio disso, obteve informações relevantes e consistentes a respeito das potencialidades das tecnologias digitais, do redimensionamento da esfera de visibilidade pública e da dinâmica da instância simbólica da opinião pública. A partir deste trabalho, também é possível visualizar alguns desdobramentos de estudo, como, por exemplo: análises de como se configuram os tensionamentos entre atores da esfera política, midiática e civil em embates simbólicos ocorridos nas redes sociais digitais e como estes afetam a dinâmica da opinião pública; estudos para compreender se as TDCI influenciam nas construções das opiniões individuais/coletivas e como se estabelece esse processo; e pesquisas voltadas a compreender como a opinião pública se forma a partir de uma Sociedade em Rede constantemente transformada pelas TDCI. Por fim, esperamos que as análises apresentadas neste estudo possam contribuir para trabalhos futuros, dedicados a pesquisar tanto questões relacionadas às interações simbólicas mediadas pelas TDCI, quanto à opinião pública, à esfera de visibilidade ampliada e também os tensionamentos entre esferas sociais num contexto atravessado pelas tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

ADAMIC, L.; Gance, N. (2005). **The political blogosphere and the 2004 U.S. election: divided they blog.** In: Proceedings of the 3rd international workshop on link discovery (pp. 36–43). Accessed at <http://www.blogpulse.com/papers/2005/AdamicGanceBlogWWW.pdf>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Vinícius. **A febre dos blogs de política.** Revista Famecos, Porto Alegre, n. 33, p. 29-40, 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **A pesquisa Norte-Americana.** In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

ARAÚJO, Rafael; PENTEADO, Cláudio; SANTOS, Marcelo. **O movimento “Cansei” na blogosfera: o debate nos blogs de política.** In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel (orgs.). Blogs.com. Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AVELAR, Idelber. A vitória de Dilma e a falsa tese do “país dividido”. O Biscoito Fino e a Massa. 02 novembro 2010. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/archives/2010/11/a_vitoria_de_dilma_e_a_falsa_tese_do_pais_dividido.php. Acesso em: 03 dezembro 2010.

BAHNISCH, Mark. **The Political Uses of Blogs.** In: BRUNS, Axel; JACOBS, Joanne. Uses of Blogs. Peter Lang: New York, 2006.

BALDISSERA, Rudimar. **Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação.** Porto Alegre: PUCRS, 2004. (Tese de doutorado).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Ana Cláudia. **Querem vitimizar Nordeste, diz Movimento SP para Paulistas.** Terra Magazine, São Paulo, 4 de novembro. 2010. Acessível em:

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4772959-EI6578,00-Querem+vitimizar+Nordeste+diz+Movimento+SP+para+Paulistas.html>. Data de acesso: 30 de outubro de 2011.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks. How Social Production Transforms Markets and Freedom**. Versão digital, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, C. David. Teoria da comunicação – textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

BORGES, Jorge Luis. **A biblioteca de Babel**. In.: Ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOTELHO, Cândida Maria de Arruda. **Fazendas Paulistas do Ciclo do Café**. São Paulo: Árvore da Terra editora, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A opinião pública não existe**. In.: Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009a.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009b.

_____. **O racismo da inteligência**. In: **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003b.

_____. **Razones prácticas. Sobre la teoría de la acción**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____. **Senso prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009c.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. **Respuestas por una antropologia reflexiva**. Cidade do México: Editorial Grijalbo, 1995.

BOYD, d.; GOLDR, S.; LOTAN, G. **Tweet, Tweet, Retweet: conversational aspects of retweeting on Twitter**. HICSS-43. Kauai, HI: IEEE Press, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (orgs.). **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. Lisboa: Debates, 2006.

_____. **The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance**. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science 2008; n 616; P. 78-93

CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião – o novo jogo político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

DAHLBERG, Lincoln. **Rethinking the fragmentation of the cyberpublic: from consensus to contestation**. New Media Society, p. 827 – 847, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 219-226, 1992.

DI FELICE, Massimo. **Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração**.

In: DI FELICE, Massimo. **Do público para as redes. A comunicação digital e as novas formas de participação social.** São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

EISENBERG, J.; CEPIK, M. (ed.). **Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ESCOBAR, Juliana. **Blog do Noblat e escândalo midiático: jornalismo sob novas bases.** UNIrevista, vol. 1, n° 3, Novo Hamburgo, 2006.

FERGUSON, M. **Estratégias de governo eletrônico: o cenário internacional em movimento.** In: EISENBERG, J.; CEPIK, M. (ed.). *Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

FERRARI, Monia de Melo. **A migração nordestina para São Paulo no segundo Governo Vargas (1951 – 1954) – Seca e desigualdades regionais. 2005.** 169 páginas. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa.** In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). *Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências.* Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

FISHER, B. Aubrey. *Interpersonal communication: pragmatics of human relationships.* New York: Random House, 1987.

FRANÇA, Vera Veiga (orgs). *Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências.* Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Genealogía del racismo.** La Plata: Caronte Ensayos, 1996.

_____. **História da sexualidade. A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **O olho no Poder.** In: *Microfísica do Poder.* Rio de Janeiro: Graal, 2009 (1979).

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Sulinas: Porto Alegre, 2011.

FRANÇA, Vera V. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. MEAD**. In: PRIMO, Alex et al. (orgs.). *Comunicação e Interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GHELLEN, Edhy. **O preconceito ainda vive**. Edhy Ghellen. 01 novembro 2010. Disponível em: <http://edhyghellen.wordpress.com/2010/11/01/o-preconceito-ainda-vive/>. Acesso em: 15 novembro 2010.

GIMMLER, A. **Deliberative democracy, the public sphere and the internet**. *Philosophy & Social Criticism*, v. 27, n. 4, p.21–39, 2001.

GIRARDI JR, Liráucio. **Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, Sueli de Castro. **Do comércio de retalhos à feira da Sulanca: uma inserção de imigrantes em São Paulo**. 2002. 226 páginas. Dissertação (mestrado em geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOMES, Wilson. **Opinião pública política hoje: uma investigação preliminar**. Trabalho apresentado ao IX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Porto Alegre/RS, 30 de maio a 02 de junho de 2000.

_____. **Opinião política na internet: uma abordagem ética das questões relativas à censura e liberdade de expressão na comunicação em rede**. Apresentado no X Encontro Anual da Compós, Brasília, 2001.

_____. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Esfera pública política e comunicação em *Mudança Estrutural da Esfera Pública* de Jürgen Habermas**. In.: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley, C., M.. *Comunicação*

e democracia: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Esfera pública política e comunicação em *Direito e Democracia* de Jürgen Habermas** In.: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley, C., M.. Comunicação e democracia: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008b.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Um outro olhar sobre opinião: seu valor na antiguidade, seu valor em tempos de direitos humanos.** In: Revista Famecos, Porto Alegre, nº 30, p. 91-99, agosto de 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 (1961).

_____. **Direito e democracia: entre facticidade e validade.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

HOFFMAN, Lindsay H. **The role of communication in public opinion processes: understanding the impacts of intrapersonal, media, and social filters.** International Journal of Public Opinion Research Vol. 19, No. 3. 2007. P. 287 - 312

HOHLFELDT, Antonio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação.** In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

HOUELLEBECQ, Michel. **Extensão do domínio da luta.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

IANNI, Octávio. **Escravidão e racismo.** São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: la cultura de la convergência de los medias de comunicación.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2008.

KEHL, Maria Rita. **Dois Pesos...** O Estado de São Paulo, São Paulo, 2 de outubro. 2010. <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,dois-pesos,618576,0.htm>. Data de acesso: 30/10/2011.

_____. **Maria Rita Kehl: 'Fui demitida por um 'delito' de opinião'**. Terra Magazine, São Paulo, 7 de outubro. 2010. Entrevista concedida a Bob Fernades. <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4722228-EI6578,00-Maria+Rita+Kehl+Fui+demitida+por+um+delito+de+opiniao.html>. Data de acesso: 30 de outubro e 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1954.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

LOCK, Matheus. A nova ordem da resistência ou resistência desordenada?: relações de poder na era digital. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Londrina, maio de 2011. Anais digitais: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/lista_area_DT07.htm, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MAIA, Rousiley C. M. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximação às condições de deliberação**. In.: GOMES, Wilson; ROUSILEY, C. M. Maia. Comunicação e democracia: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo**. In.: GOMES, Wilson; ROUSILEY, C. M. Maia. Comunicação e democracia: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008b.

MALINI, Fábio. **A opinião pública distribuída: blogs e jornalismo nas Eleições Brasileiras de 2006**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2007. Online: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/181/182>

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda. Mídia e opinião pública.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MENEZES, Cynara. **Neocons à Brasileira.** Revista Carta Capital, São Paulo, página 26 a 29, 10 de nov de 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception.** London: Routledge, 2010 [1945].

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade.** Petrópolis: Vozes, (1859) 1991.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNDIM, Pedro Santos. **A teoria da dinâmica da opinião pública de John R. Zaller: Aplicações para o caso brasileiro.** Contemporânea: vol. 7, nº 2. Dez.2009. p. 1-29.

NOBLAT, Ricardo. **Intolerância na rede (Editorial).** Blog do Noblat. 04 novembro 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/11/04/intolerancia-na-rede-editorial-338018.asp>. Acesso em: 04 dezembro 2010.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil.** Revista Tempo Social: São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino.** Revista São Paulo em perspectiva: São Paulo, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. **Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil.** Estudos e Análises. Informação Demográfica e Socioeconômica. Número 1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2011.

PALACIOS, Marcos. **A internet como mídia e ambiente: reflexões a partir de um experimento de rede local de participação.** In MAIA, Rouseley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PASTERNAK, Suzana. **Espaço e População nas Favelas de São Paulo**. In: Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, volume 1, 2002. Online, 2002. Acesso: 10/09/2011. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_ST21_pasternak_texto.pdf

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

PRIMO, Alex. **A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva**. Galáxia, v. 16, 2008.

_____. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, nº 12, p. 81 – 92, junho de 2000.

_____. **Interney Blogs como micromídia digital: Elementos para o estudo do encadeamento midiático**. In: 17º Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. Anais, p.1 – 17, 2008b.

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso: 18/01/2011

RECUERO, Raquel. **Warblogs: Os Blogs, o Jornalismo Online e a Guerra no Iraque**. Verso e Reverso (São Leopoldo), São Leopoldo, n. 37, p. 57-76, 2003.

_____. **Redes sociais na internet**. Sulinas: Porto Alegre, 2009.

_____. **Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblog**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, nº 28, p. 88-106, dezembro 2005.

SAVIGNY, Heather. **Public Opinion, Political Communication and the Internet**. In.: Politics Volume 22, Issue 1, Fevereiro 2002, p.: 1–8.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A formação do mercado de trabalho livre em São Paulo**:

tensões raciais e marginalização social. 1997. 144 páginas. Dissertação (mestrado em sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

SCHIECK, Mônica. **Os gorjeios que ganharam o mundo ou a importância do Twitter na #iranelection1.** Curitiba: Intercom 2009. Trabalho apresentado na Divisão Temática de Cibercultura, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação. Nº 20. Maio-Ago. de 2002, p. 60-70.

SMITH, Aaron. **The internet's role in campaign 2008.** Pew Internet & American Life Project. Washington – EUA: 15 de Abril de 2009. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/Reports/2009/6--The-Internets-Role-in-Campaign-2008.aspx?r=1>

TARDE, Gabriel de. **A opinião e as massas.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **A nova visibilidade.** Matrizes, São Paulo, n. 2, p. 15-38, 2008. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/viewFile/40/pdf_22. Acesso em 10/03/2010.

_____. **Fronteiras cambiantes da vida pública e privada.** Matrizes, São Paulo, n. 1, p. 11-36, 2010.

THORNTON, Sara. **Club Cultures.** Hannover: Wesleyan University Press, 1996.

TUFTE, T.. **Entretenimento-educação e participação: avaliando a estratégia de comunicação de Soul City.** Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 24, n. 2, 2004.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'água, 1992 [1989].

WACQUANT, Loïc. **Esclarecer o Habitus**. University of California, Berkeley. 2009.
Acessado em 10/08/2010. Disponível em:
http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf

WARD, Ian, CAHILL, James. **Old and New Media: Blogs in the third age of political communication**. In: Australasian Political Studies Association (APSA) Annual Conference, September 2007, Monash University. Anais. Disponível em:
http://arts.monash.edu.au/psi/news-and-events/apsa/refereed-papers/media-and-culture/ward_cahill.pdf

WEBER, Maria Helena. **A comunicação pública e a captura do voto**. In: LOGOS 27: Mídia e democracia. Ano 14, 2º sem. 2007. Disponível em:
http://www.logos.uerj.br/PDFS/27/03_MARIA_WEBER.pdf . Acesso em 10/03/2010.

_____. **Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política**. In MAIA, Rouseley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fortes, 2008.

XIBERRAS, Martine. **Internautas: inteligências coletivas na cibercultura**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, nº 3, p. 253-265, setembro/dezembro de 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZIZEK, Slavoj. **First as a tragedy, then as farce**. London: Verso, 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Texto do blog Edhy Ghellen

ANEXO B – Texto do blog Biscoito Fino e a Massa

ANEXO C – Texto do blog do Ricardo Noblat

ANEXO A – Texto do blog Edhy Ghellen

[Edhy Ghellen](#)

O preconceito ainda vive

01 11 10



Muitos podem não conhecer quem é a pessoa da foto acima. Mas ela foi o ponto chave de uma discussão que rolou no Twitter sobre o preconceito existente no Brasil.

Na noite de ontem e na virada para o dia de hoje, muitas pessoas (inclusive eu) ficaram indignadas com uma declaração de Mayara Petruso (foto acima) onde insinuava que os nordestinos são burros e que deveriam ser mortos...

Muitas foram as declarações contrárias ao que disse Mayara Petruso. Eu felicito essas pessoas por mostrarem a essa garota que o preconceito é algo que não tem vez em um país como o nosso. A atitude retrógrada que Mayara teve em sua afirmação, mostra o quanto ela parece estar alienada da evolução da cidadania. Nossa sociedade evoluiu e com isso muito do que antes era considerado “certo” hoje já não é aceito sob circunstância alguma.

Essas foram as declarações que Mayara fez no twitter e no Facebook:

twitter Home Profile Find People Settings Help Sign out

**BRASILEIROS, AGORA FODAM-SE!
ISSO QUE DA, DAR DIREITO DE
VOTO PRA NORDESTINO.**

about 3 hours ago via web
Retweeted by 20 people

Reply Retweet

 **mayarapetruso**
Mayara Petruso

© 2010 Twitter About Us Contact Blog Status Resources API Business Help Jobs Terms Privacy

Mayara Petruso
@mayarapetruso São Paulo - Sp

Follow

Timeline Favorites Following Followers Lists

mayarapetruso Mayara Petruso
Quem disse que não existe segunda feira perfeita em Sp? experimenta trabalhar no feriado, cidade vazia, metro vazio, ruas vazias, PARAÍSO!
30 minutos ago

mayarapetruso Mayara Petruso
@rodibass nem chegamos nem em 2011 amigo.
2 hours ago

rodibass Rodrigo 13 by mayarapetruso
Começo a acreditar que o mundo acaba em 2012...
2 hours ago

mayarapetruso Mayara Petruso
Nordestino não é gente, faça um favor a Sp, mate um nordestino afogado!
2 hours ago

@mayarapetruso Mayara Petruso
Nordestino não é gente, faça um favor a Sp, mate um nordestino afogado!
2 hours ago via web

Retweeted by barbaarameio and 28 others

Replies to this Tweet

Fer_pkena Fernando
@mayarapetruso CALA A BOKA SUA IGNORANTE VADIA!!
1 minute ago

waldianameio Waldiana Melo
@mayarapetruso sua criatura despresivel
2 minutos ago

NarynhaDutra Narynha Dutra
@mayarapetruso Preconceito: Conceito sem conhecimento
2 minutos ago

waldianameio Waldiana Melo
@mayarapetruso eu vou entrar amanhã na justiça contra vc.por preconceito,crime inafancavel,ja estou redigindo (cont)

facebook Procurar Página Inicial Perfil

Mayara Petruso Adicionar aos amigos

Mural Informações

Mayara Petruso AFUNDA BRASIL. Deem direito de voto pros nordestinos e afundem o pais de quem trabalhava pra sustentar os vagabundos que fazem filho pra ganhar o bolsa 171.
há 26 minutos

Exibir todos os 4 comentários

Fernando Luppi q haloween longo, nao?
Para nós brasileiros não foi apenas o dia das bruxas, mas os anos delas..
há 7 minutos

Mayara Petruso uHauhuHsUASHuSHUAS
há 4 minutos

ATIVIDADE RECENTE

- Mayara comentou o status de Fernando Luppi.
- Mayara comentou o status de Fernando Luppi.
- Mayara comentou o status de Serginho Finelli.

Mayara Petruso Agora passem fome, friu.. é impressionante, quando precisamos da violencia não a temos, pq ninguém pensou em matar o dragão?
há 2 horas

Mayara Petruso BRASILEIROS, FODAM-SE AGORA!
há 3 horas

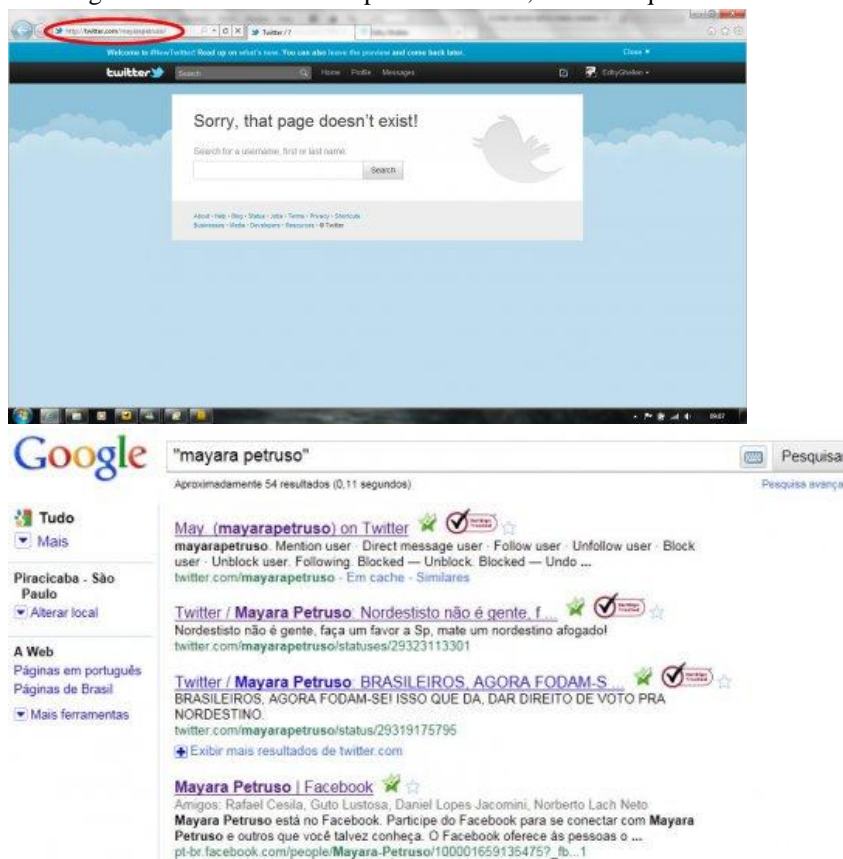
Enviar uma mensagem para Mayara

hummm... X

Informações

Status de relacionamento: Solteira
Cidade atual: São Paulo, Brazil

Durante a madrugada enquanto twitteiros protestavam contra essa atitude de preconceito, Mayara apagou os posts que continham essas informações. Pouco tempo depois, tornou seu perfil privado para que ninguém mais pudesse ver nada. Hoje realizando uma busca no Twitter e no Facebook não se encontra mais os perfis dela. Mas no Google realizando uma busca pelo nome dela, mostra o que ela estava tentando esconder.



Poucos sabem, mas Mayara Petruso é estudante de Direito (ou já concluiu o curso, não ficou muito claro isso). Pelo visto, ela faltou a aula em que se explica que preconceito é crime. A LEI Nº 7.716/89

No Brasil, o primeiro diploma a cuidar especificamente do preconceito e da discriminação racial foi a Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951, denominada Lei Afonso Arinos, de autoria do então deputado federal pelo estado de Minas Gerais, Afonso Arinos de Melo Franco.

A ela se seguiu a Lei nº 7.716, de 15 de janeiro de 1989, até hoje em vigor, que foi modificada pela Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, que alargou significativamente seu alcance, apontando expressamente a discriminação e acrescentando os crimes resultantes de preconceito ou discriminação de etnia, religião ou procedência nacional. A referida Lei nº 7.716/89, no art. 1º, estabelece punição aos crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, sem, entretanto, esclarecer os precisos contornos de cada uma dessas expressões.

Raça pode ser definida como cada um dos grupos em que se subdividem algumas espécies animais (no caso específico da lei – o homem), e cujos caracteres diferenciais se conservam através das gerações (Ex.: raça branca, amarela, negra).

Cor indica a coloração da pele em geral (branca, preta, vermelha, amarela, parda).

Etnia significa coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir. Há quem inclua fatores de natureza política no conceito de etnia (Ex.: índios, árabes, judeus etc).

Religião é a crença ou culto praticados por um grupo social, ou ainda a manifestação de crença por meio de doutrinas e rituais próprios (Ex.: católica, protestante, espírita, muçulmana, islamita etc).

Procedência nacional significa o lugar de origem da pessoa; a nação da qual provém; o local do qual procede o indivíduo (Ex.:italiano, japonês, português, árabe, etc), incluindo, a nosso ver, a procedência interna do país (Ex.: nordestino, baiano, cearense, carioca, gaúcho, mineiro, paulista etc).

A pena prevista pra esse tipo de crime é reclusão de 1 a 3 anos mais multa.

INFELIZMENTE AINDA NÃO ACABOU

É triste ter que admitir isso mas, se procurar no Twitter pela palavra "nordestino" poderá ver que existe muitos que acham que por viverem em regiões "mais ricas e com melhores condições" estão acima de outros.

O importante é continuarmos lutando para não permitir que isso volte a acontecer... Quando souber de algo do tipo, não tenha medo. Denuncie.

Só fazendo isso podemos ter esperança de um dia erradicar a palavra "preconceito" de nosso país...

Obs: Eu mesmo cheguei a sofrer preconceito por ter declarado meu voto em Dilma Rousseff... Explico mais sobre o acontecido no post [Preconceito e Vingança](#) e também no post [Reparação e Repúdio](#).

Obs²: Mayara Petruso irá responder na justiça por crime de racismo e por incitação pública de crime. Leia mais aqui: [Mayara Petruso vai à Justiça](#)

ANEXO B – Texto do blog Biscoito Fino e a Massa

terça-feira, 02 de novembro 2010

A vitória de Dilma e a falsa tese do “país dividido”

Nem bem contada estava a maior parte dos **55.752.529 votos** recebidos por Dilma Rousseff e um insidioso meme começava a circular pelos meios de comunicação brasileiros, especialmente pela Rede Globo de Televisão. Parece que não entendiam, ou se recusavam a entender, o **momento histórico que vivíamos**. Trata-se da cantilena do “país dividido”, reforçada por um enganoso mapa em que o Brasil aparecia separado entre estados azuis e vermelhos. Acompanhado por uma série de bizarras declarações de figuras como W. Waack (“a imprensa criou o mito de Lula e ele se voltou contra ela, ingrato”) ou do inacreditável Merval Pereira (“Dilma deve saber que a oposição teve uma votação *muito alta* ”), o mapa cumpriu o papel de sugerir uma divisão que absolutamente não existe: Dilma venceu com larga margem (12%), que em qualquer democracia presidencialista qualificaria como um **sacode-Iaiá**. Basta lembrar que na categórica vitória de Obama sobre McCain a diferença foi 52,9% a 45,7%, pouco mais da metade, portanto, da diferença imposta por Dilma a Serra.

Como apontou **Alexandre Nodari** no seu Twitter, a divisão por estados peca por impor ao Brasil um modelo que é essencialmente estadunidense, baseado no princípio de que o candidato vencedor num determinado estado leva todos os seus votos a um Colégio Eleitoral, numa eleição que é, para todos os efeitos, indireta. No Brasil, como se sabe, o presidente é eleito por sufrágio universal, e nele a ideia de estados “vermelhos” e “azuis” não faz o menor sentido. O **mapa do Estadão**, colorido por **municípios** e com várias gradações de azul e vermelho, esse sim, serve a um estudo sério, **já iniciado pelo Fabricio Vasselai**.

A ideia dos estados azuis e vermelhos faz menos sentido ainda depois de estudado o mapa eleitoral do pleito de 2010. A grande maioria dos estados que aparecem em azul no “país dividido” da TV Globo são unidades da federação em que Serra venceu por mínima diferença: Goiás (50,7%), Rio Grande do Sul (50,9%), Espírito Santo (50,8%), Mato Grosso (51,1%). Não se encontra, na coluna azul, nem rastro de um estado em que a vantagem se compare com a conquistada por Dilma em lugares como Amazonas (80%), Maranhão (79%), Ceará (77%), Pernambuco (75%), Bahia (70%), Piauí (69%) e vários outros. Num país com eleição por sufrágio universal e uma diferença tão acachapante entre os estados “dilmistas” e os “serristas”, só com muita desonestidade intelectual você colore alguns estados de azul e outros de vermelho, sem variação no tom das cores, para apresentar um país “dividido”.

Se a tese do país dividido não tem fundamento, menos ainda o tem a tese do país dividido entre Sul / Sudeste, por um lado, e o Norte / Nordeste, por outro. Não custa lembrar, mas essa divisão grita em desacordo com os fatos: Dilma enfiou goleadas acachapantes em Serra no Rio de Janeiro (60,5% x 39,5%) e Minas Gerais (58,5 x 41,5), além conquistar um empate no Rio Grande do Sul. Não custa lembrar aos jornalistas da Globo: **Dilma Rousseff venceu as eleições no Sudeste**, caso o fato tenha passado despercebido no Jardim Botânico.

Já na segunda-feira, a mídia brasileira havia conseguido insuflar uma onda divisionista que não demorou em encontrar solo fértil no nosso bom e velho racismo latente. No **Twitter**, proliferava o **discurso** do **ódio aos nordestinos**, desinformado até do básico dado de que Dilma teria ganho eleição **mesmo se o Brasil não incluísse o Nordeste**. Aludindo de forma desonesta ao “fato” que ela mesma havia ajudado a criar, a Globo relatava que havia um “embate” entre regiões do Brasil nas redes sociais, quando na verdade o **único embate** se deu entre a sanidade e uma minoria racista e ressentida. Começa mal, muito mal a Vênus Platinada, talvez como consequência do que aconteceu nesta eleição histórica: Dilma venceu o pleito **com o debate da Band**, desmontou a última armação com um vídeo do SBT e concedeu sua **primeira entrevista à Record**.

Sinais dos tempos.

PS: Enquanto isso, no Roda-Viva, Augusto Nunes passava **por uma das maiores vergonhas** da vida.

PS 2: Está ótimo o texto do Alê Porto sobre **os próximos passos de Dilma**.

DEU NA FOLHA DE S. PAULO

Intolerância na rede (Editorial)

Uma parcela minoritária de eleitores insatisfeitos com a vitória de Dilma Rousseff incentivou uma onda de mensagens preconceituosas na internet contra nordestinos -aos quais atribui o sucesso eleitoral da ex-ministra.

Ataques mais extremados vociferam desejos separatistas e propõem, numa sombria caricatura nazista, que se construam "câmaras de gás" para eliminar a população do Nordeste.

São demonstrações que vêm no rastro do discurso sectário e da disputa política desqualificada que encontram na rede de computadores fértil território para prosperar.

Ataques de baixo nível, ofensas, injúrias e disseminação intencional de boatos - nada disso faltou nos palanques virtuais ao longo da campanha eleitoral.

O caráter até certo ponto ambíguo das manifestações que acontecem nas chamadas redes sociais, nas quais conversas entre pessoas e comunidades transitam numa zona cinzenta entre o público e o privado, contribui para afirmar o mito do "território livre" que acompanha a internet desde o início de sua difusão.

É como se ali todos estivessem protegidos não pelas leis, mas das leis - que só valeriam para casos extremos como crimes financeiros ou sexuais.

Não é demais lembrar que há no Brasil legislação para punir manifestações de racismo, não fazendo nenhuma ressalva para quando elas irrompem na internet. É acertada, portanto, a decisão da seção pernambucana da Ordem dos Advogados do Brasil de denunciar, por racismo e incitação de crime, uma das responsáveis pelos ataques ao afirmar em sua página que "nordestino não é gente".

No mais, embora não seja este o cerne da questão, são incorretas as informações utilizadas pelos promotores da intolerância como esteio para a sua falta de razão. Em que pese a larga margem conquistada por Dilma Rousseff sobre José Serra em Estados do Nordeste, a petista venceria o pleito mesmo se os votos da região não fossem computados.